

BEST SELLER DO SUNDAY TIMES

"Extremamente viciante." LOOK

80 dias

a cor do desejo



VINA JACKSON



VINA JACKSON

80 dias

a cor do desejo

Tradução de
Regiane Winarski



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2013

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Jackson, Vina

J15o

80 dias [recurso eletrônico] : a cor do desejo / Vina Jackson ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2013.

recurso digital (Eighty days)

Tradução de: Eighty days blue

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-10044-3 (recurso eletrônico)

1. Romance inglês. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título. III. Título: Oitenta dias. IV. Série.

13-03592

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Título original em inglês:
Eighty Days Blue

Copyright © 2012 by Vina Jackson

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.
Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10044-3

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Ostras no jantar

No meio da Grand Central Station, ele me beijou.

Foi um beijo de amantes, breve, suave e carinhoso, cheio das recordações persistentes de um dia passado em alegre negação e um lembrete de que aquela seria nossa última noite juntos em Nova York. Ainda não tínhamos falado do futuro nem do passado. Não ousamos. Era como se esses poucos dias e noites fossem uma lacuna entre os dois espectros iminentes. Melhor esquecê-los até que a inevitável passagem de tempo nos obrigasse a encará-los de cabeça erguida.

Durante as 24 horas seguintes, seríamos amantes, apenas um casal comum, como qualquer outro.

Mais uma noite e mais um dia em Nova York. O futuro registraria.

Parecia apropriado passar alguns dos nossos últimos minutos juntos na Grand Central Station, um dos meus locais favoritos na cidade. Um lugar onde passado e futuro se encontram, onde todos os fragmentos distintos de Nova York se misturam (os ricos, os pobres, os punks e os rapazes e as moças de Wall Street, turistas e transeuntes), cada um a caminho de vidas diferentes, unidos apenas por alguns poucos minutos de pressa, todos compartilhando brevemente a mesma experiência, correndo para pegar um trem.

Estávamos no saguão principal, ao lado do famoso relógio de quatro faces. Depois do beijo, olhei para a frente e em volta, como sempre fazia quando estava ali. Eu gostava de olhar para as colunas de mármore e para os arcos abobadados que sustentavam um céu mediterrâneo de cabeça para baixo, a visão do zodíaco que cartógrafos antigos imaginavam que os anjos ou as formas de vida alienígena podiam ter ao olhar dos céus para a Terra.

O prédio me lembrava uma igreja, mas, por sempre ter sido ambivalente em relação à religião, eu tinha mais respeito pelo poder da ferrovia, prova do desejo infinito do homem de ir a algum lugar. Chris, meu melhor amigo em Londres, sempre dizia que você não conhecia verdadeiramente uma cidade até ter experimentado seu transporte público, e, se isso era verdade sobre algum lugar, este lugar era Nova York. A Grand Central Station resumia tudo de que eu gostava em Manhattan: era cheia de promessas e vibrava com a energia das pessoas correndo de um lado para o

outro, um verdadeiro caldeirão de corpos em movimento; a opulência e o esplendor dos candelabros dourados pendurados no teto eram uma promessa para todos que passavam com nada além de 10 centavos no bolso de que, em algum lugar à frente, a oportunidade esperava.

Coisas boas acontecem em Nova York; esta era a mensagem da Grand Central Station. Caso você se dedicasse o bastante ao trabalho, se jogasse seu sonho na arena, então um dia teria sorte e a cidade colocaria uma oportunidade bem no seu colo.

Dominik pegou minha mão e me puxou pela multidão até a rampa que levava à galeria dos sussurros no subsolo. Eu também nunca tinha ido à galeria dos sussurros da Catedral de St. Paul em Londres; os dois estavam na minha lista infinita de lugares a visitar e coisas a fazer.

Ele me colocou no canto, de frente para um dos pilares que unia os arcos baixos, e correu para o outro lado.

— Summer — disse ele, sua voz suave chegando pelo pilar com a clareza de um sino, como se a parede estivesse falando comigo. Eu sabia que era um fenômeno arquitetônico (ondas sonoras aparentemente viajando de um pilar a outro pelo teto abobadado, nada além de pouco de magia acústica), mas era sinistro mesmo assim. Ele estava a 3,5 metros de distância, de costas para mim, mas era como se estivesse sussurrando bem no meu ouvido.

— Sim? — murmurei, virada para a parede.

— Vou fazer amor com você de novo mais tarde.

Eu ri e me virei para olhar para ele. Ele sorriu para mim com malícia de onde estava, do outro lado.

Ele andou até mim, segurou minha mão de novo e me puxou para outro abraço. O tórax dele era agradavelmente firme, e Dominik tinha quase 30 centímetros a mais que eu, então mesmo de saltos eu conseguia descansar a cabeça em seu ombro. Dominik não era corpulento, não malhava em academia, ou pelo menos não que tenha mencionado, mas tinha um físico magro e atlético e os movimentos fluidos de alguém que gosta de estar no próprio corpo. Aquele tinha sido um dia quente, perto do fim de um verão de Nova York, com o sol tão intenso durante o dia que dava para fritar um ovo no asfalto. Ainda estava úmido, e, apesar de nós dois termos tomado banho antes de sair do hotel de Dominik, eu conseguia sentir o calor da pele dele emanando pela camisa. Seu abraço era como estar envolvida em uma nuvem quente.

— Mas agora — sussurrou ele, desta vez no meu ouvido —, vamos comer.

Estávamos bem em frente ao Oyster Bar. Eu não me lembrava de ter mencionado para Dominik meu amor por peixe cru, outra das minhas idiossincrasias que ele adivinhou corretamente. Eu havia pensado em dizer que ostras eram nojentas, só

para deixar claro que ele nem sempre estaria certo, mas eu queria ir ao Oyster Bar desde que cheguei a Nova York e não ia desperdiçar a oportunidade. Além do mais, desconfio de qualquer pessoa que não goste de ostras, e ele podia ser da mesma opinião. Eu não queria contar uma mentira que pudesse se virar contra mim.

É um lugar popular, e fiquei surpresa por ele ter conseguido uma reserva tão em cima da hora, embora, conhecendo Dominik, ele provavelmente tivesse reservado bem antes sem mencionar o fato para mim. Ainda tínhamos que esperar vinte minutos até nos sentarmos, mas o garçom trouxe os cardápios imediatamente e esperou para anotar nossos pedidos de bebida.

— Champanhe? — perguntou Dominik, pedindo uma Pepsi para si.

— Uma garrafa de Asahi pra mim, por favor — falei para o garçom, e vi a sombra de um sorriso nos lábios de Dominik por eu ter ignorado a sugestão dele.

— O cardápio daqui é enorme — disse Dominik. — Quer dividir umas ostras como entrada?

— Você está tentando me encher de afrodisíacos?

— Se existe uma mulher que não precisa de afrodisíaco, Summer, essa mulher é você.

— Vou encarar isso como um elogio.

— Que bom. Era mesmo um elogio. Tem algum tipo especial de ostras que você prefira?

O garçom voltou com nossas bebidas. Recusei com a mão quando ele ofereceu um copo; cerveja é para ser tomada diretamente no gargalo. Tomei um gole e olhei para o cardápio.

O restaurante tinha até ostras da Nova Zelândia, criadas no golfo de Hauraki, perto da minha cidade natal. Senti uma dor fugaz, uma pontada rápida de saudades de casa, a maldição do viajante cansado. Independentemente do quanto eu gostasse da cidade em que estivesse, ainda era ocasionalmente amaldiçoada pelas lembranças da Nova Zelândia. Frutos do mar eram uma dessas coisas que me lembram de casa, de dias quentes e noites frescas passadas junto ao mar, com os pés na areia macia e molhada pela maré para pegar *tuatua* e *pipi*, os moluscos que crescem nas águas rasas de praias arenosas, ou de noites de sexta na lanchonete local de *fish and chips*, quando eu pedia meia dúzia de ostras fritas servidas em um saco de papel branco, cobertas de sal e com uma grande fatia de limão.

Pedi meia dúzia de algo local, qualquer coisa que o garçom achasse boa, e Dominik pediu mais meia dúzia do mesmo. Com saudades de casa ou não, eu não tinha ido até Nova York para comer frutos do mar do golfo de Hauraki.

O garçom foi para a cozinha, e Dominik esticou o braço sobre a mesa, colocando sua mão sobre a minha. O toque dele estava mais frio do que eu esperava, considerando o calor de seu corpo, e tremi involuntariamente com a surpresa.

Percebi que antes ele segurava o copo, que devia estar gelado, apesar de ele sempre pedir Pepsi com pouco gelo.

— Você sente saudades? Da Nova Zelândia?

— Sinto. Não o tempo todo, mas quando alguma coisa me faz lembrar de casa, uma palavra ou um cheiro ou a visão de alguma coisa, sim. Não tanto dos meus amigos e da minha família, porque falo com eles por telefone e por e-mail, mas sinto falta da terra, do oceano. Achei difícil morar em Londres porque a cidade é plana demais. Não tão plana quanto os lugares da Austrália onde morei, mas ainda assim, plana. A Nova Zelândia tem muitos morros.

— Observar seu rosto é como ler um livro. Você deixa passar mais do que pensa. Não é tudo que vem da sua música, sabe.

Ele tinha ficado decepcionado por eu ter deixado meu violino no apartamento antes de voltar para o quarto de hotel, apenas a poucas ruas de distância. Prometi que o pegaria e tocaria antes de ele ir embora. Ele havia reservado um voo noturno e pegaria um táxi para o aeroporto no dia seguinte por volta das quatro da tarde, para voltar para Londres, para seus deveres na universidade e para sua casa cheia de livros perto de Hampstead Heath. Minha fortuita semana de folga estava acabando, e eu voltaria para a orquestra a fim de ensaiar para nossa nova apresentação na segunda-feira.

Não discutimos o que viria depois. Em Londres, pouco antes de eu vir para Nova York, tivemos um tipo de arranjo informal, uma espécie de relacionamento casual. Ele me disse que eu tinha liberdade para explorar, desde que contasse para ele os detalhes depois, uma exigência que apreciei. Eu me divertia contando para ele o que andava fazendo, e às vezes fazia coisas ou as evitava só por causa da confissão que viria depois. Não mencionei isso para Dominik. Ele era como o padre que nunca tive. Parecia se divertir e se excitar com as minhas aventuras até a noite em que me viu com Jasper, quando tudo deu tão errado.

Também não contei a ele sobre Victor, o homem com quem me envolvi em Nova York. Eu não sabia muito bem como abordar isso. Os jogos que Victor propunha eram muito mais perversos do que os gostos de Dominik. Victor até me vendeu, me deu para seus conhecidos me usarem como quisessem. Concordei com tudo e gostei de boa parte do que ele fez. Será que eu contaria a Dominik sobre isso? Eu não sabia. Só 48 horas tinham se passado desde que deixei a festa de Victor porque ele queria me marcar permanentemente como sua escrava, sua propriedade, e me recusei. A proposta de uma marca permanente foi um pouco longe demais. Isso já parecia ter acontecido um século atrás. Estar com Dominik afastou a dor de Victor, ao menos naquele momento. Eu também tinha certeza de que Dominik conhecia Victor de Londres, e isso acrescentava uma camada de constrangimento à situação.

— Como está Londres? — perguntei, mudando o assunto.

A entrada chegou rapidamente, apesar de as críticas que li indicarem que o serviço naquele restaurante era lento. Doze ostras estavam espalhadas como joias em um prato branco e grande com um limão cortado ao meio. Cada metade dele coberta de musselina branca amarrada firmemente no alto para segurar as sementes, como se o fato de uma escapar do interior da fruta pudesse estragar o prato todo.

Dominik deu de ombros.

— Você não perdeu muita coisa. Andei trabalhando, dando aulas, preparando alguns artigos no meu tempo livre, escrevendo muito. — Ele olhou nos meus olhos, hesitou por um momento e prosseguiu. — Senti sua falta. Aconteceram algumas coisas sobre as quais temos que conversar no devido tempo, mas, por enquanto, vamos aproveitar a noite. Coma suas ostras.

Dominik colocou uma ostra na boca, apoiando a concha na mão enquanto puxava a carne succulenta com o delicado garfo de prata que o garçom tinha trazido. Havia alguma coisa de selvagem na forma como ele tirou o suco do limão, com tanta firmeza que se podia dizer que esmagou a fruta em vez de espremê-la. E então, quase como se fosse parte de um ritual bem-treinado, colocou pimenta-do-reino sobre o prato com dois giros intensos no moedor. Ele perfurou o peixe com cuidado e destreza, sem permitir que um pedaço sequer ou uma gota do suco se desviasse da trajetória até sua língua.

Eu preferi ignorar o garfo e sugar a ostra direto da concha, apreciando a sensação escorregadia, o contato da carne úmida com a minha língua, sem a intervenção de utensílios, com o suco salgado cobrindo meus lábios.

Ergui o olhar e vi Dominik me observando.

— Você come como uma criatura selvagem.

— Não é a única coisa que faço como uma criatura selvagem — falei, com uma tentativa de sorriso malicioso.

— Não posso negar isso. É uma das coisas que gosto em você. Você se entrega aos seus apetites, sejam eles quais forem.

— Na Nova Zelândia, acreditam que essa é uma maneira refinada de comer frutos do mar. Lá, vi pessoas arrancarem a língua de *pipi*, o molusco que temos na água rasa perto da margem da praia. Eles colocam a língua pra fora da concha quando você os tira da água, e os verdadeiros entusiastas os mordem imediatamente, comendo-os vivos.

Dominik sorriu.

— Você era uma dessas pessoas? Comia criaturas do mar vivas?

— Não, nunca tive coragem de fazer isso. Achava cruel.

— Mas aposto que admirava quando outras pessoas faziam, não é?

— Sim. Admirava, sim.

Acho que faz parte da minha natureza do contra e um tanto rebelde, porém, quanto

maior a probabilidade de um alimento dividir as pessoas entre as que amam e as que odeiam, maior a chance de eu gostar dele, ou pelo menos de admirar as pessoas que gostam.

— Quer dar uma volta? — perguntou Dominik, agradecendo aos funcionários quando estávamos saindo.

Eles responderam com um caloroso boa-noite. Dominik era generoso com gorjetas. Eu tinha lido em algum lugar que você sempre deve prestar atenção ao modo como um homem trata os animais, a mãe e os garçons, então arqueei esta informação na crescente lista de qualidades dele.

Olhei para meus sapatos. Escarpins pretos de salto agulha, e, como eu só tinha levado minha menor e mais elegante bolsa, não tive espaço para colocar um de salto baixo.

— Podemos pegar um táxi se seus pés estiverem doendo — disse ele.

— Sim, esses saltos não foram feitos pra caminhadas.

Pensei que Dominik fosse se dirigir à rua para fazer sinal para um táxi, mas ele segurou meu pulso e me puxou com força para o lado. Ele me imprensou na parede na parte externa do restaurante, ao lado da escada que levava à saída para o lado leste da rua 43 e passou as mãos pelas laterais do meu corpo até a minha bunda. Eu conseguia sentir o volume dentro da calça dele pressionando minha coxa. Pensei que ele estava ficando duro, mas não tinha certeza, então abaixei a mão para verificar. Ele deu um tapinha para afastar meus dedos investigativos. Maldito. O hábito dele de me deixar excitada e me ignorar estava me deixando louca. Quanto mais rápido chegássemos em casa, melhor.

— Vou livrar você deles daqui a pouco — disse ele ao me botar no chão, sem se dar ao trabalho de sussurrar.

Uma mulher de meia-idade que estava na longa fila do lado de fora do Oyster Bar, usando calça creme, sapatos baixos de couro imitando cobra e, apesar do calor, um cardigã rosa, fez um som de reprovação.

Dominik passou o braço pelo meu e andamos para o lado oeste, pela rua 42 até a Park Avenue, empurrados pela multidão da noite de sábado, um mar de festeiros, turistas, dançarinas e espectadores, todos animados e em busca de um pouco de ação. A parte divertida do fim de semana só estava começando para a maioria; a energia dessas pessoas alcançando uma vibração quase enlouquecida, alimentada pelas luzes intensas e pelos outdoors iluminados, pelo trânsito que passava e pela Times Square Tower apontando para o céu acima de nós como se fosse um espalhafatoso dedo do meio sendo mostrado para as partes mais respeitáveis da cidade.

— Você ainda quer ir ao teatro? — perguntei, torcendo para a resposta ser não. Tínhamos contemplado mais cedo a ideia de agirmos como turistas e irmos a uma peça na Broadway. Era verdade que havíamos passado a maior parte do dia na cama juntos, mas eu não estava cansada e não queria desperdiçar nossa última noite.

— Prefiro assistir a você — respondeu ele com olhos brilhando, e meu coração disparou em reação ao lembrar o quanto Dominik gostava de observar, o quanto tinha ficado excitado depois de cada um dos concertos particulares que planejou, nos quais toquei violino para ele em vários estágios entre estar vestida e completamente nua. Pensei no precioso Bailly que ele comprou para mim depois que meu violino foi destruído, com a condição de que em troca eu tocasse Vivaldi para ele... nua. Lembrei que após o primeiro concerto solo na cripta de Londres ele me fodeu contra a parede antes de me levar para casa em Hampstead e me pedir para eu me levar ao orgasmo enquanto observava sentado na cadeira do escritório.

Ficamos esperando no cruzamento enquanto o resto do mundo passava rapidamente, e imaginei que, se aquele momento fosse capturado em um filme, a imagem seria de apenas Dominik e eu, de nossos corpos claramente delineados em um rodaminho de cores, como se fôssemos as duas únicas pessoas existentes, completas, nas ruas de Nova York, enquanto o restante da população era indistinta, pessoas se misturando em um borrão, cada indivíduo tão sem face quanto o outro.

Fizemos uma longa caminhada pela Broadway, passamos pela Union Square e seguimos para a University Place, evitando o brilho e o glamour desbotado da Quinta Avenida. Quando chegamos ao meu apartamento, meus pés estavam me matando, embora eu estivesse entorpecida pelas cervejas que tomei no jantar e pela leveza que senti ao andar ao lado de Dominik, de braços dados, como se todos os meus problemas tivessem desaparecido, pelo menos por mais uma noite e um dia.

Dominik não sabia, mas estávamos do lado de fora do prédio onde eu dividia o apartamento com um casal croata, Marija e Baldo, que tocava na seção de metais da orquestra e passava a maior parte das noites fora. Quando eles estavam em casa, enchiam o apartamento com o som do amor que faziam, de respiração pesada e batidas da cabeceira da cama, Marija gemia tão alto que eu sentia inveja, embora, é claro, ela pudesse estar fingindo. Eu não sabia direito a situação do relacionamento deles, se eram casados, se moravam juntos ou viviam em pecado, cada um fugindo de seus respectivos parceiros, o que explicaria o fato de o fogo do desejo deles parecer nunca diminuir.

— Meu violino — eu disse. — Está lá dentro, e prometi tocar pra você uma última vez.

Ele deu um passo se aproximando de mim, para que eu pudesse sentir seu corpo

firme nas minhas costas, e passou a mão delicadamente pela parte interna da minha coxa.

— É claro. Espero aqui se você preferir — sussurrou ele baixinho no meu ouvido.

O tom da voz dele era completamente casual e levemente satisfeito. Ele parecia apreciar o efeito da própria presença sobre mim enquanto eu lutava desesperadamente com o trinco que abria a entrada principal do prédio. Meus dedos estavam tão trêmulos que eu poderia tentar resolver um cubo mágico.

— Não — falei. — Entre. É sábado à noite. Meus colegas de apartamento devem ter saído. Se por acaso estiverem aí, apresento você. Eles são simpáticos e não vão se incomodar com a visita.

Eu não conseguia me lembrar da última vez que convidei um homem para ir à minha casa. Nem Dominik, nem Darren, o cara com quem saí por seis meses em Londres antes de Dominik e eu nos conhecermos, nunca visitaram o meu apartamento. Tive minhas noites de sexo sem compromisso durante os meses de solteira, mas mesmo assim sempre insistia em ir para o apartamento deles.

Não havia um real motivo para minha reticência; só sou chata com meu espaço pessoal. Também sou bagunceira e odeio andar de transporte público, então costumo morar em lugares baratos e menores nas partes mais caras da cidade em vez de arrumar um espaço maior e mais em conta em um subúrbio e precisar pegar o metrô todos os dias. Meu quarto no apartamento do East Village era minúsculo; se eu quisesse alguma coisa maior, precisaria me mudar para o Brooklyn. Marija e Baldo ocupavam a maior parte do espaço, e conseqüentemente pagavam dois terços do aluguel. Eu tinha um quarto pequeno com apenas uma cama de solteiro, uma arara com todas as minhas roupas e sapatos à mostra, algumas fotos de casa e alguns livros espalhados por todos os lados. Eu não tinha mesa ou qualquer outra mobília além da cama e da arara. Desde que saí da Nova Zelândia, faço questão de viajar com pouca coisa. Assim, onde quer que eu esteja, posso fazer a mala e sair de novo sem ter muito trabalho. Começo a ficar tensa quando tenho mais coisas do que consigo enfiar em uma única mala.

Abri a porta da frente do apartamento e tateei a parede em busca do interruptor enquanto colocava a bolsa na bancada da cozinha.

— Olá? — falei, segurando a mão de Dominik e o levando para dentro.

Ele entrou na cozinha e olhou ao redor enquanto eu batia de leve na porta do quarto dos croatas para ver se eles estavam em casa. Não houve resposta.

— Eles saíram.

— Que bom — disse ele, andando até mim, enfiando a mão no meu cabelo e me puxando delicadamente.

Ele me girou de repente, de modo que fiquei de frente para o janelão da sala, com vista para o pequeno pátio compartilhado pelos moradores do nosso prédio. Estava

escuro lá fora, e com as luzes acesas e as janelas abertas, qualquer pessoa que estivesse sentada no pequeno jardim fumando um cigarro ou de pé na janela de seu apartamento, olhando para o nosso, provavelmente veria, se não tudo, pelo menos nossas silhuetas, eu de vestido preto curto e Dominik de camisa e gravata. Nós dois tínhamos nos vestido para uma noite especial, para o caso de acabarmos indo para algum bar mais elegante de Nova York. Ele ficava bem de terno, nem formal demais para parecer que estava indo para o trabalho, mas também não desconfortável, como o tipo de homem que tem o mesmo conjunto há dez anos e o tira do guarda-roupa uma ou duas vezes por ano para ir a casamentos e enterros. Sempre havia um ar casual em Dominik; ele tinha a confiança de uma pessoa que sabe que tem a aparência certa. Assim, independente do que vestisse, ficava bem. Ele tinha um estilo confortável.

Contudo, por baixo da inabalável aparência educada se escondia uma mente muito pervertida, e era esse traço sombrio sob todas as delicadezas sociais que me impediam de ficar entediada e seguir em frente, como costumava fazer com os homens após alguns meses de envolvimento.

Me perguntei o que Dominik faria em seguida, olhando para o jardim minúsculo, vendo as luzes de Natal que um vizinho tinha colocado para alegrar o local brilharem como vagalumes. Me empurrar contra a janela? Me fazer levantar meu vestido até a cintura, dar um passo para trás e olhar minha bunda? Me comer totalmente à mostra para os vizinhos? Ele ainda não tinha enfiado a mão por baixo do meu vestido, então, a não ser que tivesse reparado na ausência de marca de calcinha quando estávamos nos beijando, enquanto acariciava meu corpo por cima das roupas, ele não sabia que eu havia decidido deixar a lingerie em casa e que passara a noite apreciando a ocasional corrente de ar frio entre as pernas.

— Tire as meias sete oitavos — disse ele —, mas sem dobrar os joelhos. E não olhe para mim.

Eu conseguia ouvir o sorriso na voz dele; ele estava gostando disso, a criação de um novo jogo que ele sabia que me excitaria. Foi a mudança, a surpresa que me encheu com uma onda de tesão. Desde que eu não soubesse o que viria depois, achava excitante. Minha cabeça simplesmente parava de pensar e relaxava, com todas as minhas forças direcionadas para seguir a próxima instrução dele. Isso me impediu de pensar na roupa que eu precisava lavar, nos ensaios da semana seguinte, em quando meu próximo pagamento chegaria e que conta precisava pagar primeiro. O som da voz de Dominik afastou qualquer outro pensamento da minha cabeça, e, quando não estava pensando, eu compensava isso com sensações. Todos os meus sentidos estavam extremamente alertas, de forma que até o mais leve toque, o mais suave dos sopros em minha pele, me deixava praticamente enlouquecida de desejo.

É mais difícil do que parece tirar um par de meias sete oitavos sem dobrar os

joelhos. Subi o vestido, oferecendo a Dominik um vislumbre de pele, e preendi um polegar no firme elástico que ficava no topo, na borda de renda que separava a parte alta da meia do alto da minha coxa, e puxei para baixo, abrindo bem as pernas para poder me inclinar e tocar meus dedos dos pés ao mesmo tempo que mantinha as pernas perfeitamente retas. Em seguida, equilibrei todo o meu peso no outro pé e delicadamente retirei o sapato de salto alto, por apenas um segundo, para poder passar a meia pelo calcanhar e pelos dedos e então recolocar o sapato. Fiz o mesmo do outro lado.

— Entregue-as para mim.

Estiquei a mão para trás, ainda olhando para a frente pelo vidro. Eu não sabia o que ele ia fazer em seguida.

— Me dê suas mãos.

Ele não disse especificamente que eu tinha que esticar as mãos para trás, mas foi o que fiz, porque Dominik sempre queria dizer exatamente o que dizia, e, se quisesse que eu me virasse, teria me mandado fazer isso ou teria ele mesmo girado meu corpo para que eu ficasse de frente para ele. Assim, permaneci de pé com as pernas afastadas, de frente para a janela, com os ombros puxados para trás, o peito para a frente e os braços esticados e firmes, as mãos unidas na posição de oração e com os polegares virados para minha bunda.

As meias serviram como um par de algemas surpreendentemente eficiente, apesar do tecido leve e elástico. Ele usou ambas e amarrou minhas mãos com duas voltas elaboradas, unidas nos pulsos de forma que minha circulação não foi prejudicada, mas, mesmo que eu me contorcesse, não podia me soltar. Acho que conseguiria me soltar se realmente tentasse, mas a ideia de fugir não me atraía. Eu gostava de estar sujeita à vontade de Dominik, de ser uma prisioneira por escolha minha, de fazer o que ele quisesse.

Ele colocou as mãos nos meus ombros e me virou para encará-lo. A dor nos meus pés depois da infinita caminhada de saltos altos até o centro ficava agradável agora, um lembrete intenso e revigorante de que dera meu corpo para Dominik usar e, portanto, qualquer sensação que eu tivesse era porque ele a desejava.

Já havia me ocorrido que, se conseguisse aplicar esse raciocínio a outras partes da minha vida, não haveria nada que eu não fosse capaz de alcançar. Depois que eu começava, era como um trem sobre trilhos, seguindo diretamente para qualquer resultado que me aguardasse com total indiferença a qualquer desconforto no caminho. Mas a submissão não era uma coisa que eu podia aplicar em qualquer lugar e ocasião que quisesse. Eu precisava de um gatilho. Quando era criança, tive meu professor de violino, o Sr. van der Vliet, que nunca encostou um dedo em mim de outra maneira que não fosse de acordo com nossa relação aluno/professor, mas por alguma razão inexplicável eu me sentia tão inclinada a agradá-lo que ensaiava

muito além do necessário. Agora, era Dominik que tinha o mesmo poder sobre mim, embora fosse por eu ter dado esse poder a ele.

Ele se inclinou com os olhos fixos nos meus, passou a mão sobre a pele agora nua de uma perna e depois da outra, do meu tornozelo até a coxa, parando pouco antes de onde ficaria a calcinha, se eu estivesse usando uma. Seus olhos eram como granito; ele tinha aquele olhar de quando estava seguindo o caminho dos próprios desejos, um lugar além da consciência, onde o corpo é o guia, se você permitir que ele assuma o comando.

Minha respiração estava começando a ficar entrecortada. Eu adorava quando ele fazia isso, adorava mesmo, mas, meu Deus, cada vez que ele ameaçava me tocar, eu só desejava que ele deslizasse um dedo para dentro de mim. A paciência nunca foi um dos meus pontos fortes.

Ele se endireitou e andou para trás de mim, me segurando pelo nó nos pulsos como se as meias fossem uma alça conveniente. Lutei para acompanhá-lo andando de costas, com os saltos batendo no piso de madeira polida.

Ele me empurrou de cara na cama, com os braços ainda amarrados nas costas. Virei o rosto para o lado para conseguir respirar e observá-lo com o canto de um olho, então ele se ajoelhou perto do meu travesseiro e mexeu debaixo da cama, com a expressão se transformando em um sorriso satisfeito quando encontrou o lubrificante e a caixa de preservativos que eu guardava ali. Cheguei à conclusão de que não era um esconderijo tão secreto assim, no fim das contas. Talvez eu não fosse tão diferente de outras mulheres. Ou talvez ele sempre se relacionasse com o mesmo tipo.

Dominik puxou meu vestido mais para cima, e o tecido se embolou ao redor da minha cintura. Minha bunda agora nua estava completamente à mostra. Ele prendeu a respiração quando se certificou de que eu tinha mesmo passado a noite com ele usando o vestido preto curto e sem calcinha.

Encolhi-me ao ouvir o som do cinto sendo aberto, sem saber se ele pretendia bater na minha bunda com a tira de couro ou apenas abrir a calça para poder me comer. Eu teria gostado de qualquer uma das duas opções, desde que a segunda fosse certa. Fiquei com o corpo completamente parado, esperando o movimento seguinte dele, torcendo para que fosse logo, caso contrário eu temia explodir.

Não queria dar a ele a satisfação de me ver implorar, mas eu o queria dentro de mim com tanta intensidade que o tempo parecia ter desacelerado. Cada segundo com ele perto de mim sem me tocar parecia uma hora.

Era como estar em uma corda bamba, eternamente presa naquele lugar estreito entre o desejo e a satisfação. Eu gostava e odiava ao mesmo tempo. Cada vez que Dominik se afastava de mim, meu desejo por ele se multiplicava, mas cada vez que me tocava, ele me levava para mais perto da satisfação e mais perto do fim.

Ele também sabia disso. Por mais que eu tentasse abrandar minhas reações por puro orgulho, obviamente ele havia prestado atenção durante nossos encontros e sabia me manipular como se eu fosse um instrumento. Ele não era meu dono e jamais seria, mas pelo tempo que estivéssemos juntos na cama, ele era o dono do meu corpo, quer eu quisesse ou não.

Eu estava completamente à mercê de Dominik.

Dei um pulo ao ouvir uma embalagem sendo rasgada e o estalo do tubo de lubrificante sendo aberto.

Em seguida, finalmente senti o dedo dele dentro de mim, me sondando, explorando, a princípio apenas um, depois outro, e outro, e outro, até eu ter certeza de que ele não conseguiria colocar mais nenhum. Tentei me empurrar para perto dele, tentei dobrar os joelhos e me apoiar no lençol para me forçar contra a mão dele, mas com meus punhos amarrados e meu corpo jogado sobre a cama, só consegui me contorcer fracamente como uma lagarta na mesa de um entomologista, ou uma borboleta presa a uma tábua de dissecação.

Surpreendentemente, ele ainda estava atrás de mim, tendo prazer em me observar tentando rastejar para acabar com minha agonia. Senti-me mais exposta por estar meio nua em vez de completamente. De alguma forma, havia algo de mais pornográfico em ter a parte de cima coberta e a parte de baixo nua, como se minha bunda e meus genitais expostos fossem mais chocantes sem meus seios para equilibrar. A meia nudez era coisa de pervertidos, de velhos em pontos de ônibus vestindo camisa, com a calça abaixada e o casaco aberto. Pelo desejo de outro, a meia nudez tinha um quê de humilhação, uma sensação de propriedade.

— Abra bem as pernas — disse ele.

Eu abri.

— Mais.

Os músculos das minhas coxas estavam começando a doer, pois ele estava me obrigando a quase fazer um espacate. Eu tentei me apoiar nos joelhos com o peito apertado sobre a cama e as mãos nas costas, mal conseguindo manter o equilíbrio. Ele se agachou e passou a língua de leve do meu joelho até o alto da parte interna da coxa, primeiro de um lado e depois do outro. Parou antes de lamber minha boceta, mas manteve a boca perto para que eu sentisse a respiração quente em meus lábios.

Eu me empurrei de leve, torcendo para sentir o toque da língua dele.

— Ah, não, não faça isso. Fique parada.

Apesar dos meus esforços para parecer calma, eu comecei a gemer e me balançar para a frente e para trás bem devagar.

— Você me quer, é? — provocou ele.

O tom era de deboche. Em qualquer outro momento, eu poderia ter desejado bater nele, mas agora eu sentia como se meu corpo estivesse em chamas. Eu teria feito

qualquer coisa para fazê-lo me tocar, mesmo que isso significasse ter de rastejar no chão, de quatro, implorando.

— Sim.

— Sim? Você não parece muito segura. Talvez eu saia do quarto até você ter certeza.

Ele ficou de pé e saiu.

— Não, por favor, por favor, não vá. Quero você mais do que qualquer coisa.

— Mais do que qualquer coisa. Assim é melhor. E se eu te der o que você quer, o que você vai fazer por mim?

— Qualquer coisa que você quiser. Farei qualquer coisa que você queira. Mas por favor, por favor, me coma. Não consigo mais suportar.

— Qualquer coisa que eu quiser, é? Você deveria tomar cuidado com o que promete. Eu posso cobrar.

— Não me importo. Por favor, me toque — choraminguei, o orgulho esquecido pela força do meu desejo.

Ele chegou mais perto e colocou a cabeça do pau dentro de mim, mas só alguns poucos centímetros. E então esperou.

Mordi a colcha de frustração.

— Implore — disse ele baixinho. — Me diga o que quer.

— Me coma, por favor. Pelo amor de Deus, me coma.

Ele finalmente enfiou até o fim, me preenchendo completamente. O calor do pau dentro de mim me elevou até o teto na primeira estocada.

Ele agarrou meus pulsos com força e enfiou e puxou enquanto eu me forçava contra ele.

Dominik me preencheu até eu começar a sentir dor e ele estar exausto.

Nós dois paramos, ofegantes. Ele se inclinou e delicadamente desamarrou minhas mãos. Alonguei os braços com cuidado, com o sangue voltando a circular nos pulsos.

— Fique aqui — disse ele, como se eu pudesse ir a algum lugar com ele ainda dentro de mim.

Ele se afastou e se deitou ao meu lado, acariciando meu cabelo com uma das mãos enquanto passava a outra entre as minhas pernas até encontrar meu ponto mais doce, e comecei a gemer de novo. Pensei que seria improvável gozar nessa posição, mas estava disposta a deixá-lo tentar.

— Vire-se — sussurrou ele, talvez vendo a expressão de incerteza no meu rosto. Eu virei de costas.

Ele manteve o ritmo com uma das mãos e se ergueu para poder ver o que fazia. Eu observei Dominik com os olhos fixos em mim, atento ao ritmo do dedo. Ele me viu olhando para ele e sorriu. Um voyeur reconhecendo outro. Em seguida, passou a

mão livre pela minha barriga e entre meus seios, fazendo uma linha ao redor de cada mamilo. Ele colocou a mão de leve sobre minha garganta.

— Feche os olhos.

Ele aprendia rápido, Dominik, e com meus olhos fechados, bloqueando qualquer distração, e com a outra mão dele ocupada em me dar prazer, fui rapidamente tomada pelos espasmos do meu próprio orgasmo, uma onda quase dolorosa de prazer que começou na minha virilha e viajou até meu cérebro antes de flutuar para o nada segundos depois.

Abri os olhos e vi Dominik olhando para mim com evidente autossatisfação. Não chego ao orgasmo com facilidade, e, além de Dominik, tive apenas um ou dois amantes que conseguiram sem minha assistência.

— Boa menina — disse ele. Por mais ultrapassado que fosse, era uma expressão que nunca deixava de me provocar outra onda de calor.

Decidimos voltar para o quarto de hotel de Dominik para passar o resto da noite. A cama de casal de lá era infinitamente mais confortável do que a minha de solteiro, e tínhamos a vista do Washington Square Park.

Fizemos amor de novo pela manhã, os dois ainda meio adormecidos e deitados de conchinha. Eu me aconcheguei a ele e senti a ereção encostar na abertura da minha bunda e, pouco depois, dentro de mim. Ficamos deitados lado a lado, com o braço dele protetoramente ao meu redor e uma de suas mãos apoiada sobre um dos meus seios enquanto eu me empurrava delicadamente contra ele. Havia algo carinhoso e nostálgico no sexo que fazíamos. A realidade amarga de nossa separação sufocou o fogo da noite anterior e deixou apenas desejo e saudade ao despertar do dia.

Fiquei de pé, nua, perto da janela e toquei para ele uma última vez. Toquei “Message to My Girl”, minha favorita da Orquestra Sinfônica da Nova Zelândia em colaboração com o grupo Split Enz, embora não fosse o mesmo sem o restante da orquestra, a flauta, o piano e a voz de Neil Finn. Foi a primeira vez que toquei para ele uma música que não era clássica.

Ele não conhecia a letra, não teve a mesma sensação de pertencimento que eu quando tocava aquela música, não tinha a mesma visão da tradição maori se espalhado pela cabeça, como eu. Mesmo assim, eu esperava que ao menos um pouco da magia e da minha saudade fossem transmitidas pelas cordas.

Guardei o Bailly e me sentei na cama ao lado dele.

— Vamos tomar café da manhã? — perguntei.

Já era um brunch na hora em que chegamos. Levei-o para o Caffè Vivaldi na Jones Street, a apenas algumas quadras a oeste do hotel. Era um dos motivos de eu ter ido morar no Village. Sempre fui um pouco sentimental, e o nome do café parecia

um bom sinal, principalmente quando soube que tinham uma noite de microfone aberto e que eram receptivos a todos os tipos de músicos. Ainda não havia falado com os donos sobre tocar lá, mas gostava de me sentar e absorver a atmosfera. A área não era mais o que costumava ser (os boêmios tinham se mudado para partes mais baratas e foram substituídos pela classe média, que tinha mais dinheiro e gostava da sensação de comunidade, dos cafés elegantes e dos parques, o que explicava por que meu aluguel era caro apesar do quarto pequeno), mas parte da magia permaneceu, e eu não conseguia deixar de pensar que absorveria um pouco da energia deixada por todos os músicos que se sentaram nessas cadeiras antes de mim.

A comida também era ótima, e eles serviam Bloody Marys com a quantidade certa de tempero. Pedi um, mais acostumada a comemorações alcoólicas sozinha, enquanto Dominik sempre tomava um espresso ou uma Pepsi.

Talvez tenha sido a bebida que me deixou ousada. Não costumo abrir meus sentimentos, principalmente para amantes, mas cada minuto que passava nos deixava mais perto da hora em que Dominik precisaria ir embora, e a velocidade dos ponteiros voando no relógio da parede ao lado me fez deixar a cautela de lado.

— Vou sentir sua falta, Dominik.

Ele colocou o garfo sobre a mesa e olhou para mim.

— Também vou sentir saudade.

Fiz uma pausa e organizei meus pensamentos.

— Obrigada por vir. Foi realmente importante pra mim ter você aqui, mesmo que por pouco tempo. As coisas vão melhorar pra mim, tenho certeza, mas não posso deixar Nova York. Minha música... Tive certa dificuldade em me adaptar, mas está tudo indo bem agora, com a orquestra.

— Fico feliz. E você não deve ir embora. Fique e aproveite ao máximo. Também não posso deixar Londres agora. Estou trabalhando em alguns projetos independentes, mas tenho contrato até pelo menos o final do semestre na universidade.

Eu assenti.

— Mas não é tão longe — refletiu ele. — Na pior das hipóteses, um voo de sete horas. Temos os finais de semana, logo chegarão as férias de meio de semestre. E, para ser sincero...

— Não sei se daria certo entre nós em tempo integral — concluí.

— Não. Ainda tem muitas coisas sobre as quais não conversamos. Sei que você não passou todas as suas noites sozinha em Nova York, e nem eu em Londres. Acho que isso não deve mudar agora. Não estamos...

— Namorando?

Ele riu.

— Não, namorando não. Acho que não é tão simples assim.

— Mas não sinto a mesma coisa por mais ninguém. Como se eu estivesse me entregando. Você é a única pessoa com quem me sinto assim.

Eu ainda não tinha contado a Dominik sobre Victor. Mas isso era diferente. Eu havia permitido que Victor fizesse as coisas que fez comigo, mas não queria que fossem do mesmo jeito que queria que Dominik fizesse.

Houve uma época, não muito tempo antes, em que eu teria pensado que a expressão de Dominik era inescrutável, mas agora eu o conhecia melhor e conseguia acompanhar aquele olhar. Luxúria. Calor. Concordância.

— Que bom — disse ele. — O mesmo vale para mim. Não faço esse tipo de coisa com todo mundo, sabe?

Foi minha vez de rir. Parecia o comentário que uma mulher faria em uma *sitcom*, na manhã seguinte depois de uma noite de sexo sem compromisso.

— É sério — disse ele, segurando minhas mãos por cima da mesa. — Não entendo isso completamente, mas conheço o sentimento. Você me faz querer... fazer coisas com você.

— Você me faz querer que você faça coisas comigo.

— Bem — disse ele sorrindo —, pelo menos nós concordamos.

— Então está combinado?

— Você quer dizer que está combinado que não temos nada combinado?

— Sim.

— Venho visitar você de novo, apreciar a orquestra, aproveitar Nova York. Estou falando sério. Aproveitar ao máximo, do jeito que você quiser. Mas precisa me manter informado, como combinamos.

Ele pediu outro espresso, e eu pedi outro Bloody Mary. Não tinha planejado ficar bêbada na frente dele, mas o tempero e a vodca se juntaram com a onda de tristeza que eu sentia chegando mais rápido a cada minuto que se aproximava a hora de Dominik partir.

Passamos o resto da tarde no Caffè Vivaldi tomando café, conversando e rindo, ouvindo o pianista tocar Billy Joel ao fundo. Dominik já tinha feito o check-out do hotel e só tinha uma mala de mão. Ele viajava com pouca coisa, assim como eu.

Quando chegou a hora de ele ir, caminhamos até a porta do hotel em Waverly Place, onde a limusine que ele contratou para levá-lo ao aeroporto já estava esperando.

O beijo de despedida foi breve, suave, afetuoso.

Um beijo de amantes.

Depois do verão, o outono

O táxi deixou Dominik na porta de casa ao norte de Londres. Ele não tinha conseguido dormir muito durante o voo noturno de Nova York: pensamentos demais enevoando sua cabeça, lembranças rodopiando como um tsunami pessoal de emoções.

Ainda era de manhã cedo. Um chuvisco leve era carregado pelo vento e molhava as árvores do brejo perto dali.

Ele destrancou a porta, entrou no corredor e, seguindo os bipes costumeiros, desligou o sistema de alarme.

Depois de largar a mala de mão e a pasta do laptop no chão, ele tirou os sapatos e ficou impressionado com o silêncio que agora o cercava. Com a porta fechada, o som externo desapareceu: os cantos dos pássaros, o movimento das folhas nas árvores recebendo a chuva, o trânsito esparsa na colina e todas as evidências da vida diária.

Parecia que um peso terrível caía sobre seus ombros.

Dominik percebeu que era a terrível pressão da solidão. Agora que estava sozinho e em sua própria casa. Abrigado entre as estantes e as visões familiares, sentiu-se desolado. A partir do momento que eles se separaram em Manhattan, quando a limusine chegou para pegá-lo, durante todo o caminho até o aeroporto JFK e a confusão do check-in, segurança e filas do aeroporto, a presença de outras pessoas desviou sua atenção do fato de que ele tinha deixado Summer sozinha. Em outra cidade. Não indefesa, mas abandonada. Com seus demônios, suas contradições, aquele incrível apetite que ele ao mesmo tempo desejava e temia.

Será que ele estaria tão atraído por ela e sentiria o nervosismo de ter intenções românticas se ela não fosse tão diferente, tão imperfeita, tão perigosa de se conhecer?

Será que ele teria se encantado por ela se fosse dócil e responsável, como tantas outras mulheres com quem esteve?

Não, se isso era amor, era o tipo de amor incondicional. Ele precisava aceitar a imprevisibilidade dela. Na verdade, ele queria que Summer fosse um espírito livre, uma aventureira sexual.

Pela primeira vez em cinco dias, Dominik teve tempo de refletir.

E isso não o fez se sentir melhor quanto à situação e seus paradoxos.

Verificou a agenda. Sua próxima aula era no dia seguinte. Ele só tinha perdido duas aulas ao ir tão impulsivamente para Nova York. Sabia que não teria problema em remarcar-las, considerando o tempo que faltava para as provas finais dos alunos.

Precisava de um banho. Após tirar as roupas que havia usado na viagem enquanto subia a escada até o banheiro no final do longo corredor, Dominik tentou reorganizar os pensamentos.

Ficou embaixo do jato de água, vendo as gotas se acumularem em seu corpo até os pés. Lavou todos os seus esforços e pecados desconhecidos, propositalmente bloqueando o mundo. Concentrou-se na forma como as meias sete oitavos haviam deixado uma marca rosa na pele pálida de Summer quando ele finalmente as soltou, apenas 36 horas antes em Nova York. Quando eles estavam caminhando depois de saírem da Grand Central Station, ele teve a ideia de amarrá-la. A visão das meias sete oitavos e a bela maneira como o tom bege claro contrastou com a paisagem leitosa das coxas dela depois de ele ter visto a nudez por baixo do vestido, tudo isso o deixou cheio de apreciação e um tanto surpreso.

Dominik tentou se lembrar da forma como ela às vezes prendia a respiração quando ele a comia, como se tentasse conjugar o ritmo das estocadas dele com o aumento do seu desejo. Ele tinha reparado antes, nas primeiras vezes em Londres, mas agora percebia que era uma parte integral da composição sexual de Summer, um mecanismo interno inconsciente para ajudá-la a se ajustar à mesma vibração de ondas do parceiro. Sem dúvida fazia o mesmo com outros homens, já havia feito isso muitas vezes.

Ele olhou para o próprio corpo sob o fluxo de água quente do chuveiro. Seu pau estava a meio mastro em homenagem a Summer e às lembranças doces que ela evocava. O sulco circular debaixo de sua glândula estava mais vermelho do que o habitual, uma testemunha do frenesi de seus recentes encontros.

Ele falava a verdade quando disse que Summer o deixava com vontade de fazer coisas com ela. Coisas ruins e doces, coisas ousadas e sujas, reveladoras e delicadas, coisas que fariam muitas mulheres resistirem. Mas Summer não era como muitas mulheres. Seu pau ficou mais duro e desviou o fluxo da água do chuveiro.

Dois dias antes, quando estavam andando de braços dados sob o sol da rua 42, eles passaram por uma sex shop na Broadway, uma das poucas que sobraram na cidade desde a limpeza recente. Summer não reparou, mas, por um breve momento, Dominik teve vontade de entrar e comprar algo que pudesse usar com ela: algemas, alguma forma de contenção. Foi apenas um impulso, mas havia algo de sórdido na vitrine suja da loja e em seu conteúdo duvidoso, algo proletário em usar algemas em uma mulher. Ele resistiu ao impulso e não desviou para dentro da loja, mas a ideia

de amarrá-la se desenvolveu em sua mente, e a revelação das meias sete oitavos depois foi perfeita, como se ela tivesse lido seus pensamentos e se apresentado pronta para qualquer perversão que a mente dele exigisse.

Foi igual com Kathryn, a jovem mulher casada de tantos anos atrás, que durante o curto caso ajudou Dominik a realizar sua atração por dominação.

Como Kathryn, Summer tinha o poder de despertar seus fantasmas secretos, de atraí-los, sussurrar coisas terríveis para ele e garantir que não se importaria, que não ficaria chocada nem enojada. Ela despertava o lado dominador da personalidade dele, acolhia o pior de Dominik com a certeza de que conseguiria lidar com isso. A ponto de fazê-lo questionar quem estava realmente no comando.

Sua mente acelerou e vários pensamentos vieram à tona.

Era certo que ele queria mais do que apenas alguns encontros (esse eufemismo curioso) ou apenas sexo com Summer. Ele a queria por completo, a mente e o corpo, mas não de maneira possessiva, apesar das surpreendentes pontadas de ciúme que sentiu quando a viu com Jasper ou quando a imaginava com outros. Não era uma questão de propriedade. Alguma coisa poderosa em seu interior desejava ver até onde conseguiria levá-la, levar a si mesmo, que dores e emoções misturadas isso despertaria. Ela desejava a dominação dele; isso estava óbvio.

Portanto, era assim que deveria continuar a agir com ela. Ele seria alguém que poderia controlá-la, guiá-la nessa jornada. E por que os sentimentos deveriam ser excluídos do processo?

Sim, da sua maneira Dominik sabia que já a amava, mas era um amor abrangente, um amor terrível. Que lhe dizia que um dia ele poderia querer vê-la com outro homem de novo, mas desta vez especificamente instruída por ele, não por impulso ou acidentalmente.

O pensamento o deixou desconfortável.

De repente, teve vontade de pular do chuveiro e ir direto para o telefone mais próximo para ligar para ela. Queria gritar com Summer, dizer todas as coisas ruins que queria fazer com ela, nela, e ser acalmado pelo bálsamo da aceitação. Mas ainda era madrugada em Manhattan e ela provavelmente dormia tranquilamente como uma mulher inocente depois da inevitável tensão dos poucos dias em que ficaram juntos. Além do mais, Dominik nunca foi fã de sexo por telefone. Por ser um homem que vivia de palavras, aquilo não trazia nenhuma emoção; era fácil demais!

Ele esticou a mão para pegar o sabonete e começou a se lavar.

Dias se passaram de maneira confusa.

A vida se desenrolou no piloto automático por aulas, palestras, anotações, pesquisas, planejamento de aulas e trabalhos. Dominik não via o tempo passar

quando se ocupava com assuntos mundanos, os negócios de sua vida civil.

Comunicava-se com Summer de maneira esparsa. Como ele, ela não ficava à vontade com longas conversas por telefone, então grande parte do contato deles era por e-mails e mensagens de texto. Impessoais, quase metódicas, diretas.

Era um jogo cruel. Quando ela esperava que ele fosse carinhoso, ele era distante ou exigente. Quando ela implorava por instruções, ele era vago. Dominik queria deixá-la nervosa. Queria estar sempre no comando. Dominador. Era um papel que estava desenvolvendo para si.

Alguns dias depois, Dominik estava saindo da universidade para pegar o metrô, perdido em um devaneio cheio de digressões inconsequentes, quando ouviu seu nome ser chamado.

— Dominik?

Era Luralynn, a violoncelista loura que, meses antes, ele havia contratado para tocar com Summer na cripta. Tinha se esquecido completamente dela desde o curto telefonema que o colocou a caminho de Nova York.

Parecia que ela esperava que ele terminasse a aula. Estava de pé na rua do lado de fora do prédio de tijolos cinza, usando uma saia lápis preta apertada na cintura que realçava suas curvas voluptuosas, saltos altíssimos e uma blusa branca pela qual o sutiã vermelho ficava evidente demais, pois pressionava o material externo de uma forma quase agressiva. Um retrato calculado do pecado, se é que algum dia existiu um. Seus cachos dourados caíam sobre os ombros, cuidadosamente dividindo seu rosto oval como Veronica Lake.

Dominik ficou irritado com essa interrupção de sua rotina, sua mente já absorta em um artigo que planejava escrever assim que chegasse à mesa de casa.

— Vejo que já voltou de Nova York — disse Luralynn.

— Sim — respondeu ele. Não conseguia lembrar se tinha contado para ela que ia, mas quem se importava?

— Você desligou na minha cara da última vez. Não foi gentil.

Ele olhou nos olhos dela e detectou uma sensação forte de maldade predatória. Decidiu improvisar e ver onde isso ia dar.

— Você a viu em Nova York, não foi?

— Quem?

— Nossa amiga violinista, é claro — disse Luralynn. — Ainda é seu brinquedinho?

— Eu não colocaria assim — respondeu Dominik, ligeiramente surpreso.

— Eu ficaria fascinada em ouvir como você colocaria, Dominik — comentou Luralynn.

Dominik estava prestes a sair andando, irritado tanto pela intimidade não permitida quanto pelas suposições errôneas. Como ela podia saber qualquer coisa

sobre o que existia entre ele e Summer? E então, lembrou-se de como ela foi ligada a Victor e de seu envolvimento ansioso demais com a cena que ele dirigiu na cripta, algo que agora sabia ter sido orquestrado por Victor. Apesar de não ter tocado no assunto com Summer em Manhattan, Dominik tinha fortes desconfianças de que ela havia escondido certas coisas dele. O fato de Victor também estar em Nova York não podia ser coincidência. O homem era falso e ardiloso. Certamente Summer não teria sucumbido a ele.

Ele escondeu a impaciência e perguntou a ela:

— O que você quer?

— Só bater papo, mais nada. — Ela sorriu perversamente. — Não se preocupe, não curto homens.

Dominik concordou e eles seguiram para um bar próximo, cujo aposento superior, nesta hora particular do dia, ainda oferecia um espaço para se ter uma conversa tranquila sem muita gente por perto ouvindo e interrompendo.

— De que se trata tudo isso, Lauralynn?

— Gostei do seu estilo na cripta.

— Você viu tudo?

— Não exatamente. O tecido da minha venda estava meio frouxo.

— Entendo.

— Conheço Victor. Ele desconfiava dos seus planos com Summer e planejou comigo para que eu e dois outros membros do meu quarteto nos disponibilizássemos pra sua cena.

— Então todos vocês sabiam?

— Não. Só eu e Victor... Eu tinha que relatar tudo pra ele — revelou Lauralynn, com um sorriso estranho alongando seus lábios.

— O filho da mãe — praguejou Dominik.

— Não exatamente — comentou Lauralynn. — Ele é só um jogador. Como você. Como eu.

— Estou lisonjeado de você estar disposta a me aceitar em seu círculo.

Lauralynn tomou um gole da taça de Beaujolais. A umidade do vinho tinto brilhou em seus lábios carnudos.

— Ah, mas você é, Dominik. Você é um de nós. Mais do que imagina. Para alguns, é natural. Para outros, é sem querer. Só que nem sempre se percebe a princípio. Dominadores, submissos, isso acontece gradualmente, quase sem você estar ciente. Até chegar o dia em que assume isso completamente, aceita, afasta as dúvidas pessoais. É a natureza, não o ambiente, sabe.

— É uma perspectiva interessante das coisas — admitiu Dominik, ainda curioso sobre as intenções dela. — Então Victor está por trás desse contato comigo agora, por acaso?

— Não, claro que não — respondeu Lauralynn. — Sou apenas eu avaliando o terreno. Não temos contato há séculos, na verdade. Estou em missão solo, por assim dizer.

— Me conte mais — disse Dominik.

Lauralynn se mexeu na cadeira e se recostou no couro marrom da poltrona embutida, encarando-o com um olhar de flerte que se espalhava por suas feições atraentes. Ao mesmo tempo, ela afastava uma mecha de cabelo louro dos olhos com um gesto arrogante.

— Não, me conte você, Dominik. Como se sente quando está dando ordens a uma mulher, fazendo com que ela faça coisas que mortais comuns reprovariam? Você fica excitado, sente prazer ou se sente afastado, como um espectador? Estou interessada em descobrir, em determinar exatamente o que você é. Ou o que poderia ser.

— É muita coisa a considerar — respondeu ele, ficando de pé para buscar outra rodada de drinques no bar do andar de baixo.

— Gosto de usar pessoas — dissera Lauralynn mais tarde naquele dia, enquanto continuavam a conversa durante um jantar em Chinatown. — Me faz sentir viva.

Ela não estava tentando se justificar; foi uma declaração objetiva da qual não se orgulhou nem sentiu prazer indireto. Foi uma explicação.

A reação inicial de Dominik foi de negação. É claro que isso não se aplicava a ele. Ele amava as mulheres. Não era cruel com elas, era? No ato da sedução, não havia apenas prazer sexual envolvido, a busca nua do prazer, mas também um desejo profundo de proximidade, empatia, uma determinação para entender o que fazia uma mulher em particular ficar excitada. Ele até mesmo queria saber como ela se sentia.

Mais tarde, virando de um lado para outro na cama, igualmente excitado e fascinado pela caixa de Pandora que Lauralynn abriu, ele não conseguiu deixar de pensar em Kathryn e nos novos desejos que ela havia despertado nele.

E, refletiu ele, nela também, algo que a havia chocado a ponto de, depois do fim do caso, ela não só ter permanecido com o marido mas também, ao reagir ao caso extraconjugal, embarcado em uma vida completamente nova. Mudou-se do bairro e deu à luz gêmeos anos mais tarde, depois de um tratamento de FIV. Kathryn, que, na presença dele, sempre afirmou um profundo desdém pela ideia de alguma vez ter filhos. Será que a descoberta de seu traço submisso e a percepção de que isso a tornava uma nova mulher, e os perigos revelados, fizeram com que ela fugisse dele? De suas amarras?

Talvez, concluiu ele, e suspirou.

Mas não podia ter sido culpa dele, certamente não. As sementes de dominação e submissão já estavam lá, enterradas tanto em Dominik quanto em Kathryn bem antes

de se conhecerem. Como brasas aguardando o sopro suave de uma divindade desconhecida para que então voltassem à vida e queimassem novamente.

Se eles não tivessem se conhecido, suas vidas provavelmente teriam continuado seu fluxo sem serem perturbadas em... caminhos mais normais. Como baunilhas, percebeu ele.

No entanto, quando tudo veio à tona, não havia como fechar a abertura para sufocar essas sensações. Pelo menos, até onde ele sabia. Dominik só não sabia qual autodisciplina e mágoa tinham feito Kathryn rejeitar o chamado da sirene e se afastar dele tão decisivamente, voltando para o careta e limitado. Para a abnegação.

Ele não conseguia dormir. Sons aleatórios de pássaros no jardim o alcançavam, amplificados, ensurdecedores em meio ao silêncio. Agora em retrospecto, ele admirava a determinação de Kathryn, o modo como ela se sacrificou. Infelizmente, Dominik sabia que não tinha tanta força. Ele havia sido mordido, contaminado para sempre como uma forma de vampirismo sexual, e tinha se entregado voluntariamente ao abraço dos fantasmas da luxúria sem pensar duas vezes. Ele os viu se acenderem novamente quando encontrou Summer pela primeira vez.

Desta vez, Dominik estava determinado a acertar. Se Summer desejava mesmo se submeter a ele, era o que lhe daria.

Dominik aprenderia a arte da dominação amorosa, a levaria em uma jornada da qual os dois emergiriam como novas pessoas. Endurecidos, mas gentis, andando pela corda bamba, maravilhosamente vivos.

Ele pensou nos anos que se passaram entre Kathryn e Summer, tempos de indulgência e crueldade. O nó em seu estômago se apertou quando ele evocou as lembranças da loucura.

Ao explorar as vias escuras e sombrias da internet, ele passou por salas de bate-papo e fóruns e conheceu uma variedade de mulheres cujos desejos eram compatíveis com os dele. Aprendeu um vocabulário e um repertório de encontros clandestinos completamente novos, as curiosas normas de uma sexualidade alternativa. Alguns encontros foram libertadores, outros, constrangedores e menos bem-sucedidos, alguns até cômicos para Dominik, com sua refinada ironia.

Como leitor voraz, ele já conhecia algumas das práticas e caminhos de BDSM, mas ficou surpreso com o quanto elas eram presentes por trás das máscaras rotineiras de respeitabilidade. O mundo todo parecia envolvido nisso, em um universo paralelo do qual ele estava inocentemente alienado até então. A ficção era uma coisa, mas a vida real era outra completamente diferente, e que, por sua vez, se mostrou cheia de surpresas.

Seus anos de selvageria. Dominik fechou os olhos.

O homem que ele conheceu no Groucho Club era amigo do amigo de um amigo. Dominik foi recomendado, de alguma maneira.

— Mesmo assim, você vai ter que ser avaliado por alguns dos outros — disse o outro homem.

— Compreendo — respondeu Dominik.

O estranho deu um telefonema, e uma hora depois dois outros homens se juntaram a ele. Empresários bem-vestidos, de terno e gravata. Após alguns drinques, ele foi formalmente aprovado.

— Como você as encontra? — perguntou Dominik.

— Salas de bate-papo, recomendação pessoal...

— Recomendação?

— Você ficaria surpreso.

— Meu Deus...

— São mulheres bem normais. Não há circulação de dinheiro, nunca.

O porta-voz do grupo tinha 50 e poucos anos. No começo da conversa, ele mencionou que havia acabado de voltar de férias na Turquia, onde velejou de barco pela costa. Outro era cirurgião, um negro imponente nascido em Gana, e o terceiro tinha um emprego importante não especificado na cidade.

Todos concordaram que Dominik seria convidado a participar do próximo encontro.

Eles se encontraram na adega de um hotel grande e impessoal ao lado da estação Victoria. Dois dos outros homens do grupo já estavam lá tomando cerveja quando Dominik chegou. Ninguém se apresentou.

A jovem entrou no bar dez minutos depois, acompanhada do líder do grupo. Ela parecia mal ter saído da adolescência, embora, quando se olhava para ela mais de perto, na semiescuridão calculada do bar, houvesse olheiras sob seus pálidos olhos acinzentados e linhas finas em seu pescoço. Pareceu hesitante a princípio, até mesmo tímida, mas, depois de alguns drinques, relaxou e ficou mais à vontade. Ela revelou que era estudante de enfermagem. Em ocasiões subsequentes, houve uma gerente de banco bem mais velha que tinha vindo da costa sul, e, em outra ocasião, uma mãe solteira que queria ser escritora e que, após descobrir algumas das publicações não acadêmicas de Dominik, mandou-lhe algumas histórias nas quais estava trabalhando; elas eram surpreendentemente boas. Às vezes, o grupo reservava o hotel em Victoria, mas em outras ocasiões escolhiam um hotel perto da Old Street. E, uma vez, se reuniram no porão de uma loja vazia na Old Compton Street, à qual um dos participantes tinha acesso por causa do trabalho. Os hotéis eram escolhidos

principalmente por serem movimentados e pelo fato de cinco ou seis homens entrando em um elevador com uma única mulher não chamar tanta atenção.

— É sua primeira vez? — perguntou ele à estudante de enfermagem naquela primeira noite. Isso foi ainda no bar. Dois dos outros homens tinham ido até o balcão para buscar outra rodada de drinques.

— É — disse ela.

— Para mim também. — Ele deu um sorriso hesitante.

— Legal.

— Por que você decidiu fazer isso? — Não era o que Dominik queria perguntar, mas de alguma forma as palavras certas não conseguiam se formar em seus lábios. Ela parecia tão jovem, ainda que aparentasse estar cansada.

— Você sabe, é uma fantasia. Acho que todas as mulheres têm. Só queria saber como seria. Bobeira, não é?

— Não, nem um pouco.

Os outros voltaram e a conversa individual acabou de repente.

Quando estavam todos no quarto do hotel, a jovem enfermeira foi sumariamente despida. Tinha seios lindos e redondos. Altos e firmes. Havia recebido a ordem de se depilar embaixo e seguiu as instruções ao pé da letra. Ela não estava de calcinha, só com meias sete oitavos pretas.

O líder do grupo abriu a calça e mostrou o pau a ela, obrigando-a a ficar de joelhos. Ela o colocou na boca. Isso foi um sinal para os outros homens se despirem. Dominik olhou ao redor, para o oceano de pele masculina que agora o rodeava. Eles eram de todas as formas e tamanhos, e ele ficou feliz em ver que o dele não era o menor e nem o mais grosso. Alguns sentimentos nunca mudam na companhia de outros homens, apesar de sua costumeira segurança e tranquilidade com o próprio corpo.

Enquanto ela chupava avidamente o primeiro pau da noite, os outros começaram a tocá-la com desespero, explorando-a, forçando-a, apalpando-a como um pedaço de carne de primeira. Membros ficaram duros, saltaram. Seus olhos observaram o quarto, a cena do crime. A janela dava para uma vista sem graça de telhados da cidade. Na mesa de cabeceira havia uma pequena pilha de camisinhas e vários tubos de cremes e lubrificantes. Em uma mesa perto da geladeira, alguém tinha colocado duas garrafas de vinho, os dois tintos, e três taças e uma caneca. Havia alguns brinquedos sexuais espalhados, inclusive um monstruoso consolo de duas cabeças que não caberia no orifício de mulher nenhuma sem arrebenhá-la, pensou ele.

No fim das contas, cabia sim. Passada uma hora, depois de ela ser usada por cada homem do quarto sucessivamente e em algumas ocasiões ao mesmo tempo, dois homens se ocuparam em enfiar o consolo preto de duplo propósito bem fundo na vagina dela enquanto a outra extremidade foi, centímetro a centímetro, enfiada com

força no ânus. A jovem enfermeira respirava pesadamente enquanto a operação era executada, de quatro na cama, com a boca ao redor do pau grosso de um ruivo corpulento.

— Boa menina — disse alguém.

Àquela altura, Dominik já estava exausto. Ele a havia comido de todas as maneiras que poderia querer, tinha até sentido ela se engasgar com seu pau duro quando chegou ao fundo da garganta ao mesmo tempo que o médico negro metia por trás e o movimento a jogou involuntariamente para a frente mais do que ela esperava.

Os outros se mantiveram ocupados. Entre fodas, deram a ela uma taça de vinho, depois ela pediu água, e alguém delicadamente secou a testa da jovem quando o suor começou a pingar. Ela não reclamou nem uma vez nem pediu para fazer um intervalo. Ele olhou para a cena e tentou se colocar na pele de um observador distante. Uma das meias dela estava bem rasgada, e a da outra perna estava enrolada em seu tornozelo. Ela estava devastada, mas ainda muito bonita enquanto os homens do grupo rodeavam a cama e se deslocavam para se revezar e brincar com ela.

Ele olhou para os homens cercando sua conquista. Perguntou-se como devia ser ter um pênis na boca, como seria o gosto, como o preencheria. Como seria ser mulher. Sua mente estava fascinada pela mera beleza da submissão e pelas influências ocultas de beleza e autodeterminação que isso trazia à superfície da pele e da alma de uma mulher.

Naquele momento, bem no meio de seu primeiro gang bang, Dominik momentaneamente entendeu como seria ser submisso, e soube que, caso fosse mulher, também seria uma que se daria de presente para homens, para estranhos.

Ele ficou assombrado pelo fato de uma mulher submissa conseguir, pelo poder da sexualidade, quase controlar uma situação tão louca.

A jovem enfermeira gritou. Alguém tinha ido longe demais.

— Chega — protestou ela.

Ainda assim, seu rosto ruborizado estava radiante, até mesmo extasiado.

Os homens se afastaram dela respeitosamente. Ela saiu da cama e foi para longe do emaranhado de corpos.

Preservativos usados cobriam o tapete do hotel.

— Acho que preciso de um banho — disse ela. Olhou para o círculo de corpos que cercavam a cama. — Uau. Foi uma festa e tanto. — Ela riu e seguiu para o banheiro.

Todos eles se vestiram e, um por um, saíram do quarto de hotel, deixando-a para trás apenas com o líder do grupo, que havia feito o contato original e a levado para lá.

Dominik foi a mais cinco gang bangs organizados pelo mesmo grupo diversificado. Nenhum dos homens envolvidos sabia o nome dos outros, e ele logo compreendeu as outras regras subentendidas do jogo. Porque era um jogo, consensual, voluptuoso, sexual. O grupo supria uma necessidade, e, surpreendentemente, algumas das mulheres até voltaram em outras ocasiões.

A cada vez, ele dizia para si mesmo que não iria ao evento seguinte, sentindo-se envergonhado, culpado, irritado pela própria compulsão. Mas todos os homens são guiados pelo próprio pênis, e mesmo que deixasse para o último minuto a confirmação de sua presença, ele aparecia no pub ou bar onde outra garota seria apresentada.

No último gang bang a que ele compareceu, novamente no hotel perto da Victoria Station, após eventos no hotel da Old Street e no porão da Old Compton Street, Dominik se surpreendeu ao permitir que seu lado negro tomasse a frente.

A mulher era uma bibliotecária de High Wycombe e eles ainda estavam se satisfazendo deliberadamente com ela quando um homem do grupo foi ao bar do hotel no térreo para buscar mais drinques e voltou com outra mulher. Ele tinha, de alguma forma, seduzido a moça em tempo recorde, ou pelo menos a tinha convencido a se juntar a eles no quarto. A recém-chegada não ficou surpresa com o espetáculo de seis homens nus se contorcendo lascivamente ao redor do corpo pálido de uma jovem, com paus eretos e cabelos desgrehados. Ela anunciou que preferia não participar, que só queria observar.

Naquele momento, a mulher que era a atração principal da noite estava de joelhos na beirada da cama, sugando o pau de Dominik, que estava com as coxas bem separadas. Ele estava ficando cansado, perdendo a firmeza. A mulher do bar observou os dois com um copo de gim na mão, com olhos famintos, lábios úmidos ao seguir os movimentos. Ele evitou o olhar dela, afastou o rosto da bibliotecária de sua virilha segurando-a pelos cabelos e se ergueu levemente.

— Me lambe. — Dominik deu a ordem para a jovem com uma voz que o surpreendeu. Ele segurou um cinto que estava sobre a cama, abandonado anteriormente como parte de outra variação sexual, e o colocou ao redor do pescoço dela como uma coleira.

Ela obedeceu, e por apenas um momento ele saiu de seu corpo e se tornou um observador da cena, vendo tudo à distância.

Era sexo dos mais básicos.

Sem necessidade de vinil e de brinquedos, sem necessidade de palavras, de ser chamado de “mestre” ou de qualquer outra coisa.

A adrenalina o deixou cego.

Uma mulher entre suas pernas. Outra assistindo.

Dez minutos depois, ele estava vestido, andando apressadamente pelo saguão do

hotel e fazendo sinal para um táxi.

— Para Hampstead — disse ele para o motorista.

— Onde em Hampstead? — perguntou o motorista. — É um lugar bem grande.

— Vou decidir quando chegarmos lá.

O trânsito noturno estava tranquilo e eles logo cruzaram a Marylebone Road, percorreram o Regent's Park, chegando a Camden Town e a Belsize Park.

— Vire à direita depois de Royal Free — disse Dominik.

— Você que manda, amigo.

Ele ordenou o taxista parar quando chegaram ao lago em frente ao castelo de Jack Straw.

Sua mente borbulhava em confusão.

Por um lado, ele se sentia chocado com suas ações: o sexo sem sentido, a indiferença, o vazio. Imagens das mulheres, dos homens, dos paus, dos sons animais do sexo sem sentimento. Por outro lado, sentia a eletricidade da dominação percorrer seu corpo feito uma droga correndo livremente pelas veias de um viciado.

Por um momento, Dominik ficou tentado a entrar no bosque ao lado do estacionamento do castelo de Jack Straw, uma área famosa por ser frequentada por gays. Tinha um desejo irracional de explorar a sensação de ser penetrado, usado, como se isso fosse ajudá-lo a entender melhor as mulheres que comia. Loucura! Andou para um lado, depois para o outro, hesitou e acabou caminhando lentamente para casa.

Dominik só chegou aos degraus de pedra que levavam à sua porta bem depois da meia-noite. Podia ter chamado outro táxi, mas a caminhada acalmou seus nervos.

Uma semana depois, ele começou um caso com uma de suas antigas alunas, Claudia, e rompeu contato com o grupo. Ou talvez tenha sido o contrário, eles que não o convidaram mais para seus eventos um tanto particulares.

O sexo com Claudia era bom, sem complicações, saudável de uma maneira vigorosa. Ela aceitava as necessidades dele, o controle que ele procurava, gostava das variações, das perversões, nunca as questionava, e por um tempo ele pensou que tivesse dominado seu lado negro, que tivesse colocado um freio em seus desejos mais profundos e irracionais. Mas Dominik sabia que alguma coisa estava faltando... até ter encontrado Summer tocando seu violino velho na estação de metrô e o fogo dele ser aceso de novo.

— O quanto você conhece Summer? E Victor? — perguntou Dominik quando Lauralynn se sentou no cobertor que levou e abriu sobre a grama do Regent's Park.

Ela tinha sugerido um piquenique, e o tempo, de acordo com as previsões, seria quente no fim de semana, um suspiro final e clemente de sol antes da ameaça do outono. Como as estações mudavam rapidamente, refletiu ele, e isso o fez pensar na música de Vivaldi. Quase um ano tinha se passado desde aquela fatídica tarde, quando ele entrou por acaso no metrô de Tottenham Court Road e ouviu a contagiante música de um violino vindo de um corredor, sendo, em poucos segundos, levado pelo encanto estonteante de Summer e sua música, e pela aparência dela quando tocava.

— Victor é um conhecido, uma espécie de parceiro no crime, há alguns anos. Nos conhecemos em uma festa e ele se ofereceu pra me ajudar a montar algumas cenas. Ele reconheceu esse traço agressivo em mim, eu acho. Ele é um homem perigoso, sabe? Usa as pessoas. Tem uma essência de vingança poderosa nele... Mas tem bons contatos. E experiência.

— E Summer?

— Só uma vez depois do concerto especial na cripta, quando você a fez tocar nua. Eu a achei... como posso dizer? Interessante.

— Você e ela? — perguntou Dominik. — Aconteceu alguma coisa?

— Infelizmente, não — confessou Lauralynn. — Acho que ela não tem essa inclinação. Talvez algumas brincadeiras sem compromisso, mas nada sério. Mas conheço o tipo dela. Como uma mariposa atraída pela chama. Também é perigosa. Ela acha que está no controle, mas às vezes está muito enganada. Ela não consegue distinguir a parte do todo e não se dá conta do que a motiva. Ainda não se reconciliou com seus desejos. Ela se acha moderna e confiante, mas é muito fácil mentir pra si mesmo. Não é, Dominik?

Mais uma vez, a malícia nos olhos dela era ao mesmo tempo evidente e cúmplice.

Ela pegou dois copos de plástico e cuidadosamente serviu café de uma garrafa térmica que tinha levado para o parque em uma cesta de vime. Dominik levou os sanduíches. A poucos passos de onde eles estavam sentados, ao longo do caminho que dividia o parque, fileiras de crianças barulhentas eram levadas para o zoológico ali perto.

— O que aconteceu? Quando ela se encontrou com você? — perguntou Dominik.

— Nós brincamos. Chamei um dos meus brinquedinhos, um submisso, um cara. Acho que ela gostou, acho que abriu os olhos dela para novas variações.

— Entendo.

— Mas, como falei, conheço o tipo dela. Já conheci outras assim. Elas são o pior inimigo delas mesmas. Se deixadas por conta própria, têm um talento para serem atraídas por todo tipo de tentação. O orgulho delas as controla.

— É mesmo? — comentou Dominik, em parte irritado pela forma como Lauralynn articulava sentimentos sobre a psicologia de Summer, que ele ainda tentava

desajeitadamente entender.

Ela deu uma mordida em um sanduíche de ovo, maionese e agrião.

— Se você é tão ligado a ela — observou Lauralynn —, eu não a deixaria solta em Nova York, nem em lugar nenhum. Você vai perdê-la.

— Victor?

— Possivelmente. Mas ele não é o único lobo da matilha. Ela é o tipo de submissa que nosso tipo gostaria, do tipo que iríamos querer quebrar.

— Quebrar?

— O espírito dela. Ela é forte, é verdade, mas ninguém está imune a certas pressões. Tenho a sensação de que Summer é tranquila quanto ao modo como usa o corpo ou permite que seja usado, então os machos alfa vão atacar direto a cabeça dela. É aí que vão tentar dobrá-la de acordo com a vontade deles. E, depois de quebrada, não dá mais pra juntar as peças. Acho que ela não percebe que passando de certo ponto não há volta.

— Muito melodramático, Lauralynn.

— Talvez... Mas dominação existe em vários tons diferentes, Dominik. Para alguns, é um exercício de poder. Para outros, é apenas um jogo...

Ele a interrompeu, querendo dar sua opinião.

— Não estou preocupado com poder, e sei que o que tenho com Summer é mais do que um jogo. Quero que ela seja forte. Não tenho nenhum desejo de quebrá-la, como você diz. Quero vê-la crescer, assumir sua natureza. É isso que me dá prazer, não o controle. A aceitação dos sentimentos dela...

— Terreno perigoso, Dominik. Alguns usariam uma palavra ridícula de quatro letras pra isso.

— E você? — perguntou ele. — Com as pessoas com quem você joga, controla, sei lá... o que você procura?

— É um jogo de vontades. Às vezes cruel, mas é um jogo mesmo assim. Está vendo, pensei que estávamos no mesmo barco, mas há delicadeza em você, Dominik. Agora vejo isso. Admirável. Não é só o pau que está guiando você.

— Eu realmente espero que não. Apesar de também não querer que ele seja negligenciado. — Ele sorriu.

— Aconteça o que acontecer, Dominik, eu gostaria que fôssemos amigos, sabe?

— Seria legal.

— Com Victor, a questão era sempre o alvo seguinte; ele era implacável. A princípio, eu achava divertido, mas ele tem um traço cruel, um desejo profundo de dobrar suas submissas, suas escravas, à vontade dele. Tenha cuidado.

— Pode deixar — disse Dominik.

Ele vinha tentando fazer contato com Summer em Nova York havia alguns dias, mas o telefone dela sempre caía na caixa postal, qualquer hora que fosse em

Manhattan, e ele estava começando a ficar preocupado. Summer tinha prometido mantê-lo informado de suas aventuras por lá, mas até então as notícias foram prosaicas e desinteressantes. Incompletas?

— Vou dar uma festinha amanhã com alguns dos meus brinquedinhos, mas estava pensando em ampliar os horizontes. Você se interessaria em ir? Assistir, talvez? — perguntou Lauralynn.

— Seus... amigos não iriam se opor à presença de um estranho? — perguntou ele.

— De jeito nenhum. Eles sabem servir e obedecer. Mas acho que você não gosta de usar homens, gosta? É ir longe demais?

— Não — confirmou Dominik, escondendo de Lauralynn o fato de que pensou em mudar, em ser o receptor na relação para entender melhor como seria ser submisso, e não por uma questão de gosto.

De acordo com a mitologia BDSM, muitos dominadores tiveram uma época como submissos. Ajudava a entender melhor a dinâmica. O problema era só que ele não se sentia atraído por homens. Fascinado por seus pênis, sim, mas não pelos rostos e personalidades. Assim, assistir seria interessante, até educativo, mas ele sabia que não estava pronto para isso.

— Acho que não desta vez — respondeu ele, tomando o cuidado de não rejeitar uma futura oportunidade. Naquele momento, seus pensamentos estavam em Summer e no redemoinho borbulhante de intenções voluptuosas que ela trazia à tona em sua imaginação.

— Uma pena — disse Lauralynn. — Seria legal ter companhia nova. Eu poderia te ensinar muita coisa — prosseguiu ela.

— Sem dúvida que sim.

— Meus instintos me dizem que você não é um homem de acessórios, é?

— Seus instintos são certos.

— Victor gosta — observou Lauralynn. — Muito. Adora as barras de afastamento. Acho que elas funcionam bem com garotas, mas os caras por algum motivo sempre têm câibras. A maior parte dos homens, claro. Alguns deles, principalmente os gays, aceitam qualquer coisa e mais. Só não encontro muitos na minha área; eles são reservados e gostam dos próprios rituais, eu acho — acrescentou ela, quase como um adendo, e Dominik sentiu que havia uma nota de lamento em sua voz quando revelou isso.

O sol do meio-dia estava acima deles, com apenas uma leve brisa balançando o verde das árvores ao redor. Lauralynn tirou uma migalha de pão do canto da boca.

— Isso não é lindo? — disse ela para Dominik, olhando para o sol. Ele havia tirado o paletó de linho. — É provavelmente o último dia quente que vamos ter este ano. Londres, não é? Eu amo o sol.

Ele sorriu para ela.

O cabelo louro de Lauralynn caía por cima dos ombros. Ela se alongou, se sentou ereta por um momento e, em um movimento rápido, tirou a blusa estampada apertada. Não estava de sutiã por baixo. Os olhos dele foram para os mamilos delicadamente perfurados e para o lindo tom de rosa que eles exibiam descaradamente. Depois, foram para uma tatuagem azul, um ideograma chinês no ombro esquerdo. Ela se deitou de bruços, tirou a calça jeans que estava usando e começou a pegar sol só de tanga. As montanhas que eram a bunda dela pareciam uma sinfonia geométrica: delineavam uma curva perfeita com precisão matemática. O elástico da calcinha estava um pouco torto, o que indicava, pelo bronzeado, que ela estava acostumada a tomar sol nua.

Transeuntes do sexo masculino começaram a andar mais devagar para olhar melhor para ela enquanto passavam pelo caminho mais próximo da grama, enquanto as famílias espalhadas pelo gramado do parque lançavam olhares de raiva para eles. Havia alguma coisa incrivelmente provocativa na forma como Lauralynn ficava ali deitada, com as costas nuas e as nádegas torrando ao sol.

Ela não sentia vergonha e sabia bem disso.

Deitada assim, com as pernas exageradamente afastadas, em um parque público, ela faria com que observadores distantes pensassem que estava completamente nua.

Antes de ela virar de bruços, Dominik reparou como o tecido fino da tanga se agarrava à sua pele e como a fenda profunda da boceta ficava visível.

Ele gostava de Lauralynn e achava que eles podiam, se tivessem a oportunidade, se tornar ótimos amigos.

Ele tirou a camisa, pois era sua vez de pegar o último sol do ano.

Em pouco tempo, os dois cochilavam nos braços do preguiçoso calor de outono.

Mas Dominik sonhou com Summer, não com Lauralynn.

O romance das cordas

Sombras tinham começado a cair sobre o pequeno jardim fechado do lado de fora da minha janela ainda menor no apartamento do East Village, e o restante da luz mal iluminava meu corpo no espelho. Assim, vestindo o espartilho, eu tinha uma aparência quase mumificada, como uma estranha em um show de cabaré vitoriano.

A peça de roupa apertava minha pele com o conforto duro de um abraço forte.

Afrouxei os cordões nas costas, me inclinei para a frente e soltei com cuidado as fileiras de ganchos de metal que fechavam a peça na frente. A amarração deixou uma série de marcas interessantes no meu tronco, um efeito art déco de ranhuras simétricas e paralelas ao redor da cintura, seguindo até os seios, em um vermelho vívido contra um branco pálido.

Meus colegas de apartamento e eu tínhamos acabado de voltar de um show a céu aberto na Union Square, parte de uma série de eventos informais que antecederiam o feriado de Ação de Graças e que ao longo do mês celebrariam compositores americanos. Era o início de novembro e o sol começava a se pôr mais cedo, e a ausência dele anunciava a chegada de um intenso frio outonal. Iríamos em pouco tempo para um dos bares de cobertura em Midtown, para aproveitar ao máximo a atmosfera noturna antes que o inverno apertasse a cidade com suas mãos frias e enviasse todos para dentro, exceto os fumantes mais determinados.

Eu tinha me apresentado com o espartilho preto apertado, o mesmo que Dominik me deu e mandou que eu usasse em uma das festas de Charlotte em Londres. Ele deixava meu peito, assim como outras partes, quente por baixo do vestido preto de tricô que usei.

Agora isso parecia ter sido uma vida atrás, um dos meus primeiros experimentos na perversão, quando me vesti e trabalhei como empregada durante uma noite na tentativa de descobrir como me sentia em um papel submisso, seguindo ordens de outras pessoas além de Dominik.

Meu comportamento foi impossível de analisar depois daquele evento, porque, usando o traje e atendendo o chamado do sino que ele tinha fornecido para que os convidados me chamassem, senti como se estivesse seguindo as instruções dele, e não dos indivíduos que me pediam outra porção de sobremesa ou queriam que eu

enchesse o copo deles.

Eu sentia muita falta dele, mais do que esperava e mais do que jamais admitiria para ele. Nossa comunicação desde que ele partiu foi breve, esporádica. O som de sua voz me enchia de tanta saudade que eu comecei a deixar o telefone desligado a maior parte do tempo, para não ter que falar com ele.

Dominik não tinha me mandado usar o espartilho por baixo da roupa no show daquela tarde. Eu tinha decidido fazer isso por vontade própria, em uma tentativa de recriar a sensação de dominação da qual sentia tanta falta.

Tentei tirar vantagem da emoção extra que surgiu como resultado da ausência dele ao jogar minha energia na música, canalizando a dor e a frustração para meu violino como um para-raios. Mesmo assim, inevitavelmente, parte da solidão permanecia e meus pensamentos se encheram de lembranças das cenas que Dominik criou em Londres e com fantasias de todas as coisas que eu queria que ele fizesse. Fiquei irritada e retraída, aborrecida pela intensidade dos meus próprios sentimentos.

Tentei mandar um e-mail para Charlotte pedindo conselhos, mas ela desapareceu misteriosamente ou estava me ignorando. Chris tinha terminado o curto tour com a banda pelos Estados Unidos e voltou para Londres. Ele não tinha planos de visitar Nova York em breve, e, além disso, não gostava de Dominik, então não lhe contei nada. Falei com velhos amigos da Nova Zelândia pelo Skype, mas eles estavam ajustando a vida, em seus cargos administrativos e relacionamentos sérios. Minha vida era tão diferente com a orquestra, Nova York e Dominik que eu me sentia estranha falando com eles também.

Socialmente, eu estava meio perdida, mas musicalmente, pelo menos, meus esforços não passaram despercebidos.

Simón, o maestro venezuelano convidado com quem o grupo vinha trabalhando durante a última temporada, conseguiu vaga permanente na orquestra e parecia ter passado a prestar atenção em mim, pois de repente começou a elogiar meu desempenho com uma piscadela ou um olhar mais duradouro para a tribuna, em minha direção. Eu só comecei a reparar nas atenções dele quando iniciamos os ensaios para a série de concertos de Ação de Graças, talvez por eu sentir uma afinidade com o estilo americano. Era influenciado pelo som de lugares distantes, incrementado pela infinita variação em bases culturais de compositores que emigraram para os Estados Unidos em busca de uma nova vida, cheios de otimismo e absorvendo os ritmos das novas cidades no caminho, com jazz e sons folk se misturando a tradições europeias.

Não lamentei muito a partida do outro maestro. Ele tinha uma abordagem acadêmica que eu achava desprovida de matizes. Sob o controle dele, a seção de cordas ficou um pouco grosseira. Simón era mais jovem e seus métodos eram radicalmente distantes do que estávamos acostumados. As fofocas na orquestra

eram todas sobre isso.

Ele tinha uma aparência levemente boêmia e, pelo menos nos ensaios, poderia passar por guitarrista de uma banda de rock, de jeans e camiseta larga. Ele era vibrante desde os sapatos (que variavam de All Star confortáveis a botas curtas de couro de cobra, impecavelmente engraxadas) até o cabelo, que surgia em cachos grossos e escuros que balançavam em floreios com seus movimentos mais intensos. Ele conduzia a orquestra como se possuído por música, batendo o tempo com mãos que pareciam a boca de um crocodilo. Cada ajuste de seus músculos faciais reagia a deixas internas que pareciam vir sem pensar: uma sobrancelha erguida ou lábios repuxados indicavam uma mudança infinitesimal no humor ou no ritmo.

Eu torcia para que, sob a direção dele, a seção de cordas pudesse ser encorajada a demonstrar mais paixão. Se nossos últimos concertos serviam de parâmetro, a influência dele era exatamente o que precisávamos.

Baldo e Marija, meus colegas croatas de apartamento que tocavam trompete e saxofone respectivamente, estavam ambivalentes quanto à mudança. Tinham acabado de ficar noivos, e a felicidade que encontravam um no outro se refletia em todos os outros aspectos da vida, de forma que seria preciso um raio de danação vindo do céu para mexer com o humor deles.

Depois do sucesso de seu próprio romance, Marija passou a se dedicar a me arrumar alguém e me interrogava regularmente sobre o status do meu relacionamento com Dominik com o rigor e a malícia de um detetive particular.

Naquela manhã, contei a ela sobre o caso todo, pelo menos para explicar por que estava tão mal-humorada em casa.

— Você sabe que a melhor maneira de esquecer alguém é ficar debaixo de outra pessoa — disse ela prosaicamente quando nos encontramos na cozinha para um café da manhã tardio, antes de reunirmos nossos instrumentos e seguirmos para o concerto.

Ela havia acabado de fazer franja no cabelo liso e preto, e a linha em sua testa dava um tom autoritário às suas palavras.

— Mas eu não preciso esquecê-lo. Ainda estamos juntos.

— Mas não estão de fato, estão? Com você aqui e ele lá longe?

— Não é exatamente um relacionamento. Temos uma amizade. Colorida.

— Mas você está vivendo em preto e branco.

Eu tinha deixado de fora os detalhes das nossas façanhas sexuais, mas contei a Marija que tínhamos combinado, considerando nossa natureza e a distância entre nós, que estávamos livres para explorar relacionamentos casuais com outras pessoas.

— É claro — disse ela em resposta a essa informação. — Se ele não está por perto, o problema é dele. Uma garota tem necessidades.

Ela me convidou para acompanhá-la com Baldo naquela noite para tomar um

drinque no 230 Fifth, estereótipo de bar que, nos fins de semana, ficava lotado de moradores de Manhattan à caça de companhia. Eu não estava muito no clima, mas concordei mesmo assim. Eu não podia passar todas as noites trancada no quarto e amarrada no espartilho de Dominik, mesmo achando a companhia dos pombinhos suportável apenas em pequenas doses, e o bar sendo exatamente o tipo de lugar pretensioso que eu me esforçava para evitar.

Quando cheguei, descobri que eles haviam convidado outro músico da seção de metais para ir também, um trombonista chamado Alex, que entrou para a Gramercy Symphonia um ano antes, logo após ter pedido demissão do emprego de advogado em Wisconsin para ir para Nova York realizar seu sonho de viver de música. Marija tinha planejado um encontro duplo, e eu não fiquei nada animada.

Alex era agradável, mas tedioso, e usava uma camisa roxa que poderia ter ficado bem em outro homem, um mais alto e menos corpulento, mas que nele, do jeito que estava afundado em um dos sofás de cor lilás do bar, só me fazia pensar em uma torta de mirtilo.

Deixei todos juntos nos sofás, Marija com suas longas pernas entrelaçadas como limpadores de canos nas pernas mais curtas de Baldo e Alex olhando para mim com ansiedade de tempos em tempos, e fui com meu drinque para o bar no jardim da cobertura.

O coquetel era mediano e a música não fazia o meu estilo, mas a vista de Midtown era magnífica. O Empire State Building estava tão perto que senti que quase poderia esticar a mão e tocá-lo, pular na lateral e subir até o céu feito King Kong, ou um João moderno em seu pé de feijão.

— Bonito, não é? — disse uma voz à minha esquerda, com um toque sulista no sotaque.

A voz pertencia a um homem louro de terno azul-marinho risca de giz e gravata fina, com um copo pequeno em uma das mãos e um charuto grosso na outra. Ele tinha puxado uma das mesas até a lateral do bar e estava de pé em cima dela, apoiando todo o peso na grade e olhando para a noite com a confiança de uma pessoa que acredita ser imune ao ocasional acidente que resulta em pessoas caindo de varandas para a morte, ou que a força da gravidade não se aplicava a ele.

— É, sim — respondi, inspirando o aroma de fumaça de charuto que o rodeava.

Ele desceu de seu ponto de observação com surpreendente graça e ficou de pé ao meu lado.

— De onde você é? — perguntou ele.

— Da Nova Zelândia originalmente, depois fui pra Londres, mas antes morei na Austrália.

— Você viaja, hein?

— Acho que podemos dizer que sim.

Vi os olhos dele brilharem com a minha resposta e me inclinei um pouco mais para perto, caso o flerte em minhas palavras não fosse um sinal suficiente.

— Posso lhe oferecer outra bebida?

Olhei para os restos do meu mojito não muito bom.

— Talvez em outro lugar. Quer sair daqui?

Ele não precisava que eu pedisse duas vezes. Quarenta e cinco minutos depois, estávamos no apartamento dele no Upper East Side, o tipo de local chique e com mobília minimalista que eu achava que Dominik poderia preferir. Mas isso fora antes de conhecê-lo melhor e descobrir que dinheiro não necessariamente significa sofisticação, embora eu ainda não tivesse certeza se Dominik tinha dinheiro ou não. Talvez ele tenha gastado as economias de sua vida para me comprar o Bailly e passasse o resto da existência com o salário medíocre de professor universitário.

O homem que encontrei no bar se apresentou como Derek, um nova-iorquino nativo com emprego na área de seguros. Falei para ele que meu nome era Helen e que era secretária forense. A experiência me ensinou que a maior parte dos homens reage bem a secretárias e enfermeiras, e isso me poupava da preocupação de que pudessem encontrar minhas conexões musicais e aparecer em um concerto.

Derek realmente se chamava Derek, como reparei ao ver uma pilha de correspondência na bancada da casa dele.

Seu apartamento tinha cara de dinheiro, mas tinha cheiro de salmão frito recentemente misturado com nicotina. Reparei que a maior parte das janelas não abria. Ele devia fumar dentro de casa, para não ter o trabalho de ir para a varanda.

— Como você gosta? — perguntou ele.

A princípio, pensei que estivesse me oferecendo uma bebida, mas então percebi, quando ele não fez sinal de colocar água para esquentar nem de tirar garrafas da geladeira, que estava se referindo a como eu gostava de fazer sexo. A pergunta direta demais me pegou desprevenida.

— Er...

Ele deu um passo e quebrou o gelo com um beijo. Ele não beijava mal, mas eu não conseguia deixar de sentir o cheiro do peixe comido no jantar.

Pensei em desistir, mas, sempre otimista, torci para as coisas melhorarem quando começássemos pra valer. Além do mais, eu estava tentando pegar menos táxis para economizar dinheiro, na esperança de passar um tempo viajando no fim do ano, e, se eu passasse a noite lá, poderia pegar o metrô ou andar para casa de manhã.

Mal consegui sufocar uma careta enquanto Derek cutucava minha boca com a língua, usando o tipo de manobras exploratórias profundas que poderiam ser mais bem-sucedidos se utilizadas mais embaixo.

Esses pensamentos me fizeram lembrar de Dominik, que tinha um ótimo jeito para a coisa, e me perguntei se a habilidade dele estava inativa desde que deixou Nova

York, ou se ele também estava tendo o próprio tetê-à-tête em Londres. O pensamento de Dominik com outra mulher me incomodou. Empurrei Derek para fora da cozinha até a sala, onde o ar estava mais fresco.

— Aah — disse ele —, uma mulher que quer ficar no comando. Gosto disso.

Isso não estava sendo mesmo como eu gostaria.

Derek puxou as tiras do vestido com delicadeza pelos meus ombros e passou as pontas dos dedos pela minha pele como se estivesse acariciando um filhote de gato. Cada toque era suave, delicado. Devia ser resultado da leitura de uma miríade de livros sobre como as mulheres preferem doses generosas de preliminares antes do sexo, preferivelmente cobertas de chocolate e com um banho quente depois, o tipo de besteira perpetuada por todos os tipos de meio de comunicação. Era tão ridículo quanto supor que todos os homens querem pornografia, sexo oral e uma refeição quente.

Eu torcia para que Derek arrancasse meu vestido, me empurrasse contra o vidro e me possuísse por trás, no estilo bilionário de filme de Hollywood, mas a realidade era bem menos excitante. Depois de alguns movimentos desajeitados, consegui abrir o cinto dele e a calça caiu ao redor dos tornozelos de maneira nada elegante. Eu devia ter tirado os sapatos dele primeiro, pois as pernas estavam agora presas, fazendo com que ele ficasse praticamente imóvel dos joelhos para baixo.

Nós nos deslocamos para o quarto e ele me baixou carinhosamente para a cama, beijando com suavidade do meu pescoço ao meu umbigo, olhando para cima e sorrindo antes de afundar a cabeça entre minhas pernas. O sexo oral devia ser seu número principal, o truque que ele guardava para as mulheres que queria impressionar. Ele era ansioso, porém gentil. Tentei conjurar uma visão de Dominik se dedicando ao mesmo ato, mas junto com a língua, ele teria quatro dedos dentro de mim me explorando com intensidade, sondaria ocasionalmente meu esfíncter e prometeria, com um tom ironicamente educado, que o pau viria logo depois. Dominik e eu ainda não tínhamos feito sexo anal, e eu me perguntava por que ele simplesmente não fazia. Não que eu não gostasse da expectativa. Ele parecia pensar que era uma das coisas mais pervertidas no cardápio entre quatro paredes, enquanto eu achava que sexo anal era o tipo de coisa que se fazia no segundo encontro. Encarei a visão dele sobre o assunto como doce e antiquada, e estava ansiosa pelo momento em que ele decidisse que era a hora.

Minha mente voltou a Derek e fiz um esforço para me concentrar nele, por pura educação. Ele tinha terminado a atividade oral e comecei a me levantar para poder fazer o mesmo nele, mas ele me impediu e me empurrou para a cama.

— Não, gata, estamos pensando só em você — disse ele.

Eu suspirei, uma manifestação que ele interpretou como sendo um ruído de prazer.

O pau dele era grande e estava duro, pelo menos, e seu tórax era agradavelmente

firme contra meu peito, embora eu desejasse que em vez das infinitas carícias suaves, ele usasse os dedos para puxar meus mamilos ou sufocar de leve minha respiração. Talvez ele apenas precisasse de uma dica para seguir na direção certa.

Peguei a mão dele e levei em direção ao meu pescoço.

— Opa. Você não é dessas garotas, é? Não gosto dessas porras pervertidas.

Consegui sentir o pau dele ficando mole dentro de mim.

Eu o puxei para um beijo, o equivalente sexual a mudar de assunto, mas o momento já tinha passado. Ele saiu de mim e desapareceu no banheiro. Ouvi o som do chuveiro aberto e depois ele voltou com dois chocolates quentes.

— Está tarde — disse ele, me entregando uma caneca fumegante. — Você pode ficar se quiser.

Ele foi gentil, pelo menos, e era versado na etiqueta do sexo casual, mesmo não sendo meu tipo.

Constrangida, fiquei deitada ao lado dele até de manhã e me preparei para fugir de lá cedo, embora duvidasse que Derek fosse pedir o número do meu telefone.

Os vendedores ambulantes estavam com força total nos arredores do Central Park, assediando turistas que levavam um milissegundo a mais para escolher entre ketchup e molho de tomate. Comprei um *bagel* e um café na esquina da 78 com a Quinta Avenida e, como eu estava perto, aproveitei a manhã livre para visitar o Met.

Minha mente estava bagunçada demais para apreciar arte, e no final desisti de tentar decidir qual da enorme variedade de exposições visitar e passei uma hora na seção asiática. Comecei com uma cabeça de Buda afegã do século V, na esperança de absorver parte da serenidade visível nas feições do rosto de pedra com orelhas longas e frouxas e olhos afastados e sonolentos. Observei as sobrancelhas simétricas que se juntavam ao nariz angular e, abaixo disso, a boca carnuda e sensual com lábios macios, que dava à criatura divina um toque de humanidade.

Pensei na noite que eu tinha acabado de passar com Derek, na última semana que tive com Dominik, nas semanas antes disso, com Victor, e na época em que voltei sozinha ao clube de fetiche em Londres e apreciei o spanking dado por um estranho. Refleti sobre como todas essas coisas, coisas que eu tinha certeza de que pelo menos metade do mundo veria como anormais, me excitavam tanto, enquanto uma noite com alguém como Derek, um cara legal, um bom partido no sentido social da palavra, não me afetava de maneira nenhuma.

Era a isso que tinha chegado? Será que eu precisava ser amarrada, surpreendida ou forçada para apreciar o sexo? Será que eu queria mesmo Dominik pela pessoa que ele era ou apenas gostava do que ele me fazia sentir na cama?

Escolhi fazer a longa caminhada até em casa em vez de encarar a sujeira úmida do

metrô. As imagens e os sons da cidade que ontem mesmo pareciam grandiosos e empolgantes hoje me faziam lembrar que eu estava enclausurada, aprisionada, presa entre avenidas retas e organizadas e quarteirões quadrados. Eu estava cercada de vidro monolítico e estruturas de concreto que iam até o céu como muitas sentinelas, e a fatia de céu azul entre os topos dos prédios era apenas uma visão distante, tão ameaçadora quanto o fio de uma guilhotina pairando sobre mim.

Eu sentia falta de Londres e seus esconderijos subterrâneos, de suas ruas estreitas e curvas e vielas escuras, de seus caminhos de paralelepípedo com nomes antiquados e referências a sexo e partes do corpo. Esses nomes eram um lembrete evidente de uma época em que cada esquina era testemunha da luxúria, quando prostíbulos ficavam lotados de cortesãs em roupas de baixo, de meretrizes lascivas e políticos depravados, exuberantes lordes e damas da noite em busca de saciar apetites de todas as naturezas.

Tempos mais puritanos vieram depois, e alguns dos nomes de locais mais rudes foram trocados para refletir a moral social dos dias modernos, mas Londres continuava sendo uma cidade com desejo entranhado até mesmo nas ruas. Se as pedras pudessem falar, pensei, elas se alegrariam com a visão de cada depravação que passava. Londres estava do meu lado.

Naquele dia, Nova York parecia a companhia de uma irmã careta.

Cheguei alguns minutos atrasada para o ensaio daquela noite, e Simón me lançou um olhar penetrante quando sentei no meu lugar. Toquei no piloto automático, sem nenhum dos meus floreios habituais, torcendo para que minha distração e o torpor mecânico da minha mão no arco não estivessem evidentes demais.

Naquela noite, dormi com o coração pesado.

Acordei às três da madrugada, a hora da noite em que os problemas escolhem para incomodar, e mandei uma mensagem de texto para Dominik:

“Sinto sua falta.”

Adormeci me sentindo culpada porque não tinha certeza se sentia mesmo.

No dia seguinte, decidi botar a mão na massa para resolver o problema e procurar alguma espécie de cena da perversão em Nova York. Cada cidade precisava ter alguma coisa, concluí. Independentemente da depressão temporária do dia anterior,

eu sabia, graças às minhas aventuras em Londres, que outras pessoas no mundo pensavam e se comportavam do mesmo jeito que eu. Só precisava encontrá-las.

Uma busca rápida no Google não ajudou muito. Talvez as coisas fossem um pouco mais difíceis aqui para o pessoal do fetiche. Eu tinha ouvido que, em alguns lugares, os policiais não encaravam bem a nudez pública e a violência consensual. Ou talvez esse fosse apenas o estilo dos nova-iorquinos; talvez fossem mais discretos com suas inclinações e fosse preciso conhecer pessoas para saber onde ficavam as cenas. Havia alguns locais anunciando eventos, mas nenhum que me chamasse atenção. Algumas noites de cabaré, uma festa de fetiche de pés, uma sociedade masculina de spanking.

Acabei encontrando um workshop de introdução a bondage com cordas, anunciado para o meio-dia do sábado seguinte. Eu não tinha muita experiência com cordas, mas as fotos eram atraentes, e, se minha reação ao aperto do espartilho e das meias sete oitavos com as quais Dominik tinha amarrado meus pulsos fossem algum indicativo, seria a coisa certa para mim. Ir a uma aula introdutória também eliminava virtualmente o risco de eu dar de cara com Victor ou com algum dos colegas dele, uma possibilidade bem real se eu fosse a um clube de fetiche.

O endereço não estava listado por questão de privacidade. Mandeí um e-mail para o e-mail que havia no site dizendo que eu era nova na cidade e estava interessada em ir à aula.

Recebi uma resposta quase imediata, um e-mail de uma tal de Cherry Bangs, o nome de guerra, sem dúvida. Ela escreveu que ajudava a organizar o evento e que eu era bem-vinda como “coelhinha”, uma voluntária que seria amarrada pelos que estavam aprendendo a arte do shibari, e que eu não teria que usar a corda se não quisesse. Ela sugeriu que nos encontrássemos para um café por eu ser nova na noite de Nova York, e marcamos para o sábado de manhã, algumas horas antes do início do workshop.

Com uma perversão em potencial marcada para o fim de semana, fui para o ensaio naquele dia com o coração feliz e passos mais animados. Meu bom humor ficou aparente na música, e no final do ensaio me sentia revigorada. Eu ainda sentia falta de Dominik, mas estava aprendendo a me virar sem ele. Tudo estava começando a se encaixar.

— Você tocou bem hoje — disse Simón, não tanto como um elogio, e sim como uma afirmação, mas ruborizei de orgulho mesmo assim. Os olhos castanhos dele brilharam na luz, ainda cheios de adrenalina da apresentação da noite.

— Obrigada — respondi. — Também achei que você foi ótimo.

— É bom ouvir isso. É sempre difícil assumir uma coisa nova, principalmente depois de uma pessoa mais experiente. Eu nunca sei quando ser suave ou firme, como conquistar respeito sem ser o cara mau.

— Bem, eu estou gostando de ter você por aqui.

Talvez tenha sido a empolgação da música da noite que tenha me feito continuar a falar.

— Quer tomar um drinque?

Ele ficou olhando para mim enquanto decidia. Nunca pensei em sair com nenhum dos meus maestros anteriores, todos eram bem mais velhos, então não tinha certeza de como funcionava a ética. Além do mais, não seria um encontro, apenas dois estrangeiros tomando um drinque juntos. Eu achava que ele também devia ser novo na cidade.

— Claro — respondeu ele com um sorriso.

Fomos para um café italiano na Lexington. Pedi um *affogato*, sorvete de baunilha com café e uma dose de Cointreau. O garçom, um ítalo-americano com voz retumbante e avental azul intenso, serviu em uma bandeja o sorvete em um copo de martíni sem pé em cima de um pires branco com um guardanapo vermelho e uma colher longa de prata ao lado, o espresso fumegante e o licor logo atrás em copos pequenos. Ele derramou os líquidos em cima do sorvete com um floreio e voltou com dois *biscotti* em um prato.

Simón olhou para minha mistura elaborada e em seguida para sua simples taça de vinho.

— Estou com um pouco de inveja.

Entreguei a colher a ele.

— Vá em frente, por favor.

Ele fez uma pausa antes de aceitar esse gesto de intimidade e pegar uma colherada.

— Humm, é bom.

Peguei a colher de volta, com o cabo ainda quente pelo toque da mão dele, apesar de a parte côncava estar gelada.

— Na Venezuela — disse ele —, nós comemos coco com caramelo de sobremesa.

Ele pronunciou o “c” de cada palavra de uma maneira que sugeria que estava pensando em outra coisa, mais quente que coco e caramelo, mas a expressão nos olhos dele não era nada além de calorosa e simpática. Não dava para ter certeza se ele estava flertando.

— Uma excelente combinação. Há quanto tempo você mora em Nova York?

— Eu nasci aqui. Minha mãe trabalhava em Wall Street. Conheceu meu pai durante umas férias. Ele tocava em uma banda e emigrou pra ficar com ela. Como nunca conseguiu se ambientar, nos mudamos pra América do Sul quando eu era criança. Eles ainda moram lá. Passei a maior parte da minha infância viajando entre

as duas cidades. Estudei música em Caracas. Comecei aprendendo violino...

— Ah, é? Por que desistiu?

— Eu não era muito bom. Sempre me distraía com o som do restante da orquestra quando estava tocando. Eu queria controlar tudo.

Eu ri.

— Maestro por natureza, então.

— Acho que sim. Você toca muito bem, sabe. Toca como uma latina. Tem paixão.

— Obrigada — respondi.

— Não estou apenas querendo elogiar. Mas você fica limitada pelas restrições da orquestra. Seu som funcionaria melhor sozinho.

— É muita gentileza sua, mas não sei se eu conseguiria. Ficaria apavorada no palco sozinha.

— Você se acostumaria. Acho que acabaria gostando.

Ele esticou a mão, e por um momento pensei que ia segurar a minha, mas apenas pegou a colher e colocou outra porção de sorvete na boca.

Será que ele estava falando sério?, eu me perguntei. Minha modéstia tinha limite. Eu adoraria tocar sozinha para uma plateia, apesar de a perspectiva me assustar tanto quanto me animar.

Ficamos em silêncio por alguns segundos constrangedores. Raspei o restante da sobremesa com o dedo, com o foco no sorvete derretido para me distrair do desconforto repentino entre nós.

— Gostei dessas últimas semanas — falei para romper o silêncio. — Gosto dos compositores americanos. De Philip Glass em particular.

— Que bom. — Ele riu. — Embora eu ache que nem todo mundo tenha a mesma opinião. Alguns o acham um tanto repetitivo.

— Sua família comemora o Dia de Ação de Graças?

— Na verdade não. Minha mãe comemorava, mas adotou o estilo de vida venezuelano agora. Vou fazer uma pequena reunião em casa na quinta. Só com alguns outros “órfãos” que moram na cidade e não têm jantares de família pra ir. Você está mais do que convidada. Tem uma pessoa que eu gostaria de te apresentar.

— Eu adoraria — respondi, ignorando uma preocupação persistente no fundo dos pensamentos que dizia que encorajar Simón não era justo, nem com ele, nem com Dominik.

Alguns dias depois, fui ao mesmo café para encontrar a mulher que tinha respondido minha pergunta sobre o workshop de cordas.

Cherry era exatamente como o nome sugeria. O cabelo era pintado de um cor-de-rosa vívido e tinha um corte perfeitamente arredondado. Era baixa, rechonchuda e

estava vestida toda de rosa, fora uma jaqueta preta que dava uma ousadia a um visual que poderia parecer infantil. Os lábios carnudos estavam cobertos de gloss e os dedos estavam enfeitados com uma variedade de anéis grandes, que brilhavam na luz enquanto ela gesticulava. Cherry falava com as mãos quase tanto quanto Simón.

— Então você é nova na cidade? — perguntou Cherry, com uma cadência que sugeria que ela devia ser de uma região mais ao norte. Ela me disse que era de Alberta, perto de Calgary, e supus que isso explicava por que estava tendo tanto trabalho para ajudar outra novata.

— Não exatamente — respondi. — Estou aqui há alguns meses. Só sou nova... na cena.

— Não se preocupe com isso. Somos todos simpáticos. Você já foi amarrada?

— Não com cordas.

— Bem, é melhor aprender em um lugar assim do que ir parar nas mãos de alguém que não sabe o que está fazendo ou que amarra você e deixa lá pendurada numa festa. Vou ficar de olho em você.

Vi as mãos dela acariciando de leve um copo grande de café gelado com todos os devidos acompanhamentos. Reparei que um dos anéis era uma aranha grande. O corpo grosso era uma pedra preta e longa com oito pernas de prata que se enrolavam no dedo dela como uma gaiola. O outro era uma caveira, com olhos brilhantes de diamantes falsos. Eu duvidava que ela fosse do tipo delicado, mas nem sempre dá para perceber. Se o comportamento público de todo mundo refletisse a forma como essa pessoa se comporta em um quarto, então eu presumivelmente teria bem mais sucesso nos relacionamentos.

O workshop aconteceu em um loft entre Midtown e o bairro chamado Meatpacking District. O aposento era parte do apartamento de alguém, embora o corredor que levasse aos quartos estivesse protegido por um biombo e a sala tivesse sido transformada em um playground. Era clara e arejada, mais como um estúdio de ioga do que um calabouço. Havia almofadas ao redor e, sentados nelas, estavam participantes de várias idades e ambos os sexos.

Um casal jovem se aconchegava em um pufe de couro sintético, parecendo novatos previsivelmente nervosos. O restante do grupo estava relaxado, conversando alegremente. O som de uma chaleira fervendo dava à sala uma sensação de lar, e a cozinha estava cheia de pessoas esperando para colocar água em canecas de chá e café. Uma mesa em um dos lados oferecia uma variedade de chás de ervas e um prato de frutas e chocolates orgânicos. Perto dela havia um homem sozinho com cabelo comprido e jaqueta de couro surrada, comendo de maneira desafiadora uma tigela de batata frita.

Cherry me apresentou algumas pessoas, e me sentei ao lado dela, na frente, perto de Tabitha, que era a apresentadora do workshop. Tabitha parecia uma deusa pagã,

com cabelos longos e escuros que caíam sobre seus ombros como um rio, e usava um vestido vermelho que ia até o chão, com estampa de flores vívidas pequeninas e azuis. Ela estava descalça e não era alta, mas controlava a sala de uma maneira que a fazia parecer enorme.

Tabitha começou listando as questões de segurança da amarração com cordas, incluindo como evitar danos aos nervos e asfixia. (Nunca passe uma corda ao redor do pescoço.)

Ela mostrou uma tesoura para tosquia com a ponta cega.

— Sempre tenha uma dessas por perto — aconselhou ela —, caso precise soltar seu parceiro rapidamente, em caso de incêndio, ferimento ou visita inesperada da sogra.

O aposento todo riu.

Ela demonstrou algumas das amarrações básicas, esticando um pedaço de corda no chão e fazendo nós lentamente.

Eu acompanhei, surpresa com minha sensação de realização e satisfação quando consegui posicionar corretamente um bondage de uma coluna ao redor do pulso de Cherry.

Ela sorriu.

— Está vendo, é divertido, né?

A segunda parte da aula foi mais avançada, a parte pela qual eu estava ansiosa.

Tabitha me convidou para ser sua “coelhinha”, como ela chamava, para demonstrar a amarração do tipo *box tie*, o ponto inicial da maior parte das amarrações corporais de bondage, segundo ela.

— Coloque os braços nas costas.

A voz dela, baixa porém firme, me deixou de pernas bambas.

Ela colocou meus braços na posição certa, não esticados na posição de oração que Dominik obteve quando amarrou meus pulsos com as meias sete oitavos, mas com meus antebraços pressionados um contra o outro e as pontas dos dedos das mãos tocando no cotovelo oposto.

Ela começou amarrando meus braços, passando um pedaço único de corda na área entre meus pulsos e cotovelos, e então passando pela parte alta e baixa do meu peito, o que criou uma borda ao redor dos meus seios e prendeu meus braços junto ao corpo. Ela passou os dedos com destreza pelo meu braço antes de apertar a amarração, para verificar se a corda estava posicionada com segurança e sem prender algum nervo.

A sala ficou em silêncio, com todos os participantes agora quietos, ouvindo com atenção as instruções de Tabitha. Ela havia parado de me dizer para que lado virar e me movia como se eu fosse uma boneca, inanimada para qualquer coisa que não fosse responder perguntas sobre a força de cada volta da corda. Comecei a relaxar

contra o corpo dela, deixando meus membros mais frouxos e mantendo meus ombros endireitados, permitindo que ela me prendesse como quisesse. Fechei os olhos, consciente da plateia assistindo.

Tabitha terminou a amarração e me deixou de pé no meio da sala enquanto andava entre o grupo, verificando o trabalho dos participantes que tinham prendido seus parceiros ou parceiras de maneira similar. Ela voltava até mim periodicamente e apertava minhas mãos atrás das costas para verificar minha circulação, para ter certeza de que eu não estava dormente. Eu havia começado a me balançar de leve, como se tivesse me levantando de repente depois de uma massagem.

Eu estava em transe quando ela voltou depois de dar instruções para o grupo e começou a me desamarrar. A corda roçou minha pele com um som delicado quando Tabitha afrouxou os nós. Era quase tão bom ao ser retirada quanto ao ser colocada. Livre das amarrações, estiquei os braços e balancei os dedos, fazendo o sangue voltar a circular.

Olhei para meus antebraços e reparei nas marcas que tinham sido deixadas na pele, marcas levemente afundadas, brancas por causa da pressão da amarra, onde a circulação havia sido interrompida, e vermelhas nas beiradas. Eram marcas estranhamente domésticas, que lembravam uma toalha de mesa tradicional de um restaurante italiano.

Cherry me prometeu que as marcas sumiriam em poucas horas, o que era uma coisa boa, pois eu tinha outro ensaio naquela noite. Nós nos despedimos com a promessa de contato em breve para combinarmos uma exploração da cena de fetiche de Nova York.

Eu toquei bem naquele dia, feliz por ter feito novos amigos.

As marcas nos meus braços sumiram tão rapidamente que desejei que voltassem, como um lembrete da minha tarde agradável. Mas fiquei sem nada para remoer além da lembrança daquele acontecimento. Eu estava vestida durante a amarração, uma exigência do workshop, para garantir que os amarradores em treinamento não se distraíssem com corpos nus a ponto de não conseguirem se concentrar na aula. Na próxima vez, pensei, eu gostaria de experimentar nua, para poder sentir a corda em todo o corpo, e não só nos braços.

— Bom trabalho hoje — disse Simón enquanto eu guardava o Bailly na caixa. Ele estava envolvido em uma conversa com Alex, o trombonista.

Tínhamos voltado ao café italiano uma segunda vez e começávamos uma espécie de amizade tranquila. Conhecê-lo melhor havia melhorado meu jeito de tocar. Comecei a seguir movimentos tão sutis que eu duvidava que ele estivesse ciente de fazê-los, interpretando a música exatamente como ele, e senti prazer em seu elogio

caloroso quando me disse que eu continuava a melhorar.

— Vejo você na quinta — respondi ao sair.

Eu não me sentia completamente à vontade com a situação. A hora de soltar o nome de Dominik casualmente na conversa, para que Simón soubesse que eu não estava completamente disponível, surgiu e passou. Ele não fez qualquer movimento para dar em cima de mim, mas eu não conseguia afastar a sensação de culpa de que estava dando esperanças a ele.

Era tarde demais para isso agora, pois eu tinha acabado de tocar a campainha do apartamento dele em um quarteirão requisitado do Upper West Side, pertinho do Lincoln Center, e estava de pé na porta com uma torta de abóbora fumegante nas mãos. Marija a tinha feito para mim, apesar dos meus protestos, assim que descobriu que eu tinha um “encontro” com o maestro.

Simón abriu a porta e pegou a torta das minhas mãos. Ele estava usando um colete dourado esta noite, com abotoaduras de ouro combinando e as botas de couro de cobra, parecendo um gângster de um filme de 1930. Adequado, pensei, pois ele às vezes segurava a batuta como uma metralhadora. Censurei a mim mesma por não ter me arrumado mais. Tive dificuldade em escolher o que vestir e optei por uma roupa casual e não muito arrumada: leggings preta, um cardigã longo J. Crew e um par de sandálias de salto baixo, para que ele não achasse que era um encontro. Fui ao banheiro na primeira oportunidade para acrescentar brincos de pérola e um colar combinando, que eu havia guardado na bolsa caso a noite fosse mais formal do que eu esperava.

Os outros convidados eram bem variados, pois a maior parte dos americanos estava em casa com suas famílias. Simón tinha reunido todos aqueles que ele sabia não terem para onde ir: Al, arquiteto de uma empresa do Oriente Médio em trabalho temporário em um novo complexo hoteleiro luxuoso na Madison Avenue; Steve, poeta performático da Inglaterra, que tinha se apresentado logo antes de nós no concerto da Union Square; Alice e Diane, um casal que cuidava de um espaço de artes e performances em Nolita; e Susan, uma mulher de olhos sagazes, sempre rindo, ao lado de quem Simón me colocou no jantar. Descobri que ela era agente e que tinha uma variedade de músicos solistas em seu cadastro.

Simón passou a maior parte da noite conversando com Steve, o poeta, me deixando livre para conversar sobre trivialidades com Susan.

Ela colocou o cartão dela na minha mão no fim da noite.

— Mantenha contato — disse ela. — Simón fala muito bem de você, e ele tem excelente gosto.

Fui a última a sair. Simón me acompanhou até a porta, mantendo uma distância de

amigos, mas profissional, entre nós.

— Obrigada de novo pelo convite — falei educadamente.

— De nada — respondeu ele, inclinando a cabeça em uma pequena reverência. — Fico feliz de você ter tido a chance de falar com Susan.

Seus olhos estavam intensos, sem piscar.

— Ela parece muito legal.

— Ela é. E também é muito boa.

Voltei para casa e encontrei Baldo e Marija acordados e deitados um por cima do outro no sofá da sala. Eles ficaram satisfeitos em comemorar o Dia de Ação de Graças a dois.

— E entããã — disse Marija —, nos conte tudo.

— Sua torta fez sucesso.

— Espero que não tenha sido a única coisa a fazer sucesso. — Ela riu.

— Não é assim que funciona com ele. Nós trabalhamos juntos.

— Ah, tá. As famosas últimas palavras.

Olhei para ela com irritação quando abri a porta do quarto.

Mas ela devia estar certa, pensei, suspirando ao afundar na cama.

Meu espartilho estava esquecido, pendurado na arara que me servia de guarda-roupa, com os ganchos prateados brilhando à luz da minha cabeceira como uma fileira de pequenas luas.

Bourbon Street

Dominik encarou como presságio quando a crítica de um livro de ensaios para o qual contribuíra apareceu em uma edição da revista *Book Forum*. Isto porque, junto a ela, também havia um anúncio de cerca de dez bolsas de estudo para pesquisa da Biblioteca Pública de Nova York oferecidas a acadêmicos ou escritores e financiadas por um fundo familiar que ele não conhecia. Ele parecia preencher todos os critérios listados no formulário de candidatura que encontrou on-line, ao menos no que dizia respeito a publicações anteriores e credenciais acadêmicas.

Há algum tempo Dominik considerava a ideia de escrever um livro, antes de se distrair com a chegada de Summer em sua vida, livro esse que teria envolvido pesquisas substanciais na Biblioteca de Londres ou na Britânica. Imediatamente lhe ocorreu a ideia de que um escritório na Biblioteca Pública de Nova York seria perfeito para isso e também a desculpa ideal para passar nove meses em Manhattan, perto de Summer. As obrigações relacionadas a aulas que acompanhavam a bolsa eram mínimas e solucionáveis, e o salário era generoso. Não que o dinheiro fosse um problema para ele, mesmo conhecendo os valores de um aluguel em Nova York.

Ele se candidatou e foi escolhido para se apresentar para a etapa seguinte.

As entrevistas aconteceriam na semana antes do Natal.

Tudo estava se encaixando.

Summer contou a ele sobre o homem com quem tinha passado uma noite em Nova York. Ele não sentiu ciúmes. Mas leu nas entrelinhas da divertida confissão, concentrada na mobília e no esquema de cores do apartamento do cara e na forma como Summer riu quando revelou que a casa não tinha um único livro à vista. Obviamente não foi nada sério, foi apenas para saciar uma vontade. Ele não podia esperar que ela virasse uma freira imaculada em um lugar como a Big Apple. Na verdade, estava feliz por ela se sentir segura o bastante para mantê-lo a par das pequenas aventuras sexuais que tinha.

Ela também contou a ele que planejava ir a uma aula de bondage com cordas na semana seguinte e pareceu bem animada com a ideia. Ele estava ansioso para ouvir o relato do evento e encorajou o envolvimento dela.

Ao mesmo tempo, Dominik sabia que não podia deixá-la solta nos Estados Unidos

por tempo demais.

Eles haviam renovado o laço que os unia, mas ele ainda era tênue e estava sujeito aos caprichos da distância e da coincidência. Dominik queria vê-la de novo, queria passar um tempo com ela. Ele sabia que Summer sentia-se da mesma maneira e que a noitada relativamente inocente com um estranho cujo nome ela parecia nem se lembrar tinha sido apenas um acidente, um quebra-galho até eles poderem estar juntos de novo. Tudo fazia parte das concessões necessárias se eles quisessem que o relacionamento desse certo.

Ele ligou para Summer e, finalmente, conseguiu falar com ela sem ter que deixar recados tediosos ou marcar um horário para uma conversa.

— Sou eu.

— Olá, você. — Ele conseguiu ouvir o prazer genuíno na voz dela. — Eu tive a sensação de que você ia ligar.

— É mesmo?

— É. Senti nos ossos.

— Só nos ossos?

— Talvez em outra parte também — acrescentou ela em tom de flerte.

— Olha, planejei ir a Nova York daqui a três semanas.

— Que maravilha.

— Para conversar com uma instituição sobre a possibilidade de aceitar uma bolsa em Nova York, o que quer dizer que eu talvez me mude para a cidade por nove meses. O que você acha?

Houve um momento de hesitação, quando ela sem dúvida percebeu que isso poderia ser um passo grande na aventura deles.

— Humm... Parece ótimo.

— Conto mais quando chegar aí, mas pode ser bem legal.

— Sim. — Ele conseguia sentir Summer se recolhendo em uma concha do outro lado da linha.

Dominik estivera prestes a sugerir que, se conseguisse a bolsa, eles poderiam encontrar um lugar para morar juntos enquanto ele estivesse na cidade trabalhando e pesquisando para o futuro livro. Contudo, deteve-se ao ouvir a hesitação na voz dela. Sim, seria um grande passo. Para os dois. Um experimento. Para o qual nenhum deles estaria pronto, de repente.

— E...

— E?

— É só uma ideia. Não tenho motivo para voltar correndo para Londres depois das entrevistas. Eu só teria que dar aulas depois do Ano-Novo. Eu poderia ficar aí e poderíamos ir para algum lugar nos Estados Unidos durante as festas de fim de ano. Você sempre fala sobre o quanto gosta de viajar e que há inúmeros lugares por aí

que sempre quis conhecer, não é?

— Temos uma apresentação marcada para a véspera de Natal — disse Summer.

— Não tem problema — disse Dominik. — Podemos pegar um voo no dia seguinte. Quem sabe para um lugar mais quente?

Ela não respondeu, como ele previa.

— Orquestras sempre ficam cheias desses concertos porcaria durante a temporada de festas — acrescentou ela. — Odeio o repertório, a música de segunda que o público sempre espera. Pra completar, vamos estar com um maestro convidado que vem de Viena. Valsas de Strauss, pompa e circunstância e tudo. Simón está feliz por não ter que se envolver.

— Quem é Simón? — perguntou Dominik.

— Nosso maestro. O permanente.

— Ah. Eu não sabia que ele estava na Symphonia agora. Li um artigo sobre ele. É da América do Sul, não?

— É. Está fazendo um ótimo trabalho. Vive a música muito intensamente.

— Como você?

— Acho que sim. Deve ser por isso que gosto de trabalhar com ele.

— Ótimo.

Houve uma pausa na linha. Dominik conseguia sentir a impaciência de Summer aumentando. Ela odiava longas conversas ao telefone.

— Quanto tempo você tem livre depois da véspera de Natal? — perguntou ele.

Ele conseguiu ouvi-la andar pelo pequeno quarto para olhar a agenda.

— Os ensaios seguintes são só no dia quatro de janeiro — respondeu ela.

— Perfeito — disse Dominik. — Mantenha esses dias livres.

Ele a ouviu suspirar.

— Eu faço os preparativos — disse ele, sabendo que ela gostava que fosse firme. Ele tinha que voltar a ser o mesmo de antes, e tinha todas as intenções de fazê-lo.

Passaram três dias inteiros no quarto de hotel dele em Nova York, sendo interrompidos por dois ensaios finais da orquestra, com quatro horas de duração cada, antes do concerto de Natal que encerraria a temporada. Summer temia que, assim como nos bailes de Londres, os músicos tivessem que usar chapéus engraçados e festivos, barbas de Papai Noel ou outros acessórios humilhantes para comemorar a ocasião, mas a direção ali parecia menos incomodada, e a única sugestão presa ao quadro de avisos era um possível ramo de visco nas lapelas ou nas tiras do vestido, e mesmo isso não era obrigatório. Já era ruim o suficiente que o repertório fosse composto quase em sua totalidade de música ambiente, uma coisa sem graça, basicamente feita para frequentadores de concertos do subúrbio que só

apareciam quando as luzes fortes do inverno brilhavam, ninguém realmente levando aquilo a sério. Gente que viajava de Long Island e Nova Jersey para a cidade para uma noite agradável depois de compras frenéticas na Macy's ou na FAO Schwarz.

Eles fizeram amor debaixo de fotos emolduradas de Ingrid Bergman e Marlene Dietrich mais jovens, penduradas na parede acima da cama. Por ter sido em cima da hora, Dominik não havia conseguido um quarto de luxo com cama king-size, e a cama de casal no quarto era meio estreita, de forma que eles tinham que dormir de conchinha. Certamente não era uma cama feita para alguém acima do peso, pensou Summer.

Ela podia tê-lo convidado para ficar em seu apartamento, embora tivesse ainda menos espaço, mas a ideia a deixava nervosa, como se a intimidade que isso pudesse envolver fosse maior do que foder durante horas sem fim até se sentirem exaustos.

Ela foi de um ensaio a outro, com a mente completamente vazia, indiferente à música e tocando no automático, ansiosa para terminar a tarefa e voltar para o calor reconfortante da cama de Dominik.

O quarto ficava em um andar diferente do hotel em Washington Square da última vez que ele esteve na cidade, mas sua configuração era a mesma. Era cor-de-rosa como ela se lembrava, mesmo sendo mais para roxo quando as cortinas estavam fechadas, como reparou agora. Era estranho como a memória podia mudar imperceptivelmente de maneira aleatória pelo espectro do arco-íris e um filtro curioso de emoções. O quarto agora havia se tornado um casulo familiar e delicado onde ela se rendia aos braços de Dominik e às suas palavras relaxantes por vontade própria.

O corpo de Dominik era um mapa pelo qual ela já havia viajado antes, com partes inexploradas e batimentos em delicada desordem. Seus sentidos estavam em alerta ao som da respiração dele sobre sua pele, ao toque dos dedos. Pareceu a ela (um pensamento intenso que percorria sua mente com muita frequência quando eles fodiam) que podia haver duas Summer diferentes envolvidas nesse jogo. A que ela conhecia, que se perguntava por que isso tudo não era o bastante, por que ela aceitava essa compulsão, essa necessidade de ter mais enquanto seu alter ego, diabólico e provocativo, sussurrava de forma traiçoeira em seu ouvido que devia haver mais na vida do que isso.

Mas o pensamento nunca durava muito, pois ela se entregava ao abraço vigoroso de Dominik.

Ele era seu homem. Por enquanto. Os braços dele prendendo-a na cama do jeito que ela gostava que os homens a controlassem sexualmente, o pau dele a preenchia com uma forma imperiosa de brutalidade e os sons que ele fazia quando estava dentro dela eram a mistura certa de afeição e luxúria animal. Era o bastante. Summer

sabia que precisava viver o momento. Porque momentos especiais assim nunca duravam para sempre.

— Me diz, me diz todas as coisas que você quer fazer comigo — ronronou ela quando outra estocada forte aumentou um pouco mais o fogo interior e Summer se sentiu tonta por um momento.

— Ah, tantas coisas, Summer. Tantas. Coisas ruins, coisas maravilhosas, coisas pervertidas, coisas perigosas. — As palavras saíram em intervalos. O peso do corpo dele apertava as costelas dela, limitando a respiração.

Ao olhar para ela debaixo de seu corpo, para os olhos firmemente fechados, a pele tão macia e flexível, em comunhão com o fluxo do desejo, Dominik sentiu uma leve onda de generosidade percorrer sua mente, superando as exigências tiranas do próprio pau, agora afundado dentro de Summer. Em momentos assim, ele sentia que podia morrer feliz onde estava, nesse quarto de hotel com o brilho noturno do arco que havia ali perto aparecendo pelas aberturas da cortina.

Ele ergueu o olhar, pois a visão do rosto dela foi quase demais por um instante, e Bergman e Dietrich sorriram enigmaticamente para ele.

Ele diminuiu o ritmo, quase parou, e Summer entreabriu os olhos, questionando a mudança. Ele não queria gozar ainda. Queria que isso durasse para sempre, queria ficar dentro dela, ser parte de Summer, sentindo a força implacável de sua rendição. De seu amor?

Os dedos de Dominik passearam com atenção delicada sobre a pele quente dela. Por baixo deles, os lençóis estavam embolados e úmidos de suor. Ele saiu rapidamente de dentro dela e mudou de posição, ajeitando a postura antes de voltar a penetrá-la. Enquanto as mãos dela seguiam dos ombros dele para as costas, as unhas arranhavam delicadamente a pele em uma espécie de massagem.

Ah, sim, havia tantas coisas que ele queria fazer. Agora não. Um dia. Com ela. Ele observaria o desconforto da sensação inicial de dor e depois a aceitação se transformando em prazer pelos grampos de metal ou pregadores de roupas que Dominik um dia inevitavelmente usaria para adornar os mamilos escuros dela. Ele mediria a intensidade da respiração dela quando seus dedos colocassem pressão no pescoço delicado e o corpo todo se convulsionasse com selvageria sob seu controle. Ah, Dominik, pensamentos perigosos, disse ele para si mesmo. Ele gostaria de romper o esfíncter dela com brinquedos e depois com o pau quando chegasse a hora, outro tabu que havia entre eles, como um limite... Chega, Dominik, chega...

Seus pensamentos estavam em disparada enquanto ele continuava a arremeter dentro dela, sentindo o prazer dela aumentar em uníssono com o seu, desacelerando seu progresso para acompanhar o dela da melhor maneira possível. Então ele sentiu Summer enfiando um dedo no orifício anal dele... PORRA... Ele gozou instantaneamente e com tanta violência que se preocupou brevemente em ter furado

a camisinha.

O gesto impulsivo o tomou de surpresa.

Com a respiração entrecortada, ele baixou os lábios até os de Summer e a beijou carinhosamente, tirando o suor da testa dela enquanto o fazia.

Estava claro que ele ainda tinha muito a aprender sobre Summer Zahova.

E aprenderia.

A entrevista com os integrantes da fundação que custeava a bolsa de estudos foi bem naquela tarde, e ele agora estava confiante de que a vaga seria dele. Dominik saboreou a perspectiva de passar nove meses inteiros com Summer em Manhattan. Olhou para o corpo nu dela, esticado na cama, aberto, pálido, exposto em toda sua intimidade. Tanto tempo, tantas coisas que agora eles podiam fazer.

A decisão formal sobre a bolsa seria divulgada no começo de janeiro, e, se fosse favorável, ele precisaria assumir a vaga pouco depois da Páscoa.

Ele estava prestes a dizer alguma coisa quando reparou que Summer tinha adormecido.

Dominik agradeceu o silêncio repentino, uma chance para pensar.

— Quero exibir você — avisou Dominik.

O concerto de Natal da Symphonia tinha passado, e acabou não sendo excruciante demais em seu excesso de alegria. Dominik tinha pedido a Summer que fizesse as malas com roupas suficientes para uma semana. Quando perguntou para onde eles iam, tudo que ele disse foi que a expectativa de temperatura era branda.

— Mas acho que não vai ser necessário levar roupa de banho — acrescentou ele.

No entanto, Dominik não conseguiu manter o destino em segredo por muito tempo depois que chegaram ao aeroporto. LaGuardia estava lotado de pessoas correndo em todas as direções, pois a temporada de festas estava a pleno vapor. Era de imaginar que a maioria das pessoas já estaria em seu destino antes do dia de Natal, em vez de andando pelos terminais feito galinhas sem cabeça, mas não era esse o caso. Dominik e Summer, viajantes oportunistas a lazer, sem reunião familiar à vista, conseguiam sentir o pânico e o desespero na maior parte dos outros viajantes, olhares ansiosos para os painéis e caretas cada vez que um anúncio nos alto-falantes avisava sobre um atraso em algum lugar do continente por causa do mau tempo ou por qualquer outro motivo.

Ela teria preferido não saber para onde ele a estava levando, um tour mágico e misterioso, mas, quando despacharam a bagagem, não havia como escapar da informação: o voo deles (e, com sorte, a bagagem também) ia para Nova Orleans.

Era uma cidade sobre a qual ela tinha lido muito em livros e que sentia quase conhecer graças a variedade de filmes que se passaram nela, um pouco como Nova York. Quando pousou em Nova York pela primeira vez, ela descobriu que Manhattan e os outros distritos eram bem mais do que a soma das partes, e que entre a imagem e a realidade faltava um elemento sutil: a vida e seus sons, cheiros e cores. E pessoas. Ela esperava que Nova Orleans se mostrasse uma revelação similar.

Dominik tinha visitado a Crescent City em várias ocasiões anteriores, mas antes de a destruição do furacão Katrina abater Nova Orleans, e tinha lembranças agrídoces de lá. Enquanto o táxi passava de cruzamento em cruzamento no French Quarter, o bairro francês, tentando chegar ao hotel debaixo da forte chuva, a vista do lado de fora das janelas fechadas do veículo pareceram familiares. As luzes, as varandas de ferro fundido, os terraços com magnólias penduradas, a inebriante mistura de música e risadas no ar.

Só mais tarde, quando já tinham tomado banho, trocado de roupa e saído para fazer sua primeira refeição desde que chegaram, foi que as pequenas diferenças ficaram aparentes. Havia menos pessoas, como um set de filmagens economizando em figurantes, avisos em muitas vitrines e portas de bares e restaurantes em busca de funcionários novos, abridores de ostras, auxiliares domésticos.

— Não se parece em nada os Estados Unidos — comentou Summer, com os olhos indo em todas as direções, tentando se localizar.

— Eu sei — disse Dominik. — É bem diferente.

— Não tive a oportunidade de viajar muito pela Europa além de um fim de semana prolongado em Paris, mas Nova Orleans também não se parece muito europeia, não é? — perguntou ela.

Ela estava com um vestido branco fino e comprido e com mangas cavadas, preso na cintura por um cinto vermelho e calçava sandálias de salto baixo. A chuva tinha parado, e a atmosfera era abafada, um tanto claustrofóbica, guardando futuras tempestades.

— É uma mistura de diversas influências — confirmou Dominik. — Francesa, espanhola, creole, inglesa colonial. Muitos dos primeiros colonizadores eram acadianos, vindos do Canadá, refugiados da intolerância religiosa. É um curioso caldeirão histórico.

— Já gosto daqui — comentou Summer.

— Pena que o tempo esteja tão ruim hoje. Não é a introdução perfeita à cidade.

— Não me importo.

— De acordo com a previsão, não teremos chuva nos próximos dias — disse ele.

— Ótimo.

Por Dominik não ter informado a ela o destino, Summer estava com medo de não ter levado roupas apropriadas.

— Lembra-se do Oyster Bar debaixo da Grand Central Station? — perguntou ele com um sorriso gentil se espalhando nos lábios.

— É claro — disse Summer. — Você sabe o quanto eu amo ostras.

— Aqui é o lugar certo para comê-las. E lagostim. Camarão. Gumbo. Vamos ter um banquete permanente.

Havia uma fila grande do lado de fora da Acme Oyster House, na esquina de Iberville e da Bourbon, e nenhum dos dois tinha tomado café da manhã em Nova York, além de terem recusado a comida do avião. Assim, guiados pelo apetite, eles andaram dez minutos pela rua principal e encontraram uma mesa na janela do Desire, o restaurante de ostras do elegante Sonesta Hotel.

A senhora que trabalhava de garçonne levou pão quente e manteiga para eles enquanto escolhiam.

— Você vai ver — disse Dominik —, eles servem um molho que é uma mistura de ketchup e rábano com as ostras cruas. Inicialmente, fiquei com o pé atrás pelos prazeres da culinária com ketchup, mas a combinação faz maravilhas. Se você quiser o molho ainda mais forte, pode acrescentar mais rábano. É forte, mas se mistura lindamente com o sabor e com a consistência da carne da ostra. Também coloco umas gotas de limão e um pouco de pimenta. — Ele demonstrou um momento depois, quando a garçonne levou um prato grande para a mesa deles. Dominik levou a primeira das enormes ostras à boca e engoliu de uma vez.

Depois de observá-lo com atenção, Summer seguiu o exemplo.

Em pouco tempo o prato era coisa do passado, um campo de batalhas de conchas vazias sobre um fundo de gelo moído.

Summer também colocou algumas gotas do forte Tabasco no trio final de ostras, e sua garganta parecia estar pegando fogo enquanto tomava com vontade o copo de água gelada para aplacar a ardência.

Ela olhou para Dominik e o viu limpar o canto da boca com o guardanapo enquanto a devorava com os olhos. Não conseguiu deixar de dar um sorriso também.

— Se eu não soubesse, diria que o modo como me olha me faz pensar que também quer me comer com as ostras, como um aperitivo. Sei que elas são supostamente afrodisíacas, mas lembre-se, já estou na sua cama. Não há mais necessidade de me atrair pra ela — disse Summer de brincadeira.

— E eu não sei disso? — replicou Dominik.

Os dias seguintes foram ocupados pelas atividades turísticas obrigatórias: pegar o

bonde até o Garden District e ir ao Audubon Park, dois passeios de barco pelo rio Mississippi para conhecer os pântanos e os crocodilos relutantes em se mostrar, peregrinação a incontáveis cemitérios e museus de vodu, tomar café com *beignets* no meio da noite no Café du Monde, aberto 24 horas, na Jackson Square. Isso depois de horas deliciosas fazendo amor no quarto de hotel, com membros e almas cansadas precisando se recuperar, caçar badulaques no French Market, e mais comida, comida gloriosa, e caminhadas sem destino específico pela Bourbon Street ouvindo o som duelante de música saindo de bar após bar, uma louca colcha de retalhos unindo jazz, folk, zydeco, soul e todas as variações de melodia.

Na esquina da Royal Street, os garotos engraxates sapateavam de acordo com suas vontades, e no cruzamento da Magazine Street com a Toulouse, um músico cego tocava acordeão enquanto uma garota magrela e hippie, com uma galeria de tatuagens nos dois braços, o acompanhava no violino. Ela não era páreo para Summer, nem no talento, nem na aparência, mas Summer insistiu em deixar uma gorjeta exagerada para ela, tirando de Dominik todas as moedas inúteis que havia em seus bolsos por pura solidariedade.

Dominik estava visivelmente agitado. Ele já havia feito tudo isso antes. Ele conseguia sentir seu desconforto aumentando, assim como Summer.

Faltava um dia inteiro para a véspera de Ano-Novo. Dominik tinha conseguido uma reserva muito concorrida no Tujague's, no salão de jantar do primeiro andar com acesso à varanda, perto da Jackson Square e do Jax Brewery, onde o baile tradicional aconteceria do nível da rua até o telhado ao toque da meia-noite, para trazer o Ano-Novo. Era uma das reservas mais concorridas na cidade, que o restaurante costumava restringir a clientes regulares e pessoas importantes do Rotary Club.

Summer saiu do banho enrolada em uma toalha macia e branca que mal chegava ao alto da coxa e dava um vislumbre provocador da boceta. Dominik estava sentado na cama lendo e ergueu os olhos do papel para fixá-los nela. Summer olhou para baixo e reparou no quanto a toalha era curta. Ela fez um esforço para esticar o tecido, mas só conseguiu puxar a toalha branca e grossa para baixo, e os seios pularam para fora. Dominik sorriu.

— Tímida? — comentou ele.

— Está um pouco tarde para isso, sem dúvida — disse ela.

Ele ficou olhando fixamente para ela, mergulhado em reflexões, inescrutavelmente pensativo.

Summer olhou pela janela para verificar o tempo. O céu estava cinza, mas ela sabia que estaria quente o bastante para andar de blusa de manga curta, pelo menos

até a noite.

— O que você quer que eu use hoje? — perguntou ela.

Os olhos dele se iluminaram com intenções maldisfarçadas.

— Nada.

Summer soltou a toalha e deixou que caísse no chão.

— Assim?

— Perfeito — disse Dominik. Ele tirou o cobertor de cima do corpo, revelando o pau meio endurecido, e começou a se acariciar.

Summer iniciou um movimento para se aproximar da cama.

— Não!

— Você não quer que eu ajude? — sugeriu ela.

— Não. Fique aí. Como está.

Ele afastou mais as pernas e continuou a acariciar o pênis esticado, com a haste grossa na palma da mão e o polegar deslizando simultaneamente pela glândula roxa. Suas bolas pareceram aumentar de tamanho enquanto ele brincava consigo mesmo, com os olhos grudados na nudez dela. Summer se lembrou daquela primeira noite na casa dele em Londres, da forma como ele pediu que ela se masturbasse. Ela tremeu.

A respiração dele logo ficou ofegante.

Summer baixou a mão e levou aos lábios de baixo, mas novamente ele ordenou que ela ficasse parada. Ele não queria que ela se desse prazer. Ela tinha de observá-lo. Em silêncio.

Houve um momento, congelado no tempo, em que a luz da abertura na janela bateu na ponta do pau duro, como uma linha de fogo dividindo a extremidade em forma de cogumelo, as bolas prestes a explodir, e então o momento passou e Dominik gozou.

Ele soltou um suspiro profundo.

— Venha — disse ele, assentindo para Summer com a cabeça.

Ela se mexeu.

— Me lamba até não sobrar nada — disse ele.

Ele tinha gosto de ostras e rábano e de todos os pecados sob o sol. Ela estava desesperadamente faminta de novo. A cintura dela pagaria por isso.

Eles saíram da House of Blues em Decatur pouco antes da meia-noite. A banda era boa e Summer se imaginou no palco com eles, improvisando com solos de violino. Fazia meses que ela não tocava nada que fosse de natureza não clássica, alguma coisa improvisada, natural, com variações. Sentia falta dessa liberdade agora que fazia parte de uma orquestra.

As pessoas se espalhavam pela calçada do lado de fora do local. Com o canto do

olho, ela reparou em Dominik conversando com um passante, um homem alto com uma jaqueta listrada, calça jeans cheia de buracos estrategicamente posicionados e botas de bico fino de couro preto. Ele não pode estar comprando drogas, pensou Summer. Não era o estilo de Dominik.

Os dois homens se separaram, mas ela não conseguiu deixar de vê-los apertarem as mãos junto à passagem de algumas notas verdes.

— Quem era aquele? — perguntou ela quando Dominik se aproximou.

— Um morador. Eu precisava de informação.

Ela reconheceu o brilho nos olhos de Dominik. Ele já o tinha visto antes.

Eles conseguiram um táxi na Canal Street, e Dominik sussurrou o destino para o motorista. Summer estava se sentindo sonolenta depois dos coquetéis enganosamente fortes que tomou no clube enquanto ouvia a música. Depois de algumas quadras, ela fechou os olhos rapidamente. Quando tornou a abri-los, viu que tinham atravessado a Bourbon Street para bem além do ponto até onde costumavam ir em caminhadas noturnas, e agora estavam entrando em uma zona de relativa escuridão em comparação às vias bem-iluminadas com as quais havia se acostumado.

O táxi finalmente parou em frente a um prédio anônimo com portão de metal. Dominik pagou o motorista, e, quando o carro começou a desaparecer ao longe, Summer sentiu o peso do silêncio nos ombros. Isso tudo era tão diferente de Nova Orleans. Havia uma campainha mal-iluminada à direita da porta, que Dominik apertou. O mecanismo eletrônico do portão foi acionado e ele empurrou a porta.

Agora eles estavam em um pátio grande, com uma área de prédios menores ao redor.

— Aqueles eram os aposentos dos escravos — disse Dominik, apontando para as casas ao longe. — Há muitos anos, é claro.

Ele segurou a mão de Summer e a levou para a casa central, que surgia na escuridão e era visivelmente bem maior do que as outras, uma estrutura de três andares com uma varanda de madeira e uma escadaria branca que levava à entrada. Raios de luz saíam das laterais de algumas das janelas do andar de baixo e do primeiro andar.

Eles subiram os degraus e a porta da frente se abriu. Um homem negro grande e de cabeça raspada usando um smoking impecável os cumprimentou e os avaliou simultaneamente. Depois de aprovados, eles foram levados para dentro. Em uma mesa baixa ao lado da escada que levava aos andares superiores havia uma bandeja com taças de haste longa. O recepcionista imponente lhes serviu champanhe e pediu que esperassem antes de desaparecer por uma porta lateral.

— Que lugar é este? — perguntou Summer, bebericando o champanhe. Era champanhe bom. Dominik não tomou.

— Um clube de strip, na verdade, mas bem particular.

— Clube de strip?

— Bastante exclusivo — acrescentou Dominik. — Houve uma época em que acontecia de tudo em Nova Orleans, mas ao longo dos anos as coisas ficaram mais comerciais e domesticadas. Casas de strip na Bourbon Street apresentavam garotas sem vestir nada da cintura para baixo, mas atualmente não é mais assim. Elas só chegam a ficar de tanga ou de calcinha. Também virou algo de qualidade duvidosa e exploradora. Ouvi falar que aqui é o lugar certo.

— Onde acontece de tudo? — sugeriu Summer, com a pele formigando de um desejo familiar.

— Exatamente.

— Já fui a shows assim antes — disse Summer — e gostei. Só espero que não seja cafona — acrescentou ela.

— Me disseram que não é — disse Dominik.

Uma mulher se aproximou. Ela estava com uma máscara no rosto e o cabelo, preto como carvão, caía por seus ombros como uma capa de seda. Seu vestido era grudado no corpo, de veludo vermelho e com mangas compridas, de aparência vintage, que só mostrava o pescoço e um par de tornozelos incrivelmente finos sobre perigosos sapatos de plataforma.

— Sou sua anfitriã esta noite. Por aqui, por favor — disse ela, e apontou para a escada.

Se havia uma coisa que Dominik odiava era vulgaridade. Ele esperava que esta noite não fosse constrangedora.

As mesas nas quais os clientes se sentavam formavam um semicírculo de frente para um palco improvisado do tamanho de um ringue de boxe. Havia cinquenta espectadores, no máximo, e Dominik reparou que, fora Summer e ele, só havia mais três casais na plateia. Cada mesa se mantinha reservada e seus ocupantes mal olhavam para os outros presentes.

No começo, tudo estava escuro, e então um holofote branco brilhou com intensidade no centro do palco improvisado. No intervalo de um piscar de olhos, escuridão total de novo, seguida imediatamente pela luz brilhando mais uma vez e uma jovem no meio do sol recentemente criado, uma aparição do nada.

Ela era majestosamente alta. A cabeça era uma selva de cachos louros no estilo medusa e a pele era como alabastro. Ela só usava uma túnica de algodão inacreditavelmente fina, quase transparente na intensidade do holofote que brilhava sobre ela e destacava a fragilidade de sua cintura de boneca, além das avenidas infinitas que eram suas pernas. Ela estava descalça.

A princípio, ela ficou imóvel como uma estátua, enquanto os espectadores recuperavam o fôlego.

Em seguida houve um leve zumbido quando o aparelho de som foi ligado, com o ruído indistinto de estática.

— Meu nome é Luba. — Eles a ouviram sussurrar. Sotaque russo, voz de intimidade. O som dos alto-falantes os rodeava, e pareceu a todos os presentes que a voz pré-gravada era um presente pessoal, apenas para os ouvidos deles. Dominik sentiu a mão de Summer soltar o copo e apertar sua coxa debaixo da toalha da mesa. A mulher era linda, assim como a pura teatralidade do evento.

A música começou.

Clássica. Uma cascata impressionista de notas suaves e delicadas que lembrou Dominik do mar e da superfície brilhante de águas revoltas.

— Debussy — disse Summer baixinho.

Luba ganhou vida. Piscou um olho; um ombro se moveu imperceptivelmente; um pé se ergueu do chão; uma das mãos se mexeu, com dedos se desdobrando como flores desabrochando.

Ela dançou com a graça de uma bailarina treinada e a provocação calculada de uma prostituta, parecendo totalmente alheia à plateia, como se a arte de se despir e provocar fosse uma coisa essencialmente particular que fazia apenas para si mesma, uma jornada pessoal para as profundezas de seu prazer.

— Ela está em alfa — sussurrou Summer para Dominik, os dois hipnotizados pela artista.

Luba rapidamente tirou o traje transparente que vestia. A intensidade do holofote ao qual ela se deixava aprisionar a fez parecer mais branca do que o puro branco, o único toque de cor era o rosa dos mamilos nos seios pequenos e firmes e as leves demarcações da genitália nua. O corpo dela se espalhava como leite na melodia trêmula do compositor francês. Dominik não pôde deixar de reparar na pequena tatuagem que ela exibia 2 centímetros acima da boceta, uma pequena flor azul, ou talvez fosse uma imagem em miniatura de uma improvável arma, pois parecia mudar a cada movimento de seu corpo antes de ele conseguir se concentrar completamente. Por que ela teria o desenho de uma arma ali, marcada profundamente no corpo, onde a pele era mais secreta?, ele se perguntou.

Ele sabia tão pouco da vida dos outros.

Mas estava sedento por saber.

Qual poderia ser a história de Luba?

Os dedos de Summer roçando o nó denso dentro da calça dele o levaram de volta à realidade. Até ela estava excitada pelo show.

A dançarina russa se contorceu em posições impossíveis com a elegância de uma pomba voando, sem se deixar afetar pela intimidade que exibia no processo de

entrega tão liberal, como o círculo enrugado marrom-claro do ânus, as profundezas cor-de-rosa nacaradas quando ela estava com as pernas abertas ou em movimento atlético. Seu rosto permaneceu impassível, majestoso em seu distanciamento, superior.

Dominik reconheceu os acordes finais da melodia de Debussy e suspirou, lamentando por essa performance não poder prosseguir para sempre. Os dedos de Summer permaneceram no mesmo lugar, e ele conseguia sentir os batimentos do coração dela pelo calor dos dedos. Ele se inclinou na direção dela e levou os lábios aos ouvidos de Summer.

— Um dia, talvez eu peça a você para subir em um palco e se mostrar dessa forma tão devassa e linda, Summer. Você gostaria?

O calor subiu visivelmente pelas bochechas dela quando as palavras tentaram seguir para os lábios, mas não conseguiram; uma onda crescente de emoções borbulhava dentro de Summer. Aquilo foi resposta suficiente para Dominik.

Quando as notas finais da música soaram e os movimentos de Luba ficaram mais lentos ao entrar em uníssono, suas costas se empertigaram, suas pernas se uniram de novo e as nádegas se apertaram e se firmaram, Dominik reparou com o canto do olho que a anfitriã de máscara e vestido de veludo vermelho se aproximava do palco e da dançarina assim que esta parou e voltou a ser uma estátua viva.

O holofote desapareceu de repente, deixando o pequeno palco em escuridão total outra vez.

Nenhum dos outros espectadores nas outras mesas dava sinal de se mover. Talvez a performance não tivesse acabado.

O sistema de som ganhou vida de novo.

— Mostrem sua apreciação por Luba — disse uma voz feminina, quebrando o encanto, e os espectadores espalhados começaram a aplaudir a performance devagar a princípio, e mais alto quando uma pequena silhueta voltou nas pontas dos pés para o palco.

Era Luba. A dançarina.

Ela agora estava enrolada em um roupão de oncinha, com o formato do corpo obscurecido, e muito menor do que parecera na luz intensa do holofote central.

— Ela parece pequena agora — comentou Summer.

— Você dança bem? — perguntou Dominik.

— Não tão bem quanto ela — disse Summer.

— Eu queria ver você dançar.

— Sou desajeitada. Não tenho ritmo nem sou graciosa.

— Tenho certeza de que é ótima. Você é musicista. Está no sangue, não?

— Você ficaria surpreso.

Dominik tomou um gole da bebida. Os acordes do hipnotizante “Bolero” de Ravel

estavam começando a soar pelos alto-falantes enquanto a música de fundo sumia. Ele se perguntou se haveria outra artista ou se a enigmática Luba voltaria a se apresentar.

Dominik olhou nos olhos de Summer e decidiu. Sim. Era isso. A onda familiar de poder correu por seu coração.

— Foi bem bonito — disse Summer por fim. — Não era o que eu esperava. Eu tinha medo que fosse alguma coisa meio sórdida. Mas não foi.

Ela pegou a taça de champanhe.

A anfitriã andou até a mesa deles.

— Espero que tenham gostado do show — disse ela.

— Gostamos — respondeu Dominik. Ele não sabia o que dizer.

— Só empregamos artistas de fora da cidade — disse ela. — Geralmente russas. Elas são muito bem-criadas. Têm uma linda estrutura óssea — acrescentou ela. — As garotas locais não têm a mesma finesse. Luba, por exemplo, parece confortável com a própria nudez.

— Minha companheira aqui também — comentou Dominik, assentindo na direção de Summer. — Incrivelmente à vontade. — Apenas saiu, como se o diabo o tivesse feito dizer as palavras, cimentando os pensamentos anteriores sobre Summer dançar.

— E é muito bonita também, não tenho dúvida — disse a mulher mais velha de vestido vermelho, examinando Summer com interesse renovado.

Ele não conseguiu resistir.

— Vocês aceitam contratações particulares?

— Poderia ser negociado — disse a anfitriã.

— Amanhã, talvez? Depois das comemorações de Ano-Novo?

Summer estava se mexendo com desconforto na cadeira. A maior parte dos outros espectadores já estava indo embora.

— Temos um jantar marcado para a virada do ano, mas poderíamos marcar aqui por volta de uma da madrugada? — sugeriu Dominik.

— Seria bom — disse a mulher. — Quantas pessoas você gostaria na plateia? — perguntou ela a Dominik.

— Como hoje. Não muita gente. Íntimo. Discreto, é claro.

A anfitriã se virou para Summer.

— E você está disposta a se apresentar, senhorita? Sabe que a escolha é sua?

Summer estava apertando a beirada da mesa com os dedos. Ela afastou os olhos de Dominik.

— Sim — disse ela com o máximo de firmeza que conseguiu reunir.

— Só uma dança ou... mais? — perguntou a mulher para Dominik.

— De que... “mais” consistiria? — indagou ele.

— Você é um homem de imaginação. Eu deixaria isso para você avaliar — disse a

mulher com um sorriso sugestivo.

Dominik refletiu.

— Acho que só a dança — disse ele por fim, dando um olhar de lado para as feições pálidas de Summer.

Summer prendeu a respiração.

— Nossos artistas também se apresentam em particular — disse ela. — É do seu interesse?

O coração de Summer agora batia loucamente, com o medo inicial diminuindo e um novo tipo de nervosismo invadindo seu corpo.

— Acho que eu gostaria de ver apenas minha companheira dançar — concluiu Dominik. — Neste palco. — Ele indicou com um gesto de cabeça.

— Ótimo — disse a mulher. — Podemos discutir os detalhes então?

Ela indicou para Dominik que eles deviam se afastar um pouco, para longe de Summer, para conversar sobre a parte financeira.

A negociação foi curta e Summer reparou em Dominik entregando um dos cartões de crédito e na anfitriã passando-o por um pequeno terminal portátil.

Quando a transação foi acertada, a anfitriã de vestido de veludo vermelho desceu as escadas com eles.

— Vamos fornecer o traje da senhorita para a ocasião — disse ela. — Estou confiante de que podemos apresentar uma variedade de roupas que ficarão lindas nela. Precisamos de uma hora até a apresentarmos para o público. Assim, haverá uma oportunidade de ajustar um ponto aqui ou ali se necessário.

— Parece perfeito — disse Dominik.

Ela abriu a porta para que eles saíssem para a parte escura da Bourbon Street. Estava bem mais frio agora.

— Ah, senhor?

— Sim?

— Alguma preferência musical?

Dominik viu o olhar no rosto de Summer, um brilho que demonstrava expectativa e medo, como se ela estivesse implorando para que ele dissesse a coisa certa.

— *As Quatro Estações* de Vivaldi.

— Boa escolha — disse a anfitriã. — Aguardo ansiosamente por amanhã.

À meia-noite, depois que a bola concluiu a subida, os fogos de artifício foram acesos nas barcas no centro do rio Mississippi e Dominik e Summer assistiram a tudo do abrigo da varanda do Tujague, as multidões gritavam embriagadas.

À meia-noite, ele a tomou nos braços e a beijou. Foi um gesto simples, mas a atingiu no coração.

Se as coisas pudessem ser simples assim, se isso bastasse, pensou Dominik. Agora, eles tinham um compromisso.

Dançando no escuro

Eu queria dançar nua, mas a organizadora do show não quis nem saber.

Ela era uma mulher imponente, ainda usando seu vestido vermelho e a máscara com nariz em formato de bico. A máscara me dava arrepios. Ela parecia um *medico della peste* dos ricos, tirada das páginas dos livros de história, mas eu a segui mesmo assim para o camarim nos bastidores, onde todos os figurinos ficavam guardados.

O aposento era cavernoso e pintado de vermelho-escuro, feito um útero. Tinha pé-direiro alto e era grande, com vestidos de noite por todas as paredes em uma grande variedade de cores. Havia vestidos de seda e robes feitos de contas com sapatos combinando, sapatos de salto agulha e elegantes sapatilhas de balé ao lado de acessórios de dança, leques de penas e até uma grande gaiola dourada pendurada no teto. Dentro da gaiola havia uma mulher vestida de branco, como uma pomba, observando os acontecimentos abaixo com curiosidade.

Eu olhei para ela.

— Não preste atenção. Ela está ensaiando pro show de amanhã à noite — disse a mulher mascarada com impaciência. Ela esticou a mão, indicando a enorme variedade de roupas disponíveis para mim. — Você precisa usar alguma coisa.

— Prefiro dançar nua.

Eu queria entrar no palco à minha maneira, não me desvelando para satisfazer uma audiência voyeurística, principalmente porque eu achava muito difícil tirar um vestido com graciosidade. Não, se eu ia ter de dançar nua, queria começar nua, como se não estivesse removendo nada em virtude de quem estava assistindo. Nem mesmo de Dominik.

Ficamos nos encarando em um impasse silencioso. Sustentei o que eu pensava ser o olhar dela, mas era difícil saber em que direção ela estava olhando por baixo da máscara.

— Você vai usar isto — disse ela depois de um tempo, ignorando meu sorriso de satisfação por ter vencido a discussão, e me entregou uma caixa de madeira forrada de veludo negro e cheia de vários adornos: dois anéis de pressão para os mamilos presos a outros anéis similares para cada lado dos meus grandes lábios e um

pequeno plugue anal. Cada um tinha uma pedra vermelha, quase da mesma cor do meu cabelo. Ela segurou um dos anéis de mamilo debaixo da luz e o balançou de um lado para o outro, para mostrar a forma como a pedra reluzia e brilhava.

Eu recusei o plugue anal, mas ela insistiu.

— Seu benfeitor preferiria que você usasse.

Será que isso significava que Dominik a tinha instruído a sugeri-lo para mim, ou será que era ideia dela?

Ela colocou cada um dos adornos no meu corpo, incluindo inserir o plugue com um pouco mais de força do que necessário, talvez como punição pela minha insolência ao me recusar a usar uma das fantasias dela.

Se a mulher na gaiola tinha visto o que aconteceu entre nós, não disse nada, mas eu estava bastante ciente do olhar dela de lá de cima.

Os anéis doíam um pouco, principalmente os dos mamilos, mas era o tipo de dor que chegava bem perto do prazer.

Segui a mulher por outro corredor, que levou a uma cortina de veludo, a abertura que me conduziria ao palco. Prendi o fôlego torcendo para que, se eu ficasse parada tempo o suficiente, talvez a coisa toda fosse esquecida ou Dominik mudasse de ideia. Eu ainda não havia planejado o que faria quando a música começasse.

A senhora de máscara colocou a mão nas minhas costas e me empurrou pela cortina.

A princípio não havia nada além da escuridão.

Em seguida, um holofote se acendeu do nada, um raio intenso iluminando meu corpo como o feixe implacável de um sol artificial.

O brilho era cegante.

Procurei Dominik em nossa mesa à direita, mas não conseguia ver nada além da luz do palco se refletindo nos meus olhos.

Então a música começou.

Ergui os braços imediatamente, por puro instinto, como se para segurar um arco e um violino.

E então, fiquei imóvel. Sou uma musicista, não uma dançarina. No entanto, fiquei grudada no chão, presa nos confinamentos da instrução de Dominik, como se ele tivesse me prendido a cordas invisíveis, feito uma marionete. Quando pensei nele, as cordas começaram a se mexer. Primeiro um braço e depois o outro. Comecei a me balançar, a dançar, mais rápido ao ritmo de “Primavera”, mais devagar na batida de “Outono”.

Acabou antes de eu começar a perder o fôlego, e o palco mais uma vez voltou à escuridão. Senti a mão fria de alguém segurar a minha e me levar para o camarim.

— Você foi bem — disse a senhora, ainda de máscara.

Lamentei tirar os acessórios e decidi comprar grampos de mamilo para mim na

próxima oportunidade. Seriam mais fáceis de usar sob as roupas do que um espartilho, e certamente bem menos trabalhosos para colocar de manhã.

O rosto de Dominik estava ligeiramente corado quando voltei para nossa mesa. Seus olhos castanho-esverdeados brilhavam tanto quanto as luzes do palco.

Achei que ele seria capaz de me possuir na traseira do carro a caminho do hotel, sob o olhar do motorista pelo espelho retrovisor, mas Dominik estava estranhamente quieto, apesar do desejo de me exibir em público. Ele preferia ter a mim à sua própria maneira, e isso não incluía trepar no banco de trás de um táxi que percorria lentamente a multidão que ainda recebia o Ano-Novo no French Quarter.

Dominik olhava pela janela do lado dele, assimilando os últimos momentos de Nova Orleans, esticando o pescoço para ver os últimos fogos, fontes de cor iluminando o céu. Aproveitei a oportunidade para ver as mensagens de texto no meu celular, os cumprimentos tradicionais de Ano-Novo vindos de amigos distantes com quem eu não falava havia meses. Uma das minhas melhores amigas da Nova Zelândia nasceu na véspera de Ano-Novo, e durante grande parte de uma década, antes de eu me mudar, passei todos os dias 31 de dezembro em sua companhia, geralmente em festas na casa dela, bêbada de espumante barato e comprado por menores de idade, e anos depois desfrutando de bebidas mais caras e coquetéis de todos os tipos quando terminamos a escola e começamos a trabalhar. Estava cheia de culpa porque, pela primeira vez desde que nos conhecemos, eu havia me esquecido de mandar um feliz aniversário. Eu vinha evitando todos os meus amigos da Nova Zelândia, com medo de que me achassem mudada e de que não gostassem ou aprovassem a nova Summer.

Simón tinha me mandado um recado. “Feliz Ano-Novo! Espero que 2013 traga tudo que você sempre quis.”

Se eu ao menos soubesse o que quero.

Dominik se inclinou e apoiou a mão delicadamente no meu joelho. Desliguei o celular e o recoloquei na bolsa. Eu responderia de manhã.

— Você foi perfeita — disse ele quando entramos pela porta. — Minha própria puta em suas joias. Como você se sentiu?

— Estranha. Como se nós dois fôssemos as únicas pessoas no lugar, embora eu não conseguisse ver você. Eu não conseguia ver ninguém com aquela luz.

Ele passou o braço ao redor do meu corpo, enfiou a mão sob meu vestido e passou o dedo pela abertura da minha bunda.

— Não pude deixar de reparar no plugue anal. Foi além das minhas instruções. Escolha sua ou da mulher?

— Dela.

— Você gostou?
— Gostei. Fiquei com medo de cair, mas não havia chance disso acontecer.
— Talvez eu compre um e faça você usar nos seus ensaios.
— Eu posso ter dificuldade em me concentrar.
— Você daria um jeito, não tenho dúvidas. Faria você pensar em mim quando estou longe, não é?

Dominik se abaixou e me pegou no colo, me carregou até o quarto e me jogou na cama sem cerimônia, com o rosto para baixo. O quarto tinha um cheiro intenso de sexo, embora a camareira tivesse passado lá durante o dia para trocar os lençóis. Nossa atividade sexual perpétua tinha aromatizado o ar, deixando-o grudento e doce, feito a energia úmida de um dia quente pouco antes de a chuva cair.

Ele empurrou a parte de baixo do meu vestido até a cintura e permaneceu de pé entre minhas pernas. Afastou minhas coxas, ficou de joelhos, separou as minhas nádegas com as mãos e passou a língua na minha abertura e no meu períneo. O hálito dele estava quente e a língua, incansável. Eu me contorci, um pequeno protesto por essa exploração íntima, mas ele colocou a mão na minha lombar e me segurou com firmeza para continuar a lamber.

Em seguida foi um dedo, depois outro, abrindo meu cu mais do que o pequeno plugue anal que a mulher do clube tinha inserido. Esta noite ele foi cruel e silencioso, e o silêncio era resultado de intensa concentração. Meu rosto estava afundado nos cobertores, mas eu conseguia imaginar Dominik me olhando de cima, cutucando meus pontos de prazer com o que parecia ser um distanciamento curioso. Ele não usou nenhum lubrificante além da umidade da língua, que se deslocou mais para baixo e massageou minha boceta, enviando ondas de prazer pelo meu corpo. Conforme minha respiração foi ficando mais profunda e menos regular, ele retirou os dedos, segurou meus quadris e me puxou para perto dele, enfiando o pau dentro de mim e caindo sobre minhas costas com um gemido sem esperar que eu chegasse ao clímax.

Esse era o Dominik de quem eu mais gostava; intenso, rude, tomado pelo desejo a ponto de não conseguir pensar.

Comemoramos nossa última noite em Nova Orleans com mais ostras. Eu tinha comido ostras o bastante até nos encontrarmos novamente, mas acho que nenhuma quantidade de sexo que conseguíssemos encaixar entre nosso jantar e o check-out do hotel preencheria o vazio da iminente ausência dele.

Ele tinha me fodido até minha pele ficar sensível, e eu a ele, mas isso não impediu Dominik de me penetrar uma última vez antes de sairmos. Ele colocou a mão na porta do quarto do hotel para voltar a fechá-la assim que a abri, depois prendeu

meus pulsos acima da cabeça com uma das mãos, puxou minha calcinha com a outra e me comeu de novo por trás.

Minha boceta latejou durante todo o voo, um lembrete físico vívido de Dominik, perturbando meu flerte com o homem bonito no assento ao lado.

Nós nos separamos no aeroporto, pois ele estava em outro voo de volta a Londres, via Chicago, para tirar vantagem da noite extra em Nova Orleans em vez de voltar comigo para Nova York e de lá ir para casa.

E aí teríamos de esperar para saber o resultado da candidatura dele à bolsa da biblioteca.

A ideia de ter Dominik permanentemente em Nova York me enchia metade de prazer, metade de preocupação. Estava muito acostumada à minha independência e gostava de ter todo o tempo do mundo para ensaiar, conhecer pessoas novas, passar meus dias fazendo o que quisesse, sem ter obrigação com ninguém.

Marija pulou na hora que entrei pela porta, ansiosa para saber cada detalhe de nossos poucos dias juntos. Ela foi muito sem tato, mas considerando que não fazia nenhum esforço para controlar os sons do amor noturno com Baldo, acho que eu não deveria ter ficado surpresa.

— E no sexo, ele é bom?

— Marija! — protestou Baldo do sofá, onde estava deitado preguiçosamente, usando apenas uma cueca apertada e com os pés apoiados no braço do assento. Ele era tão peludo que podia ser confundido com um cobertor, o que explicava por que estava tão pouco vestido em Nova York em janeiro.

— Ele é muito bom.

— É grande? — Ela colocou a mão na virilha e fez uma mímica do que parecia ser uma tromba de elefante.

Ergui as mãos com 60 centímetros de distância uma da outra em resposta.

Baldo pulou do sofá de repente e andou para o quarto, batendo a porta quando passou.

Ele a abriu de novo e gritou para Marija:

— Venha para cá quando vocês tiverem terminado de fofocar como dois papagaios velhos.

Ela piscou para mim e andou pela sala para se juntar a ele.

A cabeceira da cama estava batendo na parede dez minutos depois.

Fui para o meu quarto e caí na cama no momento em que coloquei a mala no chão. O sono chegou assim que fechei os olhos, como se o manto da exaustão que eu vinha carregando finalmente tivesse encontrado a oportunidade de se enrolar em mim agora que estava sozinha.

Nos meus sonhos, me vi dançando, pendurada no teto em uma gaiola dourada. Dominik assistia de baixo, só que não era Dominik, eu sabia; era outro homem

usando uma máscara com bico.

Acordei com a sensação de que não tinha dormido.

Os ensaios recomençariam em poucas horas. Com a programação que Simón tinha feito para nós, eu teria pouca chance de descanso no futuro próximo.

Pelo menos, e agradei a Deus por esse pequeno gesto, não teríamos mais todas as músicas bregas de Natal. Acho que se eu tocasse mais uma cantiga natalina acabaria jogando meu violino pela janela. Pelo resto de janeiro, Simón nos colocou para tocar uma série de compositores latino-americanos; esta noite, íamos tocar Villa-Lobos. Sempre gostei de conhecer coisas novas, e Villa-Lobos tinha um certo toque folk; o fato de o violoncelo se destacar um pouco mais do que a seção de violinos não era problema para mim. Simón parecia ter me escolhido para dar atenção especial, o que nem sempre era uma coisa boa. Ele reparou em todas as falhas nas minhas performances e as comentou.

Naquela noite, eu ainda estava cansada do voo e tinha um toque daquela melancolia pós-festas. Dominik havia me exaurido, e, apesar de eu sorrir com a descoberta de cada nova dor, isso não facilitava o cumprimento dos ensaios.

Simón se aproximou quando eu estava guardando meu Bailly. O corpo dele relaxou assim que a música terminou e perdeu a tensão que sempre demonstrava enquanto regia. Eu me perguntei quanto da autoridade dele era apenas fachada para manter a orquestra na linha e o quanto era realmente dele.

— Você está um pouco bronzeada, Summer. Não é muito comum pra um inverno em Nova York. Você conseguiu viajar?

— Passei uns dias em Nova Orleans... Devo ter ficado muito tempo no sol no passeio de barco... *The Creole Queen*.

— Foi com alguém em especial?

— Um amigo. De Londres.

— Que bom. Você vai ficar feliz de ter descansado. Temos meses pesados pela frente.

— Nada de férias por um bom tempo, então.

— Ah, não é tão ruim, é? Eu não iria querer deixá-la exausta.

O local de ensaios tinha ficado vazio, e o restante da orquestra tinha se espalhado pela noite para aproveitar o tempo que ainda restava. Até Baldo e Marija se acostumaram com o tempo extra que passávamos conversando no final dos ensaios e nos deixavam a sós.

Simón chegou perto de mim, perto o bastante para beijar. O cheiro do perfume dele o envolvia como uma nuvem, uma combinação de almíscar e especiarias, tão diferente do aroma simples de sabonete de Dominik. Eu nunca tinha visto Dominik usar loção pós-barba.

O cabelo dele era bagunçado, mais denso até do que o meu. Contornava seu rosto

feito uma auréola negra. Por um momento, pensei que, se tivéssemos filhos, eles teriam cabelos parecidos com pelo de poodle, mas foi um pensamento ridículo. Eu nem queria ter filhos.

Mudei o violino de posição para proteger a frente do meu corpo, bloqueando o caminho de Simón caso ele planejasse se aproximar, e me mexi em direção à saída. Ele pegou sua bolsa e andou comigo até a porta.

A rajada de ar frio do lado de fora queimou o fundo da minha garganta. Remexi em minha bolsa em busca de luvas.

— Droga, não trouxe luvas. — Eu suspirei. O local de ensaios ficava a apenas algumas quadras do meu apartamento. Eu chegaria lá no tempo que demoraria para conseguir um táxi.

Simón tirou o cachecol do pescoço, pegou minhas mãos e enrolou o tecido nos meus pulsos. Ainda estava quente do calor do corpo dele.

— Ah, não — protestei —, você vai congelar.

— Eu insisto — disse ele, dando um aperto em minhas mãos por cima da lâ. — Suas mãos são bem mais importantes do que as minhas.

— Obrigada — respondi, no tom mais educado e profissional que consegui.

Dei um pequeno passo para trás, aumentando o espaço entre nós, e dei um adeus com a cabeça.

— Te vejo amanhã — disse ele, virando-se sobre as botas de pele de cobra com a graça de um dançarino e desaparecendo na noite.

Apertei as mãos ainda enroladas no cachecol dele contra o rosto para me manter aquecida. O cheiro de Simón me seguiu durante todo o caminho para casa, e por mais que eu tentasse, não conseguia deixar de me perguntar como seria o cheiro da pele dele. Talvez não fosse perfume; talvez Simón nu tivesse cheiro de especiarias, canela e noz-moscada misturadas com suor.

Naquela noite, sonhei com dois homens. Cada vez que evocava Dominik, o som da voz dele, a complexidade de seus desejos, a imagem na minha mente ficava borrada e virava Simón, do jeito que eu imaginava o cabelo denso dele nos meus dedos, o calor das mãos, a cor de caramelo da pele, tão diferente do corpo inglês pálido de Dominik. Eu me perguntava se ele era peludo, como Baldo. Sempre gostei de homens com pelos, associava isso ao calor e à testosterona, à masculinidade. Dominik tinha apenas uma penugem delicada no peito, que sumia na barriga e voltava a aparecer na virilha, como uma seta negra levando ao pau.

No final, parei de tentar separá-los e imaginei ter os dois ao mesmo tempo, Dominik na boca, segurando meu rosto sobre o pau, e Simón na boceta.

Mas eu achava que nenhum deles era do tipo que dividia.

Eu tinha desistido de receber conselhos de Marija sobre o assunto. Ela não conhecia Dominik, mas não confiava nele mesmo assim. Tinha uma preferência

evidente por Simón e me perturbava constantemente para flertar mais com ele.

— Você é doida, garota. Poderia ter o mundo aos seus pés com aquele homem. Ou, ao menos, ter o Lincoln Center. E o que o inglês faz por você, hein?

Ela tinha assimilado o hábito de Baldo de usar apenas roupa de baixo em casa, com o aquecedor ligado no máximo. Sempre usava conjuntos de algodão, em cores intensas que cobriam todos os tons do arco-íris. Nada de rendas ou cetim para Marija. Felizmente, minha parte do aluguel incluía as contas, então eles estavam pagando pelo aquecimento extra. Marija tinha pernas longas e finas como as de uma ave, com coxas da grossura dos meus braços, embora comesse tanto quanto um cavalo. Baldo estava sempre de dieta, mas sua estrutura larga mantinha resolutamente a corpulência. “Meu macaquinho”, era como Marija o chamava, rindo quando ele olhava com raiva.

— Não é questão do que cada um pode fazer por mim. — Eu suspirei.

— Não seja boba. É claro que é. Pelo menos, se você vai ser uma boba e namorar o inglês, mantenha em segredo. O maestro vai parar de fazer favores pra você se perder a esperança de tirar sua calcinha.

— E eu achando que ela estava comigo por amor — disse Baldo.

— Só estou com você por causa do seu corpo — respondeu ela, passando os braços ao redor dele e aconchegando o rosto em seu pescoço.

Peguei minha bolsa e saí pela porta, ansiosa para fugir dali antes que a demonstração de amor deles ficasse mais íntima.

Eu tinha um encontro com Cherry à noite. Ela ia se apresentar em um bar em Alphabet City. Era um show bom e ela era uma das atrações principais. Começava às oito da noite e ela só entraria em cena às onze horas, então tínhamos algumas horas para bater papo.

Ela já estava lá dentro quando cheguei. Mesmo sob a iluminação fraca do clube, o cabelo rosa brilhava como um farol. Ela me viu entrar pela porta, acenou para mim da mesa e me entregou um cosmopolitan.

— Não tomo um desses há anos — eu disse.

— Desde que *Sex and the City* passava na TV?

— É, mais ou menos isso. — Eu ri.

— Você precisa me alcançar. Este é meu segundo. O truque de se apresentar é encontrar a linha tênue entre estar bêbada e muito bêbada e fazer uso disso.

— Não parece funcionar assim em uma orquestra — refleti. — Uma cerveja e o maestro me expulsaria porta afora.

— Você devia tocar rock, então.

— Tarde demais pra isso agora, eu acho. Vivaldi paga as contas.

— Como foi o Ano-Novo em Nova Orleans? Seu homem veio visitar?
— Foi ótimo. Mas preciso de férias pra me recuperar. Ele me esgotou.
— Você devia se considerar uma mulher de sorte. Meus dois namorados estão longe no momento, trabalhando.

— Espera. Seus *dois* namorados?

Cherry sorriu de orelha a orelha.

— É. Sou uma garota de sorte, né? Tenho dois.

— E eles sabem um sobre o outro?

— Claro. Pete tem outra namorada. Que está visitando agora. Tony está fazendo uma turnê com a banda. Ele sai só comigo, mas recebe muita atenção das groupies. É um cara ocupado.

Eu olhei para ela.

— Você não tem ciúmes?

Ela suspirou.

— Essa é a primeira coisa que todo mundo pergunta.

— Bem, é uma pergunta razoável. Você não sente?

— Às vezes. Acho que todo mundo sente. Mas estou com Pete há cinco anos. Fazemos dar certo. Tony é meio como se fosse um extra. Acho que eu não conseguiria ter um cara só. Fico entediada.

— De quem foi a ideia? Sua ou dele?

— Minha, eu acho. Começamos indo a alguns clubes de suingue pra apimentar a relação. Cresceu a partir daí. E você? Qual é sua história? Seu relacionamento com o inglês é sério? — Ela ergueu o drinque contra a luz. — Nunca colocam Cointreau suficiente nessas coisas. Me lembre de falar pro barman.

Os cílios postiços dela brilharam no reflexo do vidro. A ponta de cada cílio era decorada com um pequeno cristal, como as pernas de uma aranha que acabou de correr pela neve.

— Bem, a gente meio que sai com outras pessoas.

— O que você quer dizer com “meio que”? Ou saem, ou não saem. Qualquer tipo de “meio que” é território perigoso. Vocês conversaram sobre isso? Decidiram o que pode e o que não pode?

— É complicado.

— É aí que vocês estão errando. Não é complicado. É bem simples. Ou pelo menos deveria ser.

— Ele talvez se mude pra cá em breve. Se candidatou a um emprego aqui em Nova York.

— Bem, então é melhor vocês resolverem rápido. — Ela bebeu o drinque todo. — Mais um?

Ela olhou para o relógio. Era grande como uma bola de golfe, um círculo

cravejado de diamantes, como um globo de discoteca, que abria e tinha um visor digital dentro.

— Por que não? Ainda tenho algumas horas.

Desci do meu banco e fui para o bar. As luzes foram diminuídas quando o primeiro show surgiu no palco ao som de “Goldfinger”, de Shirley Bassey. A dançarina era alta, magra e vestia um biquíni de cintura alta de oncinha no estilo 1950, com saltos astronomicamente altos combinando. Era mestiça, com pele bronzeada e cabelo grosso e escuro em um penteado afro. Ela cantou e dançou, e ocupou o palco com a confiança de um jovem leão que acabou de derrubar uma gazela de 70 quilos para o jantar.

— Obrigada — disse Cherry quando entreguei a ela um cosmopolitan carregado de Cointreau. — Você jamais imaginaria que ela é um homem, né? — sussurrou ela, sinalizando em direção ao palco.

Olhei de novo para a dançarina. Sim, havia um volume considerável escondido entre as pernas, mas os movimentos eram delicadamente femininos, com o toque preciso de um felino. Mesmo em pose relaxada, ela parecia estar pronta para pular em alguma coisa. Em mim, eu esperava, embora parecesse improvável.

O show seguinte foi chato em comparação, uma garota bem bonita, vestida de homem, fazendo um striptease. Ela não tinha muita coragem e tropeçou na fantasia que estava segurando quando saiu do palco. Senti um pouco de pena dela.

— Certo. Sou eu. Depois da próxima rodada, é melhor eu ir me arrumar.

Cherry desapareceu por uma porta na lateral do palco. Estava com uma bolsa tão grande que parecia morar ali dentro, como uma tartaruga que leva o casco nas costas.

Eu mal a reconheci quando ela apareceu no palco depois de outro striptease, desta vez de um homem vestido de urso vestido de homem, que tirou a roupa de urso em uma atuação que conseguiu ser absurda e cômica em todos os momentos certos.

Cherry estava vestida toda de cor-de-rosa, com um vestido longo de cetim com cauda de chiffon, e carregava um par de enormes leques de penas cor-de-rosa, cada um quase tão grande quanto ela. Estava com saltos agulha maiores do que qualquer outro que já vi, também em um cor-de-rosa bem vivo, e coberto de pequenos cristais que cintilavam a cada passo. Além dos pés calçando os sapatos de salto agulha, seu corpo estava completamente escondido pelos leques.

Eu esperava que a apresentação dela fosse bem parecida com a anterior, com uma música lenta de striptease estilo *femme fatale* ao fundo enquanto ela dançava elegantemente até ficar de roupa íntima, mas o show de Cherry foi bem mais enérgico, e ela dançou ao som de “Super Freak”, de Rick James.

A plateia aplaudiu loucamente quando ela tirou o vestido e balançou os seios pesados, fazendo os apetrechos de mamilo girarem como se fossem moinhos. Ela

terminou o show deitada de costas no chão, com as pernas por cima da cabeça, demonstrando que podia lambar a si mesma se quisesse.

— Uau — exclamei quando ela voltou à mesa. — Foi impressionante. Dá pra ver por que você tem dois namorados.

Ela riu.

— Você devia ir lá em casa um dia. Te ensino uns movimentos.

Os lábios dela ainda estavam cobertos de batom cor-de-rosa intenso, que ela tinha incrementado com uma camada de purpurina e gloss.

Andei com ela até o metrô.

— Ah, quase esqueci — disse ela, mexendo na enorme bolsa por uma eternidade.

— Comprei uma coisa pra você.

— Não é meu aniversário.

Ela pegou um pedaço de corda de mais ou menos 1,2 metro e me entregou.

— Pra que você possa treinar. Só tenha o cuidado de, se você se amarrar a uma perna de mesa, ter por perto uma tesoura ou deixar os nós frouxos o bastante pra poder se soltar rápido se sua casa pegar fogo. Seria bem constrangedor explicar pro serviço de emergência.

— Obrigada — respondi, e coloquei a corda na bolsa —, mas você sabe que não sou do tipo que amarra. Prefiro ser amarrada.

— Mas você devia aprender mesmo assim. Desse modo, vai apreciar o quanto a pessoa que te amarra tem trabalho.

Quando cheguei em casa e me olhei no espelho, reparei que tinha uma linha de purpurina em uma das bochechas, apesar de não me lembrar de ter dado beijo de boa-noite nela.

O resto da semana passou rapidamente. Meus dias foram reduzidos a ensaiar, comer e dormir, basicamente. Não tive notícia nenhuma de Dominik.

— Você parece cansada — disse Simón quando devolvi o cachecol dele.

— Obrigada — respondi com amargura.

— Você devia relaxar mais. Quando comecei aqui, você tocava com seu corpo todo. Agora, toca com a mente. Você precisa se soltar de novo. Quando foi a última vez que saiu de casa sem ser pra ensaiar?

— Semana passada. Fui a um show burlesco.

— Não é o bastante. Você não pode tocar com o mundo em sua música se não sair pra vê-lo.

Eu estava exausta demais para discutir. Apenas assenti em concordância e peguei a caixa do violino para ir embora.

— Tenho dois ingressos pro rodeio no Madison Square Garden na sexta. Quer ir?

Eu ia levar meu pai, mas ele precisou adiar a chegada, então tenho um sobrando.

— Rodeio? — Por essa eu não esperava.

— Não me olhe assim. É rodeio, e não tourada. Não é bem como fazemos na Venezuela, mas é o mais próximo que se consegue em Manhattan. Começa às quatro. Depois levo você pra jantar como recompensa por aguentar duas horas de esporte.

Eu ri.

— Tudo bem, então. Parece divertido.

Marija e Baldo estavam aninhados no sofá vendo filmes antigos de terror quando cheguei em casa. Marija estava com a mão em cima dos olhos e abria os dedos em intervalos de segundos para espiar a tela e gritar. Baldo estava com um braço nos ombros dela, e com o outro enfiava torradas de arroz no queijo cottage com pouca gordura, fazendo careta a cada mordida.

— Já ouviram falar de rodeio em Manhattan?

— Conseguiu ingressos pra sexta? — perguntou Baldo. — Que sorte... Estão esgotados há meses.

— Ah — disse Marija, tirando a mão do rosto. — É um encontro com Simón?

— Não é um encontro.

— Ah, tá — respondeu ela, voltando a olhar para a tela e escondendo o rosto em Baldo quando a mulher da televisão deu um grito agudo.

A sexta-feira chegou tão rápido que mal tive tempo de ficar nervosa com a perspectiva de passar uma tarde e uma noite inteiras com Simón. Cada vez que eu olhava para ele agora, tinha medo de que ele conseguisse captar meus pensamentos e saber que, apenas dias antes, eu tinha me masturbado inspirando o cheiro de seu cachecol.

Eu só havia tido um encontro envolvendo esportes uma vez, com um namorado na Nova Zelândia, para ver os Kiwis jogarem contra Samoa na Copa de Rúgbi de sete jogadores no Estádio Westpac, em Wellington. O jogo era rápido, e fiquei surpresa com o quanto gostei, considerando que não assisto a esporte nenhum, embora eu tivesse passado a maior parte do jogo fantasiando em ser jogada no vestiário com os jogadores depois da partida. Todos tinham pernas e braços muitíssimo grossos, com corpos de deuses e usavam shorts tão curtos que fiquei surpresa de ninguém reclamar que o jogo não era apropriado para crianças. Quando fizemos sexo depois do jogo, fechei os olhos e sonhei que estava sendo possuída primeiro por um jogador musculoso, depois por outro; homens dos dois times, embora, se eu tivesse que escolher, preferiria os jogadores de Samoa. Eram mais bonitos.

Decidir o que vestir nesse tipo de encontro era sempre impossível. Eu pareceria uma boba se usasse salto alto em um evento esportivo, mas se fosse casual demais me sentiria malvestida para o jantar. Escolhi um vestido soltinho de lã cor de ferrugem com meias sete oitavos, botas de couro de amarrar sem salto e minha bolsa

de pele de cobra falsa.

Simón foi como um verdadeiro caubói, de camisa branca e jeans, com chapéu de couro marrom. Estava usando um cinto preto com fivela grande de prata no formato de caveira e botas marrons com bico fino e um desenho de caveira em cada tornozelo, como se tivesse tentado combinar a extravagância do cabelo com os pés. Em qualquer outra pessoa, a roupa teria ficado ridícula, mas Simón era o tipo de homem que se vestia com tanta autoconfiança que você nunca questionava o gosto dele.

Ele segurou minha mão e me levou pelo estádio escada abaixo, até os assentos que ficavam a poucas fileiras da frente, onde teríamos visão perfeita de tudo. Pelo menos metade da plateia estava de chapéu de caubói; a maior parte das mulheres vestindo camisas xadrez azuis e vermelhas e calça jeans. Eu era a única que vi de vestido. Estava quente lá dentro, com o calor da multidão, luzes fortes e a excitação de um show prestes a começar. Dava para sentir o cheiro do chão de terra onde os peões e os touros logo saltariam à nossa frente; um aroma poeirento e acobreado que me lembrava o norte da Austrália, onde trabalhei por pouco tempo antes de ir para o Reino Unido.

— Você precisa me explicar as regras — pedi. — Não sei nada sobre rodeios.

— Esqueça as regras, apenas assista. Cada montaria não leva mais de oito segundos, e isso se quem montar for bom, então não tem muito tempo pra explicar.

Simón estava certo: alguns dos montadores ficavam em cima dos touros apenas por três ou quatro segundos. Contudo, imaginava que em cima de um animal assim, alguns segundos durariam uma eternidade. O touro nunca ficava com as quatro patas no chão ao mesmo tempo, e um deles pulou 1,2 metro do chão, levando o peão junto, antes de bater na superfície novamente e não parar por nem um momento antes de continuar a saltar. Eles se comportavam como se o chão fosse elétrico, bufando e pulando e balançando feito 800 quilos de carne à base de Ritalina.

Os peões não eram o que eu esperava. Muitos eram baixos, com corpos como os de ginastas. Eles reagiam a cada movimento do touro com uma reação igual e oposta, movendo-se para trás ou para a frente, para a esquerda ou para a direita com velocidade e precisão perfeitas, parecendo mais brinquedos de corda do que homens. Várias vezes o peão foi jogado longe e escapou das patas do touro no momento certo, a um fio de cabelo de ser pisoteado até a morte.

Simón observava com olhos brilhantes, gritando e ficando de pé quando um peão conseguia se segurar por mais de alguns segundos.

— Imagine ter um animal assim entre as pernas. — Ele suspirou.

— Humm — respondi, tomando o resto da minha Coca-Cola com um canudo.

— Na Venezuela, os peões caçam touros em cavalos e competem para ser o primeiro a derrubar o animal puxando pelo rabo. Chamamos de *coleo*.

— Parece mais fácil do que isso.
— É uma coisa muito perigosa de se dizer para um venezuelano!
— Não tenho medo de um pouco de perigo, senão eu não estaria aqui.
— Eu achava isso de você. Não é qualquer garota que se pode convidar pra um rodeio. — Ele inclinou a cabeça na minha direção quando falou.

Eu coloquei a boca no canudo.

— Você se importa de me dar um gole? — perguntou ele.

— Desculpa... Bebi tudo.

— Tudo bem. O evento está quase acabando. Podemos tomar outra coisa em outro lugar.

Fomos ao Caracas Arepa Bar na rua 7, no East Village. Ainda estava cedo, mas a fila para entrar era grande.

— Vale a pena, eu juro.

— Não se preocupe. Sei ser bem paciente quando há necessidade.

— Tenho certeza que sim. Sabe, eu venho pensando...

— Hábito perigoso esse.

— Sei que tenho sido um pouco carrasco ultimamente, mas acho que você devia correr atrás da apresentação solo. Você é boa mesmo. Posso falar com alguns divulgadores. Acho que podemos conseguir casa cheia.

— Pensei que você tivesse dito que eu estava tocando com a mente.

— Não fale assim. Sempre há espaço para melhorar. O que você me diz? Sei que o local de ensaio que você está usando é um buraco. Você pode usar meu porão. É à prova de som. Reformei o local quando me mudei, então é bastante confortável. Posso dar umas aulas extras.

— É muita gentileza sua, mas...

— Nada de mas. Você é talentosa. Confie em si mesma. Pode ser sua grande chance, sabe. Vou me certificar de colocar alguns agentes na lista de convidados.

— Ok.

— Ok?

— Sim. Ok.

Ele passou os braços ao redor do meu corpo, me levantou do chão e deu um beijo molhado em cada uma das minhas bochechas. O chapéu dele caiu no chão.

— É melhor eu tirar agora, de qualquer jeito — disse ele, sorrindo ao se inclinar para pegá-lo.

Sentamos na extremidade de uma mesa com mais quatro pessoas. Elas já estavam no meio da refeição, e se as expressões nos rostos delas fossem algum indicativo a comida devia estar divina.

— Guacamole e nachos pra começar — disse Simón —, e margaritas. Estamos comemorando.

— Fique à vontade pra pedir o restante — eu disse. — Não faço a menor ideia do que são essas coisas e confio em você.

— Você talvez se arrependa disso.

— Duvido.

Comemos até eu sentir que precisaria ir rolando para casa.

— Você pediu tudo que tinha no cardápio? — perguntei, olhando para as últimas *tajadas*, bananas doces e fritas com queijo salgado, e batendo na barriga com tristeza. Sem dúvida nenhuma, encontros não fazem bem para o diâmetro da cintura.

— Não exatamente. — Ele riu.

Simón andou comigo até meu apartamento. Nós dois tínhamos tomado quatro ou cinco margaritas e estávamos claramente alegres. Na verdade, eu estava praticamente bêbada. Foi uma boa mudança não ser a única a beber.

Remexi na bolsa em busca da chave do apartamento e me encostei na parede para me apoiar.

— Não posso estar presa do lado de fora — falei. — A porta da frente tranca por fora.

— Posso? — disse ele. — Acho que estou mais sóbrio que você.

Segurei a bolsa aberta enquanto ele enfiou uma mão hesitante lá dentro.

— Você precisa mesmo carregar tanta coisa? — perguntou ele.

— Nunca se sabe quando pode se precisar de outro par de sapatos.

Ele puxou a corda que Cherry me deu depois do show. Estava no fundo da bolsa desde então.

— Você estava planejando me sequestrar? — perguntou ele, balançando a corda na frente do meu rosto.

— Sou escoteira — respondi brincando.

— Você é cheia de surpresas. — Ele passou a corda frouxamente pela minha cintura e, segurando cada ponta, me puxou para perto. — Agora eu prendi você — disse ele.

Simón me beijou.

O beijo foi quente, mais bruto do que os beijos de Dominik, provavelmente porque ele estava bêbado. Ele tinha gosto de tequila, e quando inspirei, só consegui sentir cheiro das especiarias do perfume que ele usava, como o cheiro de uma cozinha depois de se fazer uma fornada de biscoitos de gengibre.

Ele soltou a corda e enfiou as mãos no meu cabelo, segurando minha cabeça com firmeza.

Prendi a respiração, torcendo para ele puxar meu cabelo do jeito que Dominik fazia e me beijar de novo. Eu estava começando a sentir um calor familiar percorrer meu corpo e fiquei tentada por um momento a convidá-lo a entrar.

Mas ele se afastou e baixou as mãos para a lateral do corpo com rigidez.

— Me desculpe. Eu não devia ter feito isso.

— Tudo bem. Temos que trabalhar juntos.

— Eu sei. Não é uma boa ideia.

— Definitivamente.

Peguei a corda e a recoloquei na bolsa. Minhas chaves estavam brilhando no bolso lateral, exatamente onde eu sempre deixava.

— Tenho certeza de que vi você colocar a mão nessa parte — falei em tom acusatório.

— Eu coloquei. Só estava tentando enrolar você.

— Obrigada pelo jantar e pelo rodeio.

— Obrigado por me acompanhar.

Ele voltou a ser a pessoa de sempre, simpático, profissional, flertando como se realmente não pretendesse. Mas, se o beijo era parâmetro, ele realmente pretendia.

— Vou entrar agora.

— E eu devia estar dormindo o sono da beleza. Temos ensaio amanhã. E podemos começar a planejar sua apresentação solo.

— Boa noite.

— Boa noite.

Deixei-o de pé na entrada e fechei a porta.

Eu ainda não havia tido notícia de Dominik, mas conseguia sentir o peso da reprovação dele do outro lado do oceano.

Uma ilha na Spring Street

A proposta formal para a bolsa chegou à caixa de correio de Dominik 15 dias após o retorno de Nova York. No começo tivera a impressão de que a resposta chegaria mais cedo; depois passou uma semana estranha dividido entre expectativa e uma forma curiosa e leve de depressão, à espera da decisão dos entrevistadores.

Era, como esperava fervorosamente, uma resposta positiva, e ele ganhou a bolsa no valor predeterminado, e começaria o trabalho em Manhattan depois da Páscoa. Ele teria um pequeno escritório na Biblioteca Pública de Nova York e acesso eletrônico e físico a todos os materiais dela. Por sua vez, precisaria fazer uma palestra mensal de não mais de uma hora sobre o assunto que quisesse. Era decisão de Dominik o tempo que dedicaria à pesquisa no imponente prédio com seus leões de pedra, na esquina da Quinta Avenida com a 42.

Dominik agora tinha menos de três meses para tomar as providências necessárias: se organizar para a licença do emprego em Londres, ajudar a encontrar alguém para substituí-lo em sua ausência e, o mais importante, encontrar um lugar para morar em Nova York, pois a biblioteca não podia ajudar nessa questão.

Ele ligou para Summer.

— Finalmente chegou a resposta. Ganhei a bolsa.

— Que ótimo. Que maravilha!

— Vou chegar depois da Páscoa.

— Ah...

— O que foi?

— Vou estar ensaiando exaustivamente pra apresentação solo.

— Não tem problema. Vou encontrar um lugar onde você possa tocar o Baily a qualquer hora do dia e da noite, sem medo de perturbar os vizinhos.

— Isso seria ótimo — comentou Summer. — Até lá, estou restrita a um pequeno aposento no subsolo da Symphonia. Não é um buraco muito inspirador. Além do mais, preciso reservar com dias de antecedência, pois vários outros músicos precisam de tempo extra de ensaio. Simón ofereceu o apartamento dele no Upper West Side, mas não me sinto à vontade de tirar vantagem dele.

— Você está certa.

— De qualquer modo, gosto de ficar sozinha quando estou me preparando — acrescentou Summer.

— E eu? Nada mais de recitais particulares?

— Ah, isso é bem diferente.

Encontrar apartamentos para alugar em Manhattan, mesmo com o orçamento dos mais generosos, é sempre uma tarefa difícil, principalmente de longe. Buscas on-line eram um desperdício de tempo, então Dominik procurou um corretor local e descobriu um loft no SoHo, no quinto andar de um prédio na Spring Street, perto da esquina com West Broadway.

Summer foi dar uma olhada no local para ele e declarou ser nada menos que perfeito. Ela relatou que era amplo, incrivelmente iluminado, e com uma acústica incrível. Apesar de estar mobiliado em um estilo particularmente minimalista, ela estava confiante que em pouco tempo os livros de Dominik e a forma como ele rapidamente os acumulava dariam calor e personalidade ao loft.

O contrato de aluguel era por um período de 12 meses, e foi combinado que Summer se mudaria um mês antes da chegada de Dominik em Nova York, para aproveitar o apartamento. Inicialmente, ela ficou relutante em abandonar os amigos croatas, mas em pouco tempo começou a ansiar por fugir dos sons alegres do cio deles e da insistente distração à noite.

Ela descreveria as façanhas deles para Dominik quando conversassem ao telefone; ouvir sobre as aventuras dos croatas excitados sempre o fazia rir. Depois disso, uma Summer pensativa sempre concluía que raramente via Dominik rir pessoalmente. Ela se perguntava por quê.

Dominik só tinha visto fotos do loft, então Summer, depois que se mudou, descreveu o espaço para ele.

— Fora o quarto, que tem uma parede em um dos lados, é tudo uma área grande, com piso brilhoso de madeira. Parece um salão de baile.

— É mesmo?

— A cozinha é muito moderna. Nunca tive uma cozinha assim, com bancadas de granito e apetrechos modernos. Coisas da era espacial! Mas não sei se vou conseguir fazer omelete e torradas com feijão aqui. Pareceria um insulto à tecnologia da cozinha.

— Podemos comer fora — disse Dominik.

— Não — disse Summer. — Quero cozinhar pra você. Raramente fiz isso pra um homem, pra um amante.

— Que bom. Então nada de espartilhos e nem de violinos vintage agora. Vou ter que comprar livros de culinária cheios de receitas complicadas, não é?

Summer riu.

— Tem janelas enormes. Muita luz. Mas não tem vista; só dá pra ver a grande

fachada cinza do prédio em frente. Não tem janela nenhuma nele, só canos e grades de metal. É meio feio. Mas isso o faz ser muito silencioso à noite, apesar de haver vários restaurantes na rua que ficam abertos até tarde. É estranhamente tranquilo.

— E reservado?

— Completamente — confirmou ela.

— Que maravilha. Vou querer que você ensaie nua, é claro, quando eu estiver por perto.

— Eu estava começando a achar que esse era o único motivo pra você ter escolhido esse apartamento.

— Exatamente — confirmou Dominik.

Esponaneamente e sem ele saber, Summer já tinha criado o hábito de andar nua pelo loft, fosse tocando o Bailly ou apenas sem fazer nada. Parecia certo, beirando a excitação, natural, fazendo do loft um novo jardim do paraíso, um playground da inocência.

Ela gostava da atmosfera do local, das linhas minimalistas e das paredes brancas e dos tijolos que apareciam entre as vigas de aço do teto em intervalos regulares, como manchas de tinta escura na paisagem das enormes paredes.

Summer comprou algumas orquídeas e as espalhou pelo apartamento para dar um toque delicado de cor ao local. Ela hesitou quanto a levar uma das plantas tropicais para o quarto. Não sabia o que Dominik achava de flores. Ainda tinha muito a aprender sobre ele.

Como seria morar com ele?

Ao planejar ir para Nova York, Dominik apresentou a ela uma situação completamente nova. Foi uma decisão grandiosa ir morar com ele, embora Summer não conseguisse se lembrar de ter consentido. A coisa aconteceu por pura inércia, como se o corpo dela tivesse tomado a decisão sem consultar o cérebro.

Fazia séculos que ela não morava com um amante. Durante anos, ela compartilhou apartamentos em suas viagens: Austrália, Londres, Nova York...

Será que daria certo?

Será que podia dar certo?

— Vai ser bom ter você aqui — declarou ela

— Estou ansioso — respondeu Dominik.

Um pensamento ocorreu a ela.

— Você vai enviar pra cá alguns de seus livros, pra pesquisa? — perguntou ela.

— Talvez eu devesse comprar umas prateleiras na Ikea, sei lá. Vou ter prazer em procurar.

— Não precisa — disse Dominik. — Vai ter tudo que preciso na Biblioteca Pública. Mais do que preciso.

— Certo.

— Só falta um mês — disse Dominik.

— É.

— Só tem uma coisa... Você conhece nosso acordo. Se sentir que precisa sair com alguém nessas próximas semanas...

— Sim? — O coração dela deu um salto.

— Vá pra casa dele ou pra outro lugar, não pro loft.

— Entendo.

Summer não sabia se tinha sido uma instrução ou um encorajamento.

As melhores intenções costumam ser amaldiçoadas pela coincidência. A mulher no assento da janela à sua esquerda, no voo de Londres para Nova York, estava lendo *O grande Gatsby*, o que deu a Dominik a perfeita abertura para uma conversa. Era um livro que ele conseguia praticamente recitar de cabeça de cabo a rabo, por tê-lo lido em tantas ocasiões. O nome dela era Miranda.

Será que a conversa teria virado flerte se o livro fosse outro, ou se a história divertida de Summer sobre o caso em Manhattan não tivesse ficado na mente dele, fervilhando já havia algumas semanas?

Dominik sabia que não era um homem ciumento. Era realista.

Esse foi o motivo de ele ter deixado os termos do relacionamento atual perfeitamente claros para Summer e de ter concordado com essa forma de não exclusividade. Contudo, às vezes o coração nega a razão.

Ao contrário de Summer, ao que parecia, ele não se dava ao trabalho de iniciar situações (e o fato de que ela havia em grande parte provocado o encontro com... qual era o nome dele, Gary ou Greg?) e preferia deixar que fluxo e refluxo da vida e das interações humanas intervissem. Muitos anos antes, quando ele ainda tinha 20 e poucos anos e dinheiro tão limitado que não podia pagar uma passagem de avião de Londres para Paris, ele usou um serviço de ônibus barato que operava entre as duas cidades, da rodoviária de Waterloo até a Place de la République, e se viu sentado ao lado de Danielle, uma jovem francesa de cabelos escuros. Talvez ela também estivesse lendo um livro que ele conhecia bem; ele não conseguia lembrar qual. A conversa foi fácil.

Ela estava voltando de Londres, onde tinha um caso à distância com um estudante de medicina indiano, que agora parecia estar indo de mal a pior. Dominik estava entre relacionamentos. Os dois apreciaram a conversa e trocaram números de telefone e endereços antes de seguirem seus caminhos ao chegar. Ficou óbvio que ela era um tanto promíscua e despreocupada. Em uma semana, ele ligou para ela e eles acabaram na cama, tornando-se amantes regulares durante um período de 18 meses. Ou pelo menos Dominik entrou para a lista dos numerosos amantes dela,

pois Danielle cedia favores com generosidade incomum e rapidamente admitiu que ele não era o único homem com quem ia para a cama regularmente. Houve até uma noite em que outro homem bateu na porta dela enquanto estavam deitados exaustos na cama, no pequeno apartamento perto da prisão La Santé. Ela convidou o outro para entrar e os três acabaram na cama, os dois se revezando para comê-la enquanto ela ia de um para o outro.

Depois que voltou a morar em Londres, perdeu contato com Danielle até que, certa tarde, ela telefonou para ele em pânico quando Dominik ainda estava no trabalho. Danielle tinha sido jogada na rua por outro homem com quem estava dormindo por ter roubado a carteira dele. Ela agora estava sem dinheiro e precisava da ajuda de Dominik. Passando aperto, sozinha em Londres e sem ter nem uma muda de roupa, pois o homem tinha ficado com sua mala, ela ficou desesperada e até tentou vender o corpo nas ruas de Soho, mas sem sucesso. Às duas da madrugada ele encontrou para ela um pequeno quarto de hotel em Bloomsbury e emprestou dinheiro para que voltasse à Paris no dia seguinte. Era tarde para ele voltar para casa naquela noite, pois não tinha mais dinheiro suficiente para pegar um táxi, então ficou com ela no pequeno quarto de hotel e eles foderam até o amanhecer, com Danielle em lágrimas durante a maior parte do tempo. Uma coisa levou a outra, pois os dois sabiam que era a última vez que se veriam, e fizeram sexo anal. Foi a primeira vez de Dominik. Ele foi embora cedo, pois tinha que trabalhar, e deixou Danielle adormecida na cama, com a maquiagem borrada e a aréola escura de um dos seios aparecendo acima do lençol amarrotado. Ela sempre foi uma amante intensa, e às vezes a imprudência dela o assustava. Ele nem se despediu, um fato que lamentou por anos.

Dominik sempre desconfiou que Danielle acabaria mal, mas uma década depois, por pura curiosidade, ele jogou o nome dela no Google e descobriu que agora ela dava aula de sociologia em Bordeaux, e tinha até escrito uma tese sobre algum assunto acadêmico altamente especializado, mas que ele não tinha interesse em ler.

Foi uma coincidência total que fez com que as passagens de ônibus deles tivessem número em sequência, e que isso os tivesse aproximado e acabado inesperadamente na primeira experiência dele com sexo anal. Desde então, Dominik agiu com tranquilidade suficiente para deixar o fluxo da vida levá-lo em todas as direções não planejadas, sem nunca resistir.

Será que ele tinha cheiro de livro e isso fazia com que tantos dos seus encontros acidentais tivessem conexões acadêmicas? Miranda, sua companheira de assento no voo para Nova York, era assistente administrativa na Hunter College, no norte da ilha. Dominik sempre foi um orador tranquilo e carismático. Era um dos fortes dele como palestrante. Se ele se sentia sintonizado com o assunto, conseguia improvisar alegremente por séculos, tecendo teorias, pensamentos aleatórios e ideias fantásticas

com autoconfiança, sem cair no pedantismo e no exibicionismo. Quando o assunto era Gatsby, ele estava em território conhecido, então o voo prosseguiu sem sofrimento depois que ele e Miranda iniciaram uma conversa leve. As sete horas rapidamente se passaram. Era menos tempo para pensar em Summer e em como conseguiriam morar juntos em Nova York.

Miranda usava um terninho cinza, com a saia chegando aos joelhos, mas que gradualmente subia para o meio da coxa conforme ela se mexia no banco. A blusa branca apertada se abria um pouco entre os botões por cima do sutiã preto que ela usava por baixo. Seu pescoço era maravilhosamente delicado e ficou cor-de-rosa conforme o voo progrediu e o calor no avião aumentou.

Ela era divorciada e morava sozinha no Upper East Side, como Dominik descobriu. Absorta na conversa, ela esticava os dedos e tocava no antebraço dele quando tentava passar uma ideia e até, em alguns momentos, chegava a encostar no joelho dele. Dominik não era especialista em linguagem corporal, mas sabia que era uma coisa que ele mesmo costumava fazer, de forma inocente e instintiva. Mas só com mulheres por quem se sentia atraído.

Ao chegar ao aeroporto JFK, eles trocaram informações e concordaram em manter contato. Dominik escreveu o número do telefone dela atrás de um dos seus cartões de visita. Ele planejava comprar um celular novo em Nova York, pois o número de Londres não seria prático lá, o que deixava tudo por conta dele em relação a Miranda. Ele deliberadamente não informou a ela que iria morar com outra mulher em sua temporada na cidade.

Em mais uma coincidência, a bagagem dos dois chegou ao mesmo tempo na esteira. O sorriso no rosto de Miranda quando isso aconteceu valeu mil palavras. Parecia que ela também acreditava em coincidências.

Com o pretexto da distância geográfica, Dominik insistiu na fila do táxi que eles tomassem carros separados. A desilusão nunca demora.

Desta vez, o motorista era vietnamita e lutou para entender o sotaque inglês de Dominik quando ele pediu para ir à Spring Street.

O caminho se estendia à frente. Uma ladainha familiar de distritos externos, o Southern State Parkway, o retorno obrigatório pela Atlantic Avenue, seguido pela via expressa Van Wyck e o cortejo de pilares de concreto sustentando o AirTrain, depois o Jamaica Hospital e o percurso final até o túnel Midtown. Quantas vezes ele tinha feito esse caminho e sobrevivido aos engarrafamentos nas duas direções?

Dominik respirou fundo.

Desta vez, seria diferente.

Summer estava no final do trajeto.

Quando o táxi chegou ao SoHo, uma tempestade de primavera caiu. Não havia abrigo entre o táxi e a porta desprotegida da frente do prédio. Dominik tocou o interfone.

— Sou eu.

Summer, como combinado, estava em casa, e abriu a porta pelo interfone.

O elevador já estava no térreo, com as portas abertas e aparência industrial. Ele tinha descoberto que, anos atrás, o prédio abrigava várias fábricas cheias de trabalhadores imigrantes, até que a indústria de roupas se deslocou para o norte, para o que se tornou o Garment District. Os espaços vazios foram ocupados por artistas atraídos pela luz e pelos valores baixos da propriedade. Atualmente, poucos artistas podiam pagar lofts no SoHo, e eles estavam sendo comprados por banqueiros e empresários.

O quinto andar tinha sido dividido em três apartamentos, e o que Dominik alugou era no final do corredor, depois da saída do elevador.

A porta estava entreaberta.

Ele apertou a alça da mala e empurrou a porta com o pé. O piso encerado de madeira levava a uma leve rampa, que era paralela ao corredor externo, à direita do que era a área da cozinha. Depois dela vinha o espaço amplo do loft, que seguia até as janelas, pelas quais uma densa cortina de chuva obscurecia o céu acinzentado.

Por causa do tempo inclemente, Summer tinha acendido as luzes. Uma série de lâmpadas embutidas alinhadas no teto, dividindo o espaço do loft.

No centro da área do loft, banhada em uma piscina de luz, estava Summer.

Nua.

Segurando o precioso violino com uma das mãos ao lado do corpo.

Um sorriso sagaz se espalhou em seu rosto.

Os olhos de Dominik se deslocaram dos lábios pintados dela para a explosão de cachos ao redor da cabeça, depois para o vermelho chocante dos mamilos. Tinha usado batom para se colorir, como ele havia feito tantos meses antes.

Ele baixou o olhar. Os pelos pubianos estavam crescendo, mas ele conseguia ver que ela também tinha pintado os lábios de baixo.

O coração de Dominik deu um salto e ele largou a mala.

Summer levou cerimoniosamente o violino ao queixo, uma escrava do ritual particular que os dois reconheciam como sendo deles, e começou a tocar.

O segundo movimento de *As Quatro Estações* de Vivaldi.

Uma onda de emoção tomou conta de Dominik.

Ele ficou paralisado, tomado por um redemoinho complexo de sentimentos.

Surpreso pela oferta dela. Pelo modo de ela recebê-lo. Por essa abertura ao tempo futuro deles juntos em Manhattan.

Cada nota era ao mesmo tempo familiar e nova para ele, evocava lembranças,

eventos anteriores, visões de Summer em todo seu esplendor. Ah, como essa primavera seria doce...

Conforme a música ecoava nas paredes do loft e Summer adentrou nos acordes, ela fechou os olhos. Como sempre, não precisava de partitura. As notas de Vivaldi eram agora parte dela. Ou seriam deles?

Dominik tirou os sapatos. Estava usando meias pretas, como sempre. Ele as tirou; o piso de madeira foi feito para pés descalços. Ao chegar mais perto de Summer, ele sentiu o calor delicado que irradiava do corpo dela, o latente cheiro de verde do perfume dela, a corrente leve de suor surgindo na superfície de sua pele conforme a atividade a aquecia aos poucos.

Ele respirou fundo.

Deu a volta ao redor dela. As costas eram brancas feito a neve, mas Dominik não conseguiu deixar de imaginar marcas anteriores, claras e suaves em suas costas e bunda, como um padrão há muito esquecido de pequenas tatuagens em linhas retas e perpendiculares sobre a pele. Como ele imaginava que as cordas sobre as quais ela contou teriam deixado marcas.

Ele chegou mais perto, com o corpo todo a centímetros do dela. Deu um beijo delicado na ponta macia da orelha de Summer.

Com os olhos ainda fechados, Summer tremeu, e o movimento involuntário provocou um leve tremor no fluxo da melodia. Ela endireitou a postura.

Dominik deu um passo para trás e deu outra volta ao redor de Summer, ficando agora de frente para ela.

Sem atrapalhar o movimento dos braços dela enquanto tocava, ele passou um dedo pela lateral do corpo dela a partir do ombro, e virou a mão para acompanhar a virilha e tocar nas beiradas dos grandes lábios pintados. Ajoelhou-se na frente dela e usou as duas mãos para abrir o espaço entre as pernas. Chegou com o rosto perto, quase tocando. Estava ciente de que, segurando o violino, ela não conseguia vê-lo, nem sua língua, que lentamente se aproximou dos lábios úmidos e convidativos.

Summer continuou a tocar, apesar de Dominik estar ciente de que cada célula do corpo dela gritava para que jogasse de lado o precioso instrumento, agarrasse Dominik e o provocasse até que ele explorasse seu corpo mais rápido, com mais intensidade. Ela sabia que ele a estava provocando. Brincando com ela. Instigando-a a parar de se concentrar no violino. A tornar-se mais ativa. Ela estava ciente do quanto a música estava ficando instável, não profissional. A musicista nela estava perplexa com a pobreza da música, mas a mulher lá dentro não conseguia evitar.

Dominik parou brevemente, saboreando o momento, saboreando o gosto de Summer. O gosto de cera do batom que ela havia usado era doce e enjoativo, e sem dúvida tinha passado para seus lábios. Ele estaria parecendo um palhaço caso se olhasse no espelho naquele momento, pensou despreocupadamente. Summer estava

absurdamente molhada, e ele a sentiu reagir a cada movimento da língua dentro dela; ela continuou tocando mesmo assim. Dominik afundou o rosto nas partes íntimas dela, com a ponta da língua acariciando o clitóris, sentindo-o endurecer. Ele o tomou entre os lábios, pressionou, massageou, e teve que reprimir um desejo forte de mordê-la. Ela ajustou o ângulo entre as pernas sem hesitar na melodia, convidando-o a ir mais fundo dentro dela. O cabelo dele roçou no interior das coxas quando ele aceitou o convite de bom grado e foi ainda mais fundo, com os lábios sentindo o fluxo dos fluidos dela.

Summer gozou com um tremor profundo; cresceu feito uma onda vinda do centro da barriga assim que a música chegou ao final.

A chuva lá fora tinha parado e houve um longo momento de silêncio total, e Summer ficou de pé como uma estátua de sal no meio do loft, com os olhos ainda firmemente fechados e Dominik de joelhos, olhando para ela. Os dois hesitaram quanto a quem devia falar primeiro, dizer alguma coisa, como se a decisão pudesse ter consequências terríveis.

O silêncio foi rompido por uma Summer ofegante, que agora lutava para regularizar a respiração.

Dominik se levantou do chão duro de madeira, olhou ao redor e reparou no pedaço de corda em uma das bancadas de granito da cozinha junto à bolsa de Summer, o celular cor-de-rosa e um molho de chaves. Coisas do workshop, talvez?

— Fique aí. Mantenha os olhos fechados — disse ele, e andou até a bancada e pegou a corda, pesando-a nas mãos. Era longa o bastante, estimou ele. Do tamanho certo.

Ele voltou até Summer.

Passou delicadamente a corda pelo pescoço dela e prendeu com um nó frouxo.

Ele conseguiu sentir o nervosismo dela enquanto tentava controlar a respiração, diminuir a velocidade.

— Venha — disse Dominik.

Ele puxou delicadamente a coleira improvisada. Summer uniu as pernas, colocou um pé na frente do outro com hesitação e seguiu a direção em que a corda se esticava.

Dominik a levou para o quarto.

Dominik estava em Nova York havia 15 dias, e ele e Summer tinham caído em uma rotina simples.

Ele encaixou seus horários na biblioteca com os ensaios dela, e até então não tinha havido conflitos, embora os dois estivessem cientes de que logo as coisas ficariam mais difíceis, pois a apresentação solo dela estava se aproximando. Ela

precisaria de mais horas para ensaiar e tinha aceitado ter orientações extracurriculares com Simón, o maestro da orquestra. Dominik sugerira que os três jantassem juntos, mas Summer se mostrou hesitante em organizar isso, sob o pretexto de não querer misturar a vida pessoal com a profissional.

— Não podemos ficar só nós dois o tempo todo — comentou Dominik.

— Não?

— Parece que somos prisioneiros no loft. Só eu e você contra o mundo.

— Não é disso que se trata ficar junto? — questionou Summer com um toque de irritação.

Ela não tinha certeza do que esperar quando concordou em morar com Dominik. Não sabia se estava pronta para uma vida a dois. Era verdade que ainda havia momentos em que ele a surpreendia; era imprevisível, estava conectado à vadia interior de Summer, quando tomava o controle de formas inesperadas, fazendo coisas que ela desejava, mas nem sempre conseguia expressar. E Summer também sabia que era inviável sustentar essa sensação dia após dia. Por um lado, ela se sentia prisioneira da rotina necessária do relacionamento deles; por outro, desejava infinitamente alguma espécie de desafio adicional. Ah, droga, era tudo tão complicado...

Ele tinha curiosidade sobre o tempo que ela passava com Cherry, o workshop de cordas, as cenas brandas na qual ela tinha se envolvido. Talvez ela devesse apresentá-lo. Não faria mal nenhum.

— Eu fiz uma amiga... você sabe, quando experimentei com a corda. O nome dela é Cherry. Quem sabe a gente pode se encontrar pra tomar um drinque. Acho que você iria gostar dela.

— Claro. Por que não?

Summer pegou o celular e marcou com ela. Eles se encontrariam às quatro da tarde em um bar que ela conhecia na Bleecker Street. Eles teriam pelo menos duas horas, pois Cherry ia se apresentar naquela noite em um lugar em Bowery.

A Bleecker Street estava com a confusão costumeira de fim de tarde, com boêmios, aspirantes à fama e turistas. Eles andaram até lá, atravessaram a Houston e passaram por um milhão de outros bares no caminho.

— Por que o Red Lion, com tantos lugares ao redor? — perguntou Dominik a Summer.

— É inglês, não é? Achamos que você gostaria de um toque familiar.

Por não beber, Dominik nunca foi de frequentar pubs, coisa que Summer parecia não perceber. Todos os encontros não sexuais deles foram em pequenos cafés italianos que existiam aos montes em Londres.

Por acaso, uma grande partida de futebol europeu estava sendo transmitida ao vivo na TV naquela noite, e o Red Lion estava lotado de uma multidão barulhenta cheia de expatriados e ianques curiosos. Eles foram obrigados a se deslocar para o Kenny's Castaways, na própria Bleecker Street, um clube folk que sobrevivia do auge do Greenwich Village, de Baez, Dylan e outros. O bar estava vazio e ainda havia mesas disponíveis com privacidade mediana.

Dominik ficou impressionado com o quanto Cherry era baixa, diferentemente do que ele esperaria de uma artista burlesca. Ela era pequena e compacta debaixo do cabelo arredondado rosa-shocking, e a enorme bolsa de lona que ela carregava no ombro diminuía ainda mais sua imagem.

— Meu equipamento — observou ela ao colocar a pesada bolsa no chão. — Eu sempre carrego mais do que preciso. Uma roupa extra, acessórios, meia dúzia de pares de sapatos... O trabalho é assim, você nunca sabe do que vai precisar — disse ela, como que pedindo desculpas, passando os dedos cheios de anéis pelo cabelo tingido para ajeitá-lo.

Dominik tinha se esquecido de pedir ao barman para pegar leve no gelo, e a Coca chegou no estilo americano, carregada de cubos. As duas mulheres pediram coquetéis cor-de-rosa em homenagem ao cabelo de Cherry. Não era o tipo de coisa que Summer costumava beber, observou Dominik, principalmente porque o bar tinha uma seleção de cervejas japonesas atrás do balcão.

— Então você é Dominik? — perguntou a amiga peituda de cabelo pintado enquanto o observava. A jaqueta de couro preta estava desfiada nas beiradas e era remendada em alguns pontos. Ela vestia uma calça legging de oncinha, colada ao corpo, e sapatos de saltos altíssimos, com purpurina. Um visual que seria mais apropriado para uma apresentação de cabaré do que para um pub.

Dominik tinha se esquecido de perguntar a Summer o quanto ela contou sobre o relacionamento e o passado deles para a nova amiga.

— O próprio.

— Muito britânico — comentou Cherry.

— E você é Cherry, a moça da corda.

Summer sorriu ao observar a interação inicial.

Cherry ergueu o copo.

— Aos novos amigos — declarou ela.

Eles fizeram o mesmo.

— Não sou bom em sotaques americanos — disse Dominik. — De onde você é, Cherry?

— Do Canadá, na verdade. — Ela exagerou no sotaque para demonstrar.

— Ah. Minhas humildes desculpas.

— Sou de Turner Valley, Alberta, uma pequena cidade ao sudoeste de Calgary.

Você não deve ter ouvido falar, mas acho que é exatamente o que se espera. Natureza selvagem, sem arranha-céus por 650 quilômetros e nenhum cabaré. Saí de lá na primeira oportunidade que tive. Comecei como uma daquelas garçonetes que faziam topless, e foi lá que conheci algumas das garotas que me ensinaram a dançar. Em pouco tempo, economizei gorjetas o suficiente para vir para a Big Apple. Nunca vou voltar.

— Da distante Nova Zelândia, de Alberta e de Londres — comentou Summer. — Somos todos exilados, estrangeiros em uma terra estrangeira. — Ela se sentia desconfortável e usou um clichê para sustentar a conversa, sem saber se juntar Dominik e Cherry tinha sido uma boa ideia.

— Vou beber a isso — disse Cherry.

— Então você está aqui sozinha? Sua família ainda está em Alberta? — perguntou Dominik.

Summer se mexeu na cadeira, ficando cada vez mais desconfortável com o caminho que a conversa estava seguindo.

— Não exatamente sozinha. Meus namorados me mantêm aquecida à noite, mas os dois estão fora da cidade no momento. Um está viajando com a banda e o outro a trabalho. Ele trabalha com vendas e viaja muito.

— Você tem dois namorados? — Dominik sorriu e ergueu uma sobrancelha com curiosidade.

— Era de se pensar que eu não passaria tanto tempo sozinha quanto passo. Talvez eu devesse arrumar um terceiro.

— Vocês querem outro drinque? — interrompeu Summer, em uma tentativa de frear a conversa sobre os parceiros múltiplos de Cherry.

— É minha vez, eu acho — respondeu Cherry, apoiando-se na mesa ao descer do banco. Era alto para as pernas curtas dela, e ela parou por um momento para verificar a estabilidade antes de colocar o peso nos saltos e andar em direção ao bar.

— Sua amiga é uma mulher interessante.

— É, ela é... diferente. Mas gosto dela. É sincera.

— Você acha que dá certo essa história de ela ter dois namorados?

— Parece que sim. Não conheci nenhum deles ainda, mas ela parece bem feliz. Não sei como ela consegue. Com tantos ensaios, mal tenho tempo pra um. Ela diz que o truque é administrar pela agenda.

— Sei que você está ocupada, mas espero que consiga tempo suficiente para mim.

— Ah, não, eu não quis dizer isso. É claro que tenho tempo pra você.

— Não estou interrompendo, estou? — disse Cherry ao colocar sobre a mesa uma bandeja com dois coquetéis cor-de-rosa e um copo de Coca. — Reparei que você não gosta de gelo, Dominik, então fiquei em cima do barman como um gavião.

Espero que esteja bom pra você.
— Perfeito. É muita gentileza sua.

Primeiro, eles tinham que encontrar o vestido certo para a performance solo de Summer. Dominik insistiu que ela usasse uma peça nova na ocasião, e não os vestidos de sempre. Acrescentou que o preço não era problema. A sugestão dele de passar um fim de semana visitando lojas de moda espalhadas pela Quinta Avenida e abaixo da Houston na Broadway foi rapidamente recusada por Summer. Ela sabia que seria difícil encontrar a roupa certa em uma dessas lojas. Uma tarde andando pelo SoHo, entrando e saindo de butikques, também não resultou em nada. Summer achava que os estilos não eram certos para ela, sem contar os preços extorsivos da maioria dos vestidos nas vitrines, apesar da despreocupação de Dominik quando o assunto era dinheiro. Já se sentia muito em dívida com ele; esse concerto seria sua hora de glória e Summer tinha sentimentos conflitantes quanto ao envolvimento dele. Dominik tinha gastado Deus sabe quanto com o Bailly, e ela sabia que o custo do aluguel do loft era exorbitante. Ela havia insistido em contribuir, mas sabia que a quantia que pagava não chegava nem perto da metade. Já bastava. Ela sabia que era orgulho, mas, caramba, ela era quem era e não tinha intenção de mudar agora e passar a ser uma mulher que precisava ser sustentada.

Só faltava uma semana para a apresentação, e Summer estava exausta em função dos ensaios, da persistência de Simón em ensaiar com ela e dos olhares silenciosos de reprovação de Dominik quando ela voltava para o loft após escurecer, horas depois do que ele esperava; Summer chegava esgotada pela crescente pressão do concerto e das próprias inseguranças sobre o quanto realmente era boa e se merecia a apresentação solo. Ela sabia que não era uma companhia fácil esses dias.

Eles comiam em silêncio, depois iam para a cama, onde o sexo tinha se tornado trivial. Todo esse tempo, Dominik se manteve reservado, sem falar demais sobre a pesquisa que estava fazendo na biblioteca, lidando com Summer cheio de dedos. Ele não contou para ela que fez contato com Miranda e que planejava ver a assistente administrativa de Columbia alguns dias depois, no almoço, com os velhos demônios dentro de si lutando para se reacenderem.

Conforme o final de junho se aproximava, a temperatura na cidade estava aumentando. Em uma tarde preguiçosa de domingo, eles resolveram dar uma caminhada, talvez até Washington Square, para se sentar perto do chafariz e ouvir os músicos, tomar um sorvete e se afastar da prisão do loft e dos silêncios constrangedores. Havia uma feira de rua em alguns quarteirões de Waverly Place e no lado norte do parque. Aromas de comida se espalhavam pelo ar (kebabs, cebola frita, hambúrgueres, fajitas mexicanas), e havia muitas barracas com bugigangas,

lenços, artigos de couro e camisetas, além de vendedores de limonada e vitaminas e um monte de mesas cheias de livros velhos e marcados. Dominik foi automaticamente atraído pelas barracas de livros, enquanto Summer reparou do outro lado, onde havia uma lona com velhas roupas vintage espalhadas na bancada. Era uma verdadeira confusão de cores e tecidos, mas a atenção dela foi atraída rapidamente para um vestido meio amassado, pendurado torto em uma grade na parte de trás da barraca improvisada.

Um vestido preto.

Summer se aproximou da peça com os dedos formigando.

Seria possível?

Era feito de uma camada dupla de chiffon, quase, mas não exatamente transparente. Ousado, mas modesto o bastante para passar pelos olhos de águia dos organizadores do concerto. Tinha um decote enorme nas costas, alças finas e uma faixa turquesa de contas que descia pela frente, oferecendo cobertura adicional para as partes mais privadas de quem o usasse, e também realçando as curvas de um corpo feminino. A barra tinha contas da mesma cor e dava peso ao vestido, de modo que manteria a forma e balançaria com cada movimento. Vinha com um par de luvas longas sem dedos, com as mesmas contas em uma tira delicada que passava nos dedos indicador e médio, indo até o cotovelo.

O vendedor, ao perceber uma possível cliente, se aproximou rapidamente.

— Pertenceu a uma dançarina burlesca inglesa. Ela mandou fazer. É o único no mundo, e o corpo dela era parecido com o seu.

— É lindo. O tecido é incrível, tão suave ao toque. — Ela chamou Dominik e mostrou o vestido de segunda mão para ele.

— É mesmo — confirmou ele.

Ela virou o vestido do avesso em busca de uma etiqueta com indicação do tamanho. Não havia nenhuma.

— Seria coincidência demais se fosse exatamente do meu tamanho — observou ela com um suspiro de resignação.

— Como você sabe?

— É improvável.

— Experimente — sugeriu ele.

— Não tem onde experimentar — observou Summer, indicando as pessoas andando ao redor deles à sombra do arco da Washington Square e, a apenas alguns passos, a área do parquinho infantil, onde vozes finas gritavam e riam.

— Eu sei — disse ele. — E daí?

— Não posso.

— É claro que pode.

Antes de sair do loft, ela tinha colocado um vestido frouxo e casual com estampa

florida para a caminhada até o parque. Não estava de sutiã, pois a parte de cima sustentava bem seus seios.

— Dominik...

— Desde quando você é tímida?

— Foi diferente nas outras vezes — protestou Summer.

— Eu sei. Foi sexual. Aqui não é. É tudo, menos sexual. Então vá e faça. É simples. — O tom dele agora era peremptório, severo.

Ela olhou nos olhos dele e reconheceu o brilho familiar de sordidez e autoridade que às vezes o transformava em uma pessoa completamente diferente, o adorado Dominik cruel e exigente, um homem que ela agora conhecia bem.

Ela tentou dar alguns passos em direção à cobertura da tenda improvisada para tirar o vestido, mas ouviu Dominik fazer um som indicando que não.

— Não... Onde você está agora está bom.

Fugindo dos olhares dos muitos transeuntes, Summer puxou as alças finas do vestido de verão que estava usando e o levantou. O tecido de algodão se embolou entre os dedos e ela o puxou por cima da cabeça. Por baixo usava apenas uma calcinha preta de cintura baixa.

Ela estava em uma rua de Nova York, rodeada por estranhos, quase completamente nua. Com o canto do olho, ela viu os olhares, a surpresa, o fato de que algumas pessoas até pararam para olhar melhor, enquanto outros afastaram o olhar. Ela prendeu a respiração e colocou o vestido preto com as bochechas ardendo. O caimento foi perfeito, mesmo com sua cintura fina nada comum. O tecido parecia seda em contato com a pele e aliviou o calor terrível que a percorria ao pensar em todos esses estranhos testemunhando sua nudez e vendo mais do que um vislumbre de seu corpo. Havia ao mesmo tempo um elemento de vergonha e de excitação intensa, que a lembrava da ocasião em que ficou nua e excitada pela primeira vez em público, no clube de fetiche em Londres, tantos meses antes.

Talvez fosse alguns centímetros comprido demais, mas ela sabia que com uma agulha e linha isso poderia ser facilmente corrigido.

— Está vendo — disse Dominik.

Com um sorriso, ela concordou.

Dominik pagou o dono da barraca.

Summer estava prestes a sugerir que podia percorrer a curta distância até o apartamento com o vestido preto novo, mas Dominik pediu ao dono da barraca um saco plástico para poder guardá-lo e indicou que ela devia trocar de roupa novamente e colocar o vestido de verão. Mais uma vez, Summer tirou a roupa sob os olhares lascivos do grupo que se reuniu ao redor da barraca para observar.

— Você gostou disso, não gostou? — perguntou Dominik.

— Gostei do vestido preto que compramos — disse Summer de maneira

desafiadora, recusando-se a morder a isca.

O vestido novo tinha sido lavado a seco, o comprimento, encurtado, e Summer estava pronta para a apresentação solo. Pela insistência previsível de Dominik, ela não usou nada por baixo. A sensação era excitante. Ela se perguntou o que Simón acharia dela se soubesse.

Ele era o maestro da noite, como sempre.

O concerto aconteceria em Webster Hall, na 11 entre a Terceira e a Quarta Avenidas, e começaria com a orquestra toda tocando “Night on the Bare Mountain”, de Mussorgsky, na regência de Rimsky-Korsakov. Summer viria depois com o “Concerto para Violino em ré maior” de Korngold, e o show terminaria com a orquestra tocando a “Sinfonia nº 5 em ré menor” de Shostakovich.

Simón escolhera as músicas como a vitrine perfeita para as novas dinâmicas que ele levou para a Gramercy Symphonia, e achava que Korngold era totalmente compatível com o temperamento e o talento de Summer.

Dominik marcou um táxi para buscar Summer, pois ela precisava estar em Webster Hall um pouco antes do concerto. Ele iria depois, sozinho. Conhecia o lugar, pois já tinha ido a uma apresentação de Patti Smith lá, e pedira a Summer para conseguir um lugar para ele no balcão, onde sabia que teria uma visão superior do palco.

Havia uma emoção no ar quando a orquestra e Simón, que era um poço de energia com seu cabelo encaracolado balançando a cada movimento dos braços, fizeram uma reverência no final do primeiro trecho de Mussorgsky, curto e às vezes pirotécnico. Enquanto isso, a plateia ansiava pela chegada da violinista cujo primeiro concerto tinha sido enfaticamente anunciado como tal. Por insistência de Dominik, uma foto de Summer sem exibir a cabeça e segurando o violino em frente ao peito nu, com apenas algumas mechas do cabelo vermelho fogo visíveis, enfeitava os pôsteres do evento, mantendo assim a identidade misteriosa até o dia da performance. Era uma foto que uma amiga dela tinha tirado em Londres e que ele adorava por causa das lembranças particulares que despertava. Quando a ideia foi sugerida aos organizadores do concerto e à gerência da orquestra, eles se mostraram surpreendentemente entusiasmados. Até mesmo o *Village Voice* e o *Time Out* usaram a foto, e todos os ingressos haviam sido vendidos por consequência.

As luzes diminuíram e Summer entrou no palco. Os murmúrios na plateia sumiram.

Summer ajustou a postura, colocou o arco em posição e iniciou o solo de abertura de Korngold, o “Moderato nobile”, que abrange duas oitavas em cinco notas.

O novo vestido preto se agarrava a ela como uma segunda pele.

Ao vê-la de cima, Dominik sentiu um nó na garganta.

Ficou paralisado tanto pela beleza de Summer quanto pela música. Havia uma sensualidade na forma como os cabelos dela, selvagens e abundantes, eram acentuados pela iluminação da sala de concerto, com a pele clara dos braços nus contrastando fortemente com o tecido preto do vestido e com a escuridão dos ternos usados pelo resto da orquestra.

Ele fechou os olhos, imaginou a nudez de Summer, a forma como ela tocava para ele, libertina e bela, o modo como a visão do corpo dela perdido na música fazia seu pau tremer e podia quase levá-lo ao orgasmo, uma vítima voluntária do desejo.

Ao redor dele, o mundo todo desapareceu.

O tempo desacelerou, mas continuou a fluir, acalentado pelos sons sublimes e pelo desempenho virtuoso do restante da orquestra. A seção de metais tinha momentos particularmente intensos, incluindo os amigos croatas de Summer, que estavam com sorrisos largos ao atacar de bochechas infladas seus instrumentos, tomados por uma agressividade calculada.

Em pouco tempo (o concerto de Korngold chegava a no máximo 25 minutos de duração), a parte “Romanze” acabou e Summer entrou no movimento final, “Allegro assai vivace”. Era a parte mais difícil da composição, que ela ensaiou por horas a fio. Mas agora ela o fazia parecer fácil, seu corpo sintonizado ao instrumento e à música.

Quando Dominik abriu os olhos, os ecos finais do concerto morriam e a plateia estava de pé, aplaudindo loucamente, enquanto Simón sorria e Summer fazia sua primeira reverência de agradecimento.

De seu ponto de observação privilegiado, Dominik se concentrou no rosto de Summer e ignorou os outros espectadores do balcão, todos de pé e esbarrando nele ao aplaudirem com entusiasmo. Havia um leve sorriso no rosto de Summer enquanto ela continuava a fazer modestas reverências para a plateia, e os membros da orquestra, que estavam atrás dela no palco, se levantaram ao mesmo tempo e também aplaudiram. Era um sorriso no qual Dominik conseguia ler uma satisfação silenciosa, mas também tristeza, como se ela agora tivesse percebido que, nesta noite, havia chegado a uma encruzilhada e que sua vida jamais seria a mesma.

Um funcionário da sala de concertos surgiu da coxia e entregou a Summer um enorme buquê de flores. Por um momento, ela ficou ali de pé, confusa, sem saber como lidar com a situação, ainda segurando o violino nervosamente na lateral do corpo. Simón se aproximou, sussurrou alguma coisa no ouvido dela e tirou o Bailly de suas mãos com delicadeza. Ela segurou as flores e, sem olhar para o balcão, foi levada do palco, sua saída atrasada pelos aplausos ininterruptos.

Era a noite dela, o triunfo dela. Dominik sabia que, sem dúvida, Summer gostaria de passar o resto da noite com os amigos músicos, comemorando nos bastidores.

Pouco antes do barulho acabar e da orquestra tocar o trecho final do concerto, de Shostakovich, ele ficou de pé e saiu do balcão. Desceu a escada e saiu do Webster Hall para voltar para o loft sozinho.

adjacentes, depois por outro corredor e por outra porta, que levava a um lance de escadas que desciam para outra porta desconhecida que surgiu na escuridão abaixo. Eu hesitei. Os degraus eram de madeira em vez de pedra e não tinha o cheiro de coisa antiga, mas, fora isso, me fizeram lembrar exatamente da cripta para onde Dominik tinha me levado, onde fizemos sexo pela primeira vez.

Dominik. Eu devia estar comemorando com ele, não com Simón. Se ele não tivesse me visto tocar Vivaldi na estação Tottenham Court Road mais de um ano atrás, eu provavelmente não estaria aqui. A maior parte dos eventos que aconteceram desde então provavelmente não teriam acontecido sem ele; nosso encontro acidental foi como a corrente que me desviou de um curso e me mandou com velocidade total para outro.

Eu hesitei.

— Não se preocupe, não tem fantasmas aqui embaixo. É só uma sala antiga de almoxarifado, mas o único lugar que vai passar completamente despercebida, pelo menos por alguns minutos.

Eu o segui pelos degraus. Não demorávamos, e Dominik ainda estaria aguardando. Era o que eu esperava.

A sala não era nada parecida com a cripta. Só tinha algumas prateleiras cheias de produtos de limpeza, algumas caixas e alguns baldes e esfregões.

Simón virou um balde amarelo e se sentou nele, com as pernas longas esticadas desajeitadamente à frente do corpo.

— Sapatos pretos e simples hoje, pelo que estou vendo — falei, achando graça na maneira como a formalidade do terno dele contrastava com o ambiente poeirento do almoxarifado e com a cor intensa e infantil do assento improvisado.

Virei outro balde e me sentei ao lado dele, tomando o cuidado de limpar o fundo para que a sujeira não grudasse no meu vestido.

— É só uma coisa à toa — disse ele. — Sempre existirão partes de mim que é melhor esconder das companhias educadas. Nem todo mundo aprova maestros que usam botas de pele de cobra. Embora eu veja que você se aproximou mais do limite do que eu mesmo ousaria ao usar esse vestido.

Daquela distância, provavelmente ele conseguia ver que eu não estava usando sutiã.

Eu dei de ombros.

— Sexo vende — eu disse. — Qual foi a última vez que você viu um músico almofadinha se sair bem? A música clássica tem tudo a ver com sexo atualmente.

— A música clássica sempre teve relação com o sexo. E não só com mulheres.

— Anda lutando pra desviar das groupies e chegar ao camarim intacto?

— Eu não iria tão longe, mas pode ser um pouco assim. Não tenho mais saído com muitas mulheres. Nunca consigo saber se ela está realmente interessada em

mim ou se apenas gosta da ideia de namorar um homem que é maestro de orquestra. E você? Seu amigo inglês veio te ver no concerto?

— Veio. Na verdade, ele vai ficar em Nova York por alguns meses. Estamos morando juntos.

— Ele agiu rápido, então. Não posso culpá-lo.

Olhei para os sapatos, evitando o olhar de Simón.

— Acho que eu devia voltar logo. Ele deve estar se perguntando com quem estou comemorando.

— Acho que sim. Por que não o convidou pra se juntar a nós? Nesta noite, acima de todas, você poderia ter convidado uma tropa de elefantes pros bastidores se quisesse.

— Não sei — murmurei. — Me pareceu uma coisa que devia ser mantida distante. Não é uma boa ideia misturar trabalho e prazer.

— Sim. Já percebi sua opinião sobre isso... Agora, antes de você desaparecer, tem uma pessoa com quem quero que fale.

Ele ficou de pé e esticou o braço para me ajudar. Segurei a palma da mão dele e relaxei, para deixar que ele me ajudasse a levantar, inspirando para apreciar o cheiro de seu perfume. Simón tinha passado uma quantidade generosa de perfume hoje, e também alguma espécie de pomada no cabelo para tirar um pouco do frizz dos cachos e acrescentar um leve brilho. Com o cabelo brilhoso, casaca preta e camisa branca engomada, ele parecia um mágico viajante.

Ele abriu a porta e a segurou para mim educadamente, para que eu pudesse andar na frente dele escada acima, embora desconfiasse que estivesse motivado mais por voyeurismo do que por boas maneiras. Dominik havia me informado antes de eu sair do apartamento que, com a luz apropriada, a parte de trás do vestido, que não tinha contas, era praticamente transparente e dava uma visão perfeita do meu traseiro nu para qualquer observador.

Na luz mortiça no alto da escada, tive um vislumbre cor-de-rosa, a única coloração em todo o corredor.

— Parece que eu estava errado quanto ao anonimato de nosso esconderijo — comentou Simón. — Parece que você já tem uma *stalker*. E que parece ser do tipo doida.

— Simón — falei, apresentando-os —, esta é Cherry. Cherry, Simón.

Cherry esticou a mão educadamente. Apesar dos saltos altíssimos, Simón teve que se abaixar para apertar a mão dela. Usava um vestido amarelo de cetim e sapatos combinando, e com o cabelo rosa no alto, parecia algo que tinha escapado de uma usina nuclear.

— Não me diga que está se escondendo dos seus fãs, Summer? — disse ela. — Você foi incrível. Devia estar lá recebendo todos os elogios.

— Só estávamos procurando um lugar seguro pro violino dela — disse Simón.

— Certo — respondeu Cherry, com os olhos indo de um ao outro com desconfiança.

— E infelizmente tenho que roubar sua amiga de novo, pois ela precisa conhecer alguns dos admiradores dela.

Ele segurou minha mão mais uma vez e me puxou por outro labirinto de corredores até um dos bares, que felizmente estava relativamente tranquilo. Fiquei um pouco envergonhada, pois as luzes estavam bem mais intensas do que nos bastidores, e subitamente atentei para a minha nudez por baixo do vestido fino, que no palco era parte do show, mas que fora dele podia parecer um tanto chocante. Fiquei com raiva de mim mesma por não ter levado uma muda de roupa. Um erro de amadora que eu não voltaria a cometer.

— Você se lembra da agente no meu jantar? Susan? — sussurrou Simón no meu ouvido. — Agora é sua chance. Fale com ela.

Eu assenti quando ele colocou a mão na base das minhas costas e me empurrou.

Eu me apoiei no bar ao lado dela, como se estivesse ali por acaso, esperando para comprar uma bebida. Ela estava arrumada de maneira elegante, com um vestido lápis cor de ameixa, elegante, mas discreto, e um penteado perfeitamente montado, o visual certo para uma pessoa que estava meio trabalhando e meio se divertindo. Susan era ruiva natural, o que eu contava como outro ponto favorável. Estava com um BlackBerry na mão e digitava furiosamente, e alheia aos arredores, mas seus olhos se iluminaram assim que ela me viu.

— Summer! Que ótimo esbarrar em você de novo. Você estava maravilhosa lá no palco, um triunfo total.

— Obrigada. Er... Gostei dos seus sapatos.

Eu me xinguei por não pensar em alguma coisa mais inteligente para dizer antes de me aproximar dela.

— Ah, obrigada. São docksides de saltos altos. Não vi nenhum em Nova York. Comprei em Londres.

Eu assenti.

— Olha, vou direto ao ponto. Sei que você deve ter legiões de admiradores esperando para te parabenizar, e deve estar morrendo de vontade de fugir deles e ir pra casa, mas acho que você realmente tem um diferencial. Quero fazer uma turnê com sua apresentação.

— Uma turnê? — Eu engoli em seco.

— Sim. Só você e alguns integrantes da seção de cordas. Acho que você tem o elemento certo de talento e sex appeal pra se sair bem em uma apresentação solo. E não só nos Estados Unidos. Quero levar você pra vários lugares. Esse seu sotaque é do hemisfério sul?

— É, sou da Nova Zelândia, mas morei na Austrália por um tempo também.

— Ótimo. Os divulgadores de lá vão adorar. Eles parecem amar qualquer pessoa que faz sucesso fora e volta pra visitar.

— Eu adoraria fazer uma viagem pra casa — respondi —, e pra qualquer lugar pra onde você queira me mandar, é claro — acrescentei rapidamente, enfatizando meu entusiasmo.

— Que bom. Está combinado então. Não fale com mais nenhum outro agente, certo? Você pode ir até meu escritório na segunda e vamos organizar a papelada. — Ela pegou um cartão em um dos bolsos e o colocou na minha mão. — Esse é um grande passo, sabe, Summer? Você vai estar relaxando em uma casa de praia em Long Island antes mesmo de se dar conta.

— Quando você gostaria de começar? — perguntei, com medo da resposta.

— Agora, é claro. O tempo é muito importante nessas situações. Você viu a multidão lá fora? Você precisa acompanhar a maré, porque nunca se sabe quando ela pode desaparecer. É impossível prever a reação do público. Nunca se sabe qual vai ser a próxima explosão. E, no momento, essa explosão é você. Tire vantagem enquanto durar.

— Ok. Obrigada — falei, tomando cuidado para colocar um sorriso no rosto. Eu me sentia extremamente cansada. Só queria ir para casa, para Dominik.

Era uma da madrugada quando cheguei em casa. Dominik já estava dormindo. Ele tinha jogado as cobertas longe, um detalhe que eu mencionaria de manhã, porque ele sempre reclamava que eu roubava o cobertor.

A pele branca inglesa parecia ainda mais branca contra o lençol preto. Ele preferia roupas de cama da mesma cor que Loralynn, pelo que eu lembrava, e falei para ele quando comprou os lençóis que a cor não era prática e que logo ficaria coberta de manchas. Ele comprou mesmo assim, é claro, mas não reclamou quando troquei para um conjunto meu de cor creme. Tínhamos chegado a um acordo silencioso agora e revezávamos entre os dois. Eu estava agradecida por ele não ter queda por listras nem por estampas florais.

Ele dormia nu, como eu, e parecia estranhamente vulnerável encolhido na cama sem cobertura nenhuma. Estava quase em posição fetal, com uma perna dobrada no ângulo certo e a outra esticada, com o pênis flácido à mostra. Parecia pequeno e murcho, mas ainda bem bonito. Eu me inclinei e acariciei delicadamente, surpresa pela maciez da pele neste lugar que, na minha mente, sempre imaginei permanentemente duro, uma arma, o centro do poder dele. Eu nunca tinha examinado

o pau de um homem quando estava mole. Isso fez com que eu me perguntasse o que mais nos homens e em Dominik em particular eu aceitava como verdade absoluta.

Eu vinha querendo acordá-lo com um boquete desde que fomos morar juntos, mas ele inevitavelmente acordava antes de mim, deixando pelo menos uma e às vezes três xícaras de café esfriarem ao lado da cama antes que eu me mexesse.

A pele dele era mais morena quando nos conhecemos, eu tinha certeza. Deve ter sido por causa de um período de férias, e não como resultado de alguma herança mediterrânea, pensei, deixando o vestido cair no chão e entrando debaixo das cobertas que ele tinha chutado para o lado.

Ainda havia tanto que eu não sabia sobre ele, tantas coisas que nunca perguntei.

Decidi ser uma namorada melhor a partir do dia seguinte. Pelo menos durante o tempo que eu pudesse antes de precisar deixá-lo sozinho em Nova York, o que agora parecia inevitável se eu acreditasse em Susan.

No fim das contas, foi Dominik que me acordou com sexo oral na manhã seguinte. Eu não tinha tomado banho antes de ir para a cama e puxei o cabelo dele delicadamente com a mão assim que senti a cabeça entre as minhas pernas, tentando afastar as atenções dele até eu ter a chance de me lavar. Ele me empurrou e continuou. Não fazia sentido discutir com Dominik, fosse em silêncio ou com palavras. Às vezes eu achava que ele gostava mais quando eu não tinha me lavado, como se desse a ele o poder de me excitar quando eu me sentia indesejável.

Eu havia começado a relaxar e apreciar o toque firme da língua quando ele se ergueu e me beijou.

— Meu café da manhã favorito — disse ele no meu ouvido. — Seu gosto é ainda melhor agora que você está famosa.

Eu ri.

— Agora você está falando besteira.

— Não, não estou. Você devia ter visto os homens na plateia. Acho que todos eles estavam de pau duro no movimento final, principalmente seu precioso Simón.

Eu me irritei.

— Não é assim.

— Não — disse ele —, eu gosto, gosto de eles quererem você. Não posso culpar nenhum deles, e sou eu quem tem você exatamente onde é o seu lugar.

Ele ergueu a pélvis e colocou o pau dentro de mim. A sensação dele dentro de mim, onde a língua estava momentos antes, foi o bastante para afastar qualquer outro pensamento da minha cabeça. Eu gemi de prazer, os medos quanto ao futuro esquecidos, e ele segurou meus dois pulsos com força enquanto me penetrava, ignorando o som da cabeceira batendo na parede.

— Acho que preciso ter cuidado com suas mãos agora — disse ele. — Você vai fazer seguro pra elas?

Ele sufocou minha gargalhada com um beijo.

— O papai e mamãe é subestimado — comentei, me aninhando em seus braços depois que ele gozou dentro de mim. Nós tínhamos discutido a questão nada romântica, porém necessária, de histórico sexual e de prevenção de gravidez. Eu tinha começado a gostar da reação chocada dos médicos quando relatava meu histórico sexual. Cada momento de constrangimento valia pela sensação do sêmen quente de Dominik escorrendo pelas minhas pernas, sem qualquer culpa ou preocupação residual de que algum dia poderia haver o som de um par de pezinhos, uma possibilidade que eu estava feliz em evitar.

Deixei passar um dia antes de abordar o assunto da turnê, no Toto, o restaurante japonês na Thompson Street que tinha se tornado lugar que frequentávamos regularmente. Eu concluí que, em público e feliz com a possibilidade de peixe cru para o jantar, Dominik poderia aceitar melhor a ideia.

Eu estava errada.

— Você vai embora? — disse ele incrédulo. — Eu acabei de chegar. Só temos poucos meses juntos. A turnê não pode esperar?

— Minha agente diz que o momento é agora.

Ele amassou o guardanapo de papel com irritação.

— Certo. E o que eu supostamente devo fazer enquanto você estiver viajando?

A voz dele estava calma, mas reparei que apertava o copo com força.

— Prosseguir com sua pesquisa, eu acho. Olha, os primeiros meses não estão tão distantes. Vai dar para voltar facilmente entre os concertos. Vou precisar, de qualquer jeito, pra trocar as roupas e coisas assim.

— Não te ocorreu me consultar antes de decidir tudo isso? Não me mudei pra cá pra ser sua lavanderia, sabe.

— Eu não quis dizer isso. Vou sentir saudade, de verdade, mas você não vê que não posso deixar uma oportunidade dessas passar? Pode nunca surgir outra.

Dominik suspirou.

— Eu sei. Entendo isso — disse ele, espetando outro pedaço de peixe com violência alarmante. — É só que não foi fácil arrumar essa vinda pra Nova York, e a questão toda era pra podermos passar um tempo juntos. Não estou gostando da pesquisa, você sabe, e deveria observar que você não me perguntou como está indo nem uma vez.

— Me desculpe.

— Certo. Tudo bem. Você tem que ir. Não vamos brigar agora e arruinar o tempo que ainda temos juntos.

Passamos o resto da refeição em silêncio. O sashimi, normalmente uma das minhas comidas favoritas, pareceu entalar na minha garganta, e nem uma garrafa de Asahi ajudou a descer.

O escritório da agente ficava a poucas quadras do Central Park. Era pequeno, mas elegante, com mobília em cores primárias e uma série de plantas espalhadas. Era o tipo de decoração que um especialista em *feng shui* poderia recomendar como a mistura perfeita de profissionalismo e simpatia, para ganhar a confiança de um cliente inexperiente. Susan tinha um cachorro, um velho basset hound, que ficou sentado no sofá em frente em uma almofada vermelha e gasta, me olhando sob pálpebras pesadas.

Achei a presença do cachorro reconfortante. Costumo confiar em pessoas que têm animais, principalmente cachorros. Se eu soubesse que Dominik não tinha animais de estimação antes de chegar à casa dele em Hampstead, eu poderia ter tido uma opinião ruim. Mas já tínhamos feito sexo quando fui à casa dele, então era tarde demais para incluir esse defeito de personalidade em minha avaliação inicial.

Cheguei à conclusão de que Susan devia ser legal o bastante pelo menos para o cachorro querer ficar por perto, e foi por isso que desisti de ler a tonelada de papéis que ela me deu após as primeiras poucas páginas e simplesmente assinei tudo. Eram palavras longas e porcentagens, coisas sobre as quais eu não tinha poder de escolha. Eu me dei conta de que tinha muita sorte de sequer estar nessa situação, e que certamente não estava em posição de negociar. Isso poderia acontecer na minha próxima turnê se a primeira fosse um sucesso. Fora o cachorro, confiei nela instintivamente. Era engenhosa, mas genuína.

Eu tinha combinado de me encontrar com Cherry depois de assinar os papéis com a agente, pois ela trabalhava perto. Como professora primária, descobri.

— Como sua vida particular é aceita pelo comitê da escola? — perguntei para ela enquanto tomávamos café no Lenny's na Segunda Avenida.

— Ah, eles não sabem de nada. É por isso que uso meu nome artístico pra tudo. Só minha família e meus colegas de trabalho me chamam pelo nome verdadeiro. Basicamente, tenho duas vidas. A gente se acostuma. E você deveria fazer o mesmo se vai se expor ao público e continuar com qualquer tipo de vida pervertida.

— Acho que eu não poderia usar outro nome. Me sentiria desonesta.

— Mas você não é tão honesta assim, é?

— Como assim? — Fiquei um pouco ofendida. A sinceridade era uma coisa da qual sempre tive orgulho. Nunca gostei de pessoas que sinto que estão se escondendo. Eu achava isso um sinal de fraqueza, de falta de coragem.

— Seus dois homens não sabem um sobre o outro, sabem?

— Eles não são meus dois homens. Não estou saindo com Simón.

— Não é o que parece pra mim.

— Bem, você não vê tudo, vê?

Senti meu sangue ferver. Eu havia tido dias estressantes, dias cheios de crítica e agressividade vindas de Dominik, e não precisava ouvir o mesmo de Cherry.

— Olha, o que você faz é problema seu, não meu, mas acho que o jeito como você está operando não é ético. Não é bigamia; é traição.

— Nunca toquei em Simón!

— Não?

Não tive o que responder a isso. Eu o tinha beijado, mas só isso.

— O que tenho com Dominik não é como o que você tem com seus dois... namorados. Que nunca parecem estar por perto — acrescentei com malícia.

— Só estou falando. Consigo entender por que você quer manter Simón feliz, obviamente isso está fazendo maravilhas pela sua carreira, mas não sacrifique Dominik por isso. Ele é um cara legal. Você pode se arrepender, só isso.

— Você está dizendo que eu o estou usando? Pra minha carreira?

— Não, de jeito nenhum. Tenho certeza de que sem um benfeitor rico pra comprar um violino caro pra você e sem um jovem maestro famoso te empurrando no caminho dos agentes você se sairia bem do mesmo jeito, em algum momento.

Eu tinha contado a ela como Dominik e eu nos conhecemos, mas de repente desejei não ter contado. Ela não entendia.

Peguei a bolsa e joguei uma nota na mesa para cobrir o custo das bebidas com uma gorjeta mais do que generosa, mas me senti meio cruel quando saí andando, sabendo que, apesar de tudo, Cherry tinha razão. De qualquer forma, não era justo esfregar minha sorte recente na cara dela. Mas era tarde demais, pensei, diminuindo o passo quando me dei conta de que estava no Central Park e de que não fazia ideia de onde tinha vindo e nem para qual direção seguia. Estava com tanta raiva que nem prestei atenção à minha volta.

O parque, em vez de ser o local de solidão e descanso que eu desejava, estava cheio de crianças gritando. Eu estava perto da estátua de Alice no País das Maravilhas, perto da 74, então pelo menos eu sabia onde estava.

Pais e babás aos montes passeavam com crianças, que subiam e escalavam o cogumelo gigante no qual Alice estava sentada. A superfície de bronze era lisa como mármore, talvez de propósito, mas ajudada pelas muitas crianças que há décadas passavam a mão ali, torcendo para encontrar o botão mágico que as jogaria no buraco do coelho.

Eu queria falar para elas esquecerem contos de fadas, que coisas mais estranhas acontecem na vida real, mas duvidava que seus responsáveis, estressados a ponto de explodir, aprovariam. Uma garotinha de jaqueta vermelha, sapatos vermelhos combinando e cadarços amarelos tentava tirar a cartola da cabeça do Chapeleiro Maluco. Ela chorou quando a mãe a afastou.

Eu me sentei na grama e tentei imaginar como minha vida seria se eu tivesse escolhido a estrada mais percorrida, se a garotinha de jaqueta vermelha fosse minha filha, se eu tivesse uma casa com jardim e um basset hound me esperando e um

emprego fixo que não envolvesse noites em salas de concerto nem ônibus de turnê.

Eu poderia, se quisesse. Provavelmente não com Dominik, mas com Simón ou qualquer um dentre uma dezena de homens normais por quem eu poderia pensar estar apaixonada por um tempo e com quem acabaria me entediando. Mas eu o apresentaria para os amigos e para a família, sairia com ele e faria festas de fim de ano em família. Talvez pudéssemos até envelhecer juntos se tivéssemos sorte.

A ideia me encheu de medo.

A vida com Dominik no apartamento do SoHo era mais distante do normal do que agradaria a maior parte das pessoas, e escolher a vida de musicista em turnê diminuiria ainda mais minha chance de viver uma vida normal. Só que essa era a vida que eu tinha escolhido e que me agradava.

Sempre fui do tipo que preferia nadar contra a correnteza, mesmo que fosse mais difícil.

Meu recém-descoberto otimismo sumiu rapidamente nos dias que se seguiram, pois as duas semanas antes do começo da turnê, rapidamente organizada por Susan, desapareceram em um piscar de olhos. Era como se a vida quisesse tanto me jogar nesse novo caminho que se deslocava com o dobro da velocidade para que eu chegasse mais rápido.

Só alguns músicos da Gramercy Symphonia puderam se juntar a mim, e não havia ninguém que eu conhecesse bem. Durante o processo de testes, percebi o quanto fiquei voltada para mim mesma desde que cheguei a Nova York, pois além de Marija e Baldo, não tinha criado laços com mais ninguém da orquestra. Eu passava a maior parte do meu tempo falando com Simón. Ele e Susan reuniram os outros músicos conhecidos, a partir de recomendações e dos profissionais que ela tinha cadastrados. Todos estavam acostumados a fazer turnês e a trabalhar com novos músicos com pouca antecedência.

Passamos horas ensaiando juntos, desta vez aproveitando a oferta de Simón de nos emprestar o porão como local de ensaio, pois era um espaço bem mais agradável de se passar a tarde do que o prédio velho que alugávamos. Este último era mais perto do meu antigo apartamento, mas era escuro, sujo e cheio de correntes de ar que de alguma maneira entravam mesmo quando as janelas estavam bem-fechadas, como se as paredes fossem asmáticas.

Nossa primeira parada na turnê eram algumas noites em Calgary, seguidas de Toronto e Quebec, antes de seguirmos para a Costa Leste dos Estados Unidos, onde eu estaria mais perto de casa e poderia visitar Dominik.

Eu mal o tinha visto nos últimos dez dias. Ele andava recluso desde que anunciei a turnê e insistia estar atrasado na pesquisa e nos compromissos de aulas, passando assim mais e mais tempo na biblioteca. Não fizemos sexo desde a manhã seguinte ao

meu concerto, e meus esforços para guiá-lo nessa direção saíram pela culatra.

Uma tarde, quando ele esperava que eu estivesse fora do apartamento ensaiando, cheguei mais cedo para surpreendê-lo depois de uma das palestras ocasionais. Ele abriu a porta e me encontrou na cozinha, fazendo torta de maçã com uma roupa de estudante que eu tinha comprado on-line. Meias longas, uma minissaia xadrez e suspensórios, e os cabelos longos presos em maria-chiquinhas. Era para ser uma brincadeira, embora, é claro, eu torcesse para ele achar a ideia excitante e divertida ao mesmo tempo.

— Às vezes eu me pergunto se você realmente me conhece — disse ele, lançando um olhar crítico a mim antes de desaparecer para dentro do quarto e bater a porta.

Joguei a torta fora e liguei o exaustor da cozinha para tirar o cheiro.

Depois disso, parei de me esforçar e deixei que ele ficasse emburrado, embora todas as noites, quando eu deitava na cama ao lado dele e ele virava as costas para mim, eu sentisse como se nós dois tivéssemos sido congelados criogenicamente, separados por uma parede de gelo que não devia estar lá.

Eu queria esticar a mão e tocá-lo, melhorar a situação com um abraço caloroso, mas meus braços estavam presos ao corpo como se tivessem sido cimentados.

Em contraste, Simón estava ansioso para passar mais e mais tempo comigo, e eu me perguntava se ele arquitetava a disponibilidade dos outros músicos para que sempre precisassem sair correndo para outros compromissos assim que o ensaio terminava, deixando-nos sozinhos no porão enquanto eu juntava minhas partituras e recolhia minhas coisas. Ele queria saber todos os detalhes da turnê, as músicas planejadas para cada noite. Eu tinha deixado toda a organização nas mãos do destino e da minha agente, que tinha cada detalhe planejado com a eficiência de uma agente da CIA, então eu não sabia as respostas para a maior parte das perguntas de Simón sobre onde eu ficaria e por quanto tempo.

Estava começando a me cansar das atenções dele. Seu perfume de especiarias me dava dor de cabeça. O frizz de seus cabelos me deixava tentada a colocar um vidro de gel no armário do banheiro dele. Até a variedade de sapatos alinhados ao lado da porta da frente, que antes eu achava encantadora e elegante, agora me dava nos nervos.

Depois de cada ensaio, eu corria para casa, na esperança de Dominik ter me perdoado, de que voltaria a ser ele mesmo novamente, pelo menos durante nossos poucos dias juntos. Mas o loft estava sempre vazio, e quanto mais tempo eu passava nele sozinha, mais solitária me sentia.

Quando não consegui mais adiar, comecei a fazer as malas, levando a menor quantidade possível de coisas em uma tentativa de assegurar Dominik de que eu não passaria muito tempo longe. Coloquei na mala minhas roupas para a apresentação, o vestido preto longo que ele comprou para meu primeiro concerto solo, dois vestidos

curtos para eventos menores e mais íntimos ou para os que poderiam ser conservadores demais para um vestido transparente.

Na noite anterior à minha partida, Dominik estava fora, a trabalho.

Simón ligou para me desejar boa sorte, pois meu voo era de manhã cedo. Deixei o telefone tocar até a caixa postal atender e não ouvi a mensagem.

Em um esforço final para me acertar com Dominik, vesti o espartilho preto e apertei o máximo que consegui sem ajuda e coloquei o tom escuro de batom que ele preferia, do mesmo jeito que fiz em nossa primeira noite que passamos juntos no loft, do mesmo jeito que ele me pintou quando toquei para ele e para a plateia secreta, nos mamilos e nos grandes lábios, com um tom vívido de vermelho.

Apaguei todas as luzes do apartamento, menos o único spot no teto fixado diretamente acima do piso de madeira da sala.

Em seguida, segurei meu violino em posição e esperei.

E esperei, e esperei.

O relógio deu meia-noite e ainda assim ele não chegou.

Se ele fosse qualquer outro homem, eu esperaria que chegasse bêbado, mas Dominik não bebia, o que significava que, onde quer que estivesse, ele sabia que horas eram e que aquela era minha última noite em Nova York antes da turnê.

Será que ele estava com outra mulher? Improvável, pensei. Devia estar sozinho, provavelmente cercado de livros, afogando a raiva em um fluxo de palavras.

Deitei na cama e fechei os olhos, sem me dar ao trabalho de tirar o espartilho e de remover o batom.

Ele me acordou antes do amanhecer, no horário em que só os pássaros, os lixeiros e as mulheres e os jovens a caminho de casa depois da noite ainda estão acordados e vagando pela cidade.

— Eu estava esperando você — falei sonolenta.

— Eu sei.

Ele segurou as fitas nas costas do espartilho e me puxou para ficar de joelhos. A respiração dele estava pesada, arranhando a garganta.

Senti a corrente quase imperceptível do braço dele se deslocando no ar antes de a mão bater no meu traseiro com um estalo, primeiro de um lado e depois do outro.

Pulei de susto, depois baixei o peito em direção à cama, elevando a bunda no ar para dar melhor acesso a ele, como uma cadela pronta para ser montada.

Como eu tinha sentido falta disso, do peso das mãos dele no meu corpo, o que afastou todos os outros pensamentos da minha cabeça. Era a chance de mostrar a Dominik que não havia nada que eu não fizesse por ele, das deliciosas expectativas quanto às coisas que ele poderia me pedir para fazer e o quanto os pedidos dele me

excitavam. Era como se ele se rendesse ao desejo por mim quando entrava nesse tipo de humor, permitindo que a paixão dirigisse suas ações em vez de qualquer reserva que o cérebro pudesse ter. Essa capacidade que eu tinha de fazê-lo se submeter ao desejo me enchia de ânimo, de poder, mesmo quando quem estava de joelhos era eu.

Ele me acariciou delicadamente, aliviando o ardor, e afastou minhas pernas.

— Abra as pernas.

Ele passou os dedos entre meus lábios e saliva em meu ânus. Limpou a umidade no meu rabo.

— Sentiu minha falta, estou vendo.

— Sim, senti muito.

— Coloque as mãos nas costas.

Eu me inclinei mais para a frente para conseguir me equilibrar, com os braços nas costas e as mãos unidas em posição de oração. Arrependi-me de ter desistido das aulas de ioga, sem tempo por causa de todos os ensaios. Meus ombros doíam, mas a dor só me deixava mais excitada. Eu queria que Dominik me levasse mais longe do que em qualquer outra ocasião, que, com seu toque, acabasse com o desconforto dos últimos dias.

Ouvi a corda antes de senti-la, quando ele a desenrolou. A sensação era áspera na minha pele, e as pontas arranhavam meus pulsos. Ele amarrou meus braços com força, no estilo algema.

— Coloque os joelhos mais perto do peito.

A voz dele estava baixa, calma, firme, um tom que, por experiências anteriores, eu sabia que era um prelúdio para um tratamento bem mais bruto.

Ele enrolou a corda nos meus tornozelos e prendeu minhas pernas aos pulsos, de forma que fiquei de quatro na frente dele, com o rosto nas cobertas e completamente imóvel.

Em seguida, ele ergueu a mão de novo, levou-a até meu traseiro em um tapa forte e depois outro, e outro, e outro, até meus olhos começarem a lacrimejar e o tempo se perder. O ardor se misturou a outra sensação completamente diferente, e meus gritos iniciais de surpresa e dor viraram gritos de prazer.

Por um momento, senti como se fosse parte do corpo dele. Como se, de alguma forma, pelo ato da palma da mão dele se chocar contra a minha pele, tivéssemos ficado unidos de uma forma sexual, mas que ia além do que o sexo poderia ser. Nós dois viajando juntos por partes desconhecidas de nossas mentes em um ato que era tão íntimo psicológica quanto fisicamente.

Ouvi o cinto dele sendo aberto e o som do couro deslizando pelos passadores da calça, o leve estalo quando ele uniu as duas pontas e a corrente suave quando o acessório improvisado voou pelo ar e bateu em uma nádega e depois na outra. Era

incrivelmente parecido com a mão de Dominik, e em pouco tempo não conseguia distinguir entre o impacto da pele e do cinto.

Ocasionalmente, sentia um tecido encostar nos meus pés quando ele se inclinava por cima de mim, ainda completamente vestido, e de manhã eu me perguntaria qual a impressão que teríamos causado a um vizinho curioso ou uma mosca na parede. Alguns poderiam dizer que era lindo, outros, que era imoral; outros nos chamariam de ridículos. Um homem cansado, de terno amassado e uma garota nua de joelhos e amarrada na frente dele. Eu carregaria as marcas da mão e do cinto por quase toda a semana, teria um lembrete intenso de nossa última hora na cama juntos cada vez que me sentasse.

Mas, no momento, deixei a mente ser levada pela sensação da mão dele contra minha bunda. A umidade que escorria pelas minhas pernas era como um lembrete vívido da reação do meu corpo a essa forma estranha de sexo que nos unia com tanta força quanto a corda ao redor dos meus tornozelos.

Ele fez uma pausa para respirar, apoiando as mãos delicadamente nas minhas nádegas e depois se inclinou para a frente, apertando minhas mãos para verificar se não estavam ficando frias e azuis. Mexi os dedos para confirmar que estava bem, sendo esse o único movimento que era capaz de fazer no momento. A surra tinha me deixado em transe.

Ele passou as mãos pelo meu corpo, acariciou minhas pernas, deslizou os dedos para dentro de mim de novo, sem dúvida sentindo a umidade nos meus lábios, a lubrificação que ele gerou; em seguida, caiu de joelhos e enfiou o rosto entre minhas coxas, mordiscando os grandes lábios, me fodendo com a língua.

Ouvi o ranger da gaveta da mesa de cabeceira dele sendo aberta, um som que durante o sexo me dava a mesma emoção que o som de uma lata de refrigerante sendo aberta em um dia quente. Era uma promessa certa de alguma coisa prazerosa.

O lubrificante estava gelado ao fazer contato com a pele do meu cu, embora tenha esquentado rapidamente quando ele enfiou primeiro um dedo e depois o outro. Um homem diferente poderia ter comentado que eu era apertada lá, mas Dominik permanecia sempre silencioso, embora sua respiração ficasse cada vez mais entrecortada. Eu não conseguia ouvir seu coração batendo nem ver a expressão no rosto dele, mas imaginava que estivesse perdido no desejo como eu, com os olhos fechados e um sorriso de satisfação pelas reações que despertava em mim.

Ele passou o pau para cima e para baixo da divisão da minha bunda, com a cabeça macia e sedosa, escorregadia de lubrificante, tanto de natureza química quanto natural. Apoiou o membro no meu cu e começou a pressionar com hesitação, mas pareceu mudar de ideia. Ele se inclinou rapidamente e desamarrou meus pés e tornozelos, com o pau duro batendo nas minhas coxas.

O sangue voltou aos meus pés e mãos, e eu os mexi, para aliviar o formigamento

inevitável.

— Você está bem? — perguntou ele, acariciando meus membros, aquecendo as partes do meu corpo que ameaçavam ficar frias sem o benefício da circulação.

— Estou, por favor, não pare.

Tem alguma coisa no sexo anal. Era algo que só vivenciei poucas vezes, mas que sempre me dava a sensação de ser dominada, de me entregar completamente a um homem.

Dominik voltou as atenções para minha abertura. Prendi a respiração quando ele pressionou lentamente, depois com mais força, indo mais fundo a cada empurrão, enquanto eu relaxava e me abria para ele. Agarrei o cobertor com as mãos enquanto ele metia em mim. Ele abandonou o silêncio, e o prazer dele ficou audível a cada estocada.

Segurou um punhado do meu cabelo e me puxou para cima, usando-o como rédeas, para ajudá-lo a enfiar com mais força. Seus movimentos ficaram cada vez mais rápidos e menos controlados, se acelerando a níveis frenéticos, até que ele gozou dentro de mim e caiu sobre minhas costas. O gozo quente me preencheu e pingou na parte interna da minha coxa.

Ele ficou dentro de mim até eu sentir o pau dele amolecer, com a respiração quente na minha orelha.

Já era dia em Nova York.

Comecei a me mexer para me levantar e me limpar.

— Não. Fique — disse ele. — Quero que você me sinta dentro de você assim.

Ele se aconchegou atrás de mim de conchinha, com a mão ao redor do meu peito, segurando um seio, até o alarme tocar indicando a hora de ir embora. A limusine alugada por Susan chegaria a qualquer momento para me levar ao aeroporto.

Ele estava na cozinha fazendo café para mim quando acordei e vi hematomas florescendo em todo o meu corpo e o lençol manchado de tons de vermelho, como sangue.

Os restos do meu batom de uso noturno, a cor que eu usava para fazer a transição para minha pessoa da noite, tinham se espalhado na roupa de cama, mais intensos ainda à luz do dia.

Meia-noite em Calgary, onde todos os homens pareciam usar chapéus de caubói. Meu quarto de hotel poderia ter saído diretamente de um catálogo de quartos de hotel dos anos 1950. Era funcional, cinza, com esquema de cores deprimente. A janela era dupla, para que nenhum som externo penetrasse. Uma cápsula de vazio, com uma garota vazia de pé no centro.

A vida sem Dominik de novo.

As marcas das mãos dele estavam no meu corpo, como um mapa de nosso relacionamento.

Quando eu estava saindo de Nova York, em um impulso louco, coloquei a corda curta na mala.

Eu a apertei no pescoço enquanto andava nua pelo quarto deserto.

Levei os dedos para entre as minhas pernas e me toquei, com a imagem de Dominik marcada na mente, desejando que ele se materializasse ao meu lado, segurasse a corda e apertasse até que eu gozasse, desmaiasse ou morresse.

Nova Zelândia, Austrália, Londres, Nova York e agora, dentre todos os lugares, Calgary. Na estrada de novo.

Infidelidades

Teoricamente, Dominik tinha recebido a bolsa para poder pesquisar um possível projeto, um ensaio pelo menos, ou talvez até um livro sobre escritores e músicos americanos expatriados em Paris nos anos subsequentes à Segunda Guerra Mundial. Era um tema que ele achava interessante e que oferecia extensas oportunidades para uma bolsa de estudos genuína, pois era bastante negligenciado por outros acadêmicos. No entanto, quanto mais ele investigava sobre o tema, mais perdia interesse nele.

Dominik desconfiava que pudesse encontrar mais material de pesquisa sobre o assunto em fontes na capital francesa em vez de em Nova York, e nas poucas ocasiões em que seu humor passou de indiferente para ruim, durante as ausências frequentes de Summer ao longo da turnê, até pensou em sair de Manhattan por uma semana para investigar mais na França.

Porém um pensamento lhe ocorreu, e ele pegou a papelada que recebeu depois do acordo da bolsa e verificou os termos específicos. Ele se lembrava do anúncio no *Book Forum* dizendo que estava inicialmente em oferta não só para acadêmicos e pesquisadores mas também para romancistas que precisassem de assistência financeira para completar um projeto em andamento. A bolsa dele foi uma em uma dúzia, mas Dominik só encontrou os outros no coquetel de abertura da residência em Nova York. Dois deles, um homem louro e magro de Portland, Oregon, e uma mulher atarracada de cabelo curto e com forte sotaque da Finlândia, eram escritores de ficção.

Talvez ele pudesse transformar todas essas ideias e fatos em um romance. Não só seria um grande desafio, mas também algo que o dinheiro não poderia comprar. Ele poderia inventar alguns personagens e fazer com que se misturassem com todos os protagonistas da vida real que estavam em Paris durante os anos dourados do existencialismo em Saint-Germain-des-Prés. Miles Davis e o pessoal do jazz, Juliette Gréco, Boris Vian e Jean-Paul Sartre. Misturar ficção e realidade e injetar um punhado de vigoroso romance.

Ele achava que poderia dar certo. Desejava escrever um romance havia um tempo e costumava fantasiar sobre a publicação.

Isso o alegrou bastante. Torcia para Summer ligar naquela manhã em particular. Ela estava no Maine, onde tinha tocado na noite anterior, e costumava ligar para ele cedo no dia seguinte depois de recarregar as baterias, para contar como tinha sido a apresentação. Ele ficou ao lado do telefone como um adolescente bobo, e ela não ligou. Foi a segunda vez naquela semana que isso aconteceu. Depois do concerto de New Hampshire, ela não fez contato por dois dias. Metade de Dominik se sentia triste e negligenciado, enquanto a outra metade sonhava com as punições que poderia aplicar nela, nos elementos de humilhação que poderiam excitar os dois. Mas de alguma forma a imaginação dele parecia secar.

Quando voltou para o loft depois da estreia triunfante de Summer no Webster Hall, ele cancelou o compromisso com Miranda, com a desculpa de uma obrigação fictícia fora da cidade, sentindo de alguma forma que o momento não era certo para ser infiel.

É sua culpa, Summer, pensou ele ao pegar o cartão em cuja parte de trás tinha escrito o número de Miranda.

— O esquivo viajante das letras, estou vendo — disse ela quando Dominik ligou.

— O próprio. Ainda quer se encontrar comigo?

— Adoraria — respondeu Miranda.

Ele sugeriu que eles tomassem drinques cedo no Balthazar na Spring Street, a poucas quadras do loft. Com Summer tanto tempo longe, ele tinha voltado ao hábito de tomar um café da manhã substancial diário lá, que o permitia evitar outras refeições até a hora do jantar.

Mal teve tempo de colocar o telefone na bancada de granito da cozinha, onde costumava deixá-lo, quando o aparelho tocou. Summer, por fim? Talvez, de longe, ela tivesse sentido o quanto ele estava perturbado e adivinhou que planejava sair com outra pessoa. Momento bom ou ruim?, perguntou-se ele.

— Alô.

— Alô, você.

Não era Summer, mas uma voz familiar.

— Oi, Loralynn.

— Estou na cidade.

— É mesmo? Só de passagem, ou vai ficar mais tempo?

— Depende de várias coisas. De qualquer forma, não quero te entediar com isso tudo agora. Eu adoraria te ver, trocar fofocas interessantes, ouvir como você está se adaptando à Big Apple. Ando lendo sobre nossa Srta. Summer. Parece que ela anda causando certo impacto, que virou uma pequena celebridade. Estou com inveja e começando a lamentar ter escolhido o violoncelo e não o violino quando optei com apenas 8 anos. Mas nessa idade você não faz ideia do que é sexy e do que não é.

Dominik sorriu.

— E então, o que você diz? Estou completamente livre esta noite.

— Eu não.

— Summer está mantendo a coleira apertada, é?

— De jeito nenhum. Ela está fora da cidade, tocando no Canadá. Estava em algum lugar de Toronto ontem, ou talvez seja Quebec. Não tenho certeza. Que tal amanhã?

— Não posso. Tenho um teste pra substituir por três meses uma instrumentista que vai sair de licença, em Connecticut. Em uma orquestra de câmara afiliada à Universidade de Yale. Eu moraria em New Haven, mas fica a apenas mais ou menos uma hora de trem da cidade grande, pelo que soube. Uma das garotas vai ter um bebê. Victor me deu a dica.

— Victor?

— É. Ele parece saber de tudo que está acontecendo em nossos círculos. Foi legal da parte dele me avisar. Vocês dois não se encontraram desde que você chegou a Nova York?

— Não — respondeu Dominik.

Ele ainda não tinha certeza do papel que Victor podia ter desempenhado quando Summer estava sozinha em Manhattan. Quando ele perguntou a ela se fizeram contato, Summer foi evasiva. Tensa, até. Ele achava que alguma coisa tinha acontecido, mas parte dele não queria saber exatamente o quê. Não se podia reescrever o passado, ele sabia.

— De qualquer modo, vou pegar o trem na Grand Central Station para New Haven amanhã à tarde, e terei três dias de testes e ensaios com o restante do pessoal. Depois disso, me dirão se sou boa o bastante para me juntar a eles. Foi por isso que achei que talvez hoje...

Dominik estava sim com vontade de ver Loralynn. Ela sempre o intrigara e o atraía, apesar de ele saber que não fazia o tipo dela e que ela preferia mulheres. A ideia de diversão de Loralynn era contagiante. Ele refletiu e sugeriu:

— Escute, planejei me encontrar com uma pessoa. Por que você não se junta a nós? Vamos ver como vai ser. Se nos dermos bem, podemos ir jantar e prosseguir com o programa. Se não der certo, vou saber logo, e você e eu podemos sair depois. É só uma mulher que conheci durante um voo e que achei interessante.

— Seu danadinho. — Loralynn riu do outro lado da linha. — Gostei. Não me diga que ela também é instrumentista?

— Não. O que faz você pensar que sou obcecado por musicistas de cordas? Também posso ter uma quedinha pela seção de metais.

— Interessante, mas eu ficaria longe de percussionistas se fosse você. Ouvi falar que só ficam provocando — disse Loralynn.

Planejamentos foram feitos. Para não constranger Miranda, eles concordaram que Loralynn entraria no Balthazar 15 minutos depois da hora em que Dominik tinha

planejado o encontro e fingiria encontrá-los por acaso. Ele sabia que ela era atriz suficiente para isso e para fazer o encontro parecer uma feliz coincidência.

Miranda pediu licença e andou até o banheiro. Eles já estavam na terceira rodada de bebidas.

— Ela gosta de mim — disse Lauralynn.

— Gosta? — perguntou Dominik.

— Posso perceber. Nós garotas temos um tipo especial de radar — acrescentou ela.

— Como o gaydar dos homens? — perguntou ele.

— Exatamente — sussurrou Lauralynn, inclinando-se para perto de Dominik por cima da mesa cheia de copos. — Ela também gosta de você. Observe a maneira como faz contato visual com a gente quando está animada, encostando os dedos no seu braço, na minha perna, afastando o cabelo. Ela curte flertar, e muito.

— Flertar é uma coisa — disse Dominik.

Miranda estava voltando dos fundos do café, só um pouco hesitante sobre os saltos, com um sorriso largo no rosto e a saia branca contrastando com a blusa preta de seda. Ela se sentou novamente no banco entre Lauralynn e Dominik. Lauralynn estava com sua roupa de sempre: camiseta branca, jeans e botas pretas de couro, e parecia qualquer coisa menos uma casta violoncelista.

— Vocês dois são tão divertidos — disse Miranda, com as mãos apoiadas delicadamente nas coxas dos dois companheiros de cada um de seus lados, quase raspando no tecido fino da calça de Dominik, onde seu pau repousava. Ele sabia que não era sem querer.

Lauralynn estava certa. Não era apenas o álcool falando. Ele só servia como um adicional de encorajamento.

Dominik trocou olhares com Lauralynn quando Miranda tomou o resto da taça de vinho tinto, o primeiro Beaujolais nouveau do ano.

Os olhos de Lauralynn brilharam com evidente malícia.

Ela se mexeu no banco até estar inclinada sobre Miranda.

— Miranda?

— Sim? — Miranda virou a cabeça para Lauralynn.

Lauralynn colocou a mão no queixo de Miranda, deixou-a lá brevemente, aproximou languidamente os lábios da outra e a beijou. A americana ficou vermelha, mas não se afastou do contato inesperado e íntimo. Seus olhos observaram as redondezas e pousaram em Dominik, depois se deslocaram para verificar quem poderia estar vendo, garçons ou outros fregueses. A mão na coxa de Dominik apertou mais. O beijo prosseguiu. A centímetros das duas jovens, Dominik

conseguia ver pelos tremores nas bochechas delas que as línguas tinham se encontrado e estavam em contato intenso. O nó no estômago dele se apertou, com uma vibração familiar subindo pela virilha.

O mundo parou.

O encanto foi finalmente quebrado e os lábios de Lauralynn e de Miranda se separaram com relutância quando as duas pararam para respirar. Dominik reparou que a mão direita de Lauralynn estava dentro das dobras da saia branca de Miranda, tocando-a, quase orquestrando o desejo dela.

Os três ficaram em silêncio por um tempo. Pegaram os copos no piloto automático, embora dois já estivessem vazios.

Lauralynn sorriu, com sua teoria agora confirmada e um olhar levemente triunfante se espalhando em seu rosto luminoso.

— Vamos? — disse ela.

— Por que não? — confirmou Dominik.

Miranda apenas assentiu.

— Para onde?

Miranda saiu da posição espremida entre os dois e se levantou.

— Por que não pra minha casa? — sugeriu ela.

O táxi amarelo que eles encontraram esperando do lado de fora do Balthazar pegou a Park Avenue na direção norte e cruzou para o leste pelo Central Park. Felizmente o trânsito estava tranquilo e eles chegaram ao apartamento de Miranda no Upper East Side em menos de vinte minutos.

Era um estúdio pequeno e elegantemente mobiliado, com um biombo fino de estilo japonês separando o estúdio do quarto de Miranda.

Quando Miranda se virou para a porta da frente para trancá-la e prender o trinco, Lauralynn se colocou atrás da norte-americana e, enfiando os dedos no elástico que prendia sua saia branca volumosa, puxou-a para baixo.

Ela estava usando uma tanga vermelha de renda.

Dominik se deslocou para perto das duas mulheres e acariciou distraidamente a bunda voluptuosa de Miranda com uma das mãos enquanto tirava a própria jaqueta bege de linho. Miranda tinha marcas de bronzeado ao redor dos quadris, o biquíni que usara recentemente no sol cobrira uma área maior de pele do que a calcinha minúscula que ela agora vestia.

Miranda ergueu os braços e, como Lauralynn tinha aberto os dois botões de cima da blusa preta de seda dela, puxou-a pela cabeça, separando a cortina castanha de cabelos no processo. O sutiã de renda também era preto, e por um momento Dominik ficou surpreso ao observar o choque de cores na lingerie dela. A maior parte das mulheres que ele conhecia sempre combinava as cores da lingerie.

As duas mulheres pressionaram os corpos um contra o outro e se beijaram de

novo.

De pé ao lado delas, Dominik ficou um tanto perdido. O que deveria fazer agora?

Estar com duas mulheres, ou apenas assistir a duas mulheres fazendo sexo, já era teoricamente uma grande fantasia masculina, bastante documentada nos anais da pornografia, mas nunca tinha atraído Dominik de uma maneira mais séria. Não era uma coisa que ele houvesse procurado ativamente, e como resultado, nunca tinha tido essa experiência. Até agora.

Ele chegou mais perto e beijou o pescoço de Miranda, perto da artéria pulsante. Mudou a posição e começou a morder um lóbulo de orelha dela. Dominik não sabia bem como deveria se aproximar de Lauralynn agora, por saber que ela não gostava de homens em geral.

Ao reparar na hesitação dele, Lauralynn, ainda completamente vestida, segurou a mão dele e colocou nas costas nuas de Miranda, intimando-o a abrir o sutiã. Dominik sufocou uma leve risada ao se lembrar da primeira vez, séculos antes, em que se viu despindo uma mulher, ou melhor, uma garota, de 17 anos enquanto ele tinha apenas 16, e quanto tempo ele havia levado para dominar a arte de abrir um sutiã. Uma lembrança dolorosa, ainda que divertida em retrospecto.

Ou a engenharia das roupas de baixo das mulheres tinha ficado mais eficiente ao longo do tempo, ou o QI dele tinha se elevado misteriosamente a novos níveis, pois agora só foi necessário a pressão delicada de um dedo e as tiras se separaram. Dominik conseguiu liberar os seios fartos de Miranda do tecido rendado do sutiã.

Com um aceno de cabeça, Lauralynn indicou que ele devia se despir quando o trio deu alguns passos desajeitados em direção ao quarto. Havia ursinhos de pelúcia sobre a colcha rosa. Lauralynn se inclinou, passou o braço com impaciência pelos brinquedos e os empurrou para o chão de madeira polida.

Os três caíram na cama.

E Lauralynn assumiu o controle.

O primeiro *ménage à trois* de Dominik.

Mais tarde, ele refletiria sobre a natureza curiosa do encontro e suas múltiplas frustrações, o fato de que ele não pôde em estágio nenhum apreciar a experiência completamente. Ficou constrangido demais. Dominik se lembrou de montar no corpo domado de Miranda num papai e mamãe e de sentir os dedos preguiçosos de Lauralynn acariciando suas bolas e provocando a base do pau enquanto ele viajava para dentro e para fora da vagina da outra mulher, distraído pelos gemidos exagerados e infantis dela e pelos sussurros roucos de encorajamento de Lauralynn, agachada atrás dos dois. Sua mente era incapaz de se concentrar no sexo, pois ele imaginava o quão vulgar e até mesmo ridículo o espetáculo dos dois fodendo como animais devia parecer para Lauralynn do seu ponto de vista. Ele sabia que em determinado ponto Lauralynn o tinha chupado. Teria sido para deixá-lo mais duro

antes de ele penetrar Miranda ou depois, ou em algum estágio posterior dos excessos deles? Ele também chupou Lauralynn, enquanto ela fazia o mesmo com Miranda, e a simetria na geometria deles pareceu-lhe bastante adequada. Lauralynn tinha gosto forte, um sabor novo para ele, mas elusivo em sua força selvagem.

Ele viu as duas mulheres se apertarem sem fôlego uma contra a outra, observou os dedos ágeis de instrumentista de Lauralynn penetrarem a boceta de Miranda e enfiar quase o punho todo, enquanto ele ficava sentado atrás da cabeça de Miranda e permitia que seu pau encostasse nas bochechas dela, provocando sua boca, sentindo a respiração forte entre suas coxas bem abertas enquanto ela lutava contra a onda de desejo que Lauralynn tinha desencadeado. Em determinado ponto, ele gozou nos seios de Miranda e observou o prazer de Lauralynn nesse momento.

Em seguida, desligou, se tornou espectador, perdeu a dureza e se permitiu afundar nos sentimentos pós-coitais de desamparo e indiferença. Continuou a assistir às duas mulheres na cama se roçarem e se acariciarem, conduzindo o prazer como se ele nem estivesse presente. Era verdade que as duas eram bonitas à maneira delas. Miranda era um paradigma de maciez, e as pernas de Lauralynn pareciam infinitas. As proporções amazonianas de ombros largos dela eram um deleite de observar ao se espalharem na cama, assim como a avidez nada dissimulada da boca quando ela chupava Miranda vezes seguidas. Se ele tivesse recuperado a ereção, poderia em determinado ponto ter tentado comer Lauralynn enquanto ela estava inclinada sobre Miranda com a bunda para o alto como um convite aberto. Mas Dominik não sabia se tirar vantagem da situação quebraria o encanto, então continuou a ver as duas mulheres se contorcerem e gemerem. Ele havia sido usado e agora elas estavam ocupadas com as próprias vantagens. Mas não tinha do que reclamar.

Depois de um tempo, ele saiu do quarto, se lavou rapidamente, se vestiu e foi embora do apartamento.

Nenhuma das duas mulheres ligou para ele nem sugeriu que ele voltasse a se juntar a elas.

Era uma noite quente do início de verão em Nova York e ele seguiu o perímetro externo do Central Park até chegar à Quinta Avenida, com o Plaza Hotel à direita. Decidiu andar até a área do centro. Ele olhou para o celular. Nada de mensagens. O que se faz no Maine à noite?, perguntou-se ele.

— Comi outra mulher.

— E daí?

— Incomoda você?

— Não.

A ligação estava tão boa que Summer parecia estar do outro lado do loft; os

lábios dela pareciam estar a um fio do ouvido dele. A voz estava sem emoção e muito próxima.

— Você não quer saber quem é nem como aconteceu?

— Aconteceu, não é? Não.

Ele queria desesperadamente que ela sentisse ciúmes. Raiva.

— Na verdade, havia duas mulheres.

— Você não precisa me passar os detalhes técnicos.

— Acho que não. Como foi o concerto?

— Foi bom. A plateia era bem mais simples. Um tanto formal a princípio. Senti que as pessoas demoraram bastante tempo pra relaxar. Mas a agente tinha me avisado, e é por isso que o repertório muda levemente de acordo com o local. É preciso adaptar. Músicas de cidade pequena e de cidade grande, por assim dizer. Eles terminaram calorosos. Mas sempre toco *As Quatro Estações*.

— Ótimo.

A primeira parte da turnê, no Canadá, era apenas com Summer e um pequeno grupo de instrumentistas de corda. Levar a orquestra toda seria caro demais, considerando a logística de viagem envolvida.

— Vou passar por Nova York em poucos dias. Apenas por algumas horas, uma oportunidade de deixar a roupa suja, eu acho, e pegar umas mudas limpas — disse Summer. — No fim da tarde de terça. Seria bom ver você, pois vou ficar longe por mais duas semanas depois disso.

Poucas horas, com um carro alugado esperando por ela lá embaixo, pensou Dominik, então que sentido faz? Vim para Nova York para passar meu tempo com você! Agora passamos mais tempo separados que juntos. Por outro lado, ele sabia que ela também estava sacrificando muita coisa; era a carreira dela, e essa era a hora de aproveitar a repercussão do concerto do Webster Hall e a excelente aprovação que recebeu.

— Vou tentar estar em casa — disse ele. — Summer?

— Sim?

— Se você se sentir solitária, você sabe...

— Eu sei. Posso sair com outros. Você já me disse.

— E você já saiu? — perguntou ele, com um nó crescendo na garganta.

— Não. Estou sempre cansada demais quando voltamos pro hotel.

— Quero que você saia.

— Quer?

— Quero.

— E quer que eu conte sobre a ocasião?

— Quero.

Houve uma interrupção silenciosa na conversa deles. Dominik não conseguia

imaginar como poderia ser a vista do Maine da janela dela. Campos? Morros? O mar?

— Tenho que ir — disse Summer. — Os outros estão me esperando lá embaixo pro café da manhã. Ouvi falar que fazem panquecas deliciosas aqui. Com *maple syrup*.

— *Bon appétit* — disse ele, se esforçando para manter um sorriso na voz.

— Vejo você na terça.

Dominik já sabia que não estaria no loft na terça, pois tinha combinado de fazer uma das palestras na biblioteca. Ainda não tinha decidido qual seria o assunto. Ele nunca tinha mais do que uma dúzia de ouvintes na plateia. Era bom em improviso. Era uma das condições da bolsa, mas nem a biblioteca nem os organizadores anunciava muito os eventos, fora alguns poucos pôsteres feitos no computador colocados em quadros de aviso que, por sua vez, ficavam em pontos nada estratégicos das áreas públicas. O único consolo era que nenhum dos outros detentores da bolsa deste ano atraía uma plateia maior, mesmo que dentre eles houvesse até mesmo um candidato ao Booker Prize e um vencedor do National Book, bem mais famosos e com uma lista de publicações muito mais extensa.

Ele estava encerrando seus comentários, reflexões inconclusivas, porém bem-humoradas sobre os vários filmes que foram feitos baseados no Gatsby de Fitzgerald e nos atores que fizeram os papéis de Jay, Daisy e Nick. Uma pessoa chegou atrasada à pequena sala de palestras e se sentou na fileira dos fundos. Dominik o reconheceu. Era Victor.

Ele sabia que Victor também estava em Nova York, mas não tinha feito nenhum esforço para procurá-lo.

Como ele poderia ter descoberto sobre esse pequeno evento? E então Dominik se lembrou de ter mencionado brevemente para Loralynn. Deve ter sido isso. Será que ela ainda estava em New Haven, e será que tinha se saído bem nos testes lá?

— Você anda me evitando, meu querido rapaz? — perguntou Victor, andando até Dominik quando os outros espectadores saíram da sala. Ele não havia mudado desde a última vez que eles se encontraram. Ainda tinha cabelo curto e grisalho, barba cortada, um aspecto urbano, e parecia à vontade consigo mesmo. Ele atraía as mulheres, mas Dominik não conseguia identificar por qual razão. Talvez fosse o ar de superioridade e a firmeza do olhar metálico.

— Talvez, Victor. — O tom dele era tranquilo e civilizado.

— Pensei que fôssemos amigos.

— Eu também.

— O que aconteceu, então?

Victor usava um paletó bicolor, branco com listras azuis, calça preta e uma camisa de botão. Apesar do tempo quente, ele ainda insistia em usar gravata, um tipo estranho em tom marrom e com um nó de tamanho exagerado. Ele se vestia de forma estranha, sendo traído pela herança do Leste Europeu, parecendo mais um político em uma festa formal que um acadêmico atraente, embora talvez fosse apenas o estilo com o qual crescera acostumado. Somos todos escravos da nossa origem em algum grau.

Satisfeito com a falta de resposta de Dominik, Victor falou:

— A garota? A violinista?

— Exatamente.

Victor supôs que Summer não tinha sido totalmente clara com Dominik sobre o que havia acontecido entre os dois depois que ela chegou a Nova York.

— Então Lauralynn contou pra você, não é?

— Que você sugeriu a cripta, puxou suas cordinhas como se fôssemos marionetes, Victor. Foi malicioso de sua parte, sabe.

— Só uma brincadeira, Dominik. Nós dois gostamos desses jogos, não é? Nós compreendemos um ao outro.

— Você se envolveu com Summer quando ela chegou aos Estados Unidos? — perguntou Dominik. Victor refletiu. Se Dominik estava perguntando, significava que não sabia o que havia acontecido. Ele sorriu em silêncio.

— É claro que não. Eu a vi por aí; frequentamos os mesmos círculos, afinal. É inevitável. Esse mundinho no qual estamos envolvidos é muito pequeno. Quase incestuoso, pode-se dizer. Mas eu sabia que ela era seu brinquedo... Olhe, mas não toque, né?

— Meu brinquedo?

— Seu bichinho de estimação, não?

— Você tem uma forma estranha de falar, Victor.

— Bem bonita, ela é. E uma violinista maravilhosa. Uma celebridade agora, não?

— Sim.

— Vocês estão juntos de novo? É por isso que você está em Nova York? — perguntou Victor.

— Juntos? Não exatamente — mentiu Dominik. — Mas ainda nos encontramos.

— Que maravilha. Na sua casa, quando você gentilmente me permitiu vê-la tocar... — Victor hesitou, sem dúvida imaginando a ocasião em que Dominik pediu que Summer tocasse nua e vendada enquanto um estranho, Victor, assistia. Dominik pensou na forma como uma coisa levou a outra e em como ele a usou na frente desse mesmo homem.

— O quê?

— Ela é orgulhosa demais. Por mais que pareça ser escrava do desejo, tem alguma coisa nela... Dá pra ver nos olhos e na postura de Summer. Ela luta contra seus desejos, contra sua natureza.

— É mesmo? — Ainda assim, Dominik reconheceu a verdade nas palavras de Victor.

— Como um cavalo selvagem — prosseguiu Victor. — Algumas mulheres precisam ser quebradas. É parte do ritual. Precisam aceitar quem são lá no fundo, e então você pode construí-las novamente, juntar as peças. Só que agora quem está no controle é você.

— Humm... Conheço bem Summer — comentou Dominik. — Acho que não preciso de ajuda.

— Não foi uma sugestão — disse Victor. — Apenas um comentário. De qualquer forma, foi bom te ver de novo. Você tem planos? Agora? Conheço um restaurante ucraniano maravilhoso na Segunda Avenida, perto de St. Mark's Place. O *pierogi* e o repolho recheado de lá são como os de casa. Por que não vamos lá? Por minha conta. Precisamos voltar a ser amigos.

Dominik olhou para Victor e para o sorriso largo de pirata se espalhando em seu rosto, com a barba cuidadosamente aparada em formato perfeito. Ele se deu conta de que Victor tinha alguma coisa em mente, mas não se importava. O jogo certamente podia continuar.

— Por que não — respondeu ele.

Summer tinha ido ao loft, tirado a maior parte de suas roupas da arara no closet e enchido a máquina de lavar. A lavagem ainda estava no ciclo final quando Dominik chegou em casa. Ela não deixou bilhete comentando a ausência dele nem dizendo oi.

Mas tinha se deitado na cama deles por um momento, pelo menos, pois o aroma do perfume dela ainda estava lá.

Dominik sonhou com ela naquela noite.

E com cavalos selvagens.

Seria essa a forma de Summer torturá-lo, de puni-lo pela aventura com Lauralynn e Miranda?

Ela não podia ter imaginado uma maneira melhor.

Curioso, Dominik olhou no armário de Summer de novo e reparou que o espartilho não estava mais lá. Ele sabia que antes estava, enquanto ela estava na etapa canadense da turnê. Ela o havia levado para a Costa Leste.

Assim, ele supôs que ela seguiria suas instruções e encontraria outro homem por uma ou duas noites. Mas usar aquele espartilho para outra pessoa era uma coisa bem diferente, um recado de traição. Era como girar a faca. Maldita Summer!

Eles tinham dividido o armário: as roupas dela no lado esquerdo, as dele no direito. O armário dele era funcional e praticamente monocromático, composto de calças pretas, alguns ternos, todos pretos exceto um, uma tonelada de camisetas, duas dúzias de camisas que iam de branco a preto, com muitas delas azuis, alguns suéteres de caxemira escuros e o smoking obrigatório para ocasiões tediosas. Ele o tirou do cabide.

Victor o tinha convidado para uma pequena reunião que estava organizando no Brooklyn.

— Um pouco formal, meu amigo — dissera ele —, mas acredito que você vai gostar.

A casa de tijolinhos aparentes ficava a uma caminhada de cinco minutos de uma parada da linha F. Era em uma rua coberta de folhas e estava localizada depois de uma série de restaurantes étnicos e de um prédio suburbano alto, de dois andares, com varanda colonial de madeira artificial e uma escada.

Dominik foi recebido na porta por uma mulher mais velha, cujo cabelo preto era cortado na altura do pescoço. Usava um vestido azul longo e leve, e cada dedo das mãos tinha um anel pesado. Um colar de pérolas no pescoço. Era bem bonita, apesar (ou talvez por causa) das linhas na pele que traíam a idade.

— Sou Clarissa — apresentou-se ela. — Você deve ser o amigo de Victor.

— Sou eu. Estou encantado em conhecê-la. Esta casa é sua?

— É — disse a mulher mais velha. — Moramos aqui há anos. Está na família há várias gerações — explicou. Clarissa abriu ainda mais a porta e levou Dominik para dentro.

— Parece enorme.

— Somos só dois morando aqui agora — disse Clarissa. — É um certo desperdício, mas jamais pensaríamos em nos mudar — acrescentou ela.

Havia um aroma agradável de comida no corredor. Parecia vir do porão, onde devia ficar a cozinha.

Ela levou Dominik escada acima até o primeiro andar, para um salão grande e cercado de janelões que exibiam um jardim grande e malcuidado. Já havia mais ou menos uma dúzia de convidados tomando champanhe em taças longas de cristal. Eram quase todos casais e conversavam baixo.

— Victor ainda não chegou? — perguntou Dominik.

— Ele e seus acompanhantes devem chegar a qualquer minuto — informou Clarissa. — Venha — disse ela, apontando para um homem grisalho mais velho que estava ao lado do piano em um canto do salão —, quero apresentar você. Este é Edward, meu marido.

Edward estava usando um colete quadriculado marrom e um paletó marrom-escuro. Havia uma faixa ao redor da cintura dele. O bigode fino tinha sido aparado

com cuidado como o de um herói de guerra de um filme de 1940, e um diamante brilhava no lóbulo da orelha direita. Um verdadeiro dândi, pensou Dominik. Havia alguma coisa enérgica no homem, mesmo quando ele ficava parado.

O aperto dele era firme e confiante quando deram as mãos.

— Victor nos contou tudo sobre você — disse ele.

— É mesmo? Nesse caso, você tem uma vantagem distinta sobre mim.

A campainha tocou e Edward pediu licença. Ele e Clarissa estavam se revezando para receber os recém-chegados.

Dominik andou até a mesa e se serviu de um copo de água mineral, depois olhou pela janela para o jardim, onde rosas cresciam livres nas extremidades, perdendo pétalas na brisa como borboletas vermelhas, cor-de-rosa e brancas. Em intervalos regulares, o verde era interrompido por uma série de placas de pedra, como altares ou pequenas lápides.

Por um instante, a imaginação de Dominik alcançou o nível da fantasia com todos os tipos de pensamentos loucos, inspirados por seu conhecimento anterior de Victor e do tipo de pessoa com quem ele andava.

Este era mesmo o tipo de jardim isolado no qual muita coisa poderia acontecer, pensou ele; com cercas altas de madeira ao redor, escondendo-o com perfeição.

Quando seus pensamentos estavam prestes a tomar um caminho ainda mais louco, ele sentiu a mão de alguém bater silenciosamente em seu ombro.

— Alô, você.

Dominik se virou.

Era Lauralynn e, de pé ao lado dela, com um sorriso tímido nos lábios, estava Miranda. As duas mulheres usavam vestidos de noite lindíssimos que exibiam os ombros. Os braços bronzeados da majestosa Lauralynn emergiam de uma segunda pele, similar a um casulo de tecido branco e cintilante, e, de saltos altos, ela era uma cabeça e meia mais alta do que a acompanhante, cuja roupa era vermelha e mais frouxa da cintura para baixo. As duas mulheres estavam evidentemente sem sutiã, e Dominik não pôde deixar de reparar na rigidez dos mamilos tocando o tecido dos vestidos.

Ele se controlou.

— Você escapou de New Haven?

— Escapei. E convenci Miranda a se juntar a nós...

Ela estava prestes a dizer mais alguma coisa quando Dominik reparou em Victor, trajando um smoking e de pé com o corpo rígido ao lado deles.

— Boa noite, Dominik. Obrigado por vir.

— Oi, Victor — disse Dominik. — Vejo que você já conhece essas duas incríveis damas.

— Lauralynn é amiga de longa data — respondeu Victor —, e Miranda veio como

convidada especial dela e concordou gentilmente em nos entreter, não foi, querida?

Miranda baixou o olhar.

— Eu não sabia que você conhecia Miranda — disse Victor.

É claro que sabia, e Dominik tinha certeza. Estava óbvio que Lauralynn não guardava segredos dele. Ele estava tramando seus jogos novamente. Será que isso era alguma espécie de armação?

As mulheres andaram até a mesa para pegar bebidas.

Victor se inclinou na direção de Dominik.

— Acho que ela é o novo brinquedinho de Lauralynn. Você sabe que nossa Lauralynn troca de homens para mulheres muito tranquilamente.

Havia muito mais que Dominik queria perguntar a Victor sobre aquela noite e seus participantes, mas outros convidados se juntaram a eles e apresentações tiveram de ser feitas, junto às conversas necessárias sobre quem ele era e o que estava fazendo em Nova York. Parecia que um dos homens era da administração do fundo que cedia as bolsas e já sabia muitas coisas sobre ele. Outra coincidência? O sorriso fixo de Victor permaneceu enigmático como sempre era durante todas as conversas. Um perfeito mestre de cerimônias de circo.

As mulheres voltaram e se juntaram a eles. Lauralynn estava de mãos dadas com Miranda.

Eles foram convidados a seguir para a sala de jantar, pois a refeição estava servida.

Devia haver um chef profissional trabalhando na cozinha do porão, pois nenhum dos anfitriões parecia estar ocupado cozinhando. Impassível, um mordomo de uniforme preto, diretamente saído de um livro de P. G. Wodehouse, serviu o jantar.

A refeição começou com coquilles Saint-Jacques, as vieiras macias como esponjas banhadas em um molho branco viscoso e com sabor de cogumelos, seguido pelo mais leve linguado, cortado com primor e grelhado com um toque de manteiga e salsa. Os vinhos que acompanhavam a refeição eram perfeitos, se desse para acreditar nos outros à mesa, e mais uma vez Dominik se sentiu um pouco envergonhado pelo fato de não beber.

Seu lugar era entre Lauralynn e Victor à mesa redonda, com Miranda à esquerda de Lauralynn. Ele reparou nas mãos da jovem loira seguindo regularmente para debaixo da mesa para brincar com uma Miranda cada vez mais inquieta.

A refeição terminou com uma seleção variada de queijos europeus macios e picantes e morangos com creme. Todas escolhas simples, mas apresentadas com grande refinamento.

As duas mulheres pediram licença quando os cafés foram servidos, e Victor acenou com a cabeça para elas. Do outro lado da mesa, o administrador do fundo estava perguntando a Dominik sobre o progresso da pesquisa dele, e ele teve que

confessar que os documentos que estava investigando na biblioteca começavam a afastá-lo do projeto inicial e conduziam-no em direção a um trabalho de ficção.

— Ah — disse seu interlocutor. — Romances são sempre tão mais fiéis à vida, não são?

— Seria uma disciplina completamente nova para mim — respondeu Dominik.

— Tenho certeza de que você fará um ótimo trabalho.

— Espero que sim, mas ainda não cheguei a uma decisão final — acrescentou ele. Aqueles que tinham ficado à mesa de jantar voltaram para o salão.

Lauralynn já estava lá, sentada no banco do piano, tocando baixo uma melodia que ele reconheceu, mas não conseguiu relacionar a nenhum compositor nem lembrar o nome. Ao lado dela, Miranda agora estava sentada sem o vestido vermelho de antes, só com uma combinação opaca que ia até o meio da coxa. Também estava usando uma coleira de cachorro, presa a uma guia frouxa de metal em um dos pulsos de Lauralynn.

— Ahh... — disse Victor, levando Dominik para uma cadeira em uma fileira que tinha sido posicionada do outro lado da sala, de frente para a área do piano e para as duas mulheres. Os outros convidados tomaram seus lugares também. — O entretenimento da nossa noite. Lauralynn vai colocar a novata em seu ritmo.

— Ritmo? — perguntou Dominik.

— Nada muito extremo — disse Victor. — Não nessa fase. Só o bastante para testar a resolução dela de se juntar ao nosso pequeno grupo.

Depois que Dominik se sentou, Victor foi até as duas mulheres e Lauralynn parou de tocar, fechou o piano e se levantou graciosamente do banco com todo seu esplendor. Victor colocou a mão no ombro de Miranda e indicou para a jovem que ela devia se ajoelhar ao lado do banco agora vazio e colocar a cabeça no assento. Os movimentos de Miranda ficaram hesitantes quando ela percebeu o que provavelmente ia acontecer, mas obedeceu lentamente as instruções. Quando estava na posição, Victor, com um floreio para a plateia, pegou a beirada da combinação de Miranda e puxou para cima, exibindo as costas nuas e a parte de cima das coxas da mulher. Lauralynn puxou a coleira e Miranda foi obrigada a manter a cabeça reta, olhando na direção oposta. Lauralynn juntou os cabelos dela e os prendeu com um elástico para que não bloqueasse a vista de mais ninguém, deixando a vulnerável nuca de Miranda à mostra no processo.

De repente, Victor se colocou entre as pernas dela e as afastou ainda mais. Miranda foi obrigada a ajustar a posição dos joelhos no chão de madeira, expondo a abertura escura do ânus para todos.

Lauralynn pegou uma pequena palmatória que estava em cima do piano e a entregou para Victor.

Ele a levantou e, com um movimento triunfante, bateu nas nádegas brancas de

Miranda.

O primeiro grito dela foi de dor e de surpresa. O quanto contaram para ela de antemão sobre o que iria acontecer? Ela deve ter consentido, é claro. Dominik não estava completamente familiarizado com a prática BDSM, exceto pelo que havia lido, mas pelo que Lauralynn havia contado, era essencial que todos os participantes estivessem informados e dispostos.

No final da noite, as nádegas dela estavam tão vermelhas quanto o vestido que ela usava antes. Após a surra, Lauralynn a ajudou a levantar e ela ficou de pé sem firmeza nenhuma, com a maquiagem dos olhos borrada e manchada. Ela pegou instintivamente a combinação, que ainda estava embolada na cintura, e puxou para baixo para proteger as partes íntimas. Desviou o olhar de todos na plateia e foi levada para fora do salão.

Edward e Clarissa estavam agora andando entre os convidados oferecendo licores.

— O que você achou? — perguntou Victor a Dominik.

— Fascinante.

— Uma experiência nova pra você?

Dominik hesitou, considerando.

— Não exatamente — respondeu ele. — Summer, a violinista, uma vez me contou que foi a clubes em algumas ocasiões e que sofreu spanking, com chicotes, eu acho...

— É mesmo?

— Nunca estive presente — acrescentou Dominik —, mas sei que ela sentia muito prazer nisso. Me intrigou. Devo dizer que nunca me senti tentado a receber punição corporal. Temo que poderia exercer um efeito contrário na minha ereção.

— Que engraçado — disse Victor. — Mas é agradável de ver, não? Como você pode perceber, sexo nem sempre está automaticamente envolvido em nosso meio, em nosso pequeno círculo. Pode estar, é claro; este é apenas um lado da moeda.

— Entendo — comentou Dominik.

— Você gostaria de ver mais, de estar envolvido? — perguntou Victor.

— Talvez.

— Meu contrato em Nova York termina em três meses, então pretendo ir embora ainda não sei pra onde, talvez até voltar pra casa por um tempo. Pensei em dar uma grande festa. A festa pra encerrar todas as festas. Tenho uma peça central maravilhosa em mente, uma verdadeira estrela, que ainda não está pronta, mas sei como fazer com que concorde. Tenho certeza de que você vai gostar dela também — declarou Victor. — Vai gostar desse bichinho de estimação. Você devia ir. Desejo muito tornar a ocasião inesquecível quando ela chegar.

Estava ficando tarde. Talvez Summer tivesse ligado do quarto de hotel e deixado um recado. Dominik estava pronto para voltar para Manhattan.

— Possivelmente, Victor. Possivelmente.

Mas ele já sabia que, quando Victor assobiasse, ele iria, se envolveria. Era um mistério como Victor conhecia o gosto de Dominik para mulheres. Ele já estava fascinado pela natureza misteriosa da estrela que Victor tinha em mente.

No Maine, na etapa da Costa Leste da turnê, Summer pediu licença e não compareceu ao coquetel de comemoração no camarim com os outros músicos depois do concerto bem-sucedido da noite. Ela não estava com vontade de conversar com ninguém nem de beber. Pegou um táxi direto para o hotel e bateu a porta do quarto.

Lá ela se despiu, tomou um banho quentíssimo, se secou e foi nua para o quarto. A mala estava debaixo da cama. Ela a puxou e tirou o espartilho do saco plástico em que o enfiou apressadamente quando, por impulso, o tirou do armário do loft de Nova York. Ao conseguir vestir o espartilho e apertá-lo com o máximo de força que foi capaz de reunir, ela reparou que já era uma da madrugada. Da janela do 15º andar do hotel de luxo, ela conseguia ver as luzes da principal estação de trem atrás da estrada e, ao longe, o brilho silencioso das águas de um imenso lago.

Ela fez tudo na escuridão, e só depois acendeu a luz principal do quarto e se virou de frente para o espelho de corpo inteiro que havia na lateral da porta do armário. O espartilho preto aprisionava a cintura já fina, com a armação apertando a pele clara, empinando os seios, empurrando-os como uma oferenda, com os mamilos escuros em alerta, duros como caroços de cereja; na parte de baixo, ela estava nua, com os pelos agora um emaranhado de cachos flamejantes. Esta sou eu, pensou ela, com o abraço do espartilho enfatizando as partes sexuais, a vadia dentro dela. A prostituta?, perguntou-se.

Uma onda de culpa inexplicável tomou conta de sua mente.

Naquele momento, ela sentia que precisava ser punida, levar uma surra até as nádegas arderem como brasas, fodida até a inconsciência. Ela sabia que esses sentimentos não faziam sentido; ela não tinha nada de que se sentir culpada. Desejos sexuais eram assim. Você cedia a eles por vontade própria e se permitia e aprendia a usar o prazer, ou os negava. Isso era tudo. Não era uma questão de culpa.

Ela considerou brevemente a ideia de ligar para Dominik, mas parte dela resistiu.

Ela pegou o sobretudo pendurado no gancho atrás da porta, o que ficava frouxo e que ela costumava usar para ir e voltar dos locais de concerto, pois escondia os vestidos e ajudava a evitar chamar atenção indevida. Calçou o primeiro par de sapatos de salto que conseguiu encontrar na bagunça de roupas e calçados espalhados pelo chão do quarto de hotel.

Abotoou o casaco, com o material áspero arranhando os mamilos descobertos e roçando o emaranhado de pelos pubianos, e andou pelo longo corredor para onde o

elevador esperava. Do lado de fora, dobrou para a esquerda e chegou ao final da rua principal.

Era uma rua que seguia por uma eternidade, movimentada em algumas partes, iluminada e com tráfego, e mais para a frente sombria, clandestina, até mesmo pobre, onde restaurantes e lojas de alto nível davam lugar a bares, clubes suspeitos e lojas de permuta, quase todas fechadas àquela hora da noite. Depois de andar para o norte por meia hora, Summer parou. Estava em uma área completamente escura.

Prendeu a respiração.

Abriu o sobretudo bege, expondo-se à noite.

Alguns metros depois, ela se recostou na porta de metal de uma loja fechada, completamente exposta sob a luz pálida enquanto carros passavam por ela na rua principal. Nenhum deles diminuiu a velocidade, como se ela nem estivesse presente ou não valesse um momento de atenção.

A mente estava vazia. Sua boceta estava em chamas. Ou seria o rosto, o coração?

Lentamente, a silhueta de um passante andando para o sul, na direção dela, entrou em foco. Era um homem. Ele estava visivelmente cambaleante, bêbado, segurando na mão um saco de papel no qual o gargalo de uma garrafa aparecia. Quando chegou perto dela, diminuiu a velocidade. Olhou para ela. Parou.

— Me fode — disse Summer para o estranho bêbado. Ela implorou, esqueceu a dignidade, desesperada.

O homem só olhou para ela, tonto.

— Por favor.

O que mais ela devia fazer? Ficar de quatro, levantar a bunda, se abrir?

O homem soluçou, com os olhos ainda hipnotizados pela natureza provocativa dela, com um sorriso fino nos lábios, olhando para os mamilos, para a boceta exposta. Em seguida, deu um passo à frente, depois outro, e seguiu rua abaixo.

Ignorando-a.

Dez minutos depois, ainda no mesmo lugar em frente à porta de metal da loja, Summer se deu conta de como tinha virado a paródia de um velho pervertido que abre o sobretudo para expor a genitália, e estremeceu.

Ela fechou o sobretudo, abotoou e apertou o cinto. Havia algumas cédulas amassadas em um dos bolsos. Summer andou até o meio-fio, chamou um táxi e parou no hotel.

Tomou outro banho e lavou não só a sujeira, mas a lembrança do seu desespero, determinada a nunca mais usar o espartilho.

Ela adormeceu profundamente.

Foi acordada de manhã por uma ligação da agente. Será que Summer estaria disposta a aumentar a turnê, marcada para terminar em algumas semanas, com mais 15 dias de viagem para Austrália e Nova Zelândia?

Um retorno

Poucas outras experiências me deixavam tão feliz quanto andar pelo grande arco de madeira do aeroporto de Auckland que sinalizava o final do corredor de desembarque e a chegada à Nova Zelândia.

Era o som que sempre chegava a mim primeiro, o cantarolar gravado do pássaro tui que tocava ao redor do arco um pouco antes do controle de passaportes, um portão cerimonial entalhado com figuras maori tradicionais que separavam meu lar do resto do mundo.

Quando cheguei naquele ponto, tive que me controlar para não sair correndo até a porta da frente e beijar a terra como o Papa faz, uma ação que, na prática, provavelmente me faria ser perseguida pelo aeroporto por fiscais da alfândega e por uma matilha de cães treinados caçando qualquer sinal de frutas e vegetais proibidos na minha mala.

Eu sempre me senti meio boba quanto à minha ligação com a Nova Zelândia, considerando que saí por vontade própria, que raramente visitava o país e que não sabia se um dia voltaria de vez. Era da terra da qual sentia saudade mais do que tudo. Não havia mais nada no mundo que fazia meu coração cantar tanto quanto a visão do país da janela do avião.

Aotearoa, a terra da longa nuvem branca, um nome estranho para um país não caracterizado por nuvens, e sim por colinas que surgem nas planícies como barrigas de grávidas, com oceanos tão claros e luminosos quanto um olho de peixe e rios que serpenteiam preguiçosamente de um lado a outro do país, com a água límpida e dourada repleta de enguias e trutas, um lembrete permanente de tardes quentes e fins de semana que passei boiando de costas no Waihou.

Eu tinha conseguido negociar alguns dias antes desta etapa da turnê para visitar minha família em Te Aroha, a pequena cidade na Ilha do Norte onde nasci, a duas horas de carro ao sul de Auckland.

Minha escola tinha me contatado e pedido que eu fizesse um pequeno discurso na reunião matinal, um fato que achei irônico, pois minhas notas nunca foram ótimas, e eu abandonei a universidade depois de estudar música por apenas um ano. Também tinham me pedido que fizesse um breve concerto de boas-vindas no saguão da

escola, e minha mãe me informou toda orgulhosa que minha foto estava no jornal local. Felizmente, não a foto que apareceu nos pôsteres de Nova York, na qual eu não estava de roupas.

Peguei minha bagagem e saí pelas portas deslizantes para o saguão de desembarque, procurando ansiosamente por meu irmão Ben, que tinha concordado em ir me buscar. Ele trabalhava na siderúrgica perto de Pukekohe, mas havia tirado a semana de folga para ir até Te Aroha me visitar enquanto eu estivesse por lá.

Ele não estava em lugar nenhum.

Meu telefone vibrou no bolso.

— Oi, mana! Venha aqui pra fora. Estou rodando de carro pra economizar no estacionamento.

Típico.

Fiz sinal para ele depois da quinta passagem pela área de desembarque.

— Oi, mano!

— Oi, maninha!

Ben pulou do carro e passou os braços ao redor do meu corpo. Ele tinha cheiro de suor e graxa e havia mudado muito pouco desde que o vi pela última vez, embora os ombros estivessem um pouco mais largos desde que começou a trabalhar na siderúrgica e alguns fios brancos estivessem evidentes nos cabelos escuros.

— Entra logo, antes que nos peguem — disse ele, indicando com a cabeça as placas que só faltavam prometer morte certa a quem demorasse a sair da zona de embarque/desembarque.

Ele colocou a caixa do meu violino no banco de trás com tanta delicadeza quanto se fosse um bebê.

Meu irmão tinha o mesmo carro desde que eu lembrava, um Toyota sedã vermelho de segunda mão comprado por um preço menor que de uma bicicleta. Ele o reformou pacientemente até que o carro rodasse com tranquila eficiência, capaz de deixar um piloto de Fórmula 1 com inveja.

— De zero a sessenta em 15 minutos — disse ele com orgulho quando conseguiu ligá-lo pela primeira vez.

Sentei no banco do passageiro com a familiaridade que acompanha um retorno feliz a uma coisa que não mudou apesar da longa ausência. Meu irmão e seu carro eram tão confiáveis quanto o pôr do sol.

Uma chuva leve tinha começado a cair e os limpadores de para-brisa faziam um som regular no vidro.

Era inverno na Nova Zelândia, mas o clima ainda estava ameno, bem mais quente que o inverno de Nova York. Apesar do céu cinzento, parecia bem mais tropical do que eu lembrava.

Olhei pelas janelas para as palmeiras na beira da rua que levava ao aeroporto.

— Uau — exclamei. — Não me lembro de ser assim. Parece uma ilha.

— É uma ilha — respondeu Ben com sensatez.

— Estou falando de uma ilha de verdade, como uma ilha do Pacífico.

— Você frequentou a escola? Parece que a cidade grande não te deixou nem um pouco mais inteligente, hein, mana? A poluição estragou seu cérebro?

Eu me inclinei e bati na perna dele.

Ben só tinha saído da Nova Zelândia uma vez, para visitar Brisbane durante uma semana e surfar. Ele não via motivo para ir embora.

— Quer colocar uma fita pra tocar?

Ele ainda tinha um toca-fitas no Toyota, e o chão do lado do passageiro estava cheio de fitas cassete. Eu mexi nelas.

— Sade? — provoquei.

— Ela é boa. Melhor do que Beethoven.

Olhei pela janela de novo e fiquei maravilhada com os poucos carros e com os campos que se espalhavam dos dois lados das pistas. Na última vez que estive em Auckland, a cidade parecia uma corrida de ratos, uma confusão de pessoas e máquinas por todos os lados, e agora até as partes mais movimentadas pareciam paroquianas para mim.

— Mamãe contou que vou me casar?

— Não! Eu nem sabia que você tinha namorada! Quando isso aconteceu?

— Um mês atrás. O nome dela é Rebecca. Bex. Ela morou em Londres por um tempo, então vocês vão ter assunto.

— Uau. Bom trabalho, mano.

— E ela está grávida.

— Caramba. Por que ninguém nunca me conta nada?

— Você nunca atende o telefone!

— Você podia mandar um e-mail.

— Não vou contar que vou ter um bebê por e-mail. De qualquer modo, você vai conhecê-la no concerto. Ela está em Tauranga agora, visitando a família.

Ficamos em silêncio. A chuva caía com mais força agora e o trânsito estava lento, com as filas tradicionais de trabalhadores fugindo para partes mais tranquilas no fim de semana.

Quando foi a última vez que liguei para casa? Eu pensava muito neles, na minha família, nos meus amigos, na Nova Zelândia em geral, mas não pegava o telefone desde o Natal, seis meses antes, e isso só para falar com minha mãe e meu pai. Eu não falava com Ben havia mais de um ano.

— É bom ver você, irmão — eu disse cheia de tristeza, com o humor de repente tão cinza quanto o tempo lá fora.

— Digo o mesmo, maninha. Sentimos saudades.

Passamos o resto do trajeto conversando sobre velhos amigos e conhecidos. Nada em particular tinha mudado, exceto os casamentos e os inevitáveis bebês entre os mais jovens e os divórcios entre os mais velhos. Eu sempre ficava surpresa em ouvir sobre os casais que eu conhecia e que tinham conseguido ficar juntos depois que fui embora.

Meus pais tinham conseguido, estavam casados havia mais de trinta anos. Eles sempre gostaram um do outro, embora eu nunca chegasse a pensar que estavam realmente apaixonados. Meu irmão e minha irmã discordavam de mim nesse ponto: eles achavam nossos pais modelos de romantismo, prova de que duas pessoas podiam ficar juntas haja o que houver. Eu achava que tinham feito durar porque ficar junto era mais fácil e mais agradável do que a alternativa de lidar com o rompimento e acabar sozinhos. Sempre fui a cínica entre os filhos.

Ansiei pela chegada de Te Aroha antes de passarmos pela placa de “Bem-vindos” que nos informava que tínhamos oficialmente chegado.

A cidade sempre me pareceu envolta em uma luz um pouco menos intensa do que as áreas vizinhas. Sempre pensei que morávamos à sombra da montanha local, o monte Te Aroha, e que a cobertura projetada por ele era mais longa e larga do que deveria, recaindo sobre toda a cidade. Minha família me chamava de louca; todos achavam que a luz em Te Aroha era a mesma de todos os outros lugares. Eu a achava opressiva, como dormir em uma cama com os cobertores presos debaixo do colchão e apertados demais.

A montanha se erguia ao longe, uma mancha escura no horizonte, não importava qual fosse a estação. Era o motivo da existência da cidade e o primeiro sinal que encontrei dela.

Eu a tinha escalado quando pequena, com meu pai. Desisti logo no começo porque o chão era lamacento e a subida à frente era enorme. Minhas pernas não encontravam apoio na terra, então papai me pegou e me colocou nos ombros, carregando-me até o topo.

Quando vi o que eu imaginava ser o resto do mundo espalhado à nossa frente, senti por alguns momentos que estava finalmente livre da sombra da montanha, e daquele dia em diante, vi tudo fora das fronteiras da cidade como a Terra Prometida. Fui embora depois do meu último dia de aula e nunca olhei para trás, exceto para fazer visitas ocasionais.

Eu era a mais jovem, e sempre fui a ovelha negra. Minha irmã mais velha, Fran, trabalhava na filial local do Banco da Nova Zelândia. Estava neste mesmo emprego havia dez anos e não tinha a intenção de largá-lo. Meu irmão fez curso técnico à distância e tinha diploma de engenharia, mas fui a única a ir para a faculdade,

mesmo sem ter concluído.

Nunca consegui explicar a coceira que eu tinha de me manter sempre em movimento. Nova York provavelmente era o máximo de estabilidade que já tive na vida, e meu conforto lá e em Londres devia ter muito a ver com o fato de que ambas as cidades estão sempre mudando. Nos dois lugares eu estava cercada de movimento constante, aproveitando a paz no centro da tempestade em vez de ficar correndo em círculos para tentar criar meu próprio tornado, só para aliviar o tédio sempre presente da vida na cidade pequena.

Minha mãe me contou que, quando criança, fiquei empolgadíssima com um grupo de ciganos que passou por Te Aroha em turnê pela península Coromandel. Eles vendiam objetos entalhados, faziam leitura de tarô, shows de dança e visitas aos trailers coloridos em que moravam.

Tudo que sempre quis foi fugir e me juntar a eles, tocar flauta para as garotas que dançavam com fogo que eu achava tão exóticas, com os pés descalços na grama, com movimentos graciosos dos quadris e mãos que balançavam hastes com as pontas embebidas em gasolina com tanta velocidade que pareciam botar fogo no ar.

Estava começando a escurecer quando paramos na porta da casa da minha família, onde morei por 17 anos. A grana sempre foi meio curta para nós, e não éramos nem um pouco materialistas, então ela não havia mudado muito com o tempo.

Havia uma garagem coberta nova, o jardim tinha sido ajeitado e a cerca recebera uma camada de tinta. O limoeiro no jardim continuava lá, fato que achei estranhamente reconfortante, talvez porque as frutas dele decoravam minhas panquecas desde a época em que aprendi a segurar o garfo e a faca.

A portinhola na porta da frente balançava e os dois buldogues da minha mãe, Rufus e Shilo, rosnavam muito, com as pernas curtas mal tocando os degraus da frente sem que capotassem. Minha mãe estava logo atrás deles. Ela saiu correndo para nos receber assim que ouviu o som do Toyota subindo a rua.

Eu conseguia ver os rostos da minha irmã e do meu pai pela janela da cozinha, os dois sorrindo de orelha a orelha. Fran morava a algumas quadras da casa dos meus pais, em um pequeno chalé que tinha comprado junto com uma amiga.

Fran era solteira convicta havia anos, e não havia sinal de romance no horizonte desde a última vez que perguntei. Mas com o comunicado de Benji, eu não ficaria surpresa se ela aparecesse na porta com um homem atrás de si e duas crianças. Minha mãe deve ter ficado feliz da vida com a notícia de Ben. Com minha irmã e eu jurando querer distância de romances, ela temia nunca ter netos.

— Oi, amor — disse ela, me envolvendo com um forte abraço.

Estava usando um avental cor de creme surrado e coberto de manchas de comida por cima de uma calça jeans e um suéter rosa bem clarinho. Tinha passado maquiagem para minha chegada, um leve toque de rímel e blush. Minha mãe tinha

deixado o cabelo ficar grisalho, embora ainda estivesse cheio e longo. Ela nunca foi vaidosa. Estava um pouco mais gordinha do que quando a vi pela última vez, mas ficava bem assim, e com o cabelo grisalho também. Eu sempre a imaginava como uma árvore, apenas continuando a crescer pacificamente da forma que a natureza quisesse. Nunca a ouvi dizer nenhuma palavra negativa sobre si mesma, e também nunca fiquei sabendo sobre ela ter feito dieta, e era provavelmente por isso que minha irmã e eu tínhamos a autoestima inabalável.

Fran era a única entre nós mulheres que usava cabelo curto. Ela o cortou quando adolescente e o tingiu de louro, mantendo-o curto desde então. Foi a maior rebeldia da família antes de eu largar a universidade e me mudar para a Austrália. Eu achava que não éramos nada parecidas, mas algumas pessoas diziam que nossos trejeitos eram os mesmos. Apesar de termos passado vários anos separadas, ainda conseguíamos terminar as frases da outra e escolher roupas uma para a outra.

Fran era feito um duende, pequena e leve, com nariz fino e o sorriso largo. Andava de bicicleta e usava óculos com armação grossa de plástico, apesar de ter uma visão perfeita. Ela parecia o tipo de garota que você veria andando por Shoreditch, em Londres, e o fato de ela ter optado por ficar em Te Aroha sempre foi um mistério para mim. Inicialmente, eu pensava que ela se destacava, mas Fran estava aqui havia tanto tempo que a cidade a envolvera até que ela parecesse parte dela, como uma craca no casco de um navio.

O abraço de Fran foi tenso e rápido. Ela nunca ficava à vontade em demonstrar afeto. Com o tanto que se fala dos britânicos serem reservados, fiquei surpresa ao descobrir que eles eram bem mais palpáveis do que os Pakeha, os neozelandeses de origem europeia, para quem não era comum cumprimentar amigos com mais que um sorriso ou uma leve provocação.

Meu pai estava atrás das duas, esperando pacientemente. Ainda vestia macacão, um uniforme sem o qual raramente o vi. A roupa era como uma segunda pele para ele, quase tão familiar quanto ver minha mãe de avental. Ele me ergueu do chão com seu abraço e me apertou por tanto tempo que pensei que fosse adormecer nos braços dele como uma criança.

A porta se abriu de novo e outra pessoa surgiu atrás deles.

O Sr. van der Vliet. Ele não era tão alto quanto eu lembrava, mas era magro e ainda mantinha uns últimos fios de cabelo nas laterais da cabeça. Devia estar na casa dos 80 anos agora, mas seus olhos estavam duros e brilhantes como sempre, com a expressão tão penetrante quanto uma gralha que acabou de ver uma colher de prata.

— Muito bem, minha garota — disse ele quando dei um suave beijo em sua bochecha magra. Ele deu um tapinha leve nas minhas costas.

Ele não morava perto dos meus pais nem socializava com eles regularmente, então

devia ter ido até lá só para me ver. De repente, senti como se fosse cair em prantos.

Fran acabou me salvando disso.

Ela pigarreou.

— Devíamos entrar, pessoal. Não faz sentido ficar aqui fora, não é? Até os cachorros estão ficando com fome, esses comilões.

Minha mãe devia estar cozinhando havia semanas, pois a mesa parecia prestes a desabar sob o peso de todas as minhas comidas favoritas.

— Durante o último mês, andei cozinhando aos poucos e congelando — disse ela com orgulho.

Os legumes e as verduras eram da horta, da qual meu pai cuidava com atenção, e a carne era de um fazendeiro da região. Papai aparentemente trocou alguns pneus de caminhão por uma vaca inteira, e o cadáver dela estava cortado em pedaços e armazenado no grande freezer horizontal no quintal.

Tínhamos cerveja L&P e Speight para acompanhar, e sorvete de creme com toffee sobre maçãs fritas em casa para sobremesa, seguidos de chocolate Pineapple Lumps. Quando fui buscar sal e pimenta, reparei que a despensa estava cheia de três tipos diferentes de pão Vogel.

— Não sabíamos do que você sentia mais saudade — disse mamãe —, então compramos tudo.

Seus olhos estavam ficando úmidos, mas ela ainda sorria.

— Não vou conseguir comer tudo antes de ir embora — protestei.

— Ah, vai, sim — respondeu ela. — Vou te obrigar.

— Tem comida em Nova York, mãe.

— Mas não é como a comida da sua mãe, é?

— Não, isso com certeza não — falei, e apertei os ombros dela enquanto voltava para a cadeira.

Benji me salvou de mais perturbação, embora eu soubesse que ela só estava demonstrando que sentia minha falta.

— E então, mana, conta pra gente sobre a vida na cidade grande. Como é ser famosa, hein? Você tem seu próprio camarim?

Eu ri.

— Não, é bem menos glamoroso do que parece. Adoro tocar, mas fico cansada de quartos de hotel e de viver com apenas uma mala.

— Viver com apenas uma mala? — disse Fran. — Parece o tipo de coisa que você gosta. Você nunca vai voltar de vez, vai?

— Um dia, eu vou.

O Sr. van der Vliet foi o próximo a me ajudar a sair da saia justa.

— Onde você vai tocar agora?

— Bem, tive sorte de primeiro conseguir uma semana de folga aqui. Depois vou

para o sul e venho subindo. Christchurch, depois Wellington, então Auckland, e pego um avião um dia depois do último concerto para Melbourne, por fim Sydney. Mas são poucos dias em cada lugar. É uma visita rápida. Vou tocar com orquestras locais em cada ocasião, como parte do acordo do contrato, mas também porque isso mantém os custos baixos, então vou passar bastante tempo ensaiando.

Fran caiu na gargalhada e me cutucou nas costelas.

— “Em cada ocasião” — repetiu ela, imitando o sotaque britânico. — Escutem só. Quando você ficou tão metida?

Um dos cachorros latiu no canto, concordando.

O Sr. van der Vliet ignorou os dois.

— Estão te fazendo trabalhar duro, então?

— Sim, muito, mas sei o quanto tenho sorte. A maior parte dos violinistas apenas sonha com isso.

— Li que você está tocando com o maestro venezuelano Lobo?

— Sim, Simón — respondi rapidamente.

— Você está vermelha? — perguntou Fran, que me observava com atenção. — O que está acontecendo com o maestro? Conta pra gente.

— Nada, na verdade. Somos apenas amigos.

— Ah, Deus, não se mude pra América do Sul — disse minha mãe, colocando a mão no rosto em choque. — Nova York já é bastante longe!

— A Venezuela é mais perto da Nova Zelândia do que Nova York, mãe, mas não se preocupe. Não vou me mudar pra lá.

— Com quem você está morando em Nova York então? Tem um lar pra onde ir durante os intervalos?

— Eu estava dividindo um apartamento com um casal croata que toca na seção de metais, mas me mudei quando a turnê começou. Fico na casa de amigos quando volto por uma ou duas noites, e lavo a roupa em uma lavanderia.

Eu estava olhando para a comida e ficando cada vez mais desconfortável conforme a conversa prosseguia. Eu não sabia bem por que não queria contar a eles sobre Dominik. Eu podia facilmente ter mencionado que estávamos saindo, sem acrescentar que eu gostava quando ele amarrava meus pulsos nas minhas costas ou fazia amor comigo com as mãos ao redor do meu pescoço, assim como qualquer pessoa não discute os detalhes da vida amorosa em grupo, mesmo que não fizessem nada mais pervertido do que sexo ao pé da cama.

Meu pai quase não disse nada a noite toda, apesar de não ter parado de sorrir hora nenhuma. Ele havia pedido um convite para todos os concertos, com planos de fazer ele mesmo uma pequena turnê, conforme explicou.

Minha mãe não conseguiria ir a todos, mas a família toda iria me ver tocar em Auckland, no Aotea Centre na Queen Street.

— Alguém precisa cuidar dos cachorros — disse ela em tom de desculpas.

Só quando deitei na cama arrumada, no mesmo quarto onde dormi durante toda a infância, é que comecei a me sentir desesperadamente solitária.

Eu tinha me acostumado tanto ao som do tráfego em todas as horas que os barulhos da cidade eram tão tranquilizadores quanto um CD de sons de baleia ou de ondas batendo na praia, e quase não havia som lá fora. O silêncio intenso era sufocante, como se eu estivesse presa em um tanque de privação de sentidos.

Abri a janela, apesar da chuva que tinha voltado a cair lá fora, me ajoelhei na cama e olhei para a escuridão. Eu esperava ver estrelas, mas não havia nenhuma esta noite.

Normalmente o céu ficava cheio delas na Nova Zelândia, com o ar tão limpo que elas brilhavam como faróis.

As pessoas diziam que eu era uma viajante, mas como alguém da minha parte do mundo podia ser outra coisa? O desejo de procurar coisas novas pulsava com intensidade em nossas veias. Eu conseguia entender por que voltamos para casa, é claro. Eu nunca deixaria de amar este lugar, independentemente de quanto tempo ficasse longe, mas nunca conseguiria entender as pessoas que nem queriam sair.

Eu queria saber se Dominik também era assim. Se tinha ido para Nova York só por minha causa. Se realmente conseguiríamos ficar juntos algum dia. Por um lado, o relacionamento parecia fadado a terminar. Eu não sabia se ele me perdoaria por deixá-lo para trás e pegar a estrada. Por outro lado, não conseguia suportar a ideia de ficar sem ele. Eu tinha tentado todos os tipos de coisa para mimetizar a companhia dele, a maior parte, coisas loucas ou perigosas, ou ambas.

Ultimamente eu vinha evitando amarrar a corda no pescoço quando estava sozinha porque as implicações me assustavam muito, e o fato de meu medo me excitar me assustava ainda mais. Nem Dominik gostaria disso, pensei, embora as chances de eu tropeçar em alguma coisa, prender a corda e me estrangular fossem praticamente zero.

Eu ainda a trazia na mala. Meus batimentos dispararam quando passei pela alfândega, imaginando todas as desculpas que precisaria usar se revistassem minha mala e a encontrassem. Escaladas ou escotismo, como eu tinha dito para Simón quando o beijei.

Eu poderia ser sincera e sussurrar que gostava de bondage. Qual era o crime nisso? Mas as malas passaram sem nenhum questionamento todas as vezes. Não tirei a corda da mala. Estava lá como uma cobra escondida na areia, com a perspectiva de perigo sempre presente, mas oculta.

Como diabos isso tinha acontecido?, refleti, olhando para a lua, com o rosto e a janela agora molhados e frios por causa da chuva. Árvores sussurravam ao vento, companheiras graciosas dos meus pensamentos, e um animal ou outro passava

correndo na escuridão.

Até o escuro parecia mais escuro aqui, com um poste ou outro na rua para iluminar um pouco. Fechei a janela e observei o que havia no meu quarto, intocado desde que fui embora.

Eu pensava que, quando os filhos saíssem de casa, meus pais fossem se mudar para uma casa menor para terem menos trabalho, ou que talvez alugassem um quarto para ganhar um pouco mais de dinheiro. No mínimo, redecorar nossos quartos como quartos de hóspedes, ou usá-los como depósito. Mas cada um deles estava idêntico a como deixamos quando saímos, como o equivalente arquitetônico de uma cápsula do tempo.

Eu era minimalista quando criança. Só alguns poucos livros, pilhas de discos, fitas cassete e CDs, um globo que eu passava horas girando e olhando, imaginando todos os lugares que visitaria. Havia meu primeiro violino, de tamanho infantil, ainda na caixa original, com um pequeno arco ao lado e a maior parte das cordas arrebitada. Um vaso branco pintado com desenho oriental, pequenas flores de cerejeira, que meu pai tinha me dado, não no meu aniversário nem no Natal, mas porque o viu em uma loja e pensou em mim. “Pra quando você for ao Japão”, dissera ele. Eu ainda não tinha ido.

O sol finalmente voltou a sair na manhã do meu discurso na antiga escola. Era a coisa mais estranha do mundo falar com crianças que pareciam muito mais novas do que eu acreditava ser na mesma idade. Batiam na altura da minha cintura, eram bebês. Eu estava morrendo de medo de que me perturbassem ou me jogassem coisas, mas elas ficaram sentadas em silêncio, olhando para o alto como se nunca tivessem sentido tanto tédio na vida.

Os corredores e os prédios da escola estavam quase idênticos ao que eu lembrava, e muitos dos meus antigos professores ainda estavam lá. Fui convidada para a sala dos professores pela primeira vez, e fiquei surpresa pela reação calorosa dos que eu achava que não gostavam de mim. Até meu professor de matemática, o Sr. Bleak, que sempre pareceu um homem irritado, frustrado a ponto de explodir por minha incapacidade de entender álgebra, sorriu de orelha a orelha quando me viu perto do bebedouro.

— Parabéns — disse ele. — Você saiu para o mundo e se transformou em alguma coisa. Se ao menos metade das crianças daqui fizesse o mesmo.

A expressão dele mudou quando disse as últimas palavras, e ele se virou, com uma caneca e um saquinho de chá nas mãos. Ele não esperou o suficiente para acrescentar a água quente.

Peguei minha caneca e procurei um assento, esbarrando no homem de pé atrás de

mim com a mão e derramando café no braço.

— Ah, Deus, me desculpe — disse ele aturdido. Ele secou meu pulso com a manga da camisa e se afastou de novo, como se fosse ele quem tivesse se queimado.

— Graham? — sussurrei.

O silêncio envolveu a sala como uma onda. Eu me dei conta de que ele era a única pessoa que eu chamava pelo primeiro nome, e não pelo sobrenome. Deveria ser Sr. Ivers, assim como eu chamava o professor de matemática de Sr. Bleak e ainda chamava a professora de música de Sra. Drummond, embora ela tivesse rido e insistido que eu a chamasse de Marie. Eu não conseguia me acostumar a chamar meus professores pelo primeiro nome.

O Sr. Bleak limpou a garganta e gentilmente iniciou uma conversa alta sobre o clima com a pessoa ao lado dele. Em pouco tempo, os sons normais de conversa voltaram e os professores esqueceram o interesse em nosso momento de intimidade, prosseguindo com o que estavam fazendo antes.

Graham era meu antigo treinador de natação, o homem com quem perdi minha virgindade.

Certo dia ele me pegou me masturbando no vestiário feminino depois do treino e me perguntou se eu gostaria de sentir um homem dentro de mim, ao que respondi “sim”.

Não contei para ninguém sobre isso, nem mesmo para Mary, minha melhor amiga na época, apesar de achar que ela sempre desconfiou.

A única pessoa que sabia disso era Dominik, mas eu não tinha contado a ele a história completa: que continuei a nadar e nadar para Graham, apreciando o desconforto de cada volta completada sob o olhar atento dele.

Minha mãe ficou empolgada com meu novo interesse pelo esporte, por acreditar que eu estava desenvolvendo uma obsessão nada saudável pela música. Algumas pessoas até falaram que eu poderia competir nos campeonatos de natação de Waikato. Eu inventava mais e mais motivos para ficar até depois dos treinos, até tarde o bastante para todas as outras garotas irem embora e eu pudesse me masturbar de porta aberta, torcendo para que o treinador entrasse e me fodesse de novo.

As outras garotas começaram a fofocar sobre o assunto, é claro, e talvez essa conversa tivesse se espalhado entre os professores. Um dia, cheguei ao treino e soube que Graham tinha sido transferido para uma escola vizinha. A substituta dele era uma mulher de meia-idade e pernas curvadas que usava um maiô verde que a deixava ainda mais parecida com um sapo do que ela já era.

Eu parei de nadar e renovei meu interesse pelo violino.

— Estou feliz que você tenha voltado — dissera o Sr. van der Vliet, apesar de eu não ter perdido nem uma hora de ensaio de violino. — Eu estava começando a me

preocupar.

Nunca senti raiva do treinador de natação, embora devesse. Só fiquei triste por ele não me querer mais. Certo ou errado, eu tinha gostado. Na época, me imaginava adulta, embora ao olhar para as garotas ao meu redor, com seus rostinhos novos e suas lancheiras, todas parecendo que deveriam estar na cama às oito vendo filmes da Disney, fiquei chocada pelo quão jovem eu devia ser na época.

Não consegui deixar de me sentir responsável, de pensar que a coisa toda fora minha culpa. O Sr. Ivers devia ter evitado, mas eu jamais diria que ele fez qualquer coisa comigo que eu não quis, não gostei e que não estava em posição de dizer sim ou não.

Com certeza não foi ele quem me fez ficar assim, ele apenas soprou uma chama que existia desde sempre, tão parte de mim quanto meus cabelos ruivos. Ele era tão responsável por como fiquei quanto a areia é responsável por pegar uma onda que bate na margem.

De repente, meu estômago se revirou. Pedi licença e fui para o banheiro feminino.

No espelho, eu parecia tão cinza quanto os corredores lá fora. Joguei água no rosto para recuperar a compostura e limpei a boca.

Olhei para o relógio. Os minutos estavam passando, e eu estava atrasada para o encontro com os formandos de música, com quem tocaria na noite seguinte no concerto. Eu tinha o resto do dia de ensaios com eles.

Era hora de me recompor.

Graham estava esperando do lado de fora do banheiro feminino quando saí.

— Acho que não é o melhor dos lugares pra ficar — comentei, impaciente agora para ir para o ensaio.

O rosto dele ficou em um tom de vermelho vivo. Ele tinha perdido um pouco do porte atlético jovem e estava começando a ficar com papada. Estava perdendo cabelo, e sua testa parecia um ovo saindo do traseiro de um pato. Tinha começado a fumar e estava cercado pelo cheiro de cigarro velho. Eu preendi a respiração.

— Me desculpe — acrescentei. — Eu não devia ter dito isso. Você vai ao concerto hoje?

Ele confirmou.

— Vejo você lá — falei rapidamente, e segui para a sala de música a fim de conhecer os instrumentistas escolhidos para tocar comigo.

Eles eram bons, e não estavam nada nervosos como a Sra. Drummond. Eu tinha enviado sugestões de músicas de antemão. Passei horas planejando, para tentar aproximar a música clássica da realidade de uma cidade onde quase ninguém devia ter ouvido sequer uma nota.

Em sua maior parte, era Enzso, o trabalho em conjunto entre o Split Enz e a Orquestra Sinfônica da Nova Zelândia. Começaríamos com “Message to My Girl”, a

música que toquei no quarto de hotel da Washington Square depois de deixar Victor, quando Dominik reapareceu feito mágica em minha vida. A música me deu dor no coração, mesmo na décima vez em que tocamos.

Acrescentei alguns dos temas instrumentais de *O Senhor dos Anéis*, do qual os adolescentes pareciam gostar.

O auditório da faculdade de Te Aroha, por menor que fosse, era minha primeira oportunidade de dar meu toque ao concerto, e, apesar do ambiente informal, era um concerto que eu esperava com ansiedade. As músicas das outras apresentações nas cidades grandes seriam mais formais e incluíam temas mais clássicos, assim como Vivaldi, que tinha se tornado uma espécie de tema para mim.

O auditório era bem-iluminado, sem holofotes e com a plateia também iluminada. Eu conseguia ver os rostos das pessoas sempre que olhava para elas. Apesar de tentar me perder na música como sempre fazia, não foi tão fácil quanto costuma ser quando toco em um ambiente maior e mais escuro, onde mesmo com mil pessoas assistindo, sinto como se estivesse sozinha no palco por não ver os olhos de nenhuma delas.

Eu estava muito mais alerta durante essa performance, consciente de estar encorajando os alunos de música, alguns dos quais estavam tão pálidos e trêmulos antes de subir no palco quanto lençóis brancos no varal em um dia de vento em Wellington. Além disso, era a primeira vez que eu tocava em público para meus amigos e minha família desde a época da escola.

Minha família vestiu as melhores roupas para a ocasião, e mesmo minhas amigas Cait e Mary, que viajaram até a cidade especialmente para a apresentação, usaram seus melhores vestidos, embora as duas parecessem distraídas, estando mais acostumadas a noitadas em Auckland e Wellington. A ideia de não atingir as expectativas delas me deixava muito mais trêmula que a presença dos críticos mais ferozes do meio clássico.

A primeira parte foi bem, e tivemos um breve intervalo, uma pausa de 15 minutos para recuperar o fôlego. Não tive coragem de andar pelo salão para ser parabenizada e receber olhares curiosos das pessoas que queriam ver como eu estava. Minha agente tinha me dito que eu precisava me esforçar para me envolver com a plateia, mas eu achava que até ela perdoaria minha reticência desta vez.

Revirei a bolsa em busca do celular, fingi receber uma ligação importante, saí por uma porta lateral e me recostei na parede externa do auditório para apreciar o ar da noite. Tinha parado de chover, mas as nuvens continuavam densas e pesadas, afundando a cidade em um permanente vapor de umidade. A grama estava escorregadia por causa da chuva, e gotas nas árvores brilhavam sob a luz da lua como contas de vidro.

Fui interrompida por uma tosse vinda de outro ponto da parede e um isqueiro

sendo aceso. A outra pessoa estava escondida na escuridão, acompanhada só do brilho do cigarro, mas eu conseguia sentir o cheiro e ver o contorno da cabeça contra o céu noturno. O Sr. Ivers.

— Fico feliz de encontrar você sozinha — disse ele. — Eu queria falar com você.

A ponta do cigarro voava de um lado para o outro como um vaga-lume. As mãos dele estavam tremendo.

— Ah, é? — respondi.

Ele não podia estar pensando em me cantar. Olhei de novo para ele agora que meus olhos começavam a se ajustar à sua presença no escuro. Eu provavelmente me acostumaria com o cheiro do cigarro, e fazia um tempo que não encontrava Dominik. A correria com todas as viagens de uma cidade a outra impedia que houvesse romance, e quando os concertos terminavam, eu estava exausta e pronta para cair na cama.

Eu havia pensado em pagar, em contratar um acompanhante, mas a internet ajudou pouco nessa questão, cheia de mulheres que ofereciam os mesmos serviços, mas com poucos anúncios de homens que pareciam verdadeiros. Eu fiquei tão preocupada com o constrangimento e com os riscos de cometer um engano que acabei desistindo.

Talvez fosse interessante sair com o Sr. Ivers de novo, em homenagem aos velhos tempos. Talvez pudéssemos até voltar para a cena do crime.

Abri um sorriso malicioso e cheguei mais perto dele.

— Bem, tenho certeza de que a gente poderia dar um jeito de entrar no vestiário de novo depois do concerto. Você deve até ter a chave.

— Você está maluca? — sibilou ele, visivelmente chocado pela minha sugestão.

— Mas pensei que você...

— Meu Deus, não. Vou me casar em um mês. Eu só queria falar com você pra dizer que sinto muito e ter certeza de que você... não falou sobre o assunto. Não tenho muito dinheiro, mas se for ajudar você a... deixar pra trás, posso pagar. Tenho economias, não muitas, mas...

— Você acha que quero dinheiro? — perguntei.

— Olha, sei que não vai melhorar nada, e você está meio famosa agora, não é? Então não deve nem precisar do meu dinheiro — disse ele com zombaria.

— Não quero seu dinheiro e não vou contar pra ninguém.

— Graças a Deus. Obrigado.

Os ombros dele relaxaram e ele tragou o cigarro.

— Você foi ótima, aliás. Estou falando do violino — acrescentou ele ao jogar a guimba na grama e pisar nela com o vigor normalmente reservado para esmagar insetos particularmente nojentos.

Ele se virou e entrou no auditório na hora em que o sinal tocou para indicar que

todos deviam voltar aos seus assentos.

Eu me agachei e observei as últimas brasas do cigarro dele, as que ainda estavam acesas apesar da pressão, esperando que piscassem e morressem.

Eu queria Dominik naquele momento mais do que em qualquer outro.

No calçadão

— Pensei em ligar — disse Lauralynn.

Dominik trabalhava no romance havia algumas semanas. Não tinha quase mais nada para fazer. A vida tinha se resumido a uma rotina. Eram poucas horas obrigatórias no escritório da biblioteca, ou uma visita ao cubículo similar de algum colega para discutir todo tipo de fofoca literária, para depois pegar o metrô para o SoHo. Ele nem comia fora mais, contava com vários serviços de entregas: um dia, sushi; no outro, comida mexicana, italiana ou comida orgânica da loja na avenida Greenwich, ou apenas *bagels*.

Inicialmente, foi difícil. O cursor na tela branca do laptop piscava indefinidamente. As ideias seguiam em todas as direções dentro de sua cabeça, quase sempre fugidias demais para levantar voo antes de outra surgir, simplesmente desaparecendo na luz fria do pensamento racional. Escrever sobre fatos era tão mais fácil, percebeu ele depois do surto inicial de entusiasmo pelo novo projeto. Você apenas se atém aos elementos pesquisados, os apresenta da forma mais limpa e convincente possível e dá um toque de opinião. Essa coisa de ficção era completamente diferente.

Ele sabia a história que tentava contar em quase todos os detalhes. As coisas que os personagens fariam, o modo como reagiriam, a dança da morte e do prazer em que se veriam envolvidos; mas ainda não conseguia se concentrar neles propriamente. Entrar na pele deles. Perceber completamente o que os motivava, como se eles sequer fossem criaturas da sua própria imaginação.

Então, ele havia separado todos os livros e as cópias de artigos de revistas e jornais velhos que juntara sobre Paris no período que se seguiu ao pós-guerra, sobre os músicos negros de jazz, o existencialismo e os grupos boêmios franceses que enchiam as ruas e os cafés de Saint-Germain-des-Prés, e passou várias noites relendo alguns de seus romances favoritos na tentativa de analisar como os autores deram vida às coisas, procurando a técnica que sustentava o talento. Mas isso só tornou a perspectiva de escrever um romance ainda mais problemática. Ele não se sentia à altura da tarefa. Talvez fosse um talento que ele não possuía.

Summer estava na Austrália agora. A turnê ia bem, embora a volta às raízes

estivesse despertando muitas emoções misturadas. Ela mandava e-mails em intervalos de dias, numa tentativa de descrever como se sentia, e ele tentava imaginar os locais onde ela estava, as ruas úmidas, os rostos das pessoas e a impressão que talvez causasse nelas, a forma específica como se vestia, como andava, aquela mistura de inocência e provocação inconsciente que ela deixava em seu rastro aonde quer que fosse.

Ele não via Summer havia mais de um mês. Fechou os olhos e tentou se lembrar do rosto dela, da cor dos olhos, do formato dos lábios quando ela os repuxava na entrega à paixão.

Do orgulho dela, da imprevisibilidade.

Na frente dele, o cursor continuou a piscar.

Ao escapar de um primeiro caso de amor infeliz, a jovem heroína fugiu da simplicidade do leste do Texas, de um lugar chamado Nacogdoches, onde crescera, e foi parar em Paris, onde conheceria um jornalista inglês. A história deles se desenrolaria no período histórico incomum, porém fascinante, sobre o qual ele queria escrever. O personagem masculino era naturalmente baseado nele mesmo, no que ele poderia ter sido em outra vida, mas a personagem de Elena ainda era fugaz, e todas as tentativas de torná-la crível falharam terrivelmente até então. Ele nem sabia como era a aparência dela.

Seus pensamentos foram misericordiosamente interrompidos por um telefonema. Era Lauralynn.

— Oi, Lauralynn. Como anda a vida?

— Quero te pedir um favor.

— Pode falar.

— Tenho uma semana de folga. Quero ir pra cidade. O ambiente aqui é muito chato. Provinciano demais, mesmo com uma universidade. Se deixar, acabo até virando uma esposa perfeita...

— Seria possível?

— Não estou brincando. De qualquer modo, tem alguma chance de você me receber?

— Humm... — Dominik foi pego de surpresa pelo pedido dela.

— Summer ainda está viajando, não está? — acrescentou Lauralynn.

— Está — admitiu Dominik. — Por pelo menos mais duas semanas. Está na Austrália... Você não pensou em Miranda? — perguntou ele.

— Sinto dizer que ela não deu sinal de vida desde a festa no Brooklyn — disse Lauralynn. — Talvez tenha sido um pouco demais para ela. É uma garota essencialmente baunilha, eu acho. Agora está afundada na vergonha, sem dúvida, ou então tímida demais pra voltar e pedir mais. De qualquer forma, o apartamento dela é meio pequeno. Pode ser desconfortável passar uma semana inteira lá. Imagino que

você tenha bastante espaço.

— Mas só tenho um quarto...

— Não se preocupe. Levo meu saco de dormir. Não quero te deixar desconfortável. Você me conhece, sou invisível.

— Ah, é?

— Completamente.

Dominik refletiu por um momento.

— Acho que sim...

— Obrigada, você é gente boa. Você vai ver, não vou incomodar. De qualquer modo, quando foi a última vez que alguém cozinhou pra você uma refeição decente? Summer sabe cozinhar?

— Só o básico — confessou Dominik. — Costumamos pedir comida.

— Quanta preguiça — disse Luralynn. — Me dá seu endereço, então. Devo chegar à Grand Central Station no início da tarde. Vou direto pra sua casa. Quer que eu leve alguma coisa?

— Não consigo pensar em nada. Pode ser legal se você conjurar uma certa pessoa que está na Austrália pra que ela apareça aqui, mas acho que isso está além até dos seus poderes extraordinários... Pode deixar suas palmatórias, seus chicotes e outros brinquedos em New Haven. Não serão necessários. Ah, e as algemas também.

Luralynn riu.

— Algemas são pra covardes — disse ela. — Pra casais de classe média em busca de emoções e perversões. Pro pessoal pornográfico, como eu costumo chamar. Fora do pessoal baunilha, só encontrei algemas sendo muito usadas na ficção. É outro mundo, Dominik. Muitas pessoas confundem realidade e ficção — acrescentou ela. — Cordas são um assunto bem diferente...

Foi nesse momento que ele teve o estalo.

O que estava errado com Elena, a personagem do livro em progresso lento.

Ela ainda era irreal até para ele. Uma invenção.

Se ele emprestasse a ela o rosto de Summer, as palavras, o corpo, ela passaria a ser autêntica. De carne e osso. Não mais uma paródia.

Ele passou rapidamente o endereço do loft na Spring Street para Luralynn, voltou correndo para o laptop e começou revisões frenéticas no capítulo de abertura, enquanto imaginava Summer tendo origem em uma área inóspita no Texas, no ambiente limitado de uma cidade pequena. Uma hora depois, sentiu que a personagem tinha uma nova dimensão, estava verossímil. Summer nunca se mostrou disposta a falar muito da vida na Nova Zelândia, da vida antes dele. Dominik sentia que isso também poderia ajudá-lo a entendê-la melhor.

Lauralynn se mostrou uma hóspede perfeita. Ela guardava o saco de dormir e o mantinha escondido durante o dia num canto do loft. Também se ofereceu para varrer, tirar o pó e limpar a sala e a cozinha, que também ficaram um tanto negligenciadas durante a ausência de Summer, quando Dominik não queria se dar ao trabalho de fazer nenhum serviço doméstico. O fato de ela preferir fazer isso só de calcinha e com um sorriso alegre era uma distração inegável, mesmo agradável, apesar de ele já tê-la visto nua antes, durante o *ménage* com Miranda e quando ela tomou banho de sol de topless, então não havia nada de provocativo demais na atitude. Só mais uma manifestação da perversão sem fim de Lauralynn, é claro, pois ela sabia muito bem o efeito disso em Dominik. Era verão, e mesmo com o ar-condicionado ligado o calor entrava com facilidade surpreendente. Ele costumava andar pelo loft descalço, então ficar nua era apenas levar as coisas a um passo mais lógico e natural.

— Eu morava perto daqui — disse Lauralynn. — Nasci em Nova York.

— Eu não sabia.

— Meus pais tinham um apartamento no térreo na Sexta Avenida, perto da esquina com a Bleecker Street. Nossas janelas ficavam viradas para Minetta Lane. Tem um pequeno teatro ali. Em geral, com coisas experimentais de vez em quando, mas quando eu era criança sempre pensava que era algo meio vulgar. Me fascinava demais. Eu já tinha a imaginação fértil — disse Lauralynn.

— Quando você se mudou? — perguntou Dominik.

— Eu devia ter uns 10 anos.

— Filha única?

— Não, tenho um irmão, mas nunca fomos próximos.

— Onde você foi parar?

— Fora da cidade, em Long Island, pra ficar mais perto dos meus avós. Meus pais achavam que não era o lugar certo para se crescer. Eu discordava, é claro. O Greenwich Village é um lugar muito legal pra se viver quando criança. Tem tantos parques e parquinhos que o nova-iorquino médio nem conhece, e o barulho e o movimento da cidade grande ao redor. Eu adorava.

— Posso imaginar.

— Eles me subornaram: prometeram aulas de equitação em Long Island.

— Sou capaz de imaginar você andando a cavalo.

— Você quer dizer Lady Godiva?

— Não. — Dominik sorriu. — Só que você deve ficar linda de equipamento de montaria.

— É verdade. Foi quando tive meu primeiro chicote. Uma coisa levou à outra. Comecei a experimentar no meu irmãozinho, depois em outros. Era de brincadeira, claro, mas me deu prazer causar punição corporal, por mais controlado e inocente

que fosse no começo. Um terreno escorregadio. Peguei o gosto por dominar pessoas. Nunca quis entender por quê. É como sou, eu acho.

— Onde está seu irmão agora? Ainda em Long Island?

— Não. Ele é fuzileiro. Deve estar no Afeganistão. Não temos muito contato atualmente. Nossos pais morreram. Minha mãe morreu de câncer e papai morreu em um acidente de carro pouco depois. Nos afastamos. Ele foi morar com parentes em outro estado e eu já estava na universidade. Coisas acontecem.

— Eu não sabia que fuzileiros gostam de estar do outro lado de um chicote de montaria — comentou Dominik.

— Você ficaria surpreso — comentou Lauralynn.

— Onde você aprendeu a fazer esse *pesto*? — perguntou Dominik a Lauralynn enquanto eles relaxavam no sofá depois da refeição. Ela havia preparado o saboroso molho verde composto de manjericão, pinhões, alho, azeite e queijo parmesão a partir de ingredientes comprados pela internet e que foram entregues no apartamento, junto com massa caseira, cozida *al dente* com um toque levíssimo.

— Já morei em Gênova, na Itália — disse ela —, com um conde que gostava do meu tipo de punição. Entre as cenas, ele me ensinou a cozinhar da maneira italiana. A comida da Ligúria é bastante característica; eles usam muito alho. Você não se importou de o molho estar tão forte?

— Nem um pouco — respondeu Dominik. — Mas isso quer dizer que é melhor ficar longe de outros seres humanos por mais algumas horas. Eles ficariam enjoados. Nosso cheiro de alho deve estar chegando a um quilômetro e meio de distância! — Ele ainda sentia o gosto nos lábios e passou a língua para se limpar.

— Fodam-se as outras pessoas — exclamou Lauralynn. — Sempre desconfiei muito de pessoas que não gostam de alho.

— Então primeiro veio a equitação; depois, ao que parece, o violoncelo. Ou foi o contrário?

— Foi mais ou menos ao mesmo tempo — respondeu Lauralynn —, depois que fomos pra Long Island. Meus pais sempre amaram música, mas perderam a época certa da vida pra começar a tocar um instrumento, embora os dois cantassem no coral da igreja. Tinham vozes lindas. No começo eu não me entusiasmei. Tocava piano também, mas não muito bem, e experimentei alguns instrumentos até encontrar o meu. Tem alguma coisa de maravilhosamente sensual no som de um violoncelo, não é?

— Como você sabe, sou do tipo que prefere violino. — Ele sorriu para ela. — Acho o som dele muito puro, não é sujo como o do violoncelo.

— Sujo é bom — rebateu Lauralynn.

— Achei que você fosse dizer isso.

— E, para uma mulher, há aquela sensação inexplicável de segurar o instrumento entre as coxas, com a madeira contra a pele, os sons que você extrai do instrumento reverberando pela carne, como se o corpo todo estivesse controlando a ressonância dele.

Dominik estava tendo dificuldade em manter os olhos abertos depois da intensidade de sabores da refeição que Lauralynn tinha preparado e com o calor da tarde começando a drenar suas energias.

— Vamos ouvir um CD? — sugeriu ele.

— Não — disse Lauralynn. — É minha semana de folga. Não quero ouvir som nenhum.

— Vou acabar dormindo, então — observou ele.

— Então vamos dar uma corrida — propôs ela.

— Correr nesse calor? — protestou ele.

— Por que não?

— Faço muitas coisas, mas não corro.

— Ah, Deus! Uma caminhada, então, agradável e lenta pra um velho como você?

— Acho que isso eu consigo.

Lauralynn deu um sorriso largo para ele e falou:

— Não, tenho uma ideia melhor. Por que não vamos à praia?

— Aonde?

— Você já foi a Atlantic City, já viu o calçadão? Acho que lá tem uma praia também.

— Nunca fui.

— Nem eu. Vamos então — disse Lauralynn decisivamente. — Temos que ir até a Penn Station ou até a Grand Central Station? Ou será que conseguimos chegar lá de metrô?

— Vou descobrir. — Ele abriu o laptop e fez o log in.

— Vai ser igual a um encontro — comentou ela.

— Me sinto como se estivesse no cinema — disse Dominik.

O calçadão de Atlantic City ia até onde a vista alcançava, como um tapete bege e comprido com o mar de um lado e uma fileira irregular de prédios coloridos do outro. Ainda era o meio da tarde, e as luzes de neon dos hotéis ainda não estavam acesas.

— Quero um sorvete — disse Lauralynn.

— Você não prefere creme gelado? — sugeriu Dominik ao reparar na variedade de escolhas nas vitrines dos muitos cafés e lanchonetes no caminho.

— De jeito nenhum. Essa é minha ideia de inferno, e hoje quero um pedaço do céu. — Ela riu como uma criança.

— Podemos até ir ao Steel Pier mais tarde — sugeriu ele. — Pra andar nos brinquedos?

— Talvez... Vamos ver. — Ela andou até o café mais próximo e examinou a lista de sabores oferecidos.

Multidões de veranistas malvestidos e um grupo de visitantes com crianças de roupas de cores em tom pastel que corriam pelo calçadão com seus patinetes se misturavam a eles.

— Fudge de chocolate. Quero esse — exclamou Lauralynn com entusiasmo, apontando para a lista com animação. — E você? — Os olhos dela estavam bem abertos e o sorriso não parecia forçado.

Dominik deu uma olhada final nas opções de sabores e escolheu uma combinação de framboesa com chocolate belga.

— Casquinha ou copinho?

Lauralynn olhou para a camiseta branca e apertada que vestia e para o sol no céu azul.

— Acho que o copinho é mais recomendável.

— Combinado.

Dominik se inclinou sobre a bancada, fez o pedido para um rapaz de uniforme e enfiou a mão no bolso da calça jeans para pegar uma nota de 10 dólares.

— Não é divertido? — disse Lauralynn.

Por que ele nunca pensou em levar Summer ali, nem em Coney Island, e em nenhum outro lugar feito para a simples diversão? Eles nem foram ao Central Park para se sentar na grama e ver as pipas voando ao vento ou fazer um piquenique. As pequenas epifanias da vida. Será que eles se deixaram dominar demais pelas emoções, pelos desejos?

Talvez houvesse alguma coisa errada com eles. Será que nem sequer eram normais?

— Dez centavos pelos seus pensamentos. — A voz de Lauralynn chegou a ele através de uma névoa de confusão mental enquanto Dominik raspava o fundo do copo de papel em uma tentativa de pegar o resto quase líquido do sorvete.

— Nada importante — respondeu Dominik.

Lauralynn olhou para ele com curiosidade.

— Summer?

— Ela mesma.

— Ela realmente está impregnada em você, não é?

— Acho que sim.

— Me parece que você não está mais no comando.

— Às vezes eu me pergunto qual é o sentido de tudo isso.

— Este é o seu problema, Dominik: você pensa demais.

— É fácil falar.

— Você devia relaxar mais. Encarar as coisas quando elas acontecem. Seguir o fluxo dos acontecimentos.

— Humm... — murmurou ele.

— Quer saber?

— O quê?

— Vamos pra areia.

Ele olhou para a praia estreita abaixo do calçadão. Silhuetas esparsas se espalhavam nela, com algumas cabeças aqui e ali no mar.

— Não podemos nadar — comentou Dominik. — Não trouxemos nada.

Eles nem poderiam ir de roupas de baixo, pois Lauralynn estava sem sutiã e ele tinha vestido a calça jeans sem nem pensar em colocar cueca.

— Só pra molhar os pés — disse Lauralynn —, abaixo do calçadão. Que nem nas músicas e nos filmes.

Eles seguiram pelo calçadão até encontrar escadas que levavam à areia. Os dois desceram e tiraram os sapatos. A areia estava grossa e ainda úmida, e depois de chegarem perto da espuma das ondas na beirada da água e de apreciarem a sensação do mar nos tornozelos, eles voltaram e se instalaram em um ponto seco de areia debaixo de uma estrutura de madeira.

Lauralynn riu como uma criança.

— O que foi? — perguntou Dominik.

— Sinto que devíamos estar em preto e branco — disse ela, pensando nos inúmeros filmes que devia ter visto quando era mais nova.

— E mudos? — acrescentou Dominik.

— Sem dúvida. — Ela sorriu. — Venha aqui.

Ela fez um gesto. Ele se deslocou na areia até ficar ao lado dela.

E Lauralynn o beijou delicadamente.

Acima deles estava o sempre presente e animado som das famílias e passantes caminhando pelo calçadão e de crianças em patinetes a toda velocidade.

Dominik fechou os olhos, com uma das mãos na coxa de Lauralynn e a outra com dois dedos enfiados na areia molhada, traçando antigos hieróglifos com a mente desligada. Ele sabia que não havia nada de sexual no beijo repentino de Lauralynn, só uma afirmação da forma como ela se sentia no momento, em paz consigo mesma. Ainda assim, sentiu o pau endurecer e se perguntou se ela chegaria a ponto de fazer um boquete nele caso ele pedisse. Ele se lembrava de ela ter feito um quando estavam com Miranda, e lembrava-se da sensação dos lábios dela ao redor dele. Mas sabia que estragaria o momento, e ordenou que a ereção diminuísse.

Mais tarde, Luralynn disse:

— Obrigada por me trazer aqui, Dominik. Foi um dia maravilhoso, de verdade.

— Não há pressa pra voltarmos pra cidade — disse ele. — Podemos ficar até a noite.

— Eu gostaria disso.

Agora eles estavam de volta ao calçadão e o sol tinha diminuído, embora o céu continuasse azul e mais pálido e o dia não estivesse tão quente. A multidão havia reduzido, bem como o tamanho das roupas que vestiam. As pessoas da noite estavam saindo como vampiros de seus caixões, uma raça diferente e noturna, atraída pelas luzes de neon que agora pontilhavam o horizonte do calçadão.

— Uma boa refeição? — sugeriu ele.

— Estamos vestidos de maneira apropriada? — perguntou ela. Os dois estavam de jeans, ela com a camiseta branca e fina, com o formato dos mamilos duros visível por baixo do tecido esticado, e sapatilhas. Ele estava com uma camisa de botão de manga curta cinza.

— Aqui é Atlantic City. Tenho certeza de que os lugares não são tão formais — respondeu ele. Ou seriam como algumas boates de Londres que Dominik visitara, onde pegou uma gravata ou até um paletó que o próprio estabelecimento emprestava para se encaixar nas regras da casa? Ainda havia lojas abertas no calçadão, onde eles poderiam comprar um paletó se fosse necessário.

Os olhos de Luralynn se iluminaram.

— Depois do jantar, quero ir a um cassino — declarou ela.

— Por que não?

Eles acabaram indo ao Tropicana. Não era exigido o uso de paletó.

O que surpreendeu Dominik foi que Luralynn se mostrou uma jogadora compulsiva e incauta. Ele era qualquer coisa, menos isso. Duas vezes ele visitara a Meca dos jogos, Las Vegas, para seminários e convenções, e conseguiu o feito incrível de não arriscar nem uma moeda nas máquinas sempre presentes espalhadas pela cidade, desde corredores do aeroporto até lavatórios de hotéis e restaurantes. Ele nunca se sentiu tentado a participar de uma mesa de jogo.

Quando estava na universidade, costumava jogar pôquer regularmente com amigos, mas as apostas eram baixas (e quando não havia mais dinheiro para apostar, eles jogavam com palitos de fósforo). Mas Dominik não sabia nenhum outro jogo de cartas e sequer tinha curiosidade de aprender as regras.

Luralynn primeiro atacou uma das mesas de roleta e rapidamente triplicou a aposta inicial com um jogo sensato, revezando o vermelho e o preto quase sempre, com o instinto ditando a ocasional variação. Era sorte ou adivinhação. Assim que

duas apostas seguidas fracassavam, ela abandonava aquela mesa e ia para outra. Na mesa seguinte, havia cartas envolvidas, mas Dominik não fazia ideia de que jogo estava sendo jogado. Mais uma vez, o sucesso dela foi surpreendente, e a pilha de fichas de Lauralynn começou a crescer. Dominik não fazia ideia do quanto ela havia ganhado, pois não sabia o valor específico de cada ficha colorida, mas ficou evidente que ela estava começando a atrair atenção, pois grupos de pessoas se reuniam ao redor da mesa em que ela estava jogando, entre eles muitos eram homens com ar predatório. Mas mulheres também.

Depois de um tempo, os ganhos dela estagnaram e então foi para outra mesa e outro crupiê, onde as coisas ficaram mais tranquilas por um tempo. Dominik estava se entediando de vê-la agora, apesar de Lauralynn se destacar em meio aos outros jogadores, com a cascata de cabelos louros caindo sobre os ombros e roçando a gola branquíssima da camiseta, sentada ereta e altiva como um puro-sangue.

Ela acabou se cansando de jogar, reuniu as fichas e se levantou da cadeira, enquanto os olhares dos outros ao redor da mesa a seguiram.

— Preciso de uma bebida — disse ela para Dominik.

— Ouso dizer que agora você tem dinheiro pra pagar — disse ele.

Desta vez, Dominik se esqueceu de mandar o barman pegar leve no gelo, e a Coca veio sem gosto e aguada.

— Você é do tipo que corre riscos — comentou ele, tomando um gole da bebida.

Os olhos de Lauralynn ainda brilhavam pela excitação do jogo.

— A vida é feita de riscos — respondeu ela.

— Existe uma linha tênue entre correr riscos e ser descuidada — acrescentou ele.

— Acho que esse é exatamente o seu problema, Dominik — disse Lauralynn. — Uma parte de você quer seguir em frente, correr riscos, mas outra quer pesar as coisas, considerar, e essa é a parte que te prende. Você não consegue se comprometer completamente com as coisas.

— É mesmo?

— Mas sou apenas uma pobre violoncelista e, ainda por cima, uma garota. Não tenho diploma em psicologia. — Ela sorriu.

— Muito engraçado.

— Estou vibrando de energia — disse Lauralynn. Não havia como escapar do espetáculo que eram os mamilos dela esticando o algodão fino da camiseta. — Sexo seria legal agora — acrescentou ela, olhando para os outros clientes do bar, todos casais ou homens solteiros. Nenhum pareceu interessar a ela.

— Mas não com um homem? Ou comigo?

— Não trepo com meus amigos — disse ela.

— Você só os beija ou chupa, se as circunstâncias forem apropriadas — comentou Dominik.

— Ah, aquilo... — disse ela. — Só estava dançando conforme a música. É parte da dinâmica daquela situação específica. Com Miranda. Foi uma pena, aquilo. Queria saber se Victor a aborreceu de alguma maneira — acrescentou Lauralynn. — Ou se ela apenas se acovardou. Mas ela não usou a palavra de segurança, e podia ter usado. Achei que ia querer mais.

— De qualquer modo — observou Dominik —, não se sinta obrigada a ficar comigo. Posso voltar sozinho pra cidade. Se você quiser dar uma volta, procurar alguém...

— Não, não seria justo.

— Como você quiser.

— Quer saber? — disse Lauralynn. — Ganhei quase mil dólares hoje. Vamos pegar um táxi pra casa. Não precisamos nos incomodar com trens. Vai ser mais fácil a essa hora da noite, de qualquer jeito. Por minha conta.

— É muita generosidade sua.

Durante o trajeto de táxi até Manhattan, ela cochilou a maior parte do tempo com a cabeça no ombro dele, a respiração lenta e o calor do corpo como um cobertor quente e macio.

Ao chegar no loft, ela deu um beijo na bochecha dele, se virou de costas e, indiferente à atenção de Dominik, tirou a camiseta e a calça jeans e entrou casualmente no saco de dormir na semiescuridão. Seu corpo longo desapareceu rapidamente nas dobras, indisponível, desligado. Dominik puxou a divisória que separava o quarto dele da área de estar, se despiu e se deitou na cama.

E adormeceu rapidamente.

Uma hora depois, foi acordado por uma série de sons suaves vindos da direção de Lauralynn. Ele a ouviu gemer e percebeu, com uma pontada de excitação, que ela devia estar se tocando. Que pensamentos ou imagens, o rosto de quem ela estava evocando ao fazer isso?, perguntou-se Dominik, colocando a mão no membro e começando a se masturbar, embora mais silenciosamente.

Os dois chegaram ao clímax com segundos de diferença.

— Um dia, ela parece distante. No dia seguinte, parece necessitada, exigente, até mesmo irritada. — Dominik estava contando a Lauralynn sobre Summer e os poucos e-mails que ela mandava aleatoriamente desde que havia voltado para a Nova Zelândia. — Acabo sem saber o que ela realmente quer do nosso relacionamento. Ou o que eu quero...

— Parece um caso de “não dá pra viver junto nem separado” — disse Lauralynn.

— Talvez.

— O problema é igual — acrescentou ela — se é um casal comum ou um casal

com elementos dominadores e submissos, pelo que entendo. A questão é como você lida com o “felizes para sempre”.

— Ela gosta de brincar com fogo — disse ele. — É o que me atrai nela, me faz levar as coisas ao extremo às vezes. Por outro lado, isso também me assusta, pois não sei o que ela vai querer fazer ou espera que eu faça em seguida. É como se ela esperasse demais de mim, mas também se rebelasse contra isso. Não quero que a gente termine um dia como Clarissa e Edward, libertinos antiquados, uma paródia de nós mesmos.

— Ed e Clarissa são divertidos quando você os conhece direito. Só estavam fazendo um papel, de anfitriões teatrais de Victor. Além do mais, tenho certeza de que não precisa ser assim.

— Eu também, mas estou lutando para ver as coisas com clareza. O que vai acontecer quando a turnê dela acabar? Meu tempo de bolsa estará terminando. Precisarei decidir se fico em Nova York ou se volto para Londres. Eu podia pedir que ela voltasse comigo. Como instrumentista solo, ela pode morar em qualquer lugar, não?

— Acho que sim.

— Eu poderia mandar nela, é claro, insistir que fosse comigo, voltar para Londres, mas morro de medo de ela dizer não e de que isso seja o fim de tudo que nos une.

— Por que não faz isso? — perguntou Luralynn.

— Eu faria se pudesse. Mas sinto que ainda não a entendo o suficiente.

— Entende?

— Como ela se sente, o que sente...

Luralynn estava sentada na beirada do comprido sofá laranja do loft. Dominik estava na outra ponta, com o laptop nos joelhos e a página da Wikipedia sobre jazz moderno na tela para lembrá-lo da vida real. Ele estava pesquisando sobre os músicos negros que tocaram na margem esquerda de Paris no começo dos anos 1950, para o livro. Estava pensando em colocar a heroína, Elena, para dormir com um deles, mas ainda temia que introduzir uma cena inter-racial tão no começo do livro pudesse atrair questões sobre racismo caso ele não fosse capaz de criá-la com delicadeza suficiente.

— Você já bancou o submisso? — perguntou Luralynn.

Ele foi pego de surpresa pela pergunta dela.

— Não. Nunca. Não é o que sou. É claro que você sabe bem disso.

Ele pensou em Kathryn e em como ela intuitivamente despertou o dominador escondido dentro dele tantos anos antes. Na expressão de rendição nos olhos dela, não só pelo aspecto sexual, mas a rendição inconfundível tanto da alma quanto do corpo. Em Claudia, que o encorajou a expandir os limites do eu transgressor e nunca pestanejou enquanto ele mostrava seu lado sombrio. Em Summer...

— Às vezes — comentou ela, não tão casualmente quanto parecia, notou ele, com um brilho de perversidade iluminando os olhos azul-claros —, você precisa experimentar algumas coisas para entendê-las direito.

— O que você quer dizer?

— Você sabe como é possuir outra pessoa, controlá-la, ter até certo ponto poder de vida e morte sobre ela, não?

— Sim, embora você esteja expressando isso de uma maneira um tanto melodramática...

— Mas você realmente sabe como é pra ela ser dominada, por assim dizer, usada, preenchida?

— Eu gostaria de saber, é claro, mas sou heterossexual. Não é que nunca tenha me ocorrido, mas a ideia de ser usado por outro homem não me excita. Não sinto atração pelo mesmo sexo. Não é preconceito, eu garanto, é apenas gosto, assim como o fato de eu não consumir álcool.

— Não seja negativo. — Lauralynn sorriu. — Ser preenchido tem prazeres distintos, é uma sensação maravilhosa quando bem-feita. Eu experimentei. Posso preferir mulheres, mas tenho passado, sabe... Não nasci assim.

Dominik se lembrou de como Summer, em uma ocasião, do nada, enfiou um dedo nele enquanto trepavam com selvageria e do quão vívida foi a experiência. Ela o levou para além do limite e Dominik teve um orgasmo com intensidade incomum. Seria porque ele foi penetrado subitamente, ou apenas o resultado do prazer por ela ter sido tão avançada e libertina?, perguntou-se ele.

Lauralynn o observou e sorriu.

— Estou vendo que fiz você pensar, não fiz? — disse ela.

Dominik refletiu.

— Fez — confessou ele. — Sou bastante sensível lá. Talvez um pênis fosse uma experiência interessante, mas teria que ser um tanto afastado do homem que o portasse. Um homem sem rosto, um pau sem corpo, o que for. — Ele sorriu. — Só para saber como é. — Ele lutou para se explicar.

— Ah, acho que posso fazer melhor do que isso, mas você precisaria confiar em mim. Sem limitações, por assim dizer. É mais divertido assim, com um elemento surpresa. “Pare” pode ser sua palavra de segurança, se você precisar de uma. — Lauralynn molhou os lábios e graciosamente afastou o cabelo da testa, como ele costumava vê-la fazer quando estava excitada.

Dominik olhou para ela com curiosidade.

— Parece sinistro, mas acho que sou capaz de lidar com isso.

— Por que você não pega o trem pra New Haven no fim de semana que vem? — disse ela. Lauralynn voltaria para lá naquele mesmo dia. — Tenho ensaio sábado de manhã, mas se você pegar o de uma e meia, chegará lá no meio da tarde. Ah, e faça

mala pra uma noite — acrescentou ela. — Vou tornar bem interessante.

— É uma promessa ou uma ameaça?

Ela o pegou na estação. Pouco mais de uma dúzia de pessoas saiu do trem. Parecia uma cidade fantasma. Eles andaram direto da plataforma para o estacionamento, onde um táxi solitário estava parado na esperança de surgir um passageiro. Lauralynn o levou para depois de uma fileira de picapes, jipes e utilitários de todos os tamanhos e cores, onde uma Kawasaki preta e reluzente estava estacionada. Ela entregou a ele um capacete extra.

— É sua? — perguntou Dominik.

— Meu orgulho e minha alegria — respondeu ela, prendendo o longo cabelo dentro do capacete, para que as mechas não voassem com o vento. Lauralynn estava de calça jeans preta, jaqueta de couro azul e o que pareciam ser botas de caubói; parecia uma rainha guerreira no deserto suburbano da estação de New Haven.

Sem dúvida Lauralynn era cheia de surpresas, e Dominik se sentia nervoso quanto à próxima surpresa em particular que Lauralynn tinha planejada. Para ele.

Eles pararam primeiro para um lanche em um pequeno café perto do rio.

Lauralynn tinha um apetite voraz e comeu o dobro do que Dominik conseguia. Ele deixou, como sempre, grande parte do enorme sanduíche; estava sem fome até para comer toda a substancial salada de acompanhamento.

Eles voltaram para a poderosa Kawasaki, Dominik segurando com firmeza a cintura de Lauralynn. Era um percurso barulhento de dez minutos da cidade vazia até o bosque, onde ela virou repentinamente à esquerda em uma entrada de carros coberta de folhas, e a moto rapidamente parou. A casa isolada era projetada por arquitetos, imitando uma mansão colonial e construída ao lado de um riacho silencioso.

— Eu alugo só o estúdio do artista nos fundos da casa — observou Lauralynn enquanto eles tiravam os capacetes. — Tem entrada independente. De qualquer forma, os donos estão fora, na Índia, então sou só eu aqui.

— Parece idílico — comentou Dominik. — Muito privativo.

— É mesmo.

Ela destrancou a porta do estúdio e eles entraram.

O interior circular era amplo, com uma claraboia alta pela qual a luz acima entrava. Dominik podia imaginar o quão agradável seria para um pintor ou qualquer outro tipo de artista que trabalhasse aqui, mas se perguntou como seria a acústica para um músico. Em um canto do quarto improvisado, Lauralynn tinha arrumado o espaço dela: duas cadeiras, um futon, uma longa arara de metal na qual pendurava as roupas, a caixa do violoncelo sobre o piso de parquet, duas malas abertas e

desarrumadas. Ficou óbvio que ela vivia, como ele esperava, em um estado permanente de incerteza, pronta para se mudar a qualquer momento.

Ela andou para trás dele, deu um tapinha no ombro de Dominik e sussurrou sedutoramente em seu ouvido:

— A hora é agora, Dominik. Feche os olhos. — Ele obedeceu.

Dominik esperou um momento enquanto a ouvia se mexendo, fazendo Deus sabe lá o quê.

Em seguida, sentiu uma venda de material elástico sendo passada pelo cabelo, com a pressão ajustada acima das orelhas até cobrir os olhos. Dominik os abriu. Estava mergulhado em total escuridão agora.

Ele sorriu, lembrando-se das vendas que instruiu que o grupo de músicos usasse na cripta. Então Lauralynn estava se vingando dele? Dando a ele um pouco do próprio veneno?

— Tire a roupa.

Mais uma vez, ele seguiu as instruções. Ela já o tinha visto sem roupas naquela noite com Miranda, então não era nada que não tivesse visto antes, embora não o impedisse de encolher a barriga por um momento. Instinto.

— Fique de joelhos.

Mais uma vez, o som dos pés agora sem as botas ao seu lado.

Unhas afiadas tocaram suas costas, passearam pelo traseiro nu e seguraram o saco inevitavelmente pendurado.

Dominik se encolheu. A senhora estava avaliando a mercadoria. Ele se sentiu ficando duro. Não havia nada que ele pudesse fazer quanto a isso. Não que ele fosse chamar Lauralynn de “senhora”. Nunca nesse mundo.

— Mãos. Acima dos ombros.

Ele ergueu os braços e a sentiu amarrar seus pulsos. Devia ser um lenço: o tecido era sedoso. Cada vez que Lauralynn se aproximava, ele conseguia sentir o calor do corpo dela, o cheiro, uma mistura de especiarias desconhecidas e suor. A garganta de Dominik estremeceu.

Ela se afastou, e de repente Dominik sentiu frio, sem a presença imediata dela. Ele conseguia ouvir o cantarolar de pássaros no bosque atrás da casa, o barulho suave de água correndo no riacho, outros sons de movimento, quase chegando de duas direções diferentes ao mesmo tempo. Será que ela não estava sozinha? Será que outra pessoa tinha entrado no aposento? Ele não ouviu a porta pesada de madeira do estúdio sendo aberta ou fechada, mas talvez houvesse outra maneira de entrar, pela casa principal.

Mais uma vez, a mão de alguém em sua bunda.

Em seguida, o golpe de uma coisa afiada e cortante em uma nádega. O tremor da dor inicial percorreu seu corpo. Ah, vamos, pensou ele, isso é ridículo demais. Será

que ela acha que apanhar vai me excitar? Ele sentiu os testículos se encolhendo para dentro do corpo em reação. Uma gota de suor se formou entre o nariz e os lábios na expectativa do próximo golpe, que não aconteceu.

— Então você quer entender como é?

Ele assentiu.

Sentiu uma coisa sendo enfiada fundo nas orelhas, algodão. Alguma espécie de fone? O silêncio ficou abominável e ele estava flutuando em uma bolha de solidão. Nu. Sozinho. Com dois dos sentidos eliminados, a visão e a audição. Ele não achava que ela fosse amordaçá-lo e impedir a fala, os sons que ele emitiria; isso seria contraproducente, pois ela estaria interessada em apreciar seus gemidos, suspiros e prováveis protestos. Tudo parte do jogo.

Ele esperou.

Pressentiu uma sombra acima, atrás, provavelmente obscurecendo o azul do dia que entrava pela claraboia.

Sentiu uma respiração quente na base da nuca quando ela se inclinou e um dedo frio e oleoso sondou seu esfíncter, molhando-o, testando sua elasticidade, aplicando alguma espécie de lubrificante na abertura. Dominik prendeu a respiração, pressentindo o que viria a seguir.

Um instrumento não afiado, uma imitação de pênis, supôs ele, abriu caminho, penetrando-o com surpreendente facilidade, abrindo o cu até acomodar a ponta. Isso foi seguido de um empurrão violento para dentro, e ele foi totalmente invadido, sentiu-se como se estivesse sendo partido ao meio. Dominik mordeu os lábios. A dor foi intensa. Toda a parte periférica do ânus estava aberta e forçada, literalmente em chamas, como se o tipo errado de creme tivesse sido aplicado, e que, em vez de melhorar, deixava seu orifício pegando fogo. Ele tentou controlar a sensação, recusando-se a permitir que qualquer som passasse por seus lábios.

Ele tentou retesar os músculos para impedir que o objeto chegasse mais fundo, mas já tinha perdido o controle, e após alguns movimentos fracos, ela estava completamente em seu interior.

Estou sendo fodido, pensou ele. Sei como é para uma mulher ser preenchida, penetrada a fundo.

Atrás da venda, seus olhos agora estavam fechados, apesar de não fazer diferença para a situação.

A clareza de pensamento voltou ao seu cérebro, e esse foi o momento em que Lauralynn iniciou uma série de movimentos metronômicos dentro dele: uma retirada rápida e parcial, seguida de outra estocada profunda, um descanso curto, a sensação de ficar liberado e vazio para então ser preenchido de novo e de novo e de novo. A princípio involuntariamente, depois conscientemente, ele começou a se alinhar com o ritmo da foda, cavalgando-a, acompanhando os movimentos quando a dor inicial

rapidamente começou a desaparecer. Não foi substituída por prazer, como esperava, mas por uma série de sensações físicas incomuns que Dominik registrava e arquivava mentalmente a cada minuto que passava, sempre observador, sempre acadêmico. Seu corpo começou a cooperar e facilitar o fluxo do pênis artificial que agora o preenchia.

Ele rapidamente perdeu a noção do tempo, isolado em um casulo de silêncio cego.

Em determinado ponto, não fazia ideia de quanto tempo depois, ela saiu de dentro dele. Por quê? Sua bunda foi acariciada pelo fluxo de ar que percorria a área do estúdio, ávido para ser preenchido de novo, implorando para ser usado, entregue.

E então ela o estava montando de novo, e desta vez as metidas foram mais suaves, com a natureza orgânica do consolo preso à cinta (ele sabia que ela não estava manipulando o consolo manualmente, tanto pelo balanço natural do corpo atrás de si quanto pelo contato dos quadris quentes contra as nádegas afastadas cada vez que ela se deslocava para a frente), agora mais maleável, menos rígido, quase como se fosse um pênis de carne e osso penetrando-o. Mais uma vez, ele desconfiou que um homem tivesse tomado o lugar de Lauralynn e agora o estivesse sodomizando. Seria possível? Mas então pensou: que diabos, quem se importa? Havia pouca coisa que pudesse fazer sobre o assunto agora. Que fosse classificado como experiência. Lauralynn tinha dito que seria uma experiência sem limitações, e foi fiel à palavra. Ele não conseguia mais ficar completamente duro, embora tivesse ficado perigosamente próximo em determinado ponto, quando a mão segurou seu saco e apertou o pau, movendo-o para cima e para baixo enquanto ele era comido por trás, verificando o estado dele, provocando-o, brincando com ele.

Finalmente, Lauralynn (ou a pessoa que tivesse ocupado o lugar dela, caso realmente houvesse um terceiro participante, um homem, no estúdio) começou a se cansar e a força das estocadas começou a diminuir. Depois de uma estocada um tanto violenta que quase o derrubou no chão, ela (ou ele) se retirou de dentro de Dominik. Mais uma vez, aquele sentimento característico de vazio, de sentir o ar acariciando a abertura dolorida, uma suave brisa ambiente fluindo pelo orifício e uma onda prematura de tristeza pós-coito.

Sua audição foi restabelecida. O movimento de pés. O som do riacho lá fora e o cantarolar desesperado de pequenos pássaros ao longe.

Dominik esperou que a venda fosse removida. Saiu da posição de joelhos e se sentou de lado. Relaxou.

Ela puxou o elástico da venda com delicadeza e a ergueu lentamente pela testa, depois pelo cabelo, tomando o cuidado de não descabelá-lo. Agora estava completamente vestida. Ou será que ela sequer havia se despido para comê-lo? Era como se nada tivesse acontecido. Um sorriso leve cobria seus lábios claros, e os cabelos louros capturavam os raios de sol que entravam pelo teto de vidro.

— Agora você sabe — disse ela.

Lauralynn assou batatas e serviu com uma tigela de creme azedo, junto com uma seleção de frios fatiados.

Estavam sentados no gramado em frente à casa, com a luz do pátio acesa, vendo a água do riacho correr colina abaixo.

— Victor me contou que você concordou em ir à festa de despedida dele — disse Lauralynn.

— Concordei, mas não sei muito bem o que deve acontecer — admitiu Dominik.

— Nem eu — disse Lauralynn. — Ele está fazendo segredo de uma maneira incomum. O filho da mãe é esperto. Discreto até demais.

— Ele te convidou?

— Temos um show em Boston no mesmo fim de semana, mas não, ele não me convidou. O que me deixa desconfiada.

— É só uma festa.

— Eu sei. Mas tome cuidado com Victor. Ele é mais perigoso do que parece. — Ela enfiou a colher na batata fumegante sobre o prato de plástico.

Dominik sentiu o celular vibrar no bolso. Era só uma mensagem.

Ele só conhecia uma pessoa que o mandava mensagens de texto.

Ele pegou o aparelho, pediu licença a Lauralynn e deu alguns passos para perto do rio.

“Quero você demais.”

Summer.

Devia ser cedo na Nova Zelândia, ou na Austrália, onde quer que ela estivesse agora.

Por que Summer tinha esse talento de entrar em contato na hora errada?

Uma visita

Previsivelmente, como costuma acontecer em voos longos, fui até São Francisco sentada ao lado de um homem de negócios nada atraente e irritante. Pelo menos era melhor do que uma criança gritando. Ao decidir não me fazer uma série infinita de perguntas, ele tentou me conquistar com uma aula detalhada e indesejada sobre a arte do streaming de mídia digital, um assunto sobre o qual eu ainda sabia pouco mesmo depois das muitas horas ouvindo-o com o cérebro desligado, enquanto o voo de Sydney abria caminho pelos céus.

Ele usava suspensórios vermelhos, o cabelo estava dividido do lado e tinha dedos curtos e gordinhos, uma combinação perfeita para me desligar da conversa.

Tentei dormir, mas saber que estava a menos de um dia de distância de Dominik me manteve acordada, e também não consegui me concentrar nos filmes exibidos no voo.

Susan tinha falado sobre a possibilidade de uma turnê na Europa, para acompanhar o sucesso daquela que havia acabado de terminar, mas me avisou que poderia demorar mais uns seis meses para acontecer. Por mim não tinha problema. Eu me sentia exausta e temia a ideia de subir novamente no palco.

Quando ele descobriu que eu tinha seis horas para matar em São Francisco antes de pegar a conexão, o homem de negócios de expressão vazia sugeriu sem rodeios que pegássemos um quarto em um dos hotéis do aeroporto para “aproveitar uma rapidinha”, como ele disse, apesar de me avisar que a conexão dele para Omaha era bem antes da minha para LaGuardia e que só poderia dedicar duas horas a mim.

Ele pareceu genuinamente surpreso com minha recusa, e fiquei grata quando as placas no desembarque o levaram a uma fila de imigração diferente, para cidadãos americanos. Com sorte, a bagagem dele chegaria antes da minha, e eu não voltaria a vê-lo.

Acho que foi um escritor americano que disse que “você não pode ir para casa de novo”, ou algo do tipo. Li sobre isso em uma revista no loft de Dominik, mas não dei muita atenção. Até recentemente. A viagem de volta para casa me fez perceber que os Estados Unidos eram meu lar agora e que a Nova Zelândia, por mais que eu a romantizasse, jamais seria a mesma.

Eu tinha feito minhas escolhas.

Olhei para o relógio, um Swatch colorido que eu usava na adolescência e que achei no fundo da gaveta da minha mesa de cabeceira. Era bem tarde em Nova York, então ele provavelmente estaria em casa se tivesse saído à noite. Liguei para o número de Dominik.

— Alô. — Sim, a voz dele estava sonolenta, mas quente, profunda, familiar.

— Sou eu.

Ele limpou a garganta.

— É bom ter notícias suas.

— Te acordei?

— É claro, mas não importa. Você me conhece, eu acordo cedo.

— Estou em São Francisco. No aeroporto, no saguão esperando uma conexão. Vou pegar o voo noturno, então devo chegar a Nova York de manhã cedo.

— Estou em Londres...

— Londres? — Uma faca afiada perfurou meu coração. Ele tinha voltado para a Inglaterra?

— Só por alguns dias. Tinha algumas coisas a acertar. Coisas de família, coisas a fazer. Volto para a Spring Street depois do fim de semana.

Uma onda de alívio percorreu meu corpo.

De alguma forma a mensagem de texto que mandei alguns dias antes para avisá-lo que eu estava prestes a voltar, pois a turnê do concerto estava terminando, não chegou a ele.

Nós dois concordamos que não era importante e que não faria diferença. Ele já havia planejado a viagem a Londres, então não poderia me pegar no aeroporto. Era madrugada onde ele estava, e me senti um pouco culpada por acordá-lo, embora sua voz fosse tranquilizadora como mel e, sentada ali no saguão, acalentada pelos raros avisos sonoros e tomando uma cerveja tépida, eu queria mantê-lo na linha o máximo que pudesse.

Havia muitas coisas que eu queria dizer para Dominik, mas a distância geográfica que nos separava, a diferença no fuso e meu cansaço conspiravam para manter as palavras no fundo da garganta, e tudo que consegui dizer foram trivialidades.

Despedimo-nos com a vaga promessa de estarmos ambos ansiosos pelo reencontro.

Quando cheguei ao saguão de desembarque no LaGuardia na manhã seguinte, com a caixa do violino debaixo de um braço e puxando a mala pesada cujas rodas gemiam sob o peso de todos os presentes da família e dos amigos da Nova Zelândia, com olhos embaçados e apenas parcialmente consciente, fiquei surpresa ao ouvir alguém gritar meu nome.

— Summer!

Era Simón. Dei um sorriso hesitante e olhei para os pés dele. As exageradas botas de bico fino. Os cachos selvagens nos cabelos. O sorriso eternamente entusiasmado.

— Como você sabia que eu ia chegar agora?

Ele me beijou nas duas bochechas, com o aroma fresco e forte demais da loção pós-barba, e galantemente pegou a alça da mala da minha mão.

— Temos amigos em comum, lembra? Susan me contou que você estava de volta. Ela também é minha agente, ou você não sabia?

— É claro.

— Você está ótima.

— Obrigada.

— Soube que você foi muito bem. É o assunto do momento, ou pelo menos na Gramercy Symphonia... Todos estão tão felizes por você. Animados. O pessoal todo.

— Obrigada, Simón.

— Bem-vinda de volta.

Havia uma limusine esperando por nós, com um chofer de verdade, uniformizado e tudo. Simón tinha decidido me cortejar com todas as armas em punho, ao que parecia.

O percurso até a cidade foi lento, pois pegamos o trânsito da hora do rush da ida das pessoas ao trabalho. Eu não tinha energia para conversar, mas Simón tinha o bastante por nós dois. Ele me bombardeou com perguntas sobre os lugares onde toquei e como o repertório selecionado cuidadosamente por ele tinha sido recebido. Teve o cuidado de não navegar em águas pessoais. Só perguntou onde eu queria ser deixada e evitou falar sobre Dominik e meus planos futuros.

Quando chegamos ao SoHo, o sol já estava alto no céu de verão. Depois da Nova Zelândia e da Austrália, parecia um mundo completamente novo. Meu mundo.

Enquanto o motorista carregava minha mala de viagem do porta-malas até a entrada do prédio, Simón perguntou:

— Seu namorado não pôde se dar ao trabalho de ir receber você no aeroporto?

— Ele está em Londres — respondi.

Eu tinha mais quatro dias até a volta de Dominik. No primeiro dia, dormi. Como uma pedra. Mal saí da cama, ia na ponta dos pés até o banheiro quando não conseguia mais segurar e me arrastava até a cozinha para beliscar pedaços velhos de queijo na geladeira e tomar leite direto de uma caixa que ainda não tinha passado da data de validade.

Era maravilhoso ser preguiçosa, não ter planos nem compromissos. O loft estava como eu lembrava, espaçoso, familiar, despretensioso em sua amplidão luzidia e

minimalista. Eu não tinha desfeito a mala e não planejava fazer isso até o dia seguinte. Andei nua, dancei pelo piso encerado de madeira, vi uma confusão de pombos pelas janelas se acomodarem em um canto escuro de um telhado próximo. Até me aventurei timidamente no closet e acariciei algumas das roupas de Dominik que estavam penduradas, com a pele nua tocando na caxemira dos suéteres dele, os dedos deslizando pelo tecido macio dos ternos.

Rendi-me à simplicidade pacífica da expectativa.

Simón ligou duas vezes, mas não retornei as ligações. Depois disso, desliguei o celular. Mesmo que Dominik ligasse e sentisse minha falta, ele estaria aqui em poucos dias e havia palavras que eu preferia trocar pessoalmente, e não por telefone.

No segundo dia, eu estava ficando louca, e depois de tomar banho, fui para as ruas de Manhattan. Após um quarteirão ou dois, senti muita fome e me permiti comer um hambúrguer cheio de gordura, com batatas fritas enormes em uma lanchonete movimentada na esquina da LaGuardia Place com a Houston. Mordi com vontade o alimento que desafiava a saúde. Meus tênis estariam me esperando em casa, mas poderiam esperar mais um dia.

No Washington Square Park, várias babás estrangeiras se reuniam perto da área das crianças com seus carrinhos e suas ordens, enquanto os profissionais que passeavam com cachorros cruzavam as vielas com passadas determinadas ao puxarem os animais. Às vezes esse movimento se invertia. Os esquilos pulavam de árvore em árvore e corriam pela grama esparsa. No canto noroeste, um grupo de enxadristas malvestidos estava sentado às mesas, procurando parceiros ou desafios. Não havia músicos. Eu me sentei e observei as pessoas, me concentrando nas crianças pequenas. Pensamentos loucos seguiam em todas as direções em minha cabeça enquanto tentava me concentrar no que a normalidade com Dominik poderia envolver. Ou se a normalidade entre nós dois era uma coisa possível.

Eu tinha deixado o celular no loft, mas me lembrei de um telefone público na esquina da University Place, coloquei algumas moedas e liguei para Cherry. Tínhamos nos despedido da última vez em uma situação tensa, e senti que eu devia desculpas a ela. O número não estava mais ativo. Talvez esta noite eu fosse aos bares e clubes que sabia que ela frequentava.

Por fim, voltei para o centro.

Tomei outro banho; meu corpo ainda se reacostumando ao calor do verão de Manhattan e eu estava torrando depois do meu inverno curto na Nova Zelândia. Em seguida, fiz alguns exercícios de ioga. A saudação ao sol e a postura do cão sempre me ajudavam a limpar a mente. Em um canto do loft, ao lado do sofá laranja, a caixa do violino ainda estava onde eu tinha deixado ao chegar, dois dias antes, solitária e me chamando, implorando que eu a abrisse. Percebi com surpresa que não encostava no Bailly nem o tocava havia três dias inteiros, por causa dos longos voos e dos

meus dois últimos dias de inatividade em Nova York. Nunca um período tão longo se passou sem eu ao menos ensaiar ou tocar as escalas musicais. Mas não senti falta de tocar, nem percebi.

A princípio, o pensamento foi apavorante, mas me consolei no fato de que significava que eu podia mudar. Nada era permanente. Nem meu amor pela música.

Ignorei deliberadamente a caixa do violino e andei até a pequena escrivaninha na qual Dominik trabalhava com o laptop quando estava em casa. Ele tinha levado o computador para Londres, e só havia alguns lápis e canetas sobre ela, dois pen-drives abandonados, um grampeador preto e uma pequena pilha de pastas finas sobre a superfície quase vazia.

Abri uma delas negligentemente. Dentro, havia algumas páginas que ele devia ter imprimido no escritório da biblioteca, pois não tínhamos impressora em casa.

Peguei a primeira folha.

Li as primeiras linhas.

Eu meio que esperava alguma coisa sobre Paris, sobre o período que eu sabia que Dominik estava pesquisando, datas, fatos, citações, mas não isso.

Era uma história.

Situada no leste do Texas, em uma cidadezinha da qual nunca ouvi falar. Sobre uma jovem com cabelos vermelhos flamejantes.

Intrigada, peguei o restante do que parecia ser o primeiro capítulo e me sentei no sofá. Cruzei as pernas debaixo do corpo, minha posição favorita para leitura, e me dei conta de que tinha lido muito pouco nos últimos meses.

Havia detalhes familiares da vida na cidade pequena, uma similaridade curiosa com algumas das poucas coisas que me lembrava de ter contado para Dominik, sobre onde cresci na Nova Zelândia. Mas havia variações mais fantásticas e sutis na história verdadeira, e, como resultado, era mais interessante e um pouco esquisita ao mesmo tempo. Era como se eu estivesse vendo pelos olhos de um estranho que não conseguia entender a realidade.

Seria possível?

Dominik estava escrevendo um romance.

Passei os olhos rapidamente pelo capítulo que pareceu inacabado, e corri para as outras pastas. Só uma parecia ter mais trechos do romance de Dominik. Apenas quatro páginas, com grandes vazios entre algumas das seções. Elena, a personagem, estava agora em Paris, no início dos anos 1950, o período que eu sabia ser o da pesquisa ávida de Dominik. Seria a escolha dele pelo nome Elena apenas uma coincidência?

Antes que eu pudesse ler mais, fui interrompida pelo interfone. Alguém estava lá embaixo. Andei até o aparelho. Não estava esperando ninguém. Talvez fosse Simón, na esperança de me encontrar em casa. Fiquei na dúvida se deveria atender, sem

saber se estava pronta para falar com ele e deixar claro de uma vez por todas que havia decidido que era melhor continuarmos amigos platônicos.

Como podia ser alguma outra pessoa ou alguma coisa importante, uma entrega para Dominik, talvez, apertei o botão.

— Alô?

— Me deixe entrar, Summer.

Uma voz que me dava arrepios, que eu reconhecia sem sombra de dúvida.

Victor.

Eu o deixei entrar.

— Como você sabe onde eu moro?

— Pare com isso, não me subestime, minha querida.

— Não temos nada para conversar, Victor.

Seu sorriso fino estava, como sempre, ilegível. Ele se vestia formalmente com terno cinza, camisa e gravata, como se estivesse fazendo um acordo profissional, e não visitando uma ex-amante. Os sapatos pretos estavam engraxados a um milímetro da perfeição.

— Ah, mas acho que temos...

Ele deslocou um pé para a frente e entrou no loft, fechando a porta atrás de si como se fosse o dono da casa. Eu me dirigi ao abrigo do sofá e ele me seguiu, deliberadamente, em silêncio. A barba fina estava cortada no padrão de sempre, aparada com precisão de navalha.

— Temos negócios não concluídos — disse Victor com voz suave.

— Eu fui embora. Mudei de ideia. É uma estrada na qual não desejo mais viajar — falei em protesto.

— Virou uma estrelinha agora, não é? Viajando pelo mundo com sua rabeca, e tal...

— Não é uma rabeca, é um violino — protestei, ciente de que estava aceitando a provocação.

— Tanto faz.

O olhar dele percorreu meu corpo, e me dei conta de que só estava usando uma das camisas de Dominik, meio abotoada na frente e que só me cobria até o meio da coxa. Eu a tinha vestido casualmente após me secar ao sair do banho, e depois fiquei totalmente absorta na minha leitura. Quando Victor tocou o interfone, fiquei em tal estado de choque que nem pensei em mudar de roupa e colocar alguma coisa mais discreta. Puxei a camisa, embora não fizesse muita diferença.

— Uma vez piranha, sempre piranha — comentou ele.

Olhei para baixo. Sentada na beirada do sofá laranja com as pernas puxadas, eu

estava completamente exposta. Droga.

— Eu prefiro você raspada.

— Não é mais da porra da sua conta. Você não consegue entender?

— Entender? Olha quem está falando.

— O que você quer dizer?

— Uma mulher que está mentindo para si mesma. Que se recusa a aceitar o que é, Summer. Você está lutando contra sua própria natureza. Me diga, você está feliz? Neste momento?

A pergunta dele me pegou de surpresa.

É claro que eu não estava feliz, nem de longe. Estava confusa, dividida, mas era sobre Dominik e como ele e eu podíamos coexistir, encontrar o equilíbrio em nossas vidas; não tinha nada a ver com Victor e suas festas absurdas.

— Não vai nem me oferecer uma bebida? Não precisa fazer café. Só água está bom.

— Não.

Eu não faria nada por esse homem, nem pegar um copo de água.

— Que seja.

Ele ficou de pé perto da área da cozinha. Eu não devia ter me sentado, pois ele agora estava acima de mim, apesar de não ser especialmente alto. Ele deu um passo para a frente e eu sibilei:

— Se você chegar mais perto, se tentar me tocar, vou gritar, eu juro.

— Não seja ridícula. Primeiro, ninguém aqui perto vai ouvir. Esses prédios velhos têm paredes grossas demais, e suas janelas estão fechadas e, de qualquer modo, você só tem vista para telhados. — Ele apontou na direção dos fundos do loft. — Segundo, você acha que eu tenho qualquer ambição de foder você de novo? De jeito nenhum. Acho você passiva demais, sabe.

Eu ruborizei. Era a primeira vez que um homem dizia uma coisa assim para mim. Eu sabia que estava sendo ridícula, porque o cara era um babaca, mas magoou de qualquer modo.

— Então o que você quer? — perguntei por fim.

— Continuar de onde paramos. Completar seu treinamento. Transformar você, meu querido bichinho. Você tem tanto potencial; é uma pena desperdiçar.

— Não quero ser de ninguém.

— Percebi isso. Errei ao supor que era seu objetivo, mas há outras maneiras, sabe... — Ele sorriu, com uma careta tão carente de sinceridade que tive vontade de dar um tapa na cara dele por ser tão condescendente.

— Há?

— Sem dúvida.

— E se eu continuar dizendo não?

— Como falei, há maneiras.

Por um breve momento, fui encorajada, como se o confrontar contra uma parede de tijolos e me recusar a acompanhar a intriga dele pudesse fazê-lo desaparecer ou desistir dos planos malignos.

— Continuo a dizer não, Victor. Não estou mais interessada. O que decido fazer no quarto não é da sua conta e posso garantir que seu envolvimento nessa parte da minha vida é uma coisa que jamais desejarei. De qualquer forma, agora estou com Dominik, e ele deve voltar a qualquer momento, então é melhor você ir embora — menti.

— Dominik está em Londres — disse Victor calmamente.

Ele agora estava de pé bem na minha frente. Abotoei nervosamente a parte de cima da camisa e escondi a área entre os seios.

Victor enfiou casualmente a mão no bolso esquerdo do paletó cinza e pegou um BlackBerry. Os dedos rapidamente voaram pelo teclado e ele me entregou.

— Você vai dizer sim — disse ele quando peguei o aparelho com nervosismo.

— Por quê?

— Apenas aperte play.

Olhei para a pequena tela e para a imagem congelada nela.

Era eu.

Nua em um aposento cheio de estranhos, usando uma coleira de cachorro.

No leilão que Victor organizou no ano anterior.

Fiquei imóvel. Lembranças voltaram com tudo, e junto delas uma vibração de excitação que não consegui sufocar.

Meu dedo ficou parado acima do teclado do BlackBerry.

— Divirta-se — disse Victor.

Só um toque, tão leve quanto uma brisa, e a imagem ganhou vida e uma galeria de fotos se abriu.

Devia haver outra câmera escondida na sala onde o homem calvo de óculos me levou depois de ganhar uma hora comigo no leilão. Eu não tinha reparado, estava atordoada demais, sem dúvida. Não era um vídeo, mas um show de slides. Alguém tinha programado a câmera com um timer automático e tirou fotos da sala em intervalos regulares.

Vi as fotos na tela com horrível fascinação, como se estivesse vendo um filme de terror, e não conseguia suportar nem manter meus olhos abertos nem desviar o olhar. Era a primeira vez que eu me via como os outros deviam me ver. Em uma ocasião, quando adolescente, tirei algumas fotos minhas nua na frente do espelho do banheiro, que logo descartei, por medo de meus pais ou meus irmãos encontrarem sem querer, mas isso era bem mais real.

Eu sentia como se estivesse observando outra pessoa na tela, pornografia. Havia

me esforçado para esquecer tudo que aconteceu com Victor. As fotos eram mais chocantes do que minha lembrança da noite. O homem com o cinto no ar, prestes a me bater, e meu rosto afundado nas cobertas. Na época, a dor foi uma maneira providencial de eu me perder na sensação, para não precisar pensar no que estava acontecendo, mas em forma de imagem, parecia muito pior do que a visão que permaneceu na minha mente.

Eu nem conseguia me lembrar do homem depois; ele podia ter sido qualquer pessoa. Não conseguiria descrever o rosto dele, nem o tamanho e a espessura do pênis. Vi-o na tela agora, sua boca furiosa e seu corpo mudando de posição a cada foto. Na época, Victor nem sequer tinha me perguntado se eu concordava? Eu não conseguia lembrar se existia a opção de dar permissão. O pensamento me horrorizou, e ainda mais a ideia de que eu não tentei impedi-lo.

O telefone parecia tão ameaçador quanto uma granada em minha mão, mas eu não conseguia parar de olhar nem jogá-lo pela janela. O ritmo das imagens paradas era insistente, e todas as fotos eram brutas, violentas. A mera obscenidade de ver esse homem entrando e saindo de mim e a forma como me movi para ajudá-lo era realmente chocante, tanto quanto as expressões no meu rosto, às vezes belas, às vezes feias, congeladas no tempo.

A galeria de imagens finalmente chegou ao fim.

Mas não foi assim!, eu queria gritar. Era isso que as pessoas veriam se Victor publicasse as imagens, o que sem dúvida era o que ele tinha em mente. As coisas que fiz com Dominik, as aulas de cordas com Cherry, as cenas que testemunhei nos clubes que frequentei, nenhuma delas foi assim. Aquelas coisas foram apaixonadas, divertidas, insanamente sensuais e prazerosas, mas não era assim que o mundo veria os terríveis slides de Victor; eu usando coleira, meu rosto tomado de tristeza e o homem atrás me batendo com o cinto com ira evidente. Aquelas noites foram uma coisa completamente diferente, um pesadelo para o qual fui manipulada e tinha quase conseguido esquecer. Eu queria enfiar o celular na goela de Victor, mas isso só me causaria mais problemas.

— Edificante, não? — Ouvi a voz de Victor bem de longe.

Consumida por horror, me dei conta de que estava molhada, sob a cobertura mínima da camisa de Dominik para esconder minha genitália. A intenção era toda errada e as motivações de Victor eram criminosas, mas as imagens e a lembrança da foda me excitaram.

Fiquei em silêncio, ciente de que, qualquer coisa que eu pudesse dizer em resposta, ele usaria contra mim.

— Você faz umas caras adoráveis quando está sendo fodida, não é, Summer? Daria uma bela estrela de filme pornô hard-core, não? Pena que não conseguimos produzir um filme com som, movimentos e música! Ao mesmo tempo recebendo com

alegria o prazer que lhe foi dado e lutando contra ele com cada célula do corpo. A mente contra a matéria, hein? — Ele riu baixo da piada duvidosa.

— Seu filho da mãe!

Ele andou até a bancada da cozinha, pegou um copo e se serviu de água. Eu estava paralisada.

Parte de mim queria jogar o BlackBerry na parede e vê-lo se espatifar em mil pedaços; a outra implorava para ver a sucessão de imagens sem parar. Mas eu achava que ele tinha feito download para um lugar seguro por garantia, e que eu estaria agindo de maneira melodramática.

— Acho que você não chegaria a ganhar o Oscar, minha querida — disse Victor —, mas, se isso vazasse, ousa dizer que sua vida como violinista clássica poderia encontrar obstáculos indesejados, não? Fitas de sexo ou variações disso são para estrelas iniciantes ou meretrizes de reality show, não para artistas sérios. Eu diria. E... Ahhh... E se seu maravilhoso Dominik, o dominador amador, visse isso? Será que o faria feliz?

Eu estava prestes a dizer sim para a pergunta final, mesmo que só para provocar Victor, mas ele não me deu tempo para isso.

Colocou o copo vazio na bancada e disse:

— A escolha é sua, querida Summer. Vou exigir seus serviços uma última vez. Se você aceitar, as fotos serão destruídas. Você tem minha palavra de cavalheiro. Este é meu número em Nova York. — Ele colocou um pequeno cartão sobre a superfície de granito da bancada.

— O quê...?

— Sem perguntas. Se você concordar em ir ao evento, vai obedecer todas as instruções e seguir até o fim. Isso é tudo. Você não vai ser ferida nem machucada fisicamente. Mais uma vez, tem minha palavra.

Eu me lembrei do registro e abri a boca.

Ele previu minha pergunta.

— Nada de marcas. Nada permanente.

— Mas...

Mais uma vez, Victor me interrompeu.

— Um dia e uma hora. Um local. Você se apresenta. Não quero que saiba mais nada. Quero você nervosa. Você fica muito mais bonita quando está vulnerável, minha querida. Muito mais.

Eu fiquei sem palavras.

— Me ligue nas próximas 48 horas com sua resposta. Eu saio sozinho.

Ele se virou e foi embora.

Entre a visita de Victor e a volta de Dominik a Manhattan, caí numa depressão profunda, como se estivesse sendo jogada de um lado para o outro como um grão de areia em um mar borbulhante de emoções.

Não era justo.

Exatamente quando pensei que Dominik e eu poderíamos fazer as coisas darem certo, construir uma vida juntos, por mais diferente que fosse, eu tinha que encarar outro dos esquemas de Victor, uma coisa que podia arruinar minha carreira ainda no início. Eu podia ir à polícia, mas a ideia me desanimava. O que iria dizer? Eles dariam uma olhada no meu estilo de vida e ririam de mim até eu sair de lá. Mesmo que fossem mais mente aberta do que eu imaginava, seria tarde demais se Victor conseguisse fazer vazar pelo menos uma foto. Eu poderia perder tudo. Se a foto fosse divulgada na internet, poderia chegar a Te Aroha. Se meus pais lessem sobre isso no jornal, eu não suportaria.

Eu queria conversar com alguém, mas Cherry parecia não estar disponível e não havia como eu tocar no assunto com Chris, meu melhor amigo em Londres. Ele não gostava de Dominik. Acabaria arranjando um bandido para dar uma surra em Victor, pois às vezes era muito protetor.

Pensar em Chris me deixou nostálgica. Eu sentia muita falta dele. Ele foi o único homem na minha vida fora meu professor de violino, o Sr. van der Vliet, que nunca deu em cima de mim, e eu sentia falta da segurança de sua companhia e de nossas conversas, de saber que jamais seríamos mais do que amigos e que o conselho dele não era dado com o desejo de me levar para a cama. Eu tinha parado de me perguntar por que Chris e eu nunca desejamos um ao outro fisicamente. Ele era atraente para outras mulheres e tinha um grupo de candidatas a *groupies* atrás dele depois de cada show. Talvez fosse por sermos ambos músicos, então eu não ficava impressionada com ele como as fãs ficavam.

Chris era doce e um tanto antiquado. Não falávamos sobre nossas vidas sexuais, mas nas poucas vezes em que ele acidentalmente soube mais sobre a minha, deixou claro que minhas explorações sexuais o preocupavam. Ele não entendia por que eu gostava de determinadas coisas que achava perigosas. Chris não via como algo divertido e seguro em um ambiente controlado; apenas achava que um dominador era um maníaco por controle que poderia me machucar. Eu esperava poder fazê-lo mudar de ideia sobre isso um dia, mas por enquanto planejava dar um tempo para que ficasse mais à vontade. Mais do que qualquer coisa, eu não queria perdê-lo, então conversas sobre meus problemas em relação a Victor precisariam ser com um amigo diferente. Não Chris.

Lembrei-me de Lauralynn, mas nem tinha o número dela e não a via nem falava com ela havia quase um ano. Ela sempre foi tão segura, sem dúvida teria palavras sábias para me dizer sobre o assunto. Então me dei conta do quão solitária e isolada

eu tinha me tornado. Passar aquele curto período em casa com meus amigos e minha família me fez perceber como eu tinha poucos amigos.

Dominik havia se tornado meu porto, meu ponto fixo, um cais na tempestade, mas, se eu fosse revelar as circunstâncias e o que as tinha provocado, sabia que podia perdê-lo para sempre.

Eu estava fodida.

Naquela noite, fiquei bêbada pela primeira vez desde que consigo lembrar. Misturei deliberadamente cerveja e bebida destilada, andei até o West Village e experimentei metade dos bares entre a McDougall e a Sullivan. Eu não sabia bem o que estava procurando: consolo no álcool ou apenas o abrigo suave e caloroso de me entorpecer. Nunca fui uma bêbada feliz; costumo acabar rabugenta e irritada, e deve ter sido por isso que não atraí atenções no bar; uma bênção, sem dúvida, pois eu não estava em condição de escolher um parceiro de cama com sabedoria. Não que estivesse procurando qualquer coisa ou pessoa em minha condição atual. A vida já estava bem complicada.

Eu me arrastei de volta ao loft a tempo de chegar ao banheiro, onde vomitei de maneira espetacular. Exausta e me sentindo vazia, me obriguei a me arrastar até o quarto, onde desabei na cama e rapidamente perdi a consciência.

Quando acordei na manhã seguinte, o sol ainda não tinha nascido e uma dor lancinante partia minha cabeça ao meio. Não havia nada no armário do banheiro para isso: Dominik não era o tipo de cara que se automedicava, e os únicos comprimidos eram meus anticoncepcionais. Olhei meu rosto no espelho: eu estava péssima, com linhas escuras sob os olhos, uma mancha feia na bochecha direita e o cabelo como se eu tivesse sido arrastada de costas por uma cerca viva. Suspirei e andei nas pontas dos pés até o quarto para tentar voltar a dormir. Os lençóis fediam a suor e álcool. Eu teria que lavá-los e secá-los antes de Dominik chegar.

Fiquei na cama durante horas, incapaz de desligar a mente. Com o canto do olho, eu conseguia ver a caixa do violino na extremidade da sala, me chamando, abandonada, mas não conseguia reunir energia o suficiente para me levantar e ensaiar um pouco. O tempo passava lentamente. Cada vez que eu olhava para o relógio, o progresso do dia ficava mais lento.

Eu estava na metade do prazo de Victor e meus pensamentos giravam em confusão. O latejar nas minhas têmporas não desaparecia.

Eu queria chorar, mas não conseguia encontrar energia para isso.

— Sou eu.

— Estava esperando sua ligação. — Quase conseguia ver o sorrisinho no belo

rosto dele.

— Que inteligente de sua parte.

— Bem?

— Bem... — Minha garganta se apertou quando tentei controlar meus sentimentos, não dar a ele mais satisfação além do fato de ouvir os sons estrangulados que eu tentava emitir.

— Vá direto ao ponto, Summer — disse Victor. — É uma escolha simples: sim ou não? Vamos logo.

— As fotos serão deletadas e não serão feitas cópias?

— Sim. Você tem minha palavra.

— A questão é essa. Posso mesmo confiar em você?

— Vai ter que confiar, não é?

— Acho que sim.

— Então isso quer dizer sim?

Eu suspirei.

— E... quando acabar, você nunca mais vai me perturbar. Vai me deixar em paz. Não fará mais parte da minha vida?

— Se for isso que você quer.

— É. Sem dúvida nenhuma.

— Tudo bem.

Eu ainda não conseguia me fazer dizer a palavra fatal e ficava tentando prolongar as coisas.

— E nada de câmeras desta vez, nada de celulares, nada?

— É claro.

Eu tinha escolha? Era isso ou jogar fora minha carreira musical, e sem dúvida Dominik junto.

— De qualquer modo — disse Victor —, tenho planos de você ir mascarada na ocasião.

— Que vulgar.

— Nem um pouco, minha querida. Nós todos não gostamos de rituais? Você vai ficar esplêndida. Preta, é claro, a não ser que tenha outra preferência de cor.

Tive uma visão repentina da mulher na gaiola em Nova Orleans. Eu nem tinha certeza se ela estava mesmo de máscara, mas o comentário de Victor sobre ritual conjurou a lembrança e senti um nó familiar no estômago.

— Tanto faz — falei.

— Então temos um acordo? — perguntou Victor.

— Temos. — Fui tomada de tristeza.

— Perfeito.

Seria só aquela noite, uma dentre milhares em que eu ficaria completamente livre

para viver do meu jeito, eu disse para mim mesma. Uma noite. E seria apenas meu corpo, não minha mente nem meu coração. Eu os trancaria pelas poucas horas necessárias, deixaria longe dos pensamentos malignos de Victor e do olhar de estranhos, os manteria puros. Infelizmente, eu sabia bem demais que o corpo se recupera rapidamente e que a vergonha não deixa marcas, ao menos externas. Só uma aventura final e eu ficaria livre e no controle da minha vida de novo. Não seria um preço alto demais. Ou seria?

— Quando? — perguntei.

Ele riu.

— Você está com tanta pressa assim?

— Não. Só quero acabar logo com isso — respondi.

— Nesse caso, vai ter que controlar seu entusiasmo por um tempo. Eu aviso.

— Ah...

Eu tinha esperanças de que tudo pudesse acontecer antes do retorno de Dominik e que, quando estivéssemos juntos de novo, isso seria uma coisa do passado, assim como tantas outras que escondi dele.

— Farei contato, Summer — declarou Victor.

— Por favor...

— Ah, não se preocupe, eu serei a discrição em pessoa — acrescentou ele, e depois desligou.

Tudo que eu podia fazer agora era esperar.

Dominik colocou a bagagem no chão e andou na minha direção. Eu estava sentada esperando no sofá, usando uma das camisas dele, a azul-carvão da Ralph Lauren que ele gostava que eu usasse sempre que ficava frio demais para eu dormir nua. Também estava usando uma calcinha branca de algodão que comprei no dia anterior na Gap. Pudica, quase inocente.

— Você voltou — disse ele, com o sorriso mais gentil do mundo transformando a tristeza comum em seu rosto.

— Sim, a turnê acabou. Não há nada no horizonte nos próximos meses — eu disse.

— Que maravilha.

Eu me levantei para beijá-lo.

Os lábios dele estavam macios, mas secos. Eu os lambi e me afundei de novo na sensação da presença física dele, do calor, do cheiro.

Os olhos dele pareceram me examinar com visão de raios X, cheios de perguntas não formuladas que eu não tinha vontade de responder agora.

— Bem-vindo de volta — falei.

— Você também.

A mão dele seguiu para o meu ombro e me puxou com firmeza. Abri a boca, mas seus dedos voaram para a dele, me intimando a não dizer mais nada.

— Shhhh.

Aquela sensação familiar percorreu meu estômago. Lembranças de todos os silêncios que compartilhamos. O silêncio que sempre seguia a música. Um ritual não forçado que se tornou especificamente nosso. O Dominik que eu conhecia estava de volta, e ele não queria saber nada sobre o passado. Tudo que importava era o “agora”, nós dois juntos nesse aposento, com o resto do mundo lá fora.

Enquanto me apertava contra ele e nossos corações batiam em uníssono, separados por poucos centímetros, a outra mão dele subiu e agarrou com firmeza meu cabelo, puxando-o. Minha cabeça se deslocou para trás, seguindo o ângulo do movimento e exibindo meu pescoço. Ele aproximou a boca e, com os lábios, beliscou e puxou a pele. Eu tremi. Os lábios dele me soltaram e os dentes morderam a pele delicadamente, não perfurando, mas testando a elasticidade. No fundo da mente, perguntei-me se era assim que um canibal morderia meu pescoço, ou se o vampiro no qual Dominik podia ter se metamorfoseado enquanto eu viajava se alimentaria do meu sangue. Minhas pernas tremeram.

Eu sabia que os dentes dele deixariam marcas no meu pescoço. A marca dele.

Ele permaneceu ali, como se hesitasse entre me morder completamente, cortar a pele e tirar sangue, ou apenas me comer em um movimento rápido e violento, fazendo de mim um banquete.

Ele acabou soltando meu cabelo e, com uma ação rápida, arrancou a camisa do meu peito, o que espalhou alguns botões pelo piso de madeira do loft.

Ali de pé, de frente para ele, quase nua, tive um impulso repentino de cair de joelhos, abrir a calça dele, tirar o pau duro e enfiar até a garganta, até sentir vontade de vomitar, bancar a puta que sempre quis ser para ele. Em vez disso, esperei, ansiosa para ver o que ele faria em seguida.

Dominik andou ao meu redor e, com outra batida no meu ombro, me mandou girar até ficar de frente para as costas do sofá laranja. Em seguida, ele me inclinou e puxou minha calcinha deliberadamente, deixando-a enrolada ao redor dos meus tornozelos. Um dedo me experimentou. Nos dois orifícios. Ele afastou minhas pernas e me penetrou de repente, com o caminho facilitado por minha umidade copiosa. Recebi com alegria a maneira como o pau me preencheu, encaixando-se como uma luva.

Naquele momento, não havia necessidade de cordas, amarras, mordaças, brinquedos, apesar de eu torcer para ele ter algumas coisas assim guardadas para outras ocasiões. Eu só queria o movimento regular do membro dele dentro de mim, o som da respiração conforme o prazer aumentava e a sensação das bolas contra minha

bunda cada vez que ele chegava às minhas profundezas.

Era Nova York e o outono agora se aproximava; Dominik estava dentro de mim e a música dos movimentos dele pontuava a forma rude como seus dedos brincavam com minhas nádegas. Naquele momento, eu estava feliz. Sem pensamentos no amanhã. Nem em ontem.

Se ao menos o tempo parasse e isso nunca mudasse.

Juntando-se à valsa

Summer odiaria isso, pensou Dominik ao entrar no local que Victor escolheu para o evento e observar o interior.

O ambiente era suntuoso de uma maneira exagerada. Devia ter custado uma fortuna, mesmo que por uma noite, embora talvez pertencesse a um membro rico do círculo de conhecidos dele.

O local era uma mansão imponente com vista para o rio Hudson, numa área de Manhattan na qual ele raramente se aventurava, uma área de milionários conhecida por poucos. Era um lugar todo acarpetado em vermelho de uma maneira que imitava a realeza, mas que só conseguia ser macabro, como uma casa de filme de terror em que todos os andares foram banhados em sangue.

Espelhos com molduras douradas decoradas ocupavam cada lado do corredor, criando uma ilusão de amplidão. Dominik conseguia se ver refletido de todos os ângulos, uma visão desagradável que o fez se apressar para sair do corredor o mais rápido possível.

Ele subiu a escadaria no final do corredor, que seguia em duas direções diferentes quando chegava ao topo e sem indicação para que lado os convidados deviam seguir. Dominik escolheu o caminho da esquerda.

A porta se abriu antes de ele ter a chance de erguer a mão para a aldrava antiquada. Uma jovem o convidou a entrar com um movimento gracioso da mão.

Estava vestida com um conjunto de lingerie vermelho-sangue, da mesma cor do tapete. Em vez de cobrir os seios e a genitália, os pequenos pedaços de tecido apenas os emolduravam. A tanga era aberta na frente, e o sutiã era apenas um triângulo com os pequenos seios aparecendo no meio. O cabelo castanho estava preso no topo da cabeça e, acima do coque, havia uma pena vermelha comprida, criando o efeito de alongá-la a ponto de fazê-la parecer uma girafa muito feminina. Estava segurando uma bandeja de prata, que parecia pesada demais para o braço fino sustentar. Em cima da bandeja havia várias fileiras de pequenos copos.

Ela esticou a bandeja para Dominik.

— Não, obrigado — disse ele educadamente. — Eu não bebo.

— Ah, não — replicou a mulher. — Não é álcool; é chocolate. Os antigos astecas

acreditavam que o chocolate era um dos afrodisíacos mais fortes, sabe.

— Bem, se você diz, seria rude não aceitar.

Ele ficou surpreso ao descobrir que o líquido doce também estava morno, como se tivesse sido tirado de uma panela de chocolate derretido no fogão. Havia um leve ardor, um pouco de pimenta e noz-moscada, achava ele.

— Delicioso, obrigado.

Ela inclinou a cabeça em um leve aceno.

Dominik reparou que a casa parecia um palácio ao olhar para a enorme área em que estava agora.

Ficou feliz em ver que o carpete não seguia por todo o aposento, só pelo contorno, o que criava uma borda ao redor da pista de dança central. Na verdade, havia um casal dançando valsa no piso de madeira, apesar de não haver música tocando.

Dominik os reconheceu; eram Edward e Clarissa, o casal anfitrião do evento que envolveu Miranda. Clarissa também estava com uma roupa que combinava com o tapete, um vestido longo vermelho com uma gola de renda branca, como uma rainha vitoriana. Ele começou a desconfiar que Victor tinha dado instruções de vestimenta para os outros convidados, mas não para ele.

Edward estava com traje de guerra completo e parecia um herói militar ou um déspota, dependendo do ponto de vista.

Dominik seguiu para a longa mesa na extremidade da sala, arrumada com champanhe em baldes, fileiras e fileiras de taças, grandes cachos de uvas e mangas cortadas em pedaços sobre pratos de madeira. Havia até uma escultura de gelo, um cupido gorducho apontando uma flecha diretamente para a sala. Não o deus do romance, como tantas pessoas pensavam, refletiu Dominik, mas o deus do amor erótico, que enchia as vítimas das flechas com desejo incontrolável.

Ele teve que sufocar uma gargalhada quando reparou na fonte de chocolate, provavelmente um antigo presente de uma tia bem-intencionada que não fazia ideia que o objeto acabaria como peça central nesse tipo de festa. Então era assim que mantinham o chocolate morno. Ele estava começando a pensar que Victor era uma espécie de mago.

— Está tendo uma boa noite?

Dominik se virou e viu uma mulher japonesa com um espartilho branco delicadamente estampado com pequenas flores vermelhas. Em qualquer outra circunstância, ele teria achado a estampa atraente, mas nesse local o tecido o fez imaginar que a mulher tinha levado um tiro na lateral do corpo.

— Sim, obrigado. Até agora, pelo menos. Acabei de chegar.

— Você já foi a alguma das festas de Victor?

— Só uma vez, porém era uma ocasião mais informal. Nada assim.

Ela pegou uma taça e se inclinou sobre a mesa em busca de uma garrafa, o que

deixou parte do seio e do mamilo castanho pálido à mostra.

— Permita-me.

Dominik pegou a garrafa da mão dela e a inclinou, derramando o líquido borbulhante lentamente na taça, para que a espuma não subisse.

— Obrigada. Não vai brindar comigo?

— Só se eu conseguir encontrar um refrigerante. Não costumo beber.

Ele decidiu parar de se explicar. Por que as pessoas pareciam tão perplexas pela sua escolha de evitar álcool? Como se não fosse possível se divertir sem estar embriagado.

— Acho que é inteligente nesse tipo de situação.

Dominik franziu a testa e olhou à procura de uma alternativa. Não era uma festa de abstinência, a julgar pelas bebidas oferecidas. Quando se virou, a companheira tinha sido levada para o meio das pessoas por um homem que usava um short preto e dourado de látex e uma máscara de lutador. Dominik viu as costas musculosas do homem ondular enquanto ele andava e sentiu uma pontada de inveja. Talvez devesse começar a correr, como Lauralynn tinha sugerido, ou pelo menos fazer algum retorno ao atletismo dos dias de universidade.

Não que Summer parecesse minimamente interessada quando ele ganhava ou perdia peso. Ele duvidava que ela reparasse.

Edward interrompeu seu fluxo de pensamentos.

— Acho que já nos conhecemos, mas não sei se fomos formalmente apresentados. Você estava na última *soirée* de Victor, certo?

— Sim. Clarissa e Edward, não é? Sou Dominik.

— Me chame de Ed, por favor. Só Victor me chama de Edward, e Clarissa, quando quer me irritar. Como você pode ver, Victor gosta de certa teatralidade.

Ed pegou uma uva em um dos pratos, mergulhou na fonte de chocolate e a colocou na boca com um sorriso satisfeito.

Clarissa continuou a conversa.

— Ele sempre faz tudo que pode. Aparentemente, tem alguma espécie de surpresa planejada pra nós mais tarde. Deus sabe o que será. Você o conhece bem?

— Não, não em particular. Somos conhecidos, só isso.

— Que bom. Eu não queria ofender caso você fosse amigo. Acho que as pessoas não gostam muito dele, pra ser sincera. Vêm às festas dele pelo espetáculo, e o champanhe é sempre bom.

— É só isso então? Parece meio comportado para Victor. Eu esperava mais.

— Acho que a maior parte da ação vai acontecer no calabouço e na sala de playground depois que todo mundo chegar e estiver animado. — Ela apontou para dois arcos na parede oposta, os dois cobertos por grossas cortinas de veludo. — Acho que serão abertas à meia-noite.

— Um calabouço e uma sala de playground?

— Sim. Victor providenciou atrações para todos os gostos hoje. Tem uma sala para BDSM com todos os equipamentos habituais e outra para os *swingers* entre nós.

— Ou para os libertinos, os que não gostam de serem chamados de *swingers* — interrompeu Ed, que tinha chocolate na ponta do bigode.

— Sim, querido — respondeu Clarissa, revirando os olhos. — Então você é novo no grupo?

— Acho que se pode dizer isso.

Dominik nunca foi fã de festas organizadas de suíngue ou BDSM, preferia desenvolver suas fantasias na privacidade tanto da própria cabeça quanto de casa. Os episódios em Londres em que ele tinha se juntado a outros homens em noites de excesso foram, em retrospecto, desprovidos de erotismo, apenas situações de luxúria descontrolada. Ele nunca havia ido a um clube de fetiche e raramente assistira a atos públicos de fetiche além de Victor batendo em Miranda. Pelo menos, ele esperava que aquilo tivesse sido spanking, não agressão. Pelo que ele conhecia de Victor, a realidade poderia ter sido qualquer uma das duas coisas.

— Você tem sorte de ter tudo isso à disposição. Quando começamos, pensamos que éramos as duas únicas pessoas pervertidas do mundo.

— Vocês não são novos nisso, então? Como descobriram?

A curiosidade de Dominik estava despertada. Talvez fosse possível sustentar uma relação nesse tipo de circunstância.

— Não, somos das antigas, nós dois. Nos conhecemos no ensino médio. Estamos casados há trinta anos. Começou a ficar tedioso depois de um tempo, então decidimos experimentar para apimentar o casamento. Uma coisa levou à outra e aqui estamos. Era mais difícil quando nossos filhos ainda estavam em casa. Mal sabiam eles que os pais saíam escondidos para os clubes mais quentes do underground de Nova York quando contratávamos babás e dizíamos que íamos ao cinema. Agora temos a casa só pra nós e podemos fazer o que quisermos...

— E seus filhos... — começou Dominik, mas engoliu a frase, pensando em uma maneira educada de desviar a conversa desse tópico íntimo desconfortável.

— Você quer saber se eles cresceram bem? Sim, os dois são adoráveis, mas chatos como máquinas de lavar louça. Um deles acabou sendo advogado de divórcios, imagine só, e se mudou para Wisconsin. Voltou pra Nova York agora e toca trombone em uma orquestra. Nossa filha se casou com o filho do pastor local. Deus sabe como isso foi acontecer. Eles nos desaprovam terrivelmente, apesar de tomarmos o cuidado de manter em segredo, pra nossa filha não concluir que somos má influência para os netos. As pessoas são tão bobas, sabe.

— É, acho que são.

— Ah, aí vem ele, o lorde da mansão. Está meio ridículo, você não acha? Látex devia ser usado apenas por jovens e magros.

Edward olhou para ela com desdém.

— Bobagem. Os jovens e magros não têm monopólio do glamour. Somos prova disso, não? — acrescentou ele com um sorriso satisfeito.

— Sim, sem dúvida.

Victor estava usando uma roupa de anfitrião vermelha, preta e dourada. O rosto tinha sido pintado como o de um palhaço, com batom vermelho ao redor da boca em uma paródia de silêncio. Estava com um chicote em uma das mãos e tinha uma cartola sobre a cabeça em um ângulo elegante, que tirou quando chegou à frente deles, e fez uma reverência.

— Estou muito feliz por você ter vindo — disse ele para Dominik com um sorriso de satisfação como o de uma cobra.

— Obrigado pelo convite.

— Tenho certeza de que você vai adorar o show que planejei.

— Você não vai nos dar nem uma pista do que vem por aí?

— E estragar a surpresa? Nunca. Agora, se me derem licença, preciso cumprimentar os outros convidados. Não é fácil ser o anfitrião, mas alguém precisa fazer isso.

Clarissa esperou que ele se afastasse antes de retomar a conversa.

— Ele é absurdo. Meio louco. Vou descobrir o que está tramando.

— Tem certeza de que essa é uma boa ideia? — perguntou Ed.

— Bem, alguém precisa ficar de olho nele. Existe uma diferença entre pervertido e psicopata, sabe. Não podemos deixar que os novatos pensem que somos todos insanos se ele liberar um truque louco em cima de uma plateia ignorante.

Ela se virou rapidamente sobre os saltos e desapareceu na entrada do calabouço.

Summer recebeu a ligação de Victor quatro dias antes, tempo o suficiente para fazer uma depilação na virilha com cera quente e a vermelhidão sumir.

O momento que ele escolheu não devia ser coincidência, pensou ela enquanto a esteticista espalhava o líquido quente e denso, esperava alguns segundos para que secasse e arrancava uma tira, rapidamente colocando a mão sobre a pele de Summer para aliviar o ardor.

Ela ouviu dizer que havia diferentes tipos de dor. Só porque uma pessoa gosta do choque de um açoitador no traseiro nu não significa que vai fazer fila para ir ao dentista ou ter prazer em dar uma topada.

Summer certamente não era masoquista, mas mesmo assim achou a visita à depiladora um dos pequenos prazeres da vida. Talvez fosse o ato de tirar a calcinha

para uma estranha, ou o toque leve dos dedos da garota ao separar os lábios para ter certeza de que a depilação alcançasse a área certa e não arrancasse nada importante. Ou talvez fosse o fato de ela ser muito atraente e ter cheiro de xampu.

Fosse qual fosse o motivo, Summer achou o processo excitante, e naquela noite ficou acordada enquanto Dominik dormia, tocando-se até chegar ao orgasmo. Por motivos que era incapaz de explicar mesmo para si, a ideia dele deitado ali sem saber que ela estava se masturbando a deixava excitada. Era a ideia de que estava fazendo alguma coisa errada, que podia ser pega no flagra, que virou os pensamentos dela para sexo. Isso e a sensação da pele, que agora estava muito macia depois do trabalho da esteticista.

Dominik ainda não tinha reparado na falta de pelos dela, mas repararia, é claro. Ela diria a ele que teve vontade de mudar. Desde aquela ocasião na festa de Charlotte, quando a raspou com a lâmina na frente de todos os convidados, ele não deu indicação se preferia que ela se mantivesse com ou sem pelos.

Ele parecia gostar de observar a forma como ela escolhia agir conforme os humores nos cabelos e na maneira de se vestir, mas não sugeria que mudasse para agradá-lo. Summer gostava disso nele. Era uma liberdade da qual acharia difícil abrir mão.

Ela disse para Dominik que ia se encontrar com Cherry para fazer as pazes, então ele não devia estranhar se ela voltasse tarde ou não voltasse.

Dominik murmurou em resposta que tinha um compromisso, mas não explicou nada. Pareceu distraído e distante. Talvez passar o primeiro sábado separados após o retorno dos dois fosse má ideia, mas não havia nada a ser feito sobre isso.

Summer não podia contar os planos de Victor para Dominik: era parte do acordo que ela não revelasse nada em troca do silêncio de Victor. Além do mais, ela estava morrendo de medo de Dominik desprezá-la se descobrisse as coisas que havia feito. Ele conhecia a natureza dela até certo ponto, mas Summer achava que ele não sabia o quão longe havia ido, quais limites tinha cruzado sem ele.

Felizmente, ele saiu do loft à tarde para trabalhar na biblioteca, o que deu a ela tempo de terminar os preparativos e marcar um táxi para o endereço que Victor lhe deu.

Simón ligou bem quando ela estava saindo.

— Como está nossa estrela? Já recuperada da longa jornada pra casa? Pronta pra um ensaio improvisado hoje?

— Na verdade, ainda não estou bem. Posso ter mais um ou dois dias?

— Tem algo que você não me contou? Seu inglês causou algum aborrecimento? Você não é de recusar ensaio. Estou preocupado.

— Não, só estou cansada. De verdade.

Ele não pareceu convencido.

Victor estava esperando por ela quando o carro parou na garagem subterrânea da mansão alugada para o evento.

Era um lugar horroroso, pensou ela quando os portões de metal da entrada se abriram. Não tinha nada de art déco como a casa para onde Dominik a levou em Nova Orleans. Esta era uma casa com a qual um jogador de futebol sonharia, o tipo de casa que era apenas um veículo para ostentar riqueza sem considerar como a construção se encaixa nas redondezas. Devia estar lotada de veludo e acabamentos de ouro falso, pensou ela, embora não fosse ter oportunidade de verificar, pois Victor a levou rapidamente para dentro por uma passagem longa e escura, até uma sala equipada com instrumentos de calabouço.

Ela achou a parafernália reconfortante, em vez de intrigante e assustadora. A exibição da cruz acolchoada, de alguns bancos de spanking, de uma jaula, de uma armação de metal que parecia um pouco com um cavalo e da coleção de chicotes, açoites e palmatórias, tudo isso tornava familiar um lugar estranho.

No centro do aposento havia uma cortina vermelha de veludo pendurada em um trilho redondo, formando uma tenda, um pouco como uma lona de circo em miniatura.

Victor puxou a cortina e revelou um altar cerimonial decorado com tecido e flores, lembrando um altar de sacrifício. Acima do palco havia um holofote.

— Tive muito trabalho por sua causa, minha querida, como você pode ver. Espero que aprove.

— Os holofotes não me são estranhos. Tenho certeza de que consigo lidar com isso.

— Meu palpite seria que você mal pode esperar — disse ele com presunção.

Summer não respondeu, mas as palavras dele a feriram como uma faca.

Será que ela mal podia esperar?

Ela achava que sim. No fundo do coração, ela sabia que Victor era vil. Mas havia uma parte dela que reagia às ordens dele, uma escuridão em sua essência que Victor parecia reconhecer, conseguir extrair e habilidosamente manipular. Summer sabia que ele só trazia coisas ruins e que não era uma pessoa segura com quem se poderia explorar as excentricidades sexuais. Contudo, assim como uma mariposa é atraída para a chama, Summer sentiu sua resistência a Victor desmoronar sob o peso do desejo.

Mas ela não daria a ele a satisfação de saber que isso era verdade.

— Venha aqui — disse ele.

Ela ficou de pé na frente de Victor, satisfeita por ter colocado os maiores saltos que tinha e por estar alguns centímetros mais alta que ele.

— Tire a roupa.

Ela previra isso também e colocou um vestido longo preto tomara que caia de

algodão com stretch, que conseguia tirar e colocar facilmente com um movimento. Summer achava poucas coisas mais humilhantes do que lutar para tirar as roupas na frente de uma plateia, principalmente quando a plateia era Victor.

Ele então pegou um pedaço de corda.

Que droga, será que Victor a andava espionando? Ele sempre parecia saber exatamente quais eram os seus pontos fracos.

A corda era grossa, bastante usada e amaciada de lavagens frequentes. Ela provavelmente conseguiria suportar as amarras por um longo período de tempo sem dor excessiva, desconforto ou dano à circulação.

— Ajoelhe-se.

Ele indicou o altar, que ela reparou ser confortavelmente acolchoado, forrado com um colchão, e não como a pedra dura que a imaginação dela conjurou em resposta à situação. Era pequeno e havia degraus nas duas extremidades, aproximadamente de altura suficiente para um homem ou uma mulher ficar de pé e ter acesso fácil à pessoa deitada em cima. Ela.

Summer tremeu ao sentir a corda sendo passada sobre sua pele.

Victor riu em resposta ao sinal involuntário de prazer e ela resistiu ao desejo de chutá-lo. Isso não ajudaria em nada.

Ele a amarrou com delicadeza, tanta delicadeza que ela começou a relaxar, apesar das intenções de não fazer isso.

Foda-se, pensou ela. Depois disso, nunca mais vou vê-lo. Que diferença faz?

As amarras estavam firmes, mas não particularmente apertadas, e ela observou que Victor tinha seguido todas as regras para um bondage seguro, sem aplicar pressão em nenhum dos centros nervosos dela e deixando o espaço de um dedo entre a pele e a corda para circulação. Ele evidentemente tinha feito isso antes, e até o momento estava sendo fiel à palavra que dera, de forma que ela não ficasse com marcas permanentes nem se ferisse.

Summer tentou mover a cabeça. Contorceu-se para testar a sensação de novo e descobrir o que ele tinha feito.

— Finalmente — disse ele baixinho, em uma voz tomada de júbilo — consegui que você fizesse alguma coisa além de ficar aqui deitada.

Ele amarrou a parte inferior do corpo dela com um nó na corda entre as pernas, que então prendeu aos cabelos, de forma que cada vez que ela puxava a cabeça para a frente, a corda se esticava e se esfregava no clitóris. Com um pouco de contorções regulares, ela conseguiria se levar ao clímax sem o auxílio de ninguém.

— O gato comeu sua língua?

Summer tentou ficar o mais parada possível, xingando internamente o corpo por traí-la ao sentir a corda entre as pernas começar a ficar úmida, molhada com seus próprios fluidos.

Victor deu alguns puxões fortes.

— Está gostando? — disse ele enquanto Summer tentava sufocar um gemido e falhava. — Que bom. Agora, como prometido, vou colocar uma máscara nesse seu rostinho bonito, só pra ter certeza de que nenhum de nossos hóspedes te reconheça. Vamos manter a famosa violinista anônima, não? Infelizmente, você não vai conseguir enxergar, mas conhecendo você como eu conheço, sei que isso vai aumentar o prazer.

Ela inclinou a cabeça para ajudar Victor a passar a máscara, que obscurecia a parte de cima do rosto. Reparou imediatamente que sua boca foi deixada descoberta. É claro, Victor não perderia a oportunidade de deixar um dos orifícios disponível para uso.

Satisfeito com a cobertura do rosto, Victor passou as mãos pelo corpo dela, como se estivesse acariciando um gatinho. Esticou a mão para os seios dela e torceu cada mamilo alegremente. Ela o ignorou.

— Você não é nada divertida. Não sei o que aquele homem vê em você. Agora preciso voltar pros meus outros convidados. Não vai demorar.

Summer não ergueu o olhar quando ele saiu, mas sentiu um movimento de ar sobre o corpo nu quando Victor puxou a cortina no trilho, separando-a do resto da sala.

Alguns minutos depois, ela ouviu o som profundo de um gongo.

Victor juntou as mãos como uma criança satisfeita quando as pessoas no salão principal se reuniram para ouvi-lo.

— Já estava na hora — sussurrou Ed no ouvido de Dominik. — Eu estava começando a ter medo de que o efeito do Viagra sumisse antes de ele nos soltar uns sobre os outros.

Dominik franziu a testa. Ele nem havia considerado ingerir ajuda química, embora supusesse que muitos dos outros homens presentes tivessem feito isso. Não estava tão preocupado com o sexo. Não sabia bem por que tinha ido. E o porquê de não ter mencionado para Summer. Era uma questão de curiosidade, supunha ele.

Uma desconfiança começou a corroê-lo quando pensou em Summer. Ela estava se comportando estranhamente desde a volta da turnê. Um ar de tristeza a dominava, e ele sentia como se ela estivesse escondendo alguma coisa dele.

Será que Victor poderia, de alguma forma, tê-la envolvido em tudo isso? Achava que ele era capaz; ele tinha um ar bastante presunçoso esta noite, e pareceu indicar que aconteceria alguma coisa que Dominik acharia particularmente interessante.

Edward não era o único ali a ficar impaciente. Ao redor dele, casais e grupos de pessoas se abraçavam, se beijavam, se acariciavam. Um homem à frente deles tinha

levantado a saia da mulher com quem estava e passava a mão pela bunda dela. Usava a outra mão para segurar a saia dela, ciente de que Ed e Dominik olhavam e preferindo dar a eles uma boa visão.

— Posso me juntar a você? — disse Ed para o homem em um tom agradável, com a polidez de quem tivesse perguntado se podia se juntar a dois estranhos na mesa de jantar.

O homem olhou para a parceira, que assentiu em aprovação.

— Vamos?

Os três seguiram em direção à sala de playground.

Edward se virou para Dominik.

— Venha junto — disse ele. — Você pode ver como são as coisas.

Só alguns minutos haviam se passado desde o anúncio de Victor de que todas as salas estavam disponíveis para uso, mas durante esse tempo parecia que pelo menos metade dos convidados foi correndo para elas e já estavam fornicando nos bancos e nas almofadas quando entraram.

Dominik nunca tinha visto tantas pessoas fazendo sexo ao mesmo tempo.

Ele ficou parado por um momento, olhando ao redor e sentindo-se um tolo. A massa de pele que viu (seios balançando e paus flácidos e pendurados ou eretos e apontando para a frente, pernas se abrindo e lábios vaginais à mostra) não o excitou, mas Dominik achou a visão interessante, de uma maneira objetiva, a forma como ele se sentia em relação a mostras de arte moderna em galerias de moda ou museus.

A mulher que eles estavam olhando antes chamou sua atenção. Ela se aproximou e colocou a mão na fivela do cinto dele como uma pergunta. Ele assentiu. Ela abriu o cinto com habilidade e puxou a calça, começando a provocar a ponta do membro com a língua, despertando-o para a vida.

Estranhamente, no mar de sexo ao redor, Dominik achou que só conseguiria uma ereção caso bloqueasse os outros corpos e se concentrasse na mulher à sua frente.

Dominik achava que ela devia ter aproximadamente a mesma idade dele, apesar de ser quase impossível detectar isso nos dias de hoje. Os cabelos longos e castanhos cobriam cada um dos mamilos como duas cortinas, mas não conseguiam cobrir os seios um tanto grandes. Ela tinha o corpo firme, com as coxas musculosas de alguém que faz trabalho braçal ou esportes, e a base das costas era macia, do tipo que um homem podia apertar ao meter nela por trás.

O pensamento fez seu membro ficar ereto de repente. Apesar das preocupações iniciais, Dominik percebeu que gostaria de sentir as pernas dessa mulher ao redor de seu corpo; no entanto, aquela extremidade do corpo dela estava ocupada. Os movimentos da boca ao redor do membro ficaram mais frenéticos e apressados, e ele se encolheu a cada toque ocasional de dentes quando o rosto era empurrado pela fricção do resto do corpo enquanto o parceiro a comia.

Dominik estava prestes a se afastar, a fugir do possível dano ao pênis para levar suas atenções para outro lugar, quando se deu conta de que a mulher estava próxima do orgasmo. Não seria cavalheiresco da parte dele distraí-la ao se afastar agora.

Edward havia coberto a mão com uma luva de látex e estava penetrando o ânus dela. Ele se assemelhava um pouco a um cientista louco, mas o estímulo extra parecia estar dando uma grande quantidade de prazer. Ela se deslocava entre Dominik e os homens atrás como um pistão, empurrando com mais força contra o pênis ou o dedo que estivesse dentro dela até o corpo começar a tremer e ela soltar um longo suspiro e cair pesadamente à frente deles.

— Obrigada — sussurrou ela para ninguém em particular, com os olhos fechados e os lábios partidos em um largo sorriso.

Dominik se inclinou e acariciou o cabelo dela, sentindo uma onda de afeição quando ela se aninhou em sua mão.

Talvez isso não fosse tão ruim, afinal.

Summer estava começando a se questionar se Victor tinha violado uma das maiores regras da perversão e a deixado amarrada e sozinha. Foi quando sentiu uma mudança sutil na energia da sala e um leve aroma de perfume, uma fragrância com um toque de limão.

Sem querer anunciar sua presença para algum desconhecido que talvez não fosse bem-intencionado, ela prendeu a respiração e manteve o corpo imóvel. A cortina se abriu mesmo assim. Fosse quem fosse, esse alguém a havia encontrado, apesar de achar que Victor sem dúvida tinha anunciado alguma espécie de show para os convidados, e, com a presença de um palco e uma cortina, era um tanto óbvio que havia alguma coisa interessante atrás.

Ela manteve a cabeça baixa, torcendo para que, se não se movesse, a pessoa a deixasse em paz.

— Humm... Então você é a estrela do show.

Summer reconheceu a voz. Ela projetou a mente e lembrou sons e imagens para identificar essa pessoa do passado.

Era isso. Clarissa, a mulher cujo pedido de bebida deu a ela a oportunidade de roubar a chave do armário de Victor, onde ele havia trancado o celular dela e as roupas. Só assim ela conseguiu mandar uma mensagem de texto para Dominik e, mais tarde, fugir.

— Acho que sim. — Summer suspirou. Já havia se acostumado com a sensação do nó da corda roçando seu clitóris, e sem qualquer estímulo mental para acompanhar (é claro que não foi a presença de Victor a excitá-la, certo?), ela ficou entediada e cansada e estava ansiosa para ir embora e cair na cama.

Houve uma pausa longa.

— Reconheço esse sotaque e a cor do cabelo. E, confesso, seu corpo. Apesar de ter certeza de haver outras neozelandesas ruivas pervertidas em Nova York. Você estava em outra das festas de Victor, não estava? Acho que você fugiu antes do evento principal. Espero que ele não tenha te amarrado pra evitar isso dessa vez.

— Sim, era eu, mas não, não fui amarrada pra não fugir. Estou aqui por vontade própria. Victor e eu tivemos um desavença... e eu não queria ser tatuada.

— Então ele não é seu mestre nem seu dominador?

— Não. Eu tenho outra pessoa.

— E sua outra pessoa sabe que você está aqui?

— Não.

— Você acha isso inteligente?

O tom dela era mais perplexo que intrometido, no entanto Summer ficou irritada. Por que as pessoas não cuidavam de suas próprias vidas? Se tinha escolhido ser amarrada como peça central de uma festa, isso era da conta dela.

— Pode não ser inteligente, mas é necessário.

— E você sabe em que está se metendo, o que Victor planejou pra você desta vez?

— Bastante sexo, eu acho. Na verdade, estou ansiosa — disse Summer de maneira desafiadora.

— Bem, se você tem certeza, então eu também tenho, e o restante dos convidados também. Espero que não se importe com a minha intromissão. Eu queria ter certeza de que tudo que Victor planejou era... legal. Agora, se não se importa, é melhor eu sair antes do show começar.

Dominik saiu da sala para procurar uma bebida, sentindo-se um tanto animado. A experiência dele com Ed e o outro casal e a conversa com Clarissa lhe deram esperança. Se as outras pessoas conseguiam fazer funcionar, ele e Summer também poderiam. Talvez precisassem se sentar e conversar sobre o assunto, decidir o que os dois queriam, mas pelo menos ele sabia que não era impossível.

Clarissa pegou a mão dele quando ele saiu em busca da mulher com as doses de chocolate. Que alguém com lingerie tão escassa e uma pluma na cabeça tão longa quanto as próprias pernas conseguisse manter qualquer grau de camuflagem era indicador das roupas impressionantes dentre os convidados.

— Tudo é *kosher* — disse ela — e ainda tem uma coisa especial.

— Ah, é? O que o anfitrião programou?

— Ele tem uma garota guardada como peça central da festa, uma pessoa que já encontrei antes, na verdade, embora as coisas não tenham ido tão bem na última vez. Estou surpresa em vê-la de novo, mas falei com ela e ela afirma que está ansiosa para o que vai acontecer.

— Ah, é? Isso é um alívio.

— Uma ruiva. Edward vai ficar feliz. Ele tem uma quedinha por ruivas, como todos os homens parecem ter atualmente. Quem foi que disse que os homens preferem as loiras?

Um medo terrível caiu sobre os ombros de Dominik, como se todo o ar do aposento tivesse virado chumbo.

Ele pediu licença para Clarissa e correu para o calabouço.

Olhou ao redor. As outras pessoas estavam completamente envolvidas com os parceiros, e os sons de vários objetos atingindo traseiros e costas expostas abafaram os sons dos movimentos dele.

Dominik seguiu para o meio da sala, ergueu a cortina e espiou.

Como ele temia, era Summer. Estava deitada amarrada e nua em uma plataforma erguida, gemendo baixinho.

Seu primeiro instinto foi de libertá-la, afrouxar as cordas, aninhá-la nos braços, mas a expressão no rosto dela, a óbvia excitação, o deteve.

Ele fechou os olhos e imaginou como seria ser ela, com os sentidos obscurecidos exceto por sons e cheiros da atividade acontecendo ao redor, de chicotes batendo em pele nua, os gemidos e os gritos de uma sala cheia de pessoas excitadas, o aroma de suor e perfume, com os pontos de pressão em alerta e expectantes, esperando para ser interrompida pelo toque de um estranho.

Ele se sentiu ficando duro.

Mas seus olhos se abriram de repente.

Ela mentiu para ele, disse que iria se encontrar com uma amiga.

Ele se lembrava do que Clarissa disse. Segundo ela, Summer afirmou estar ansiosa para isso, que se voluntariou.

Por que, Summer? Ele queria sacudi-la. Se soubesse que Victor a havia convidado para vir, eles poderiam ter vindo como um casal e aproveitado tudo juntos. Será que Summer tinha tão pouca consideração por ele que achava que precisava ir escondido?

Ele voltou para a antessala. Victor estava lá com um sorriso cruel nos lábios.

— Linda, não é? Mas tenho que dizer que a acho um tanto chata. Sinto muito por você tê-la encontrado antes de eu começar o show. Curioso, não é?

Victor cheirava a borracha, talco e spray que usou para dar brilho ao látex, que cintilava como vidro polido sob a luz.

— Que diabos você está querendo? Disse a ela que eu vinha?

— Ah, não, ela não sabe que você está aqui. Mas aposto que não te contou quais eram os planos da noite, contou?

Eles estavam sussurrando para não perturbar os outros ocupantes da sala, mas a fúria na voz de Dominik transformou o sussurro em um sibilar.

— Não, não contou, mas deve haver alguma explicação. Se você coagiu Summer a vir aqui contra a própria vontade, juro por Deus que te mato, Victor.

— Não houve necessidade. Você não a conhece muito bem, conhece? Ela não te contou sobre nossas ligações? Não é a primeira vez que sua Summer participa de uma festa assim. Na verdade, ela é bastante popular entre meus amigos.

Dominik ficou arrasado. Summer sempre ficava estranhamente silenciosa quando o nome de Victor era mencionado. Se ela queria sair com o homem e ir às festas dele, tudo bem, mas fazer pelas suas costas, não. Mantê-lo informado era a única coisa que ele pediu a ela.

Dominik afundou em um dos bancos que Victor tinha preparado para a plateia.

O gongo soou de novo.

Victor esperou que as pessoas terminassem os atos e proclamou o começo do show.

Um a um, os convidados encheram a sala, gargalhando e rindo, a maior parte em vários estados de nudez e muitos bêbados. Uma mulher se sentou ao seu lado direito vestindo o que parecia ser uma meia-calça estampada puxada até a parte de baixo dos seios, como um macacão. Uma coleira grossa com tachinhas pontudas lhe envolvia o pescoço.

Edward se sentou do outro lado. Seu rosto manchado com três cores diferentes de batom.

— Espero que seja bom — disse ele —, pois eu estava me divertindo demais na outra sala.

Dominik resmungou uma concordância. Não estava mais com humor para conversar.

As luzes foram reduzidas. Ele ouviu o som de metal arrastando em metal quando a cortina foi aberta.

E então um holofote se acendeu no teto, envolvendo Summer em um raio de luz. Ela agora havia sido desamarrada; Victor devia ter entrado debaixo da cortina para soltá-la. Estava apoiada nos joelhos e nos cotovelos, como se esperando ser usada pela frente e por trás.

Victor entrou no foco de luz na frente dela e bateu as mãos.

— Senhoras e senhores — começou ele —, para a diversão desta noite, tenho uma bela voluntária. Ela me pediu que desse um jeito de suas mais profundas fantasias serem realizadas: a de ser usada e abusada por estranhos até não aguentar mais. Naturalmente, fiquei feliz em ajudar. Apresento uma verdadeira piranha para a

diversão de vocês.

Para demonstrar que ela estava pronta, Victor enfiou um dedo entre as coxas de Summer e ela gemeu e se deslocou para trás, como se convidando-o a penetrá-la de novo.

— Como vocês podem ver, meus queridos — acrescentou Victor secamente —, ela está pronta para vocês.

Ele se inclinou para a frente e tirou com delicadeza parte do cabelo de Summer de cima do rosto mascarado.

— Mas tenho certeza de que eles gostariam de ouvir de você. Diga pra eles o que você é.

— Sou uma piranha — declarou ela com voz clara e metódica.

Cada palavra era como uma facada nas costas de Dominik, mas ele estava preso ao chão, petrificado pela visão.

— E o que você quer?

Ela fez uma pausa e passou a língua pelos lábios.

— Quero ser fodida.

Victor olhou para Dominik e seu rosto se abriu em um sorriso louco.

— Isso é um convite, sem dúvida nenhuma. Agora, é claro, vamos manter o sexo seguro, são e consensual. A palavra de segurança é “Vivaldi”, que ela vai usar se desejar parar os procedimentos a qualquer momento. Vocês encontrarão camisinhas, lubrificantes e outros acessórios ao lado da cama. Divirtam-se. — Ele fez uma reverência e deu um passo para o lado.

Edward cutucou Dominik nas costelas.

— É melhor ser o primeiro nesse tipo de situação, você não acha?

— Vá em frente. Prefiro assistir por alguns minutos.

Ele estava de pé antes de Dominik ter terminado a frase.

Ela até havia usado algo íntimo dos dois como palavra de segurança, com Victor, dentre todas as pessoas. Ele se sentiu bobo, como um adolescente rejeitado.

Os outros convidados tinham começado a formar um círculo. Ed estava passando as mãos pelo cabelo de Summer, puxando-o.

Ela inclinou a cabeça para trás e exibiu o pescoço, com um sorriso se espalhando nos lábios. Era uma expressão que Dominik tinha visto muitas vezes durante o sexo deles, o olhar que ela fazia quando estava mais excitada.

Pelo menos era o pau de Edward que seria o primeiro, e não o de Victor; Dominik não sabia se conseguiria aceitar isso. Talvez o idiota não conseguisse sair da roupa de látex com facilidade suficiente para participar.

Outro homem, um que Dominik não tinha visto antes, estava se encaminhando para a boca de Summer, o pau balançando conforme se aproximava.

Dominik prendeu a respiração por um momento, torcendo para talvez ela usar a

palavra de segurança se um pau fosse enfiado em sua boca sem aviso, mas ela abriu bem os lábios e se inclinou para a frente instintivamente para recebê-lo.

Gotas de suor apareceram na pele dela como lágrimas, e Dominik seguiu o caminho de cada uma que rolou pelo corpo dela. Os seios se balançavam para a frente e para trás como pêndulos, e o som suave da pele batendo era sufocado pelos gemidos mais altos dos companheiros dela.

Uma mulher com cabelo espetado e corpo andrógino, com ossos delicados como os de um pássaro, deslizou por baixo do corpo dela de lado e começou a sugar os mamilos de Summer.

O homem que estava de pé em frente à boca de Summer se afastou, se ajoelhou na frente da mulher de cabelo espetado e separou os grandes lábios com a boca. Outro homem tomou seu lugar na boca de Summer em menos tempo do que Dominik demorou para respirar. Ele estava se masturbando com ajuda de mechas do cabelo dela.

A visão de Dominik foi obscurecida quando o pequeno palco foi cercado de homens e mulheres esperando para tocá-la ou preenchê-la de alguma forma.

Ocasionalmente, um dos participantes dava um passo para trás para secar a testa ou trocar a camisinha, e por um momento ou dois antes de outra pessoa se aproximar, Dominik tinha uma breve visão da pele clara de Summer, agora grudada de suor. Seu corpo estava em estado de perpétuo movimento, indo para a frente e para trás em reação à pressão de um membro dentro dela ou se encolhendo em resposta a uma carícia.

Se ele fechasse os olhos, conseguiria captar o som familiar dela ofegando, imaginar como o coração dela estava disparado, imaginar como era tê-la ao redor do pau, a forma como parecia tão presente no corpo quando eles faziam amor, reagindo ao mais leve dos toques. Ele começou a ficar duro de novo, apesar de tudo. E a viu colocar a boca ao redor do pau de outro homem.

Com certeza ela devia estar começando a se cansar, pensou ele, mas não dava sinais de querer desacelerar ou de estar saciada. Era como se estivesse tentando sobrepor todo o sexo insatisfatório que já teve com uma noite de fodas sem fim.

Talvez tenha sido a raiva que o fez agir, ou o próprio desejo.

Quando o homem com o pau na boca de Summer se afastou, Dominik estava lá para substituí-lo.

Ele olhou para o rosto dela, para a curva da boca, para a testa franzida de concentração, com os sentidos em alerta para a mudança de posição. Passou as mãos pelo pescoço e pelos ombros dela, sentiu-a relaxar contra a pressão de seu toque. Ele segurou o cabelo dela nas mãos e puxou a cabeça para trás, depois se inclinou e a beijou.

Por um momento, ela reagiu como sempre fazia, abrindo a boca e dando um

suspiro delicado e satisfeito.

Em seguida, ela se afastou e ergueu a máscara. Ela reconheceu o toque dele.

— Parem, por favor — disse ela, colocando-se sentada.

O grupo reunido ao redor dela se afastou imediatamente.

Ela se moveu para a frente e olhou ao redor em busca de alguma coisa com que se cobrir, uma toalha ou seu vestido, mas não havia nada. Ela passou os braços ao redor do peito para esconder os seios.

— O que você está fazendo aqui?

— Victor me convidou. Evidentemente, convidou você também.

— O que ele te disse? — perguntou ela em um sussurro.

— Ele me contou sobre todas as outras vezes, se é isso que você quer dizer. Por que não me contou?

— Por que você não me contou? É sua primeira vez em uma das festas dele?

— Bem, não, mas... eu achava que você não se importava, e não consegui encontrar o momento certo. Você está sempre fora. Ensaando. Com Simón.

— Certo. Então você pode foder quem você quiser, a hora que quiser, e eu não?

— Não foi o que eu quis dizer.

— Mas foi o que disse. E é o que você faz. Vá pro inferno, Dominik.

Ela colocou as pernas fora do palco, ficou de pé e andou pela sala em direção à saída, com os ombros empertigados e o queixo erguido.

A sala ficou em um silêncio constrangedor. Só o som de um único homem batendo palmas soou nos ouvidos de Dominik.

Victor.

O terreno após a batalha

Simón estava esperando por mim quando o táxi amarelo parou em frente ao prédio no SoHo. Estava sentado no degrau da entrada, com as pernas esticadas à frente, os pés cruzados nos tornozelos envoltos pelas familiares botas de pele de cobra.

— Eu sabia que você teria de voltar pra casa alguma hora.

— Que diabos você está fazendo aqui? São três da manhã.

— Você não atendeu minhas ligações. Eu estava preocupado.

Tirei o celular da bolsa e olhei a lista de mensagens e ligações perdidas. Simón tinha ligado quase de hora em hora desde que falei com ele sobre não ir ao ensaio.

— Me desculpe. Devia estar no silencioso.

Tentei colocar a chave na porta, mas meus dedos estavam tremendo como folhas ao vento.

Simón olhou para mim, ficou de pé e pegou minhas mãos. Olhou-me de cima a baixo. Eu não tinha olhado em nenhum dos espelhos do corredor que levava até a porta da frente na mansão de Victor. Não fazia ideia da minha aparência, mas sabia que estava suada e trêmula, e que meu cabelo estava desgrenhado. Eu torcia para ninguém ter me deixado uma marca de chupão.

— O que aconteceu? Dominik te machucou? Vou fazê-lo se arrepender se for isso.

— Não, não foi nada disso. Estávamos numa festa e tivemos uma briga. Ele deve chegar a qualquer minuto.

— Venha ficar comigo. Você pode tirar um tempo pra pensar sobre as coisas. Em um local seguro.

— Não posso simplesmente desaparecer. Ele vai pensar que o larguei.

— Ele provavelmente vai apreciar a distância, e vocês não vão conseguir ter uma conversa razoável enquanto estiverem assim.

Eu não tinha energia para discutir. Além do mais, não estava ansiosa pela conversa que precisaria ter com Dominik. Talvez um dia ou dois longe dele fosse bom para nós.

— Certo. Vou pegar minhas coisas...

— Deixa pra lá. Você pode voltar quando ele tiver saído. Tenho tudo de que você

precisa.

— Meu violino...

— Você pode usar um dos meus.

Ele segurou minha mão e me guiou para a West Broadway para chamar um táxi, o melhor lugar para achar um a essa hora da noite. Os dois primeiros passaram direto, mas o terceiro parou ao sinal de Simón.

Meu coração batia mais forte a cada carro que passava por nós, pois eu imaginava que um deles traria Dominik logo atrás de mim com um pedido de desculpas. Eu contaria para ele tudo que aconteceu entre mim e Victor; acertaríamos as coisas. Começaríamos do zero.

Mas ele não apareceu.

Simón me puxou para perto dentro do táxi. Apoiei a cabeça no peito dele e ele colocou o braço ao redor do meu ombro. Ele começou a passar as mãos pelo meu cabelo embaraçado e eu relaxei encostada nele, permitindo que a gentileza afastasse minhas preocupações, pelo menos esta noite.

— Seu cheiro está diferente — disse ele com voz sonolenta quando me acordou ao entrarmos na rua dele. — Mudou de perfume?

É o cheiro de dez homens e duas mulheres, pensei, mas não falei em voz alta.

— A festa estava cheia. Preciso de um banho.

— Fico feliz em arranjar qualquer coisa de que você precise.

— É mesmo?

— É claro.

Olhei nos olhos castanho-escuros cheios de calor e, naquele momento, eu o quis, mesmo que apenas para afastar a sensação das outras pessoas. Eu me inclinei para a frente e beijei seus lábios.

Ele não tinha feito a barba, e o queixo estava áspero contra o meu. Passei a bochecha pela barba por fazer e apreciei a sensação de arranhado.

As mãos de Simón estavam tremendo como as minhas quando digitou o código para abrir a porta do prédio

— Pensei que você tivesse dito que não era boa ideia.

— Não ligo mais pra boas ideias.

— Bem, não vou discutir com você.

Ele me puxou para o elevador e passou os braços ao redor do meu corpo enquanto apertava os lábios contra os meus, como um homem possuído.

Quando o sinal indicando o andar dele tocou, eu já havia aberto a camisa dele e estava na fivela do cinto, ansiosa para consumir aquilo antes que um de nós mudasse de ideia. Eu tinha feito o bastante naquela noite para poder estar envergonhada de manhã, então sexo com mais um homem parecia quase inevitável, como comer o último biscoito na caixa.

Beijamo-nos com a entrega de duas pessoas que pensam que essa pode ser sua última noite juntos enquanto ele me levava para o quarto e me empurrava para a cama. Ele passou as mãos debaixo do meu vestido e começou a subir o tecido para minha cintura com movimentos agressivos e olhos brilhando de desejo não escondido. Quando se ajoelhou entre minhas coxas, agarrei um punhado do cabelo com cada mão e o puxei até meu rosto.

— Não, por favor. Só quero ser fodida.

Simón pareceu feliz em acatar meu pedido. Eu não estava no clima de preliminares, e não queria que ele sentisse os sabores que ainda deviam estar na minha pele: os vários aromas de outras pessoas, os lubrificantes, o amargor químico intenso que as camisinhas sempre deixavam. Ele era mais pesado do que Dominik. A sensação do corpo dele em cima me esmagando era agradável, e o cabelo dele caía no rosto. Senti o aroma e afundei as mãos em seus cachos escuros. Passei as pernas pela cintura dele e me agarrei enquanto Simón se afundava dentro de mim, torcendo para que cada estocada afastasse a sensação dos outros homens. Mais do que qualquer coisa, eu queria me livrar da lembrança de Victor. Ele mal tinha me tocado, mas o aroma doce da colônia dele estava preso nas minhas narinas, ameaçando dar um nó no meu estômago a cada inspiração.

Acabou em poucos minutos. Simón estava cansado, pois me esperou por muito tempo. Pelo menos não pediu desculpas. Acho que pensou que fosse haver outras vezes, e talvez estivesse certo sobre isso.

— Vai me contar qual é o problema? — perguntou ele enquanto estávamos deitados lado a lado, com o braço apoiado sobre meu tronco, me puxando para perto como se quisesse me segurar para sempre.

O peso da minha pausa encheu o quarto como um repicar de tambor, como se o silêncio tivesse som próprio.

— Talvez, mas não hoje.

— Estarei esperando quando você estiver pronta.

Esperei até que Simón adormecesse para me levantar e tomar um banho. Eu não queria que pensasse que fazer sexo com ele me fazia sentir suja. Ele não merecia isso.

Eu tinha passado tempo o bastante no apartamento dele agora para sentir como se fosse um segundo lar. Sabia onde deixava as toalhas limpas e que havia um espelho de corpo inteiro no banheiro no qual eu poderia me examinar.

Quase não havia marcas em mim. Por algum motivo, achei que minha pele estaria manchada com o peso dos meus pecados. Eu não sabia o que esperava ver. Uma letra escarlata queimada sobre meu coração? Mas não havia nada. O reflexo que olhava para mim era tão puro quanto a neve, embora eu soubesse que meus genitais estariam vermelhos e inchados, e que provavelmente levariam vários dias para se

recuperar.

As pessoas dizem que os olhos são as janelas para a alma. Acho que aprenderíamos mais uns sobre os outros se direcionássemos nossa atenção para partes mais abaixo.

Abri o chuveiro e entrei debaixo da água, depois me virei e ajustei a torneira. A temperatura estava no máximo, mas ainda não estava quente o bastante.

Não havia chuveiro no mundo que pudesse lavar esse sentimento.

Dominik sabia que o ocorrido havia alterado tudo entre ele e Summer para sempre.

Não era uma questão de culpa. Todos tinham que aceitar uma grande parcela de responsabilidade pelo curso infeliz dos eventos: Victor, Summer e ele, em proporções iguais.

Palavras não podiam mais consertar o que tinha se partido tão brutalmente nas costuras.

Victor havia planejado tudo, como um mestre de cerimônias desonesto determinado a usar os dois, manipulando Summer e Dominik até este ponto sem volta. Por mera crueldade? Por gratificação? Ou talvez só por travessura, como uma criança que vê uma pilha de tijolos perfeitamente alinhados e não consegue deixar de chutá-los e espalhar os pedaços pelo tapete, levando o caos à ordem.

Quando teve escolha, Dominik proferiu as palavras erradas, não encontrou gentileza no coração para perdoar e entender, tornando-se involuntariamente o vilão em seu desejo louco de brincar com Summer até que as amarras estivessem esticadas ao limite. Sim, a culpa era dele, desde o momento em que a viu tocando violino no metrô de Londres e imaginou como podia atraí-la para sua teia, sua cama, sua vida, em termos que ele agora nem conseguia entender completamente.

E quanto a Summer? O quanto ela sabia sobre as forças que manipulavam sua sexualidade? Será que o coração dela alguma vez se abriu para ele, ou será que foi vítima dos desejos interiores e permitiu-se ceder a eles de forma egoísta o tempo todo?

Se ao menos pudesse vê-la agora, olhar bem dentro dos olhos de Summer; talvez houvesse uma resposta lá, uma pista para esse terrível quebra-cabeça no qual sentimentos e desejos dançavam em entrega louca e o deixavam tão impotente.

Quarenta e oito horas tinham se passado e Summer ainda não tinha voltado ao loft.

Talvez estivesse com alguém. Possivelmente Cherry, Susan, a agente, ou, mais provavelmente, o amigo maestro Simón, cujo espaço de ensaios sempre esteve

estranhamente disponível para ela.

As roupas dela ainda estavam no guarda-roupa compartilhado ao lado das suas, agora em proximidade desconfortável, e ele passava os dedos regularmente na maciez dos tecidos com uma dor profunda no coração, arrastando o cheiro do corpo dela das profundezas dos variados tecidos. Como um velho pervertido, percebeu ele. Pelo menos não estava revirando a roupa íntima dela como um louco. Não que o pensamento não lhe tivesse ocorrido.

Ele não conseguia deixar de reparar no Bailly aninhado na caixa agora surrada, no canto extremo da sala do loft. Estava surpreso por ela tê-lo deixado ali, por não ter voltado para buscá-lo. Como se deixar o violino fosse uma indicação final de que não tinha intenção de vê-lo de novo, um lembrete ferino do que os havia unido.

Não, não era culpa dele, Dominik decidiu. E também não era dela. Eles tinham sido peões, vítimas do desejo e de suas contradições.

Já Victor era um assunto completamente diferente. Ele sempre soube o que estava fazendo. Precisava suportar o peso da responsabilidade pelos eventos tristes e até mesmo sórdidos.

— Oi, Lauralynn.

— Oi, Dominik. Como você está?

— Pra ser sincero, puto da vida... Como foi em Boston?

— Moleza — respondeu Lauralynn. — Por que você está puto?

— Seu amigo Victor.

— Ah, Deus, andou tramando de novo, é?

— Não quero falar sobre isso. Você sabe onde posso encontrá-lo? Perdi o papel onde anotei o endereço dele. Preciso falar uma coisa com ele.

— É mesmo?

— Por favor, Lauralynn...

— Não faça nada de que vá se arrepender, Dominik — disse Lauralynn, mas deu a Dominik o endereço, que ele obviamente nunca teve. E ela parecia saber bem disso.

— Dominik? — Mas ele já tinha desligado.

As coisas não correram bem.

Emboscado em seu apartamento, Victor não quis deixar Dominik entrar e insistiu para levar a conversa para fora. Os dois estavam relutantes em se encarar em um bar ou outro local público. O prédio onde Victor morava ficava a algumas quadras do Central Park, perto do Dakota, e eles acabaram próximos ao lago, não longe do

Hallett Sanctuary. A noite estava se aproximando e havia menos passantes e turistas.

A reação inicial de Victor foi petulante quando Dominik abordou o assunto da festa e a forma como ele manipulou Summer para participar.

— Mas você teve oportunidade de impedir os procedimentos, não? E ficou na sua, não foi? Permitiu que ela fosse em frente. Eu era um mero observador naquele momento — alegou ele, com seu costumeiro sorrisinho de superioridade no rosto, como um pano vermelho balançado na frente de um touro.

Dominik sentiu bile subindo pela garganta, e cada palavra de Victor era como uma facada no coração, lembrando-o de sua vergonha e do que agora parecia claramente ser o maior erro da sua vida.

— Me pegou completamente de surpresa — protestou ele. — Ainda não faço ideia do que fez com que ela concordasse em se envolver com você e ser o centro daquela orgia grotesca. Tenho certeza de que você planejou isso o tempo todo.

— Bem, concordo que posso ter sido um tanto travesso — disse Victor, arrastando o passo pelo caminho cada vez mais escuro, com as mãos nos bolsos.

— Você armou tudo, Victor. Não estou dizendo que mentiu abertamente pra Summer ou pra mim, mas pecou por omissão, obviamente. Como pôde?

— Nenhum de vocês dois era inocente, Dominik. E o que é um pecadinho entre amigos, hã? O pecado faz o mundo girar. — Ele riu baixinho.

— Seu canalha filho da puta. — Dominik estava a ponto de perder a paciência, que ficava cada vez menor pela indiferença de Victor, que parecia não se importar com a situação que tinha provocado com tanta malícia. O homem estava com ar presunçoso, como se a raiva de Dominik tornasse tudo mais divertido.

Victor parou, virou-se para Dominik e colocou a mão no ombro dele.

— Olhe — disse ele —, ela é só uma garota. É descartável. Você não devia ficar tão irritado. E ela nem era uma ótima foda, era?

Dominik afastou a mão de Victor.

Estava fervendo por dentro e, do nada, a linha tênue entre a raiva e a fúria se partiu. Ele fechou o punho e deu um soco no queixo de Victor. O outro homem cambaleou para trás e caiu no chão, tanto pelo impacto da mão de Dominik quanto pelo elemento de surpresa total. Ele ergueu a mão, um sinal instintivo para seu agressor parar, e abriu a boca.

— Você é louco — gritou Victor.

Levou alguns segundos para que ele tomasse consciência da dor nos dedos machucados, e nesse momento Dominik fez uma careta. Ele nunca foi uma pessoa violenta (nem conseguia se lembrar da última briga em que se envolveu), mas ouvir Victor falar de Summer como se ela fosse um objeto, sem respeito pela mente ou pelo corpo dela, o encheu de uma fúria incontrolável. Ele nunca tinha brigado pela honra de uma mulher antes, mas naquele momento percebeu que faria qualquer coisa

para defender Summer, para protegê-la de predadores como Victor, que viam as fraquezas e a ingenuidade dela como uma oportunidade a se explorar.

Ele falou um palavrão baixinho e olhou para o rosto de Victor, contorcido em uma careta de dor e choque, com a boca repuxada e os lábios tremendo.

— Você pediu isso — gritou Dominik. Victor agora parecia tão pequeno, mas Dominik ainda tinha a sensação profunda de que o homem debochava dele. Com um olhar final de raiva, Dominik se virou para ir embora.

— Isso mesmo, volte pra sua puta insignificante. — As palavras foram murmuradas num sussurro, mas altas o bastante para Dominik ouvir. Ele fez uma pausa, se virou e, com um chute mais violento do que pretendia, deixou Victor esparramado no chão.

A realidade voltou de repente e Dominik se encolheu com nojo pelo que acabara de fazer. Victor ficou deitado no chão, gemendo. Dominik olhou ao redor. Não havia ninguém por perto. O ataque parecia ter passado despercebido. O que deveria fazer? Ficar por perto até Victor se recuperar?

Em uma árvore ali perto, um pássaro trinou alegremente e o peso do que tinha acabado de fazer recaiu sobre Dominik. Tinha agredido o sujeito, um homem menor e uma década mais velho do que ele. E por causa de uma mulher. Era pior do que um clichê; era patético. Ele se virou e foi embora.

Os poucos dias sem Dominik foram o prego final na tampa do caixão.

Pedi a Simón para esperar do lado de fora enquanto eu pegava minhas poucas coisas. Eu tentei dizer a ele que não tinha muito e que, por já ter morado em três continentes, era perfeitamente capaz de colocar o conteúdo em uma mala, mas ele insistiu em ir junto, como se tivesse medo de me perder se eu saísse de perto por mais de uma hora.

Acabei deixando que ele fosse, mas não permiti que entrasse no loft. Teria sido o golpe final se Dominik chegasse e o encontrasse lá, ou se pudesse pressentir que outro homem esteve no quarto que compartilhamos.

O apartamento pareceu vazio antes mesmo de eu dobrar minhas poucas roupas na mala e pegar meus sapatos e artigos de higiene. Com a turnê, eu já tinha ficado longe durante meses antes de ir embora de vez.

— Uau — disse Simón quando levei a mala escada abaixo —, você realmente não tem muita coisa. Achei que estava exagerando.

Tentei me sentar e escrever um bilhete para Dominik antes de ir embora do apartamento, para dizer que sentia muito, para dar a ele algum tipo de encerramento, mas as palavras não vieram à mente. Ele era o escritor, não eu.

No final, peguei minhas coisas e fui, esperando que ele entendesse tudo o que eu

não conseguia dizer.

Ir morar com Simón aconteceu sem que eu planejasse. A princípio, pareceu o lugar óbvio para ir. Ele tinha espaço para mais uma pessoa, principalmente porque comecei a compartilhar a cama dele. Além do mais, tinha uma sala de ensaio, o que me poupava ter de procurar um espaço para tocar que não perturbasse os vizinhos. Ir para um hotel teria sido bobagem. Eu poderia ter me refugiado com Baldo e Marija. Cherry provavelmente me ofereceria o sofá se a encontrasse e explicasse a situação, mas eu era orgulhosa demais para admitir que ela estava certa. Eu era orgulhosa demais para quase tudo.

Ele rapidamente abriu espaço no armário para minhas roupas. Uma gaveta vazia apareceu da noite para o dia no armário do banheiro. Minhas coisas gradualmente começaram a encontrar espaço no apartamento dele. Saíamos juntos e íamos a jantares, e os amigos dele concluíram que estávamos namorando antes de eu ter a chance de dizer que a situação era temporária.

Antes mesmo de perceber, eu estava em outro relacionamento.

Simón era apaixonado e tinha libido maior do que a de qualquer outro homem que namorei. Maior até do que a de Dominik. Fazíamos sexo de manhã e à noite, e, geralmente no meio da tarde também. Nosso sexo era frequente e furioso, e, apesar de eu saber que devia passar um tempo sozinha antes de mergulhar de cabeça em outra vida, com outro homem, achei que não conseguiria sem ele. O corpo dele sobre o meu afastava todos os pensamentos desconfortáveis que me perseguiram no meio da noite.

Minha mente se voltava para Dominik com frequência. Eu me perguntava se teríamos conseguido fazer dar certo. Se eu tivesse sido sincera com ele. Se ele não tivesse sido tão ciumento. Se eu não tivesse feito a turnê. Tantas situações hipotéticas.

Eu sentia falta do toque rude dele. Tudo em Simón era macio e quente, do calor do corpo à cor dourada da pele, a risada fácil e o vigor com que ele lidava com tudo, de sexo e comida à música. Ele tinha um apetite enorme em todos os aspectos e um otimismo alegre que faltava em Dominik, mas que às vezes me irritava. Saltitava ao andar do mesmo jeito que os cabelos se moviam, e esse jeito de andar parecia ser constante.

Era como morar com um raio de sol. Eventualmente, findei desejando chuva.

Uma noite, fomos ao cinema. Simón passou a maior parte do filme com a mão debaixo da minha saia, enquanto eu tentava desesperadamente não reagir para não perturbar as pessoas sentadas ao nosso lado. Era um filme de super-herói, do tipo que atraía tanto crianças quanto adultos, e estávamos cercados de famílias. Simón era o oposto de Dominik nesse quesito, assim como em quase todos os outros. Fora estar vestido de maneira apropriada, o que era crucial para ele, ele não ligava muito

para a forma como aparecia em público.

Ele quis andar em vez de pegar um táxi para casa. Tinha reparado que suas calças estavam ficando apertadas desde que começamos a morar juntos e de repente adquiriu grande interesse em fazer exercícios diários. Ou talvez fosse parte de um plano elaborado antes e o sex shop pelo qual passamos na Sexta Avenida depois da seis da tarde não fosse acidente.

— Pensei que a gente podia experimentar uma coisa nova — sussurrou ele no meu ouvido, com a voz cheia de malícia.

— Ah?

Eu não sabia se devia ficar ofendida. Eu achava que o sexo entre nós era bom. Fazíamos bastante, e a ideia de que ele podia não estar satisfeito me perturbou.

Ele andou direto para a seção com algemas e similares, desde amarras de cetim para a cama a barras de espaçamento e algemas grossas de couro.

— O que você acha? — perguntou ele.

Peguei um par de algemas peludas cor-de-rosa de aparência frágil, do tipo que não pareceria estranha em uma despedida de solteira. As algemas de couro eram bem mais meu estilo, mas não queria assustá-lo ao demonstrar já ter muita experiência com esse tipo de coisa.

— Ah, meu Deus — disse ele —, eu me sentiria um idiota com essas.

— *Você* se sentiria um idiota?

O rosto dele ficou vermelho. Era a primeira vez que eu o via ruborizar.

— Deixa pra lá. Foi uma ideia estúpida.

A vendedora estava olhando para nós com curiosidade.

— Não, não é uma ideia estúpida. Só presumi que você pretendia usar em mim.

— Lembra a noite em que nos beijamos pela primeira vez?

— Sim, claro.

— Você tinha um pedaço de corda na bolsa. Pensei... Você parece o tipo de garota que pode gostar de estar no comando. Eu sempre quis experimentar. Ver como é não estar no comando.

Fiquei arrasada. Eu sabia perfeitamente bem que era completamente hipócrita, mas nunca consegui me acostumar com a visão de homens submissos em clubes ou nas poucas cenas privadas que testemunhei. A ideia de Simón de joelhos à minha frente me deixou apavorada. Nunca esperei isso dele. Outra marca negra contra meus poderes de observação, ou mais uma evidência do quanto eu era egocêntrica. Ele parecia tão naturalmente autoritário, particularmente quando regia a orquestra. Mas depois de tudo que passei, não podia negar a ele a oportunidade de experimentar. Talvez fosse diferente com uma pessoa por quem eu me sentia atraída.

Sáímos da loja com um par de lenços pretos de cetim e uma lingerie nova da qual Simón gostou muito.

Enquanto a vendedora colocava nossas coisas em uma sacola discreta, eu quase consegui ouvir o som da risada debochada de Dominik nos meus ouvidos.

Naquela noite, amarrei os pulsos e os tornozelos de Simón na cama. Ele ficou com os olhos vidrados e ronronou como se todos os Natais tivessem chegado ao mesmo tempo. Olhei para a parede acima da cabeceira enquanto montava nele e me perguntei pela milionésima vez o que eu realmente queria. Fechei os olhos e brinquei comigo mesma, conjurando um fluxo de imagens na mente. Dominik aparecia em todas elas, mas, apesar disso, não cheguei ao orgasmo.

Simón adormeceu ainda amarrado minutos depois de gozar. Eu o desamarrei delicadamente e juntei seus membros, para poder deitar na cama junto dele.

O sono fugiu de mim como um ladrão durante a noite.

Levantei-me em silêncio e tirei minha mala do armário do corredor. Eu tinha deixado a corda em um dos bolsos, o único lugar que consegui pensar que Simón não encontraria sem querer. Coloquei a mala no lugar e fui para o banheiro com a corda e um vidro de lubrificante.

Simón tinha sono pesado, mas abri a torneira mesmo assim para abafar o som da minha masturbação. Eu conseguia me ver no espelho, com a corda apertada com firmeza no pescoço.

Eu não era nada suicida, nem procurava me ferir. Nunca apertei demais a ponto de machucar, mesmo que temporariamente, mas a pequena interferência na minha respiração aumentou minha excitação o bastante para me levar ao orgasmo em minutos.

Como eu queria que fosse a mão de Dominik em vez de uma corda ao redor do meu pescoço.

Dominik pegou o metrô de volta à Spring Street. Assim que abriu a porta do loft, soube que Summer esteve lá em sua breve ausência. O cheiro do perfume dela pairava de leve no ar, e a fileira de sapatos não ocupava mais a linha minimalista da parede do corredor que levava à sala do apartamento.

O violino tinha sumido, e ela levou todas as roupas, sem dúvida correndo. Esqueceu a escova de dentes, algumas maquiagens, vidros de cremes e xampus e a velha cartela provavelmente vencida de anticoncepcionais que ficou no banheiro enquanto ela estava na Austrália e na Nova Zelândia, como uma herança para ele, algo para que se lembrasse dela.

Mas nem um bilhete.

Apesar de não ser surpresa, Dominik ficou triste.

Deu uma sensação de ponto final ao relacionamento dos dois.

Nos dois dias seguintes, ele ficou em casa e negligenciou seus deveres menores na biblioteca, incapaz de se concentrar muito, e menos ainda de pesquisar ou escrever. Quando o interfone tocava, ele tinha medo de ser Victor ou a polícia. Mesmo se Victor não tivesse prestado queixa, havia uma chance de um passante ter testemunhado seu ataque. Ele sabia que a agressão teria parecido bastante violenta, e, se alguém tivesse visto e contasse para a polícia, podiam decidir prendê-lo.

Na manhã de sábado, ele tomou uma decisão. Fez as malas e mandou uma série de e-mails de desculpas para abrir mão da bolsa e se ofereceu para reembolsar quaisquer valores pagos a ele para a imobiliária dona do loft. Pegou um táxi comum para o aeroporto JFK, sabendo que contratar o serviço de limusines de sempre deixaria um registro dos movimentos. Chegando lá, fez uma reserva no primeiro voo noturno para Londres.

Hampstead ainda estava adormecida nas primeiras horas de domingo quando ele saiu do táxi. Dominik procurou as chaves no fundo da mala de mão e abriu a porta de casa. A charneca ao longe estava mais verde do que nunca, num tom particular que só pertencia aos climas ingleses. Segurando agora a bagagem com as duas mãos, ele deu um pequeno chute na porta e o odor seco dos livros chegou a ele como uma onda de boas-vindas.

Ele estava em casa.

Dois meses se passaram. Era hora de Dominik se reorganizar. Chegou a um acordo com a universidade para aumentar a licença em mais dois semestres e gradualmente caiu em uma rotina regular de escrita. Acordava cedo como sempre, antes do amanhecer, digitava certa quantidade de palavras do livro e se permitia relaxar à tarde com leitura, DVDs ou caminhadas na charneca se o clima inglês não conspirasse contra ele.

É claro que Summer ainda estava em sua mente, e nem um dia se passava sem que lembranças dolorosas, assim como alegres, rompessem a máscara do silêncio emocional forçado. Enquanto andava pela grama úmida, ele não conseguiu deixar de se lembrar da visão de Summer andando por ela em direção ao palanque onde tocou para ele em particular pela primeira vez. Isso parecia ter acontecido uma vida atrás. Ele sabia que era um sentimento inevitável e contra o qual não fazia sentido lutar. Apenas tinha que aceitar esses sentimentos agri-doces e sobreviver a eles da melhor forma que podia. Talvez o tempo trouxesse algum consolo, mas ele não apostava nisso.

Em um dia de final de inverno, depois de chegar a um beco sem saída quando um personagem do livro não se comportou como ele esperava (o que exigiu que

rasgasse um capítulo inteiro e rearrumasse uma parte importante para que as motivações psicológicas dos protagonistas fizessem mais sentido), Dominik estava se sentindo exausto e perdido quando a campainha tocou.

Ele estava de roupão e não fazia a barba havia quatro dias. Ele apertou o cinto e desceu a escada. Devia ser o carteiro com uma entrega tardia.

Estava começando a chover forte lá fora, reparou ele ao passar pela janela no meio da escada, e a campainha tocou de novo, mais insistente desta vez. A varanda da casa não oferecia proteção.

Ele soltou a tranca, colocou a chave na fechadura e abriu a porta da frente.

— Oi!

— Ah...

Lauralynn estava ali de pé, segurando um jornal acima do cabelo louro em uma tentativa vã de se proteger da chuva. Estava encharcada e a camiseta fina estava agarrada às curvas generosas.

Estava tudo, menos a pessoa sedutora de sempre, desgrenhada por caminhar debaixo do aguaceiro, mas a aura de sedução era inevitável. Como poderia não ser?

— Não vai convidar uma garota molhada pra entrar? — perguntou ela com um leve sorriso nos lábios carnudos.

— É claro. — Dominik abriu bem a porta e sinalizou para que ela entrasse. — Você me pegou de surpresa, mas é ótimo te ver. Perdoe minha aparência desgrenhada. Eu não estava esperando ninguém.

Lauralynn balançou a cabeça e uma fina cascata de gotas voou em todas as direções.

— Acho que minha aparência não está muito melhor — comentou ela. — Uma tempestade pode fazer isso com você. Começou a chover assim que saí da estação de metrô. Você levou um tempão pra abrir a porta. Não me ouviu? As luzes estavam acesas, então eu sabia que você estava em casa.

— Eu estava no escritório de cima. Não devo ter ouvido a campainha da primeira vez.

Ela estava usando uma calça jeans preta justa e a jaqueta de couro preta de sempre por cima de uma camiseta branca.

Dominik a levou até a cozinha.

— Precisa de alguma coisa para se aquecer? — sugeriu ele.

— Claro. Alguma bebida fervendo da sua escolha se for possível, seguida rapidamente de alguma coisa mais forte. Sei que você não bebe, mas é sofisticado o bastante pra ter uma garrafa ou duas guardadas em algum lugar, não?

— Você me conhece bem. — Ele ligou a chaleira elétrica e procurou um pote de café instantâneo em um dos armários.

— Instantâneo? — comentou Lauralynn. — Eu esperaria uma máquina de

espresso moderna e brilhante, no mínimo.

— Lamento desapontar.

Já estava de volta a Londres havia dez dias, explicou ela. O contrato de cobertura de licença-maternidade de Yale tinha terminado e ofereceram uma extensão de seis meses, mas ficar presa no subúrbio não agradava Lauralynn. Era um animal de cidade grande. Se fosse em Nova York, ela teria ficado feliz de permanecer nos Estados Unidos, mas estava se cansando de olhar o relógio e correr para pegar o último trem para New Haven na Grand Central Station cada vez que ia para Manhattan.

— Você foi embora com muita pressa — disse ela depois, quando eles se sentaram para tomar o café.

— Eu sei.

Eles trocaram olhares de entendimento.

— Victor está bem — disse ela. — Não que você tenha perguntado.

— Não perguntei.

— Você quebrou o nariz dele.

— Foi até pouco.

— Não achei que você fosse assim, Dominik.

— Você ficaria surpresa.

— Ele também já saiu de Nova York a essa altura. Ouvi que assumiu uma posição na universidade de Kiev. A grama verde de casa, e tal...

— Vou tomar o cuidado de evitar a Ucrânia no futuro.

— Acredito que seria inteligente de sua parte — concordou Lauralynn.

— Quais são seus planos para Londres? — perguntou ele.

— Nada de mais. Tenho um pouco de dinheiro guardado. Não estou com pressa pra fazer muita coisa.

— Onde está morando?

— Durmo no sofá de amigos em Camden Town. Mas logo vou passar a ser um estorvo.

— Ainda está com o saco de dormir enrolado e pronto?

— É claro. Carrego sempre que viajo.

— Esta casa é grande. Ainda tem espaço em meio a todos os livros, eu acho, e caberia um saco de dormir.

— Isso é um convite?

— O mais próximo que vou chegar de um — disse Dominik.

— Nesse caso, eu aceito, professor.

— Vai ser bom ter companhia. Havia uma época em que eu ficava bem sozinho, mas as coisas mudaram. Foi bom com Summer enquanto durou, mas fiz besteira.

— Acho que o problema era que você nunca soube exatamente o que queria,

Dominik.

— É isso mesmo.

— Acho que você precisa de uma professora.

— Preciso? Seria uma inversão de papéis interessante, não?

— Você me quer?

O que Lauralynn queria dizer?

Ela reparou na confusão dele.

— Você pode saber muito sobre livros e outras coisas antigas, mas tem muitas outras que posso te ensinar, Dominik, sobre mulheres, desejo, controle, o que atinge as pessoas.

— Isso é um convite? — Dominik sorriu.

— E as aulas são de graça. Com bônus no caminho.

Dominik lembrou-se do *ménage* com Miranda e soube exatamente o que a sagaz Lauralynn tinha em mente.

— Onde me matriculo? — perguntou ele.

— Agora mesmo — disse ela. — E então, onde você esconde o álcool?

A vida prosseguiu, como sempre.

Dezoito meses se passaram rapidamente, com o tempo voando no fluxo pacífico da vida com Simón e minha carreira na música.

Eu havia saído da cidade por algumas semanas, para concertos em Memphis e Charleston. Estar na estrada é como viajar em um casulo, e eu gostava disso, de ser dona do meu próprio universo. Era uma boa mudança em relação a ter que me explicar para Simón cada vez que eu queria fazer qualquer coisa sem ele, mesmo que fosse andar até a loja da esquina. Eu nunca ligava a TV nos meus quartos de hotel, só lia romances ruins ou ouvia música ou ficava sentada em silêncio olhando para a parede. O apocalipse poderia chegar e eu nem saberia. Não dava a mínima para o noticiário.

Corria todos os dias quando estava em turnê. Era minha maneira de fazer amizade com a nova cidade, de absorver as vistas e os aromas, de ignorar áreas de turistas e explorar as profundezas dos subúrbios. As pessoas eram bem mais interessantes do que os museus.

Quando voltei para Manhattan por poucos dias, aproveitei a familiaridade com as lojas para comprar novos tênis de corrida. Os meus estavam com furos no dedão, coisa que me dava muita satisfação. Eu preferia meus tênis surrados, pois não parece certo quando estão novinhos, mas tinha acabado com o amortecimento deles e não desejava torcer o tornozelo. Sendo assim, peguei o metrô para a Union Square, com intenção de visitar o amontoado de lojas de sapatos na Broadway, tanto ao norte

quanto ao sul de Astor Place.

Os turistas de primavera estavam a mil, saindo e entrando de lojas como se fazer compras fosse ficar fora de moda. Depois da reclusão relativa dos quartos solitários de hotel, rapidamente me irritei com os empurrões de filas para os atendentes pegarem o outro pé dos pares em exibição.

Talvez eu tivesse mais paz ao sul de Houston, onde as lojas eram menos famosas e havia menos gente em frenesi. Eu podia gastar um pouco mais e, de bônus, passaria por uma das minhas sorveterias favoritas no caminho. Eu não tomava sorvete de pistache desde a Europa, e tive uma vontade repentina.

Atravessei a rua no primeiro sinal de trânsito.

A vitrine da Shakespeare & Co. me cumprimentou quando cheguei na calçada oposta. Era uma das últimas livrarias independentes na cidade e um lugar que Dominik sempre gostava de visitar. Ele passava o tempo lá enquanto eu fazia compras nas lojas de roupas ali perto, e nunca parecia se importar com o quanto eu demorava experimentando vestidos ou sapatos. Ficaria feliz olhando as prateleiras a noite toda se os funcionários deixassem.

A vitrine estava a confusão de sempre, com livros de todos os tamanhos e cores. Eu me perguntava se Dominik gostava tanto daquele lugar porque o lembrava das estantes na casa dele, sem nenhum tipo de ordem.

Eu estava prestes a prosseguir minha caminhada pela Broadway quando a imagem de um violino na capa de um livro no canto da vitrine chamou minha atenção. Fui mais devagar e olhei pelo vidro.

Parei de repente, paralisada de choque, com pessoas me empurrando pelos dois lados. Uma tarja na capa anunciava que tinha sido campeão de vendas no Reino Unido, mas eu só conseguia olhar o nome de Dominik marcado como uma queimadura e a ilustração de um violino. Então ele havia terminado o manuscrito e conseguido encontrar uma editora.

Entrei e achei uma pilha dos livros dele na mesa de nova ficção na frente da loja. Peguei um exemplar da mesma forma que poderia segurar um prato quente sobre o fogão. Com hesitação.

Eu o abri e virei a página. Havia uma dedicatória:

Para S.

Sempre seu.

Agradecimentos

Agradecemos, como sempre, a nossa agente Sarah Such, da Sarah Such Literary Agency, e aos nossos editores, Jemima Forrester e Jon Wood. Também a Tina Pohlman da Open Road Integrated Media em Nova York, e aos nossos editores estrangeiros na Alemanha, na Itália, na Suécia e no Brasil, por acreditarem em nós. Agradecemos também, é claro, a Rosemarie Buckman da Buckman Agency e Carrie Kania da Conville & Walsh pelo excelente trabalho.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela
Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

80 dias – A cor do desejo

Resenha do livro

<http://verovsky-meninadospoliciais.blogspot.com.br/2013/04/vina-jackson-80-dias-cor-do-desejo.html>

Site da autora

<http://vinajackson.com/>

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/vina.jackson.71>

Perfil da autora no Good Reads

http://www.goodreads.com/author/show/6440498.Vina_Jackson

Twitter da autora

<https://twitter.com/VinaJackson1>

Sumário

Capa

Rosto

Créditos

1 | Ostras no jantar

2 | Depois do verão, o outono

3 | O romance das cordas

4 | Bourbon Street

5 | Dançando no escuro

6 | Uma ilha na Spring Street

7 | Um prelúdio para a estrada

8 | Infidelidades

9 | Um retorno

10 | No calçadão

11 | Uma visita

12 | Juntando-se à valsa

13 | O terreno após a batalha

Agradecimentos

Colofon

Saiba mais

BEST SELLER DO SUNDAY TIMES

"Extremamente viciante." LOOK

80 dias

a cor do desejo



VINA JACKSON